

MISTÉRIO BABILÔNIA

A religious painting depicting a woman in a golden, patterned dress standing on a grey animal with four hooves. She holds a golden chalice in her right hand and reaches out with her left hand towards a multi-headed dragon. The dragon has seven heads, each with a crown, and a long, thick red tail. The background is a textured, golden-yellow wall with some red and brown stains.

REVELANDO O MAIOR
MISTÉRIO PROFÉTICO
DA BÍBLIA

JOEL RICHARDSON

AUTOR DE *O ANTICRISTO ISLÂMICO*, BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

COMENTÁRIOS SOBRE MISTÉRIO BABILÔNIA

“Mais uma vez, Joel Richardson abala as estruturas do mundo profético e praticamente tudo o mais que pensávamos saber sobre Mistério Babilônia. A altíssima originalidade desse livro nos leva a pensar e oferece uma solução para esse mistério que persiste há milênios, até os dias de hoje.”

Tom Horn, Autor de best-sellers e CEO da Skywatch TV

“O novo livro de Richardson é fruto de uma pesquisa conduzida de forma brilhante, é solidamente baseado nas Escrituras e pode ser lido com fluidez. Fica bastante evidente que ‘Mistério Babilônia, a Grande, a Mãe de todas as meretrizes’ pode deixar de ser um mistério. Este livro é uma leitura obrigatória para todos que tenham paixão pela verdade profética e interesse pelos últimos dias.”

Marvin J. Rosenthal, Diretor Executivo do Zion's Hope

“Mais uma vez, o autor de best-sellers Joel Richardson liga os pontos geopolíticos e proféticos, e propõe uma perspectiva atraente, direta e redentora sobre uma das mais enigmáticas profecias bíblicas. Se você quer ser um conhecedor dos tempos, como os filhos de Issacar, recomendo fortemente a leitura do excelente trabalho mais recente de Joel.”

Chris Mitchell, Chefe do Setor Oriente Médio da Christian Broadcasting Network

“Joel Richardson nos presenteia com um trabalho importante e muito sistemático, apresentando as possibilidades de quem pode ser e qual é a identidade do Mistério Babilônia. Este livro definitivamente o levará a repensar as conclusões que você já tinha feito.”

Pastor Mark Biltz

ÍNDICE

COMENTÁRIOS SOBRE MISTÉRIO BABILÔNIA

MISTÉRIO BABILÔNIA

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO

PARTE UM: O MAIOR MISTÉRIO PROFÉTICO DA BÍBLIA

A HISTÓRIA DO MISTÉRIO

A GRANDE CIDADE

BABEL OU BABILÔNIA?

O MITO DE NINRODE

AS DUAS BABILÔNIAS DE ALEXANDER HISLOP

A MÃE DE TODAS AS PROSTITUIÇÕES

A MULHER E A BESTA

O IMPÉRIO ISLÂMICO

A CIDADE DE SATANÁS

A RAINHA DO LUXO

RESUMINDO O QUE APRENDEMOS

PARTE DOIS: PESANDO AS OPÇÕES

ROMA

JERUSALÉM

OS ILLUMINATI / NOVA ORDEM MUNDIAL

A CIDADE DE NOVA IORQUE, EUA

BABILÔNIA LITERAL

PARTE TRÊS: A ÚLTIMA BABILÔNIA

MECA, ARÁBIA SAUDITA

A GRANDE CIDADE PAGÃ

OS REIS DO LUXO

A SEDUTORA DAS NAÇÕES

CORRUPTORA DOS REIS

EMBRIAGADA DO SANGUE DOS SANTOS

A PROSTITUTA DO DESERTO

A PROSTITUTA ODIADA DO ORIENTE MÉDIO

RESUMO E CONCLUSÃO

POSFÁCIO

MISTÉRIO BABILÔNIA

**DESVENDANDO O MAIOR MISTÉRIO
PROFÉTICO DA BÍBLIA**

JOEL RICHARDSON

Ao incontável número de Cristãos ao redor do mundo que têm perdido tudo por causa do nome de Jesus. Sejam pacientes ainda um pouco mais. A Justiça está a caminho.

AGRADECIMENTOS

A Jesus, o anseio do meu coração. Obrigado por ter Se derramado até o fim.

A minha linda esposa e filhos. Vocês são o meu norte; é por vocês que eu sempre volto para casa. Eu sou muito grato a vocês e por vocês!

Minha mais profunda gratidão aos apoiadores que têm me abençoado nesses últimos anos. Mais uma vez, vocês fizeram este livro possível.

Obrigado também a Samuel Whitefield, D. Williamson, Stephen Holmes, Jeremy Johnson, Greg Maxwell, Donnie Williams, Julie Jenkins, Ralph Woodrow, David Lindhjen e Dax Cabrera por terem lido o primeiro rascunho desta obra e dado suas contribuições.

Finalmente, quero expressar minha profunda gratidão à Joseph e Elizabeth Farah por seu apoio. Obrigado também à toda equipe da editora WND. Obrigado ao diretor editorial Geoffrey Stone por todo o seu árduo trabalho, bem como pelos seus conselhos sobre o rascunho original. Obrigado, Renee Chavez, meu editor. Obrigado a Mark Kari por criar mais um design de capa impressionantemente bom. Obrigado também ao coordenador de marketing, Michael Thompson. Que time maravilhoso de se trabalhar! Obrigado de novo e muitas bênçãos para todos vocês.

INTRODUÇÃO

Poucas passagens da Bíblia têm sido tão misteriosas e intrigantes quanto Apocalipse 17-18. Juntos, esses dois capítulos abrangem a profecia mais longa do Novo Testamento. O assunto deles é “a grande cidade” (Ap. 17.18), que é descrita metaforicamente através da imagem de uma mulher absolutamente grotesca. Ela é, ao mesmo tempo, uma rainha, uma prostituta e uma assassina insensível. Ela orgulhosamente balança no ar um cálice dourado: embora seja brilhante por fora, ele está cheio com uma mistura horrenda de sangue derramado dos mártires de Deus e das repugnantes “abominações e da imundícia da sua prostituição” (17.4). Ela não somente bebe desse cálice, mas também atíça “os reis da terra” e até mesmo nações a beberem dele (17.2). A mulher é cheia de arrogância, rebelião e pura autoglorificação. Assim como a joia de ouro no focinho de um porco citada em Provérbios, embora esteja mascarada como uma rainha, na verdade, ela é uma prostituta vil e sem classe. Ela está enfeitada com “púrpura e de escarlata, adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas” (versículo 4). Ela não apenas se exhibe com luxo material excessivo, mas também seduziu os reis da Terra para que se prostituíssem “com ela e [eles] viveram em delícias” (18.9).

Além de toda essa descrição detestável e intrigante, essa mulher está montada sobre uma besta vermelha bizarra, horrorosa (um monstro, na realidade), com sete cabeças e dez chifres. A mulher e sua “besta”, a amazona e seu corcel, ambos de cor escarlata, são um par perfeito criado no inferno.

O juízo de Deus está pairando sobre essa mulher prestes a ser derramado, enquanto uma voz angelical que vem dos céus faz um anúncio estrondoso aos habitantes da Terra: “Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas. Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela.” (Ap. 18.4,5).

Qualquer leitor que busque entender essa passagem certamente pode se identificar com o apóstolo João, que declara: “E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração” (Ap. 17.6). Então, numa reviravolta repentina e chocante, o monstro sobre o qual a meretriz está sentada se vira contra ela, devora seu corpo e queima seus restos mortais. Nos céus, os anjos se regozijam em alta voz, declarando a notícia de que ela foi morta e que essa é uma vitória momentânea para Deus e Seu povo: “Caiu! Caiu a grande Babilônia” (18.2). Os espectadores na terra olham com surpresa e horror a fumaça de sua destruição subindo, podendo ser vista à distância. Ao redor de todo o mundo os ricos homens e mulheres de negócios, mercadores, navegadores e os governantes da Terra, juntos pranteiam sua queda - e a consequente perda de lucros que isso representa para eles.

O título dessa mulher, dado pelo próprio Deus, também tem enganado a muitos que procuram interpretá-lo: “BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA” (ARA - 17.5). Além disso, ela também é chamada de “a grande prostituta” (17.1) ou, em outras traduções, “a famosa prostituta” (NTLH) ou “a grande meretriz” (ARA).

Então o que ou quem essa mulher representa? Ela está agindo hoje em nosso mundo? Ela é descrita repetidamente como uma cidade, mas qual cidade ela representa? Será que ela pode ser identificada? Será que o entendimento adequado dessa passagem tem alguma implicação ou aplicação no mundo real para nós, em nossos dias? Poderia haver alguma relação entre essa mulher e a ascensão global do Islamismo radical? Essa passagem tem algo a dizer sobre o futuro dos Estados Unidos? Tanto estudiosos quanto mestres da Bíblia têm lutado, literalmente, com muitos desses questionamentos há milênios.

Infelizmente hoje muitos pastores e mestres enxergam as respostas a essas perguntas (que, na verdade, tentam identificar a Grande Babilônia) como assuntos de exclusiva competência de teólogos e fanáticos pelo fim dos tempos. Sem dúvida, em alguns casos isso é verdade, porém as respostas são muito mais do que meras curiosidades proféticas. Não podemos esperar, afinal, obter a correta compreensão sobre a culminação do grande plano redentivo de Deus enquanto ignorarmos deliberadamente dois dos capítulos finais da Bíblia. Quando intérpretes responsáveis e cuidadosos da Bíblia evitam um tópico em particular, eles somente o estão entregando nas mãos de outros intérpretes menos responsáveis e cuidadosos para fazerem suas interpretações. Certamente, muitos mestres da Bíblia consolidaram compreensões sobre esse segmento da Bíblia e se apropriaram

dele, mas isso não é motivo para que nós o evitemos. Muito pelo contrário; essa não é uma porção das Escrituras que podemos nos dar o luxo de abandonar. Como veremos, a interpretação e a luta por encontrar o sentido dessa profecia e as respostas a muitas perguntas que o texto traz à tona realmente têm implicações no mundo real e aplicação pastoral para os dias de hoje. Discutiremos muitas dessas implicações à medida que avançamos.

Organizei este livro em três partes. A primeira parte é mais expositiva, mas não aborda necessariamente verso por verso. Ao invés disso, trabalho os capítulos 17 e 18 de Apocalipse sistematicamente e tematicamente, delineando todas as diversas descrições da grande prostituta para que você saiba pelo que procurar enquanto pesamos as diferentes opiniões que vários intérpretes já apresentaram. Na segunda parte do livro, examino cada uma das posições mais comuns sobre o assunto, contrabalaneando seus pontos fortes e fracos. E, finalmente, na parte 3 trabalho extensivamente a visão que sugiro como sendo a solução para este grande mistério. Se você não está muito interessado no que eu *não* penso que a prostituta Babilônia é, então você pode simplesmente pular toda a segunda parte do livro e ir direto para a parte 3.

Minha esperança mais sincera é que este livro (que trata com seriedade uma opinião que não tem recebido muita consideração) se torne uma contribuição valiosa para a discussão. Me esforcei ao máximo para fazer este estudo do modo mais simples e direto possível e verdadeiramente espero ter obtido sucesso. Oro para que este trabalho ajude a trazer ainda mais luz sobre uma profecia que se tornará cada dia mais relevante, particularmente ao passo que vamos nos aproximando daquele dia final do retorno do glorioso Rei: Jesus, o Messias.

PARTE UM: O MAIOR
MISTÉRIO PROFÉTICO DA
BÍBLIA

A HISTÓRIA DO MISTÉRIO

Desde os primórdios do Cristianismo os Crentes têm lutado para entender o mistério da grande prostituta. Mestres e estudiosos têm chegado a muitas conclusões diferentes. O propósito deste capítulo é examinar as principais interpretações dessa passagem e seus desenvolvimentos e evolução ao longo da história da Igreja.

ROMA

Aproximadamente dois séculos após o livro de Apocalipse ter sido escrito, Lactâncio (um escritor Cristão antigo do norte da África) acreditava que a prostituta era a cidade de Roma, que ainda era dominada pelo paganismo à época¹. Tertuliano, Irineu e Jerônimo usaram o termo “Babilônia” para referirem-se ao Império Romano². Porém, com o declínio constante da Roma pagã, essa visão começou a perder seu favoritismo entre os Cristãos. Por volta do século VI André de Cesaréia expressou abertamente sua dúvida quanto à visão de Lactâncio, ao afirmar: “Pois a antiga Roma perdeu seu poder de domínio há muito tempo, e não supomos que ela voltará ao antigo status.” Ao invés de apontar uma cidade dos dias modernos, em particular, André sustentou a afirmação de que Mistério Babilônia representa uma cidade que surgirá nos últimos dias e que controlará grande parte da Terra³.

ISLÃ

Mil anos depois, após o surgimento do Islamismo e a expansão de seu domínio para grande parte do mundo, muitos Cristãos começaram a questionar se essa era a solução para o mistério da grande prostituta.

Encontramos essa opinião expressa nos escritos de Nicolau de Lira, um monge Franciscano francês frequentemente citado como sendo o maior exegeta do século XIV. Como era comum a escritores Cristãos Europeus do final da era medieval, Nicolau regularmente se referia aos Muçulmanos como “os sarracenos” (um termo genérico usado para os Muçulmanos durante esse período) ou simplesmente “os Turcos” (que governavam grande parte do mundo Muçulmano naquele tempo). Nicolau citava o Islã como “a grande Babilônia, isto é, a seita Sarracena chamada Babilônia”⁴. Ele disse que João, o apóstolo, usou o termo “Mistério Babilônia” para “demonstrar que não está falando da cidade de Babilônia, mas sim está referindo-se à seita Sarracena dos Turcos, [que atraíram] os povos ocidentais para o erro de sua seita”⁵. Embora as opiniões de Nicolau de Lira exercessem grande influência durante o final do período medieval, elas caíram em desuso e foram mal vistas durante a Reforma, quando os Protestantes mudaram seu foco de volta para Roma.

A IGREJA CATÓLICA ROMANA

Ao passo que a grande divisão entre Católicos Romanos e Protestantes aumentava em toda a Europa, os Reformistas lançaram mão da primeira teoria que apontava para a visão de uma Babilônia Romana, modificaram-na e começaram a apontar para a Igreja Católica Romana. Em 1522 o grande amigo de Martinho Lutero, Lucas Cranach, criou as xilogravuras que hoje são famosíssimas em todo o mundo e que foram utilizadas por Lutero de forma muito eficaz em sua guerra propagandista contra o Vaticano. As xilogravuras de Lucas representavam o Papa como a grande prostituta, sentada sobre a besta de sete cabeças. Essa nova visão (de que o Catolicismo Romano é a grande prostituta) rapidamente tornou-se quase que universalmente aceita entre os Protestantes. William Tyndale, tradutor e famoso estudioso da Reforma, declarou que os Católicos tinham “criado aquele grande ídolo, a Meretriz da Babilônia, o Anticristo de Roma, a quem chamam de Papa”⁶. Ao longo dos quinhentos anos seguintes, tais visões definiram a maneira como os Protestantes se relacionaram com a Igreja Católica. Desde então, inúmeros homens reafirmaram essa perspectiva.

Um dos primeiros destes homens foi o ministro escocês Alexander Hislop, autor de um livro do século XIX intitulado *As Duas Babilônias: a prova de que a adoração ao papa é a adoração a ninrode e sua esposa*. É difícil exagerar o impacto que o trabalho de Hislop

exerceu sobre o pensamento popular Protestante com relação à Igreja Católica Romana. Hislop defendia a ideia de que a antiga religião babilônica e seu culto ao deus Tamuz de alguma forma se introduziu e permeou virtualmente todos os aspectos da liturgia Católica Romana. De acordo com Hislop, se um sacerdote da antiga babilônia ou até mesmo se o próprio Belsazar “entrassem na [Basílica de] São Pedro, em Roma, e vissem o Papa e seus pontífices, em toda sua pompa e glória... certamente concluíram que tinham entrado em um de seus famosos templos, e que tudo estava funcionando perfeitamente como acontecia na Babilônia”⁷. Mais adiante, dedicaremos um capítulo inteiro à discussão do trabalho de Hislop (assim como seus incontáveis problemas).

Outra defensora da visão que apontava para o Catolicismo Romano como a meretriz (juntamente com a opinião de todos os grupos de Protestantes que se reúnem aos domingos), era Ellen G. White, a fundadora do movimento Adventista do Sétimo Dia. Até hoje, baseado nas profecias de White, muitos Adventistas tradicionalistas estão convencidos de que chegará o dia em que o Papa repentinamente forçará todo mundo a seguir “as leis do Domingo” e decapitará todos que não se conformarem à sua autoridade.

A Bíblia de Referência Scofield, publicada em 1917 (porém muito popular até hoje), também contribuiu imensamente para a preservação da popularidade da visão de que a Igreja Católica Romana é a Babilônia do fim dos tempos⁸. Outros livros, tais como o título de 1991 do professor especialista em profecias do fim dos tempos, Dave Hunt, *Uma Mulher Montada Sobre a Besta: a Igreja católica Romana e os últimos dias*, continuam tendo grande impacto no meio de muitos Protestantes que estudam as profecias.

Embora a crença de que a Igreja Católica Romana seja a grande meretriz tenha perdido adesão entre muitos Protestantes de hoje, as ondas de choque desta interpretação continuam afetando o consciente popular Protestante de muitas maneiras profundas. Se apenas passarmos os olhos sobre uma seção de comentários de praticamente qualquer artigo na *Internet* ou qualquer postagem em rede social que se refira ao Papa ou ao Catolicismo Romano, veremos que o legado desta visão estará bastante aparente.

Já podemos perceber por que é tão crucial para os Cristãos ter compreensão sobre essa passagem. Sem dúvida, Protestantes e Católicos continuarão tendo muitas diferenças significantes. Essas discordâncias, porém, são questões que geralmente podem ser discutidas entre dois adultos racionais. Uma coisa é dizer: “Vamos discutir sobre nossas discordâncias para que possamos, talvez, entender um ao outro melhor” e outra coisa completamente diferente é dizer: “Você é a grande prostituta!”. Quando uma parte enxerga a outra como participante voluntária de uma organização religiosa que é a encarnação do próprio Satanás na Terra, até mesmo um simples diálogo se torna impossível. Essa dinâmica tem, muitas vezes, atrapalhado o relacionamento entre Católicos Romanos e Protestantes nos últimos quinhentos anos. Essa é apenas uma das razões (e uma das importantes) pelas quais alcançar compreensão adequada sobre essa passagem é um assunto profundamente relevante para os Cristãos.

NOVA IORQUE / ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Em tempos modernos, outra posição que tem ganhado tremenda popularidade é a visão de que os Estados Unidos da América, ou mais especificamente a Cidade de Nova Iorque, é a meretriz Babilônia. Em seu livro, *A Babilônia Final: américa e a vinda do anticristo* (co-escrito por Kreiger, McGriff e Woodward), os autores afirmam que identificar o Mistério Babilônia “requer somente um minuto de habilidade analítica. De fato, somente os Estados Unidos da América poderiam reunir a quantidade de dinheiro e de poder para ser A Babilônia Final de Apocalipse 18”⁹. Nos últimos anos tem acontecido uma explosão de publicações de livros populares sobre profecias que apontam para essa visão. Os títulos são quase impossíveis de distinguir uns dos outros: *O Fim Dos Estados Unidos da América*; *A Queda da Grande Babilônia, os Estados Unidos da América*; *O Julgamento da Babilônia: a queda dos Estados Unidos Da América*; e *Os Estados Unidos da América Queimarão*, por exemplo. Todos esses títulos contam uma história muito similar. Como resultado de muitas pessoas abraçarem essa nova interpretação, há, inclusive, um crescente movimento de Cristãos que estão deixando (ou planejando deixar) os Estados Unidos para manterem-se a salvo do juízo e destruição que estão reservados para o país. Alguns dos títulos já mencionados até mesmo oferece um plano detalhado de escape para aqueles que desejarem fugir. Viajando e pregando para congregações ao redor de todo o território dos Estados Unidos, tenho ouvido manifestações de preocupação e perguntas sobre

essa questão serem feitas com frequência. Outro dia falei com um pastor canadense que foi contactado várias vezes por Americanos que estão considerando mudarem-se para o Canadá, na esperança de escaparem da futura destruição dos Estados Unidos. Nem preciso dizer que, se os Estados Unidos da América fossem mesmo a Babilônia do fim dos tempos, as implicações para o mundo real seriam muito profundas. Mais uma vez, vemos porque uma interpretação adequada desses dois capítulos do livro de Apocalipse é tão importante.

A JERUSALÉM MODERNA E APÓSTATA

Outra interpretação, menos popular, afirma que essa passagem se refere a Jerusalém. A maioria dos que defendem essa visão é preterista, isto é, eles crêem que essa profecia já foi cumprida há muito tempo e que isso ocorreu quando Jerusalém foi destruída pelos Romanos em 70 d.C.¹⁰. A voz mais influente a apoiar essa visão nos dias de hoje é o estudioso do Novo Testamento N. T. Wright. Wright explica sua interpretação de Apocalipse 17 e 18:

É de Jerusalém que o verdadeiro Israel deve fugir agora, a menos que esteja disposto a tomar parte em sua destruição. É a destruição de Jerusalém que será o sinal de que o Deus que Jesus proclamou é, de fato, o manifesto Rei de toda a Terra... Jerusalém e sua hierarquia assumiram o papel da Babilônia, Edom e Antíoco Epifânio. Eles são a cidade cuja queda demonstra a vingança do verdadeiro Deus do povo de Israel. As profecias de resgate da tirania já se cumpriram em e através de Jesus e em Seu povo. Quando esta cidade cair, eles deverão partir com rapidez; este é o seu momento de salvação e vingança.¹¹

Embora seja raro, ainda há alguns que acreditam que a prostituta represente o julgamento futuro dos últimos tempos sobre o Israel apóstata. Um livro que promove esta perspectiva declara: “A Bíblia nos diz exatamente qual cidade será a capital do Anticristo nos últimos dias, ela nos diz que a cidade promoverá adoração do Anticristo para o resto do mundo e é a cidade onde o Anticristo executará a maior perseguição de todos os tempos. Esta cidade é Jerusalém”¹². Discutiremos alguns dos problemas com esta visão à medida que avançamos.

BABILÔNIA LITERAL

Uma outra interpretação é a de que a cidade literal da Babilônia (os restos dela que estão localizados a 85 km ao sul da cidade de Bagdá, no Iraque, numa cidade que atualmente é chamada de Hilla) será reconstruída nos últimos dias. Embora as ruínas dessa cidade (que outrora foi uma cidade magnífica) não passem de uma atração turística hoje em dia, aqueles que compartilham desta visão acreditam que, nos dias futuros, a Babilônia reconstruída será muito mais gloriosa que a cidade antiga. Eles defendem que essa seja a opção mais direta e literal de todas as diversas visões. Essa visão tem sido abraçada por algumas pessoas notáveis nos últimos duzentos anos. Entre eles, estão comentaristas clássicos tais como E. W. Bullinger, B. W. Newton e Joseph Augustus Seiss, no início do século XIX. No século XX comentaristas muito respeitados, tais como G. H. Lang, Arnold Fruchtenbaum, Robert Thomas, Pastor Mark Hitchcock e Joel C. Rosenberg promoveram essa visão. Discutiremos a viabilidade desta interpretação na parte 2 deste livro.

A APOSTASIA DO CRISTIANISMO OU O ECUMENISMO RELIGIOSO

Ainda uma outra perspectiva propõe que todos os segmentos de apóstatas do Cristianismo se unirão nos últimos dias para formar um tipo de corpo ecumênico organizado. O Conselho Mundial das Igrejas (ao menos desde sua fundação, em 1975) tem sido o maior cotado ou, pelo menos, tem sido acusado de ser a maneira pela qual todos esses segmentos apóstatas se unirão. John Walvoord, antigo presidente do Seminário Teológico de Dallas, especificamente cria que o “sistema” da prostituta seria, de fato, uma forma apóstata de ecumenismo. Walvoord declarou sobre a meretriz: A mulher, simbolizando o sistema religioso apóstata, estava bêbada com o sangue dos santos. Isso deixa claro que o sistema religioso apóstata da primeira metade dos últimos sete anos que culminarão na segunda vinda de Cristo será completamente desprovido de quaisquer Cristãos verdadeiros. De fato, a Igreja apóstata tentará matar todos o que seguirem a fé verdadeira.¹³

Outros ainda esperam por um ecumenismo ainda mais abrangentemente definido que combinará todas as religiões e crenças juntas sob um guarda-chuva ainda maior. Nesse cenário suposto, a

Organização das Nações Unidas é frequentemente apontada como o veículo perfeito para que o Anticristo assuma o controle do mundo inteiro.

OS ILLUMINATI

Para algumas pessoas nenhum guarda-chuva é grande o suficiente a menos que considere uma conspiração completa, pan-histórica e transnacional que envolva globalistas altamente secretos e ocultistas, mediadores de poder e banqueiros cujos tentáculos venenosos se estenderiam aos cantos e fendas do planeta inteiro. Essa é uma conspiração tão abrangente que, de alguma forma, é capaz de reunir grupos diversos tais como a Igreja Católica Romana, o Conselho Mundial de Igrejas, as Nações Unidas, um corpo global de Judeus Sionistas, os Illuminati e praticamente qualquer outro grupo que possamos imaginar. Para os que adotam essa posição, isso não se trata apenas de mera interpretação desses dois capítulos de Apocalipse; ao invés disso, é uma visão de mundo completa, que define a maneira de entender quase todos os eventos reportados nos noticiários. É uma conspiração de tamanha abrangência que parece que até eu mesmo estou profundamente envolvido: “Joel Richardson também é um agente Illuminati, que trabalha em função da agenda Sionista”¹⁴, conforme um escritor adverte na Internet. Ironicamente, meu envolvimento numa conspiração satânica é comprovado pelo fato de que eu apareci em muitos programas Cristãos televisionados e que, como todo mundo deveria saber, “é a central do controle da mente usada pelos Illuminati... Esses fatos são evidências inegáveis de que ele é um deles, SEM DÚVIDA”¹⁵. Aparecer em qualquer forma de mídia visível parece ser uma preocupação comum entre os conspiracionistas, como outro escritor também advertiu: Richardson projeta a imagem de um Cristão convincente, utilizando jargões e aparentando manejar bem a Bíblia. Mas o primeiro alerta que meu espírito teve sobre Joel foi a sua incrível aceitação por pessoas poderosas e pela mídia. Acendeu uma luz vermelha no painel nesse instante. Quase sempre me pergunto se ele não faz parte do que eu chamo de “propaganda branca”¹⁶. Um outro teórico da conspiração demonstrou compartilhar os mesmos sentimentos só que, desta vez, lançou a culpa primariamente numa conspiração Judaico-Sionista: “Não é preciso ser um teórico da conspiração para notar que a Comunidade Judaica tem promovido operações psicológicas sinistras há muito tempo”¹⁷. No início dos anos 90 passei

vários meses viajando pelo Oriente Médio, conhecendo as pessoas, a região, e orando sobre a possibilidade de me mudar para lá como missionário. Mas, de acordo com essa pessoa em especial, o tempo que passei lá foi um período de “treinamento intensivo no Instituto Mossad”. Uma prova clara. “Quero dizer, olhem para o cara: ele parece muito ser um Judeu!”¹⁸. Contudo, para além das minhas características físicas, a prova cabal do meu envolvimento no sistema Babilônico global é que, de acordo com o primeiro conspiracionista citado acima, “Eu vi ele mudar de forma”¹⁹.

MECA, ARÁBIA SAUDITA

Nos últimos anos, com muitos Cristãos passando a abraçar a ideia de um Anticristo Islâmico liderando o Império do Oriente Médio, algumas pessoas estão olhando para a cidade de Meca e para o Reino da Arábia Saudita como a Babilônia do fim dos tempos. Embora essa visão esteja ganhando adesão considerável nos círculos populares de estudantes da profecia bíblica, até hoje não se explorou essa linha de maneira completa ou detalhada. A parte 3 deste livro é devotada exclusivamente à discussão desta interpretação.

CONCLUSÃO

Algumas dessas opiniões obviamente têm muito mais mérito que outras. Poucas são, pelo menos na minha opinião, impossíveis de serem suportadas como válidas. Algumas são bem estranhas. De toda forma, examinarei cada uma delas e considerarei todas as possibilidades. Nesse sentido, este livro é único: embora eu vá defender apenas uma visão em particular, buscarei avaliar honestamente os pontos fortes e fracos de todas as opiniões. Uma vez que todos nós buscamos entender adequadamente o que o Senhor está querendo falar ao Seu povo através dessa profecia, é imperativo que o façamos de maneira responsável e cuidadosa, considerando todos os diversos critérios que o Senhor nos deu, e não somente levar em conta algumas poucas pistas (como quase sempre é o caso).

Se você abriu este livro com uma opinião já formada, de alguma forma, quanto ao significado dessa profecia, eu só peço que também deixe sua Bíblia e a sua mente abertas. Tenho confiança de que, se nos entregarmos ao entendimento desse texto de maneira cuidadosa, fervorosa e humilde, o Senhor trará a clareza tão necessária e removerá muito da

confusão acumulada em torno dessa parte verdadeiramente crucial das Escrituras. Assim sendo, como sempre gosto de fazer, quero convidá-lo a considerar ler este livro não simplesmente com curiosidade intelectual, mas também com oração fervorosa e um coração verdadeiramente contrito e confiante, crendo que o Senhor realmente contará Seus segredos para “os que O temem” (Sl. 25.14).

A GRANDE CIDADE

Enquanto buscamos desvendar o mistério da grande meretriz, a primeira coisa que precisa ser esclarecida é que ela é uma cidade literal. Embora a prostituta de fato represente uma religião impiedosa e um sistema financeiro (na verdade, ela é o cerne do sistema), ela não é somente um sistema ou um conceito, mas é uma plataforma geográfica muito real e identificável. A Bíblia não somente afirma claramente que a meretriz é uma cidade, como também nos dá detalhes muito específicos e importantes quanto à natureza e à geografia dessa cidade. Vamos direto ao ponto e consideremos as seguintes descrições.

UMA CIDADE REAL

Embora a nossa introdução à grande prostituta comece com termos simbólicos (como uma prostituta vil e assassina), a interpretação literal e a explicação do que ela representa vêm logo em seguida. Por oito vezes nos capítulos 17 e 18 de Apocalipse são feitas referências a ela como sendo uma “cidade”. Muitos comentaristas, creio eu, complicaram demais o mistério ao afirmarem que as descrições da mulher não são somente simbólicas, mas também afirmam que o uso repetido do termo “cidade” também é simbólico. Todavia, essa não é uma metáfora dubia. A mulher montada sobre a besta, bêbada com o sangue dos santos - esta é a porção dessa profecia que todos os comentaristas concordam ser metafórica¹. Mas primeiro em Apocalipse 17.18 e depois por diversas outras vezes, é colocada a interpretação metafórica da mulher: “E a mulher que você viu é a grande cidade que reina sobre os reis da terra”. A prostituta grotesca e assassina descrita ao longo da primeira metade da profecia é uma cidade literal sobre a Terra. A cidade, ao contrário do que alguns comentaristas afirmaram, não é meramente uma metáfora para ideias conceituais ou vagas, tal como um “sistema sedutor mundial” ou um “Cristianismo

apóstata”. Com toda certeza, estamos lidando aqui com uma cidade tangível, definível e específica.

Ao passo que vamos nos aplicando ao entendimento do mistério da meretriz, precisamos ter confiança de que o Senhor não está sentado nos Céus, tentando nos confundir com simbolismo apocalíptico altamente difíceis e com metáforas dentro de metáforas. Ao longo das porções apocalípticas das Escrituras, há um padrão bastante consistente: primeiro há uma revelação, um sonho ou visão usando uma ilustração simbólica; depois, aquele simbolismo é explicado em termos bastante diretos e literais (muito frequentemente um anjo mensageiro é enviado para explicar o significado do simbolismo). Este é exatamente o caso aqui em Apocalipse, quando o anjo intérprete afirma a João (e a nós também, se escutarmos): “Eu te direi o mistério da mulher” (17.7). Então, o anjo usa palavras simples para dizer que a prostituta é uma cidade; uma cidade real e física.²

UMA CIDADE CONSUMISTA

Além de ter sido citada diretamente como uma cidade citada por oito vezes, a grande meretriz também é descrita de maneiras que somente podem ser aplicadas a uma cidade literal. Após ela ser destruída, lemos: “E sobre ela choram e lamentam os mercadores da terra, porque ninguém mais compra as suas mercadorias”. Que tipo de mercadorias?

...mercadorias de ouro, de prata, e de pedras preciosas, e de pérolas, e de linho fino, e de púrpura, e de seda, e de escarlata; e toda madeira odorífera, e todo vaso de marfim, e todo vaso de madeira preciosíssima, de bronze e de ferro, e de mármore; e cinamomo, e cardamomo, e perfume, e mirra, e incenso, e vinho, e azeite, e flor de farinha, e trigo, e cavalgaduras, e ovelhas; e mercadorias de cavalos, e de carros, e de corpos e de almas de homens. Apocalipse 18.11-13

Embora não seja exatamente completa, a lista inclui alguns dos bens importados mais importantes para esta cidade. Se a meretriz não fosse uma cidade literal, seria muito estranho incluir esses itens na profecia. Porque as Escrituras se dariam o trabalho de nos dar uma lista de compras de uma cidade simbólica? Isso não faria nenhum sentido. Obviamente, essa parte da profecia não é simbólica. Há algumas coisas nas Escrituras (assim como no nosso dia a dia) que nunca tiveram a intenção de serem interpretadas de maneira simbólica. Essa lista é um exemplo perfeito disso. Nossa função aqui não é decodificar o

significado espiritual de canela, farinha ou rebanho. Se você escrevesse uma lista de compras hoje, só uma pessoa louca tentaria ler essa lista explicando o significado espiritual de cada um dos itens através de uma pretensa lente simbólica. Esforçar-se para encontrar significado espiritual nessa lista de produtos importados pela prostituta Babilônia seria tão irracional quanto. Não passa de uma lista de mercadorias enviadas para essa cidade.

Podemos descobrir muito sobre a Babilônia pelos itens que ela importa. O fato de ela importá-los significa que ela não tem a capacidade ou apenas não possui os meios de produzi-los. Os produtos específicos dessa lista podem ser divididos em três categorias. Vamos analisar uma a uma.

Itens de luxo: essa categoria inclui materiais de construção, roupas, perfumes e metais preciosos, pedras e pérolas caras. Com isso, vemos que a Babilônia não é uma nação que mina, extrai nem mesmo colhe muitos dos materiais finos que tanto cobiça. Também vemos a menção de “carruagens” (18.13 - NTLH). Embora eu quase sempre hesite em projetar equivalências modernas sobre descrições antigas, penso que aqui é razoável compreender “carruagens” com sendo carros. Babilônia não será uma grande fabricante de automóveis. Ao invés disso, quaisquer formas de transporte que ela use serão , em sua maioria, importadas.

Itens alimentícios: Essa categoria inclui rebanho e produtos orgânicos. Babilônia precisa importar até mesmo o básico. Babilônia, como uma cidade, não será um “celeiro”, como é muito comum ouvirmos falar da América. Não é uma nação rica em pastagem ou em agricultura.

Seres humanos: Babilônia importa pessoas por motivos diversos. Embora muitos gostem de imaginar que a escravidão seja uma coisa do passado, a verdade é que, em nossos dias, a escravidão, na verdade, está prosperando de maneiras variadas em muitos lugares ao redor do mundo. Por qualquer que seja a razão, Babilônia será uma cidade que importará todos os tipos de pessoas, sem dúvida, para manter e fortalecer seu estilo de vida excessivamente luxuoso.

ELA FICA NO DESERTO

Conforme narra o início do capítulo 17, um anjo aborda o apóstolo João e diz: “Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas... E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor escarlate” (vs. 1, 3). De todas as pistas que temos sobre a identidade da prostituta, um detalhe profundo que é frequentemente deixado de lado é a descrição de sua localização: a maioria das versões bíblicas chama de “deserto”³. A palavra grega usada para “deserto” aqui é *eremos*. Sua conotação é a de um lugar ermo e solitário. Quando os israelitas vagaram no “deserto” por quarenta anos, eles passaram pelos desertos do Sinai, do Neguebe e da Jordânia. Da mesma maneira, quando Jesus foi levado ao “deserto” para orar e jejuar por quarenta dias (Mt. 4.1-11), Ele foi para o deserto da Judeia. Eu estive lá. É rochoso, seco e desolado.

Muitos deixam passar despercebida a importância da mulher no deserto porque interpretam o deserto somente num sentido espiritual. Embora a palavra possa carregar algum significado espiritual mais profundo, não creio que ela deva ser compreendida como puramente metafórica. Em Apocalipse 17.15, o anjo intérprete explica a João que as “muitas águas” sobre as quais a prostituta está assentada representam “povos, multidões, nações e línguas” (TB10). Entendemos que isso significa que ela exerce um enorme poder de influência sobre um grande número de povos e nações. Todavia, o anjo em momento algum diz haver um significado espiritual ou metafórico mais profundo para o termo “deserto”. Não temos embasamento para concluir, portanto, que isso seja nada além de uma descrição muito real da sua localização num deserto.

Também sabemos que a intenção é revelar a cidade em si como sendo, de fato, um deserto porque essa ilustração é retirada diretamente de Isaías 21, uma profecia que começa especificamente descrevendo Babilônia como o “deserto junto ao mar” (versículo 1 - NVI).

Também devemos atentar para o fato de que, em Apocalipse 21, João tem uma experiência idêntica, porém desta vez, ao invés de ser levado para o deserto, é levado para “um grande e alto monte”, onde “a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu” é mostrada a ele (versículo 10). O monte não era um mero cinema ao léu, um lugar irrelevante e desconectado da visão. Não; era uma referência ao Monte Sião, a localização real e literal sobre a qual a Nova Jerusalém descera⁵. Então, também devemos entender o deserto onde a mulher está como uma descrição realmente física da topografia da região onde a

cidade prostituta está localizada. O deserto para onde João foi levado (e onde ele viu a prostituta) não pode ser separado do conteúdo da visão. Quando intérpretes deixam de lado detalhes tais como esses, eles perdem pistas cruciais no texto. Neste caso, o deserto é um indicador importante que nos ajuda a identificar a cidade em questão. Qualquer que seja nossa interpretação com relação à grande prostituta, ela deve ser uma cidade geograficamente localizada numa região desértica.

UMA CIDADE PORTUÁRIA

Além de ser uma cidade ou nação localizada no deserto, a Babilônia do fim dos tempos também será uma cidade portuária, ou pelo menos terá certa proximidade da costa. Depois que Babilônia for julgada e destruída por Deus, um grande lamento se levantará, especificamente por parte de três grupos de pessoas: reis, mercadores e marinheiros. Eles lamentarão, especificamente, por causa da perda de seus lucros, já que ninguém mais compra suas “mercadorias”. A palavra para mercadorias é *gomos* e refere-se especificamente a cargas levadas por navio ou barco. O texto nos diz que “todo piloto, e todo o que navega em naus, e todo marinheiro, e todos os que negociam no mar se puseram de longe. E, vendo a fumaça do seu incêndio, clamaram [...], chorando, e lamentando[...] todos os que tinham naus no mar se enriqueceram em razão da sua opulência! (Ap. 18.17, 19). O fato de que todos esses navegantes podem ver a fumaça de sua destruição parece indicar que ela está localizada na costa ou em muito próximo dela. Então, mais uma vez, temos uma dica importante, uma característica geográfica singular desta cidade, que nos ajudará a trabalhar por eliminação quando formos determinar sua identidade.

A MEGACIDADE

Embora saibamos que a Babilônia do fim dos tempos é uma cidade real, não devemos ser rígidos em nossa interpretação sobre o que é uma cidade. O termo cidade não é usado para restringir a identificação da prostituta; pelo contrário, é usado para distingui-la como algo muito real, com uma localização geográfica real. A prostituta Babilônia é repetidamente descrita com as palavras gregas *polis he megale*. Ela é uma megacidade, uma megalópole, ou, como a maioria das traduções da Bíblia simplesmente

traduzem, ela é “a grande cidade”. Sua grandeza poderia estar em seu tamanho, embora o texto pareça enfatizar sua vasta influência. Assim como o comentarista G. K. Beale afirmou, “A prostituta é a antítese da cidade de Deus e representa a metrópole ímpia, em cujo centro florescem instituições econômicas e religiosas”⁶. Desta forma, ela não é meramente uma cidade. As grandes cidades renomadas do período bíblico não eram apenas cidades, mas centros de estados inteiros que reinavam sobre grandes partes do mundo. Assim como o protótipo para a Babilônia do fim dos tempos, a antiga cidade de Babilônia era uma grande cidade-estado. A cidade de Roma também foi um grande Império. Quando nos referimos a nações, reinos ou até mesmo Impérios, é bastante comum simplesmente chamá-los pelo nome da capital. Assim sendo, para nos referirmos ao antigo Império da Babilônia, uma pessoa pode simplesmente mencionar a cidade de Babilônia, a capital e o centro daquele Império. Também podemos afirmar isso sobre Roma. Hoje também não é diferente. Quando nos referimos a uma cidade capital de qualquer nação, é uma maneira de referir-se a toda a nação. Ao invés de dizer que os Estados Unidos e a Rússia não estão se dando bem, pode-se dizer que Washington e Moscou estão em conflito. Essa figura de linguagem é chamada sinédoque e é usada abundantemente ao longo de toda a Bíblia⁷. As grandes cidades, Babilônia e Roma não eram meras capitais, mas epicentros; eram o próprio coração de enormes esferas de influência econômica e religiosa e de autoridade. É precisamente por isso que o anjo, em Apocalipse 17.15 afirma que “as águas” sobre as quais a grande prostituta está sentada representam “povos, e multidões, e nações, e línguas”. Como as grande cidades-estado dos tempos antigos, a Babilônia do fim dos tempos também exercerá grande influência sobre uma grande porção de povos da Terra. Ela será o coração de uma esfera religiosa e econômica muito maior.

CONCLUSÃO

Concluindo, já nos foram dados critérios muito específicos e bastante únicos para nos ajudar na identificação da prostituta Babilônia. Ela é uma cidade literal ou uma nação que fica num deserto literal, mas que parece estar localizada na costa ou, pelo menos, bem próxima dela. Desde o

começo, tais descrições específicas nos serão de grande ajuda enquanto buscamos compreender esse grande mistério profético.

BABEL OU BABILÔNIA?

Para entender esse grande mistério, precisamos começar com as partes da profecia que são mais óbvias. Neste caso, começamos simplesmente com o nome que as Escrituras atribuem a grande meretriz. Antes que tentemos decifrar todos os estranhos simbolismos e metáforas ligados a ela, precisamos lembrar que a mulher é chamada de “Babilônia” repetidas vezes. De uma perspectiva bíblica simples, o que isso quer dizer?

Há, na verdade, duas “Babilônias” nas Escrituras. Embora ambas sejam a mesma cidade, tenham o mesmo nome, e sejam construídas no mesmo local; essas duas Babilônias são separadas por quase setecentos anos e cada uma carrega sua própria história distinta dentro da narrativa bíblica. Seria similar ao que acontece com a cidade de Roma, por exemplo. Há uma Roma pagã antiga, governada por vários Césares, muito famosa na história antiga; e há a cidade moderna de Roma, lar do Vaticano, o coração da Igreja Católica Romana. Embora sejam a mesma cidade, possuam o mesmo nome, sejam erigidas sobre o mesmo local, estão separadas por dois milênios e são cidades bem diferentes uma da outra, representando duas realidades muito diferentes. Da mesma maneira acontece com Babilônia. Primeiro, houve a antiga cidade de Babel, aparentemente fundada por Ninrode (e, literalmente, a primeira cidade a ser construída após o grande dilúvio). E, depois, há o que normalmente chamamos de Babilônia, a cidade que alcançou renome graças a Nabucodonosor, construída sobre os restos da Babel original. Na Bíblia hebraica, tanto a cidade de Ninrode quanto a de Nabucodonosor são chamadas de “Babel”. Mas, por causa do nome Grego ser *Babilônia*, as traduções da Bíblia normalmente traduzem o nome da cidade de Ninrode como “Babel” e a cidade posterior reconstruída, como “Babilônia”.

Enquanto tentamos discernir o que Deus está querendo nos mostrar ao chamar essa cidade do fim dos tempos de Babilônia, precisamos perguntar para qual das duas cidades Ele está apontando primordialmente como um símbolo da Babilônia do fim dos tempos. Será

a cidade de Ninrode ou a cidade de Nabucodonosor? Será que Ele está apontando para ambas? Explorar essa pergunta é importante porque as histórias bíblicas envolvendo cada uma das cidades, os pecados associados com cada uma delas e como esses pecados afetaram o povo de Deus são coisas bastante diferentes. Vamos considerar o que cada cidade representa dentro dos relatos bíblicos.

A BABEL DE NINRODE

De acordo com o livro de Gênesis, depois do grande dilúvio Babel foi a primeira cidade construída pela raça humana. Ela foi erigida na Mesopotâmia, nas planícies de Sinar, sobre o Rio Eufrates. Isso fica a aproximadamente 97 quilômetros ao sul de Bagdá dos tempos modernos, no Iraque. Em Gênesis 10 lemos que Ninrode, filho de Cuxe, neto de Cam e bisneto de Noé não era somente um “poderoso caçador” (versículo 9), mas que ele também construiu um reino para si. “o princípio do seu reino”, diz a Bíblia, “foi Babel... na terra de Sinar” (versículo 10). Continuando a leitura dos relatos desse enorme projeto de construção (e a interrupção desse plano pelo Senhor):

E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. E aconteceu que, partindo eles do Oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: ‘Eia, façamos tijolos e queimemo-los bem’. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume, por cal. E disseram: ‘Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra’. Então, desceu o Senhor para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam; e o Senhor disse: ‘Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e, agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer’. ‘Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim, o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso, se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra. Gênesis 11.1-9

Esse grande esforço por construir Babel junto com sua torre lendária, aparentemente estava em desacordo com o mandamento de Deus para a raça humana quando disse “frutificai, e multiplicai-vos, e

enchei a terra” (Gn. 9.1). Ao invés de espalharem-se, eles se juntaram nesta cidade com a finalidade de fazerem um “nome” para si.

O PORTÃO DE DEUS

É muito interessante perceber que há um jogo de palavras no nome Babel. Em acadiano antigo, *bav-ili* significava “portão de Deus”. Provavelmente essa era uma referência à Torre de Babel, uma vez que sua finalidade era permitir que os homens tivessem acesso “aos céus”. Todavia, em hebraico, *bav-il* significa “confusão”, fazendo referência ao que aconteceu depois que Deus confundiu suas línguas.

Avaliando a história de Babel para determinar sua relação com a Babilônia do fim dos tempos, na verdade, não temos muita informação com que possamos trabalhar. O pecado da antiga Babel pode ser resumido como uma enorme e unificada rebelião contra Deus. É bastante provável, então, que essa mesma dinâmica seja encontrada na Babilônia do fim dos tempos. Para além disso podemos somente especular. Estranhamente, a narrativa bíblica sobre Babel é escassa em detalhes. Dessa forma, infelizmente, muitos são levados a procurar em fontes extrabíblicas e a fazerem muitas especulações ao longo da história. É chocante perceber que, quando examinamos diversos livros Cristãos sobre a Babilônia do fim dos tempos, encontramos todo tipo de informação sobre Ninrode, sua esposa, a religião deles e sobre a Torre de Babel. Livros inteiros foram escritos sobre esses tópicos. Discutiremos as lendas de Ninrode com bastante detalhes no próximo capítulo. Por agora, entretanto, nos limitaremos a dizer que essas narrativas extrabíblicas sobre Ninrode não passam disso: lendas, muitas das quais são comprovadamente inverídicas. Para fins do nosso estudo, manteremos o foco somente no que dizem as Escrituras.

A BABILÔNIA DE NABUCODONOSOR

Mil e quatrocentos anos após os antigos construtores da Torre de Babel terem sido espalhados, no século VI antes de Cristo, a cidade de Babilônia atingiu o apogeu de sua antiga glória. O Rei Nabucodonosor, de pé no alto do telhado do palácio, declarou: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder e para glória da minha magnificência?” (Dn. 4.30). É exatamente essa expressão dita por Nabucodonosor, “a grande Babilônia”, que o Senhor usa

em Apocalipse para descrever a grande cidade do fim dos tempos (Ap.14.8; 16.19; 17.5; 18.2). Essa é a cidade orgulhosa cujas características arquitetônicas lhe dão fama, como, por exemplo, a Porta de Ishtar (que tem uma réplica aberta a visitação no museu Pergamon de Berlim) e os lendários Jardins Suspensos, uma das sete maravilhas do mundo antigo. Foi sob o reinado de Nabucodonosor que a Babilônia expandiu seu poderio regional para tornar-se um poderoso Império da antiguidade. Quando levamos em considera o a Babilônia de Nabucodonosor e, especificamente, como ela afetou Jerusalém e o povo Judeu, é muito fácil enxergar múltiplas formas pelas quais ela era um símbolo poderoso da Babilônia do fim dos tempos.

A VARA DO CASTIGO DO SENHOR

Após tornar-se rei, Nabucodonosor começou a conquistar muitos dos reinos menores ao redor de Judá. Já havia se passado mais de cem anos desde que os Assírios haviam derrotado o reino norte de Israel e levaram cativa a maior parte dos cidadãos. Em 598 a.C. Nabucodonosor e suas forças cercaram Jerusalém. O Rei Joaquim e sua família se renderam e foram levados como prisioneiros. E ainda pior: Nabucodonosor “transportou a toda a Jerusalém, como também todos os príncipes, e todos os homens valorosos, dez mil presos, e todos os carpinteiros e ferreiros; ninguém ficou, senão o povo pobre da terra” (II Rs 24.14). Embora esse episódio tenha sido devastador, foi apenas a primeira onda. Após ter capturado a primeira leva de prisioneiros, Nabucodonosor escolheu Zedequias, o tio de Joaquim, como seu próximo alvo. Ao invés de submeter-se a Nabucodonosor, entretanto, ele firmou uma série de alianças com os reinos vizinhos, dentre os quais o mais importante era o Egito. Essas alianças falharam terrivelmente e o resultado foi uma destrui o tremenda do reino de Judá e de sua capital, Jerusalém.

No nono dia de Av do ano 586 a.C. Nabucodonosor e seus exércitos invadiram Jerusalém e arruinaram a cidade e o templo. O escritor de II Crônicas registrou os eventos catastróficos que resultaram na queda de Judá e seu último rei:

Era Zedequias da idade de vinte e um anos quando começou a reinar e onze anos reinou em Jerusalém. E fez o que era mau aos olhos do Senhor, seu Deus; nem se humilhou perante o profeta Jeremias, que falava da parte do Senhor. Além disso, também se rebelou contra o rei Nabucodonosor, que o tinha ajuramentado por Deus; mas endureceu a sua cerviz e tanto se obstinou no seu cora o, que se não converteu ao Senhor, Deus de Israel. Também todos os chefes dos sacerdotes e o povo aumentavam de mais em mais as transgressões, segundo todas as abomina es dos gentios; e contaminaram a

Casa do Senhor, que ele tinha santificado em Jerusalém. E o Senhor, Deus de seus pais, lhes enviou a sua palavra pelos seus mensageiros, madrugando e enviando- lhes, porque se compadeceu do seu povo e da sua habitação. Porém zombaram dos mensageiros de Deus, e desprezaram as suas palavras, e escarneceram dos seus profetas, até que o furor do Senhor subiu tanto, contra o seu povo, que mais nenhum remédio houve. Porque fez subir contra eles o rei dos Caldeus, o qual matou os seus jovens à espada, na casa do seu santuário; e não teve piedade nem dos jovens, nem das moças, nem dos velhos, nem dos decrepitos; a todos os deu nas suas mãos. E todos os utensílios da Casa de Deus, grandes e pequenos, e os tesouros da Casa do Senhor, e os tesouros do rei e dos seus príncipes, tudo levou para a Babilônia. E queimaram a Casa de Deus, e derribaram os muros de Jerusalém, e todos os seus palácios queimaram, destruindo também todos os seus preciosos objetos. E os que escaparam da espada levou para a Babilônia; e fizeram-se servos dele e de seus filhos, até ao tempo do reino da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, pela boca de Jeremias, até que a terra se agradasse dos seus sábados; todos os dias da desolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram. II Crônicas 36.11-21

Muito mais perturbador do que a ruína histórica da cidade e do templo, é o fato de que esse período catastrófico da história de Judá, na verdade, é um prenúncio do que acontecerá novamente nos últimos dias durante o reinado do Anticristo. Descrevendo esse período de três anos e meio, o anjo Gabriel disse que ele não será completo até que o Anticristo e seus exércitos “tiverem acabado de destruir o poder do povo santo” (Dn. 12.7). Em outros lugares da profecia de Daniel, somos informados de que os líderes de Israel serão entregues ao Anticristo, que lançará “a verdade por terra”, fará isso e prosperará (Dn. 8.12). Tais avisos são repetidos diversas vezes. O Anticristo “destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que lhe aprouver; e destruirá os fortes e o povo santo.” (Dn. 8.24; 11.36).

Dentre muitas outras coisas horrorosas nas quais o Anticristo obterá sucesso, a pior será levar cativos muitos dos cidadãos de Jerusalém e Israel naqueles dias. Podem ser encontradas referências a essa realidade futura inimaginavelmente dolorosa em toda a Escritura. O profeta Zacarias, por exemplo, escreveu que metade dos cidadãos de Jerusalém será levada como prisioneiros de guerra:

Reunirei todos os povos para lutarem contra Jerusalém; a cidade será conquistada, as casas saqueadas e as mulheres violentadas. *Metade da população será levada para o exílio*, mas o restante do povo não será tirado da cidade. (Zc. 14.2 - NVI, grifo adicionado).

Jesus, em Seu Sermão Profético, avisou sobre os dias futuros quando muitos dos habitantes de Judá seriam levados prisioneiros de guerra pelas nações vizinhas:

Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei, então, que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judéia, que fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, que saiam; e, os que estiverem nos campos, que não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. Mas ai das grávidas e das que criarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira sobre este povo. E cairão a fio de espada *e para todas as nações serão levados cativos*; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem. Lucas 21.20-24 (ênfase adicionada).

Oferecendo esperança no meio dessa tormenta, diversas passagens falam sobre esses Judeus cativos sendo libertos por Jesus, o Messias, quando Ele retornar:

Portanto, assim diz o Senhor Jeová: Agora, tornarei a trazer os cativos de Jacó. E me compadecerei de toda a casa de Israel; terei zelo pelo meu santo nome. Ezequiel 39.25

...porque no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, assim como o Senhor tem dito, e nos restantes que o Senhor chamar. Porquanto eis que, naqueles dias e naquele tempo, em que removerei o cativo de Judá e de Jerusalém... Joel 2.32, 3.1

O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto... Isaías 61.1-3 (ARA)

Tu te levantarás e terás piedade de Sião; pois o tempo de te compadeceres dela, o tempo determinado, já chegou. [...] porquanto olhaste desde o alto do seu santuário; desde os céus, o Senhor observou a terra, para ouvir o gemido dos presos, para soltar os sentenciados à morte. Salmos 102.13, 19-20 (ARC)

Tendo sido o rei que levou Judeus ao cativo, Nabucodonosor é claramente uma figura do Anticristo, do “rei” da Babilônia do fim dos tempos. É assim que o antigo Império Babilônico, sob o domínio de Nabucodonosor, é uma imagem da Babilônia do fim dos tempos, que representa o castigo final do Senhor para o seu próprio povo antes que Ele os leve para Si e faça com que sejam Seus sempre.

O ÍDOLO DE OURO

Quando consideramos a descrição da prostituta Babilônia como uma entidade promotora de grande perseguição “embriagada do sangue dos

santos e do sangue das testemunhas de Jesus” (Ap. 17.6), isso nos faz lembrar de um episódio registrado no livro de Daniel que certamente remete ao espírito da Babilônia, que se levantará novamente nos últimos dias. É a história dos três Hebreus, Ananias, Misael e Azarias, mais conhecidos pelos nomes babilônicos Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. De acordo com Daniel, o Rei Nabucodonosor mandou fazer uma “estátua de ouro” no campo de Dura. Esse enorme ídolo tinha 27,5 metros. Comparável à enorme estátua do Cristo Redentor que fica sobre a cidade do Rio de Janeiro, que tem 30 metros - desconsiderando sua base. A Estátua da Liberdade, de sua base ao topo de sua tocha tem 46 metros. Era um colosso, uma estátua imponente.

Após concluir a construção desse enorme ídolo, Nabucodonosor mandou que todas as pessoas na Babilônia se prostrassem diante dele e o adorassem. Se elas de recusassem, deveriam ser queimadas vivas num fogo ardente. O decreto dizia:

Ordena-se a vós, ó povos, nações e gente de todas as línguas: Quando ouvirdes o som da buzina, do pífaro, da harpa, da sambuca, do saltério, da gaita de foles e de toda sorte de música, vos prostrareis e adorareis a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor tem levantado. E qualquer que se não prostrar e não a adorar será na mesma hora lançado dentro do forno de fogo ardente. Daniel 3.4-6

Alguns dos Caldeus, devotos da religião Babilônica ficaram enfurecidos porque Ananias, Misael e Azarias recusaram se prostrar diante do ídolo e adorá-lo. Indignado, um grupo se apresentou e os denunciou para o rei.

E falaram e disseram ao rei Nabucodonosor: Ó rei, vive eternamente! Tu, ó rei, fizeste um decreto, pelo qual todo homem que ouvisse o som da buzina, do pífaro, da harpa, da sambuca, do saltério, da gaita de foles e de toda sorte de música se prostraria e adoraria a estátua de ouro; e qualquer que se não prostrasse e adorasse seria lançado dentro do forno de fogo ardente. Há uns homens Judeus, que tu constituíste sobre os negócios da província de Babilônia: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego; esses homens, ó rei, não fizeram caso de ti; a teus deuses não servem, nem a estátua de ouro, que levantaste, adoraram. Daniel 3.9-12

E foi assim que esses fiéis Hebreus foram convocados diante de Nabucodonosor. Sempre admirei a humildade com que desafiaram o rei, mesmo diante da ameaça de morte. São um exemplo a ser seguido por todos os servos de Deus:

...e disseram ao rei Nabucodonosor: Não necessitamos de te responder sobre este negócio. Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar; ele nos livrará do forno de fogo ardente e da tua mão, ó rei. E, se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste.
Daniel 3.16-18

Como um típico ditador, Nabucodonosor ficou extremamente irado. A intensidade do fogo foi aumentada em sete vezes e os homens foram amarrados e jogados nas chamas. É claro que a história não termina aí. Após ter ficado pasmo por ver os homens andando vivos no meio do fogo ardente (juntamente com um quarto ser divino), Nabucodonosor libertou os Hebreus e os deixou viver. O resultado foi um reconhecimento profundo do poder do Deus dos Judeus. Esse foi um poderoso livramento divino. Todavia, o ponto a ser enfatizado para o nosso propósito aqui é a adoração forçada com a ameaça de morte. Sem dúvida nenhuma, essa é uma antecipação, um tipo de profecia sobre o que vai acontecer na Babilônia do fim dos tempos. Essa cidade será integralmente conectada ao sistema econômico-religioso do Anticristo. Quem quer que se recuse a receber a “marca da besta”, a prostrar-se e adorar o deus do Anticristo, o fará às custas de sua própria vida (Ap. 13). É exatamente por isso que a mulher Babilônia é descrita como estando “embriagada do “sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus” (Ap. 17.6). Assim como Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, no fim dos tempos Crentes fiéis serão convocados a manterem-se firmes, mesmo que isso signifique sua morte. Essa se tornará uma das principais dinâmicas que permearão o relacionamento da Babilônia do fim dos tempos com o povo de Deus na Terra durante esse período.

CONCLUSÃO

Avaliando as narrativas bíblicas sobre a Babilônia de Ninrode e a Babilônia de Nabucodonosor descobrimos que, embora a Babilônia de Ninrode forneça pouca informação sobre a natureza da Babilônia do fim dos tempos, a Babilônia de Nabucodonosor oferece informação em abundância. Da mesma maneira que a Babilônia de Nabucodonosor foi usada como a vara de castigo do Senhor na história, a Babilônia do fim dos tempos também será uma fonte de grande castigo para Israel, para o povo Judeu e para Cristãos ao redor de todo o mundo. Muitos Judeus foram levados cativos na antiga Babilônia; eventos similares se repetirão nos últimos dias. A Babel antiga representou uma união de rebelião contra o Senhor; a Babilônia do fim dos tempos representará uma rebelião global de empoderamento satânico contra o único verdadeiro Deus da Bíblia. Ela também representará uma religião profundamente adversa e perseguidora que exige que todos os povos se prostrem diante do seu deus. Embora a Babilônia de Nabucodonosor tenha derramado sangue Judeu em abundância, a Babilônia do fim dos tempos (em parceria com o diabo) derramará ainda mais sangue Judeu - e Cristão – do que qualquer

perseguição anterior. Como podemos ler em Apocalipse 12: “E o dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo.” (v. 17). Porém, assim como a Babilônia antiga garantiu aos fiéis do Senhor uma oportunidade de manterem-se firmes diante de uma pressão tremenda, a Babilônia do fim dos tempos dará ao povo de Deus a oportunidade de permanecerem firmes; até a morte, se necessário.

O MITO DE NINRODE

No capítulo anterior discutimos a diferença entre a antiga cidade de Babel e a não tão antiga Babilônia de Nabucodonosor. Como pudemos notar, embora exista muita informação na Bíblia sobre a Babilônia de Nabucodonosor, as Escrituras nos dão apenas nove versículos sobre a antiga Babel. Infelizmente, isso levou muitos autores Cristãos ao longo da história a recorrerem e a confiarem em uma série de lendas que não estão na Bíblia, às quais eu me refiro coletivamente como "o mito de Ninrode". Para estudantes fiéis da palavra de Deus esta simplesmente não é uma fonte de informação válida. Nosso entendimento de Apocalipse 17 e 18 precisa ser enraizado na palavra revelada de Deus, e não em mitos extrabíblicos que (como veremos) provavelmente não têm nenhum embasamento em verdade alguma.

Há alguns anos, quando comecei a estudar diversos tratados Cristãos sobre o assunto “prostituta Babilônia”, repetidamente fui confrontado com uma verdadeira pilha de informações sobre Ninrode e Babel. Todas essas fontes literárias parecem apontar para histórias bem desenvolvidas sobre Ninrode, sua esposa, sua religião, e como essa religião eventualmente conseguiu infiltrar-se em todas as outras religiões ao longo da história do mundo. Foram essas histórias sobre Ninrode que, na verdade, formaram a própria fundação do entendimento de muitos teólogos sobre o mistério Babilônia. Basicamente, o que muitos desses livros ensinam é que, através da antiga religião babilônica, todas as religiões do mundo seriam agrupadas sob um só guarda-chuva controlado pelo Anticristo, um tipo de Ninrode do fim dos tempos. Essa imagem ilustra uma narrativa abrangente que agrupou religiões e ideologias aparentemente conflituosas uma única tenda. Embora ofereça uma explicação bastante razoável e conveniente para a maneira como o Anticristo poderia unir o mundo inteiro sob uma única bandeira, a narrativa inteira baseia-se nessas histórias sobre Ninrode. Quando percebi quão fundamentais essas histórias eram para a construção dessa imagem

que tão frequentemente é pintada e, buscando ser um Bereano fiel, eu sabia que era crucial investigar suas origens. Uma vez que nenhuma dessas histórias sobre Ninrode são encontradas na Bíblia, precisava entender de onde elas vieram. Quando e onde elas surgiram? À medida que comecei a me aprofundar nesses assuntos, descobri uma enorme variedade de lendas Judaicas, Cristãs e até mesmo Islâmicas. Apesar de algumas dessas lendas terem surgido em algum momento do século I, elas continuaram a se desenvolver, passando a ser uma narrativa maior e muito mais detalhada, expandindo-se até chegar aos dias atuais. Mesmo tendo encontrado esses contos, o problema é que nenhum deles pode ser confirmado como sendo verdadeiro. Na verdade, muitos deles entram em conflito com o registro bíblico ou com outros fatos históricos conhecidos. Se desejamos ser responsáveis em nossa interpretação de Apocalipse 17 e 18, então, precisamos abordar essa questão. A última coisa que queremos fazer é validar, confiar, e até mesmo perpetuar tradições que "anulam a palavra de Deus" (ver Marcos 7.13). Nesse capítulo, então, examinaremos brevemente de onde essas várias histórias sobre Ninrode vieram, quando foi que elas se desenvolveram, e por que não devemos olhar para elas em busca de ajuda para entender o mistério da prostituta Babilônia do fim dos tempos.

FÍLON DE ALEXANDRIA

A primeira referência fora da Bíblia sobre Ninrode é encontrada nos escritos de Fílon, o Judeu (20 a.C. - 50 d.C.). Fílon foi um filósofo judeu que viveu em Alexandria no século I, que buscou combinar a filosofia grega com a teologia bíblica.

A abordagem de Fílon para a interpretação bíblica era muito peculiar. Para ele, o caráter de uma pessoa era determinado pelo significado mais profundo, alegórico ou espiritual atribuído ao seu nome. De acordo com Fílon, Cam, o avô de Ninrode, “É o nome da maldade em estado inativo”¹; Cuxe, o pai de Ninrode, representava “a natureza esparsa da Terra”; e a interpretação do nome Ninrode significa “deserção”². Por isso Fílon afirmou que “Ninrode foi o primeiro a dar o exemplo dessa deserção [de Deus e de Seus caminhos].”³ Uma vez que Ninrode era um "poderoso (do hebraico, *gibbor*) caçador", para Fílon, ele também era "um

gigante nascido da terra, [que] prefere as coisas terrenas às coisas celestiais... pois, de fato, aquele que é um emulador das coisas terrenas e corruptíveis sempre está envolvido em um conflito com a natureza celestial e admirável.”⁴ E mais, Fílon afirmou que Ninrode deveria ser traduzido como "o Etíope" ou o negro, porque em Ninrode não há luz espiritual⁵.

Fílon também disse que Ninrode construiu a Torre de Babel não para alcançar os deuses como muitos afirmam, mas para "fazer uma afronta contra os céus"⁶, uma Fortaleza para protegê-lo de Deus. Concluindo sua denúncia sobre Ninrode, Fílon afirmou:

Há muita verdade na expressão de que “ele era um gigante contra Deus”, que, desta forma, declara a oposição de tais seres à deidade; pois um homem mau nada mais é do que um inimigo, contendendo contra Deus; tanto é, que se tornou um provérbio dizer que todos os que pecam grandemente devem ser chamados de pecador original e maior dos pecadores, e ser chamado de "um segundo Ninrode".⁷

Não há dúvidas de que a maneira negativa de retratar Ninrode adotada por Fílon estabeleceu um padrão que foi seguido por muitos outros.

FLÁVIO JOSEFO

Escrevendo aproximadamente 40 anos depois, Flávio Josefo, o historiador Judeu, apresentou uma lenda diferente porém mais desenvolvida de Ninrode. De acordo com Josefo, por algumas poucas gerações após o grande dilúvio, a humanidade tinha grande temor de que o Senhor enviaria um outro dilúvio. Ser obediente aos mandamentos do Senhor se tornou algo comum sobre a Terra, os filhos de Noé, Sem, Cam, e Jafé foram os primeiros a descer as montanhas para habitar as planícies. O remanescente da humanidade, entretanto, não confiando no Senhor, "tinha enorme temor de habitar as planícies por causa das inundações então sentiam-se muito inseguros de descer dos lugares altos para aventurarem-se em seguir seus exemplos"⁸. Entretanto, com o tempo, por causa da persuasão dos filhos de Noé, as pessoas começaram a repopular as planícies. Aqueles que o fizeram, multiplicaram rapidamente e experimentaram grandes bênçãos. De acordo com Josefo, foi aí que Ninrode surgiu, agitando o povo para entrar em "contenda com Deus":

Ele os persuadiu a não prestarem [culto] a Deus, como se fosse a única fonte da felicidade das pessoas, mas que elas deveriam acreditar que era sua própria

coragem que lhes trazia a felicidade. Ele também mudou gradualmente o governo para a tirania (não encontrando outra maneira de demover os homens do temor de Deus, que não fosse torná-los dependentes do seu poder). Ele também disse que faria vingança contra Deus se Ele decidisse inundar o mundo novamente; por isso construiu uma torre que fosse alta demais, impossível de ser alcançada pelas águas! E ele prometeu vingar-se pessoalmente contra Deus por destruir seus ancestrais!⁹

De acordo com Josefo, o propósito da Torre de Babel era oferecer um paraíso seguro nas planícies para aqueles que viviam nelas. Se o senhor decidisse enviar outro grande dilúvio, a torre lhes serviria como refúgio¹⁰.

OS ORÁCULOS SIBILINOS

Os Oráculos Sibilinos são uma coleção de profecias controversas feitas em algum momento durante o século I por uma mulher chamada Sibila. Embora alguns autores antigos se refiram aos textos de Sibila no plural, Fílon e Josefo referem-se a eles no singular como “A sibila”. Os oráculos Sibilinos são citados frequentemente (algumas vezes de maneira favorável) dentro de escrito Judeus e Cristãos primitivos. Um dos Oráculos Sibilinos se refere à Torre de Babel:

Quando todos os homens tinham apenas uma língua, alguns deles construíram uma torre alta, como se, dessa forma, pudessem ascender ao céus; mas os deuses enviaram tempestades de vento e derrubaram a torre, e deram a cada um uma língua peculiar; e, por esta razão, foi que a cidade foi chamada de Babilônia¹¹.

Já podemos perceber uma diversidade de opiniões concernente ao propósito pelo qual a torre foi construída. Enquanto Fílon a via como "afrota contra o céu", Josefo a via como uma maneira de sobreviver ao dilúvio, e Sibila a via como uma forma de alcançar os céus. Três histórias completamente diferentes e contraditórias.

PSEUDO-FÍLON

Não sabemos quase nada sobre Pseudo-Fílon, além do fato de que ele foi autor de uma outra história expandida da Bíblia, chamada *As Antiguidades Bíblicas de Fílon*. Essa obra provavelmente foi escrita durante a segunda metade do Século I. Embora esse autor tenha escrito identificando-se como Fílon, na verdade, ele simplesmente era um

imitador de Fílon. Adotar o nome de outros escritores famosos para dar peso ao seu próprio trabalho era uma prática comum nos tempos antigos. Pseudo-Fílon nos dá uma narração bem desenvolvida da história de Ninrode. Comentando o texto de Gênesis 10.0, ele escreveu que Ninrode¹² "começou a se orgulhar diante do Senhor"¹³. Mais tarde, depois que Ninrode é escolhido como líder dos filhos de Cam, lemos uma história intrigante sobre uma confrontação espiritual direta entre Ninrode e Abraão. Todos as pessoas disseram: "Peguemos tijolos e vamos, cada um de nós, escrever nossos nomes sobre os tijolos e queimá-los com fogo: e os que forem cuidadosamente queimados servirão para nós por argamassa e pedra"¹⁴. Então, cada homem tomou um tijolo e escreveu seu nome nele (todos, exceto doze homens, incluindo Abraão). O povo da terra, cheio de ódio:

Pôs as mãos sobre eles, os trouxeram aos seus príncipes e disseram: Estes são os homens que transgrediram nossos conselhos e não andaram em nossos caminhos. E os príncipes disseram a eles: porque vocês não assentaram seus tijolos como os outros homens do povo desta terra o fizeram? E eles responderam e disseram: nós não assentaremos tijolos com vocês, nem nos ajuntaremos ao seu desejo. Um Senhor apenas conhecemos e somente a Ele adoramos. E se decidirem nos lançar ao fogo junto com seus tijolos, então o façam, pois não consentiremos com vocês.¹⁵

Furioso com sua rebelião, Ninrode lançou Abraão vivo dentro da fornalha usada para queimar os tijolos. A história é praticamente idêntica à história de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na fornalha ardente registrada no livro de Daniel, capítulo 3. Quando um terremoto fez com que a fornalha de Ninrode lançasse fogo ao seu redor, matando 83.500 homens, Abraão escapou completamente ileso¹⁶. Essa história, ou alguma versão dela, é repetida inúmeras vezes em lendas que mencionam Ninrode e contam sobre os conflitos entre Abraão e Ninrode.

O TALMUDE

O próximo grupo de histórias, provavelmente o mais influente de todos, é encontrado no Talmude. Em seu trabalho clássico, *As lendas dos Judeus*, o famoso Rabi do século XIX Louis Ginzberg compilou muitas dessas lendas. Naquele que é provavelmente o relato mais interessante, Ginzberg detalha os eventos que levaram à grandeza de Ninrode como rei no mundo

antigo:

O primeiro entre os líderes corruptos dos homens foi Ninrode... Seu pai, Cuxe, deu a ele as roupas de pele de animal que Deus entregou Adão e Eva no momento em que saíram do Paraíso. O próprio Cuxe passou a possuí-las através de Cam. De Adão e Eva, elas passaram para Enoque, e dele para Matusalém, e para Noé, e seu filho as trouxe consigo para dentro da arca. Quando os habitantes da arca estavam prestes a fugir para o seu refúgio contra o dilúvio, Cam roubou as vestimentas e as manteve escondidas, finalmente passando-as para seu filho mais velho, Cuxe. Cuxe, por sua vez, as escondeu por muitos anos. Quando seu filho, Ninrode, atingiu a idade de 20 anos, ele as deu de presente a ele. Essas vestimentas tinham uma característica maravilhosa: aquele que as usasse se tornaria invencível e irresistível. As bestas e os pássaros da floresta se prostravam diante de Ninrode assim que elas o avistavam, e ele também era igualmente vitorioso em seus combates com os homens. A fonte de sua força insuperável não era conhecida por ninguém. Eles a atribuíam à sua destreza e, conseqüentemente, o elegeram rei sobre eles.¹⁷

Ginzberg descreve outra história peculiar que envolve a construção de um enorme trono que Ninrode fez para si mesmo, sobre o qual ele buscou ser adorado como um deus:

O grande sucesso de Ninrode em todos os seus feitos produziu um efeito sinistro: os homens passaram a não confiar mais em Deus, pelo contrário, confiavam em sua própria destreza e habilidade - uma atitude que Ninrode tentou fazer com que todo o mundo adotasse. As pessoas diziam: “desde a criação do mundo não houve nenhum homem como Ninrode, poderoso caçador de homens e de bestas, e um pecador diante de Deus“. E nada disso satisfiz o maléfico desejo de Ninrode; para ele, remover os homens da presença de Deus não era o bastante, e fez de tudo para fazer com que eles dessem a ele honra Divina. Ele estabeleceu a si mesmo como um deus e fez para si um assento imitando o trono de Deus. Esse assento era uma torre construída a partir de uma rocha redonda, e ele colocou sobre ela um trono de madeira de cedro, sobre o qual erigiu quatro tronos, um sobre o outro: de ferro, cobre, prata e ouro. Acima de tudo isso, sobre o trono de ouro, ele colocou uma pedra preciosa de formato arredondado e tamanho gigantesco. Tudo isso serviu para ele de trono, onde se assentava e todas as nações vinham e lhe prestavam culto.¹⁸

Ambas as histórias são muito interessantes, mesmo que alguns elementos como a capa de invencibilidade de Ninrode façam com que seja impossível dar a elas qualquer crédito¹⁹.

Dentro do Judaísmo rabínico muitas dessas histórias são vistas como parte da “Torá Oral”, contos sagrados que não se encontram na Torá escrita nem na Bíblia, mas, não por isso, deixam de ser histórias verdadeiras passadas adiante ao longo dos milênios. Contudo, elas contém erros enormes. Primeiro, não encontramos um único exemplo nem mesmo escrito dessas tradições até os séculos I e II d.C. Contudo, Ninrode viveu

dois mil anos antes que elas surgissem. O segundo ponto é que, no século V a.C., depois que os Judeus exilados retornaram da Babilônia, quando uma cópia da lei escrita foi encontrada no templo e lida em voz alta diante do povo, ele havia esquecido da Torá. Como eles poderiam ter lembrado da Torá oral (como ela é chamada), se esqueceram da Torá escrita? Todas as evidências apontam para o fato de que ao contrário de serem uma tradição preservada ao longo do tempo, essas lendas sobre Ninrode provavelmente foram criadas em algum momento em torno do século I.

AGOSTINHO

Não podemos deixar de citar o tratado sobre Ninrode escrito por Agostinho, possivelmente o teólogo pós-apostólico mais influente da história Cristã. Escrevendo no início do século V, Agostinho, como muitos outros antes dele, lançou sobre Ninrode um olhar totalmente negativo:

Assim, esse gigante deve ser reconhecido como um “caçador contra o Senhor”. E pelo termo “caçador”, o que depreender senão que ele era enganador, opressor e destruidor dos animais da terra? Ele e seu povo erigiram uma torre contra o Senhor, expressando, desta forma, seu orgulho ímpio; e de maneira justa sua intenção maldosa foi punida por Deus, não obtendo sucesso em sua empreitada.²⁰

O APOCALIPSE DE PSEUDO-METÓDIO

O Apocalipse de Pseudo-Metódio, um texto falacioso do século VII, perpetuou a ideia de que Ninrode era um dos gigantes do mundo antigo. É também neste texto que encontramos a primeira menção sobre Ninrode ter ensinado astronomia, através da qual ele teria ganhado poder para governar a humanidade:

Jonitus, o filho de Noé, entrou na terra em direção leste, chegando até ao mar, que é chamado “Hiliu Chora”, que quer dizer “o País do sol”, onde o nascer do sol acontece e onde ele mora. Jonitus recebeu de Deus o dom da sabedoria; e não somente isso, mas ele também se tornou inventor de cada divisão da astronomia. Ninrode, que era um gigante, veio até ele e aprendeu com ele e recebeu dele conselho para que pudesse começar a governar. Ninrode era descendente dos filhos dos heróis; ele era um dos filhos de Sem e foi o primeiro a governar como rei sobre a terra. No 790º ano do terceiro milênio, que é a passagem dos três mil anos, Babilônia, a Grande foi construída e Ninrode reinou nela.²¹

O LIVRO DOS ROLOS

Uma obra Árabe-Cristã do início do século IX conhecida como *Kitab al-Magall*, ou o Livro dos Rolos²², parte do que é chamado de Homilias Clementinas, apresenta elementos mais familiares, tais como a afirmação de que Ninrode foi um gigante. Contudo, ela traz novas tradições que anteriormente eram desconhecidas. Aqui está um exemplo:

Ninrode, o gigante, reinou sobre toda a terra. O começo de seu reino foi a partir de Babel. Foi ele quem viu no céu um pedaço de pano preto e uma coroa; ele chamou Sasan, o tecelão, a sua presença e mandou que ele fizesse uma coroa como aquela; e ele aplicou joias nela e ele a usou. Ele foi o primeiro rei a usar uma coroa. Por essa razão as pessoas não sabiam nada a respeito dela, e diziam que ela havia descido do céu para ele. A duração de seu reinado foi de sessenta e nove anos.

Mais adiante, o livro descreve como Ninrode estabeleceu a prática da adoração com fogo e da idolatria, e recebeu instrução sobre adivinhação de alguém chamado Bouniter, o quarto filho de Noé²³.

O LIVRO DE JASHER

O Livro de Jasher, que tem experimentado um renascimento tremendo em sua popularidade nos últimos tempos, não deve ser confundido como Livro de Jashar mencionado na Bíblia (ver Josué 10.13, II Samuel 1.18). *O Livro de Jasher*, também conhecido como *Sefer haYashar*, na verdade, é uma obra Judaica midraxítica do século

XVI. Jasher apresenta uma seção ampla sobre Ninrode que inclui muitos dos elementos das tradições anteriores. Um aspecto peculiar do relato de Jasher descreve os construtores da Torre de Babel e suas intenções de destronar Deus:

E todas essas pessoas e todas as famílias dividiram-se três partes; a primeira disse “Nós subiremos aos céus e lutaremos contra Ele”; a segunda disse “Nós subiremos aos céus e colocaremos os nossos deuses ali e serviremos a eles”; e a terceira parte disse “Nós subiremos aos céus e O espancaremos com arcos e lanças”²⁴.

Mais adiante, sabemos que acontecem três julgamentos distintivamente proporcionais para cada um desses grupos. O primeiro grupo foi morto, o segundo grupo foi transformado em macacos e elefantes, e o terceiro grupo foi dispersado pelo Senhor por toda a Terra.

Jasher também conta o que aconteceu com a torre depois que o Senhor dispersou o povo:

Quanto à torre construída pelos filhos dos homens, a terra abriu sua boca e a engoliu um terço dela, e um fogo também desceu dos céus e queimou um outro terço, e o terço restante foi deixado até hoje, e é a parte que está no alto, e tem a circunferência de uma caminhada de três dias.²⁵

Finalmente, Jasher conta uma história sobre como o neto de Abraão, Esaú, também caçador, seguiu, fez uma emboscada e decapitou Ninrode, e então roubou as roupas de pele de animais que foram dadas a ele por seu pai. Relatos parecidos são encontradas nas lendas Talmúdicas anteriores.²⁶

NINRODE COMO UMA FIGURA HISTÓRICA

Para além dessas tradições expandidas da narrativa bíblica, muitos estudiosos buscaram estabelecer equivalência entre Ninrode e várias figuras mitológicas ou históricas, tais como (1) Ninurta, o deus Assírio da caça; (2) Gilgamesh, o herói épico Babilônico que também foi descrito como um caçador; (3) Marduk, um deus Babilônico; (4) Amenhotep III (1408-1369 a.C.) da décima oitava dinastia Egípcia; (5) Tukulti-Ninurta, monarca Assírio e outro famoso caçador que conquistou a Babilônia; (6) Naram-Sin, neto de Sargão de Acádia. Como conclui o *Lexham Bible Dictionary*, “Essa lista mostra a total discordância entre os estudiosos da Bíblia sobre a identidade de Ninrode.”²⁷ Enquanto alguns estudiosos equiparam Ninrode a um tipo de deus ou semideus, outros ligam sua identidade à dos reis humanos. Nenhuma dessas sugestões é convincente.

NINRODE, O JUSTO?

As notas de margem da Bíblia mais amplamente usada pelo Protestantismo do século XVI (a Bíblia de Genebra de 1599), referem-se a Ninrode como “um cruel opressor e tirano... [cuja] tirania se tornou proverbial, sendo odiada tanto por Deus quanto pelos homens: pois ele não cessava de cometer crueldades, até mesmo na presença de Deus.”²⁸ Apesar do fato de que a Bíblia não corrobora em lugar algum a ideia de que Ninrode era, de fato, um vil tirano do mundo antigo, a aceitação dessa ideia e seu impacto no Cristianismo se perpetua amplamente pelos séculos.

Surpreendentemente, muitas tradições alternativas, na verdade, apresentam Ninrode como justo. Para a surpresa de alguns, pelo menos uma tradição Judaica antiga, na verdade, equipara Ninrode com Noé, afirmando que eles são, de fato, a mesma pessoa²⁹. Tanto o Targum Yerushalmi quanto o Targum Pseudo-Jônatas afirmam que Ninrode especificamente emigrou para a Assíria porque recusou-se a participar na construção da Torre de Babel. De acordo com essas tradições Talmúdicas, por causa de seu ato de justiça, o Senhor recompensou Ninrode dando a ele quatro cidades³⁰. Mais tarde, próximo do fim do século IV, John Chrysostom defendeu Ninrode como sendo um homem abençoado por Deus com coragem e força:

“Agora, Cuxe tornou-se pai de Nebrode [Ninrode], que passou a ser um gigante sobre a terra. Ele era um caçador colossal diante do Senhor.” Embora algumas pessoas digam que a frase “diante do Senhor” signifique oposição a Deus, eu, pelo contrário, não penso que as Escrituras Sagradas queiram dizer isso. Ela denota que [Ninrode] era forte e corajoso. Porém a frase “diante do Senhor” significa criado por Ele, recebendo Dele as bênçãos de Deus.³¹

Efrém da Síria, outro renomado teólogo Cristão do século IV, também falou sobre Ninrode em termos elogiosos, não o considerando como um dos que construíram a Torre de Babel, mas como um herói diante do Senhor que, na verdade, expulsou os construtores da torre:

Quanto a Ninrode, Moisés disse, “Ele foi um caçador poderoso diante do Senhor” porque, de acordo com a vontade do Senhor, foi ele quem combateu cada uma dessas nações e as expulsou dali, para que elas saíssem e se assentassem nas regiões que foram separadas por Deus para elas. “Por isso a frase que afirma sobre Ninrode, que ele foi um caçador poderoso diante do Senhor.” costumava-se abençoar um chefe ou governante, dizendo: “Que você seja como Ninrode, um poderoso caçador que foi vitorioso nas batalhas do Senhor.”³²

Obviamente, não é possível que Ninrode tenha sido tanto a encarnação da maldade quanto um homem de justiça lendária. Todavia, não temos como afirmar com absoluta certeza quais histórias são verdadeiras; se é que alguma delas é!

CONCLUSÃO

Como vimos, as diversas lendas sobre Ninrode são cheias de contradições. Algumas dizem que Ninrode subiu ao poder graças às peles de animais de Adão e Eva que recebeu. Outra tradição diz que foi porque ele aprendeu

astrologia. Uma outra tradição ainda que ele ascendeu ao poder tanto porque era gigante quanto porque era um caçador prodigioso. Fílon descreveu a Torre de Babel como uma afronta contra Deus, enquanto que Josefo retratou-a como uma torre de refúgio caso Deus enviasse outro dilúvio. Já Sibila apresentou-a como um meio através do qual os homens poderiam “subir aos céus”. E, finalmente, Jasher a enxergava como um meio para realmente atacar os habitantes dos céus. Contudo, em toda sua diversidade, nenhuma desses registros se alinha com o registro bíblico. A Bíblia simplesmente diz que os construtores estavam buscando fazer um nome para si e evitar serem espalhados por toda a Terra. Ela não diz nada sobre evitarem o afogamento num dilúvio ou alcançarem os céus. E mais, a Bíblia sequer diz que Ninrode de fato construiu a Torre de Babel. A única relação entre Ninrode e Babel dita nela é: “E o princípio do seu reino foi Babel” (Gn. 10.10). Isso é tudo. Qualquer coisa além disso é mera conjectura.

Embora as lendas sobre Ninrode tenham começado como simples expansões da narrativa bíblica, com o passar do tempo, elas se expandiram e cresceram em complexidade. Cada nova tradição parece aumentar as anteriores. Claramente, essas histórias, não preservam verdades antigas; ao invés disso, temos um mito em efeito bola de neve. Por aproximadamente dois mil anos esse mito continua a crescer. No entanto, em lugar algum a expansão desse mito encontrou mais espaço que na mente de um ministro escocês chamado Alexander Hislop. É a esse homem e sua vasta obra que dedicaremos o próximo capítulo.

AS DUAS BABILÔNIAS DE ALEXANDER HISLOP

Em 1853, o Reverendo Alexander Hislop publicou um panfleto intitulado *As Duas Babilônias*. Cinco anos depois, o panfleto foi revisado, dramaticamente ampliado e relançado em forma de livro, sob o mesmo título. *As Duas Babilônias* se tornou uma das obras Cristãs mais influentes do século XIX, causando impacto ainda hoje em diversos segmentos do Protestantismo.

A NARRATIVA DE HISLOP

A premissa básica da obra de Hislop é a de que o Catolicismo Romano seja inteiramente pagão, tendo recebido dele suas práticas, símbolos e estrutura, e não de nenhuma tradição Cristã, mas diretamente de Ninrode e Semíramis, os fundadores do paganismo da Babilônia antiga.

Desde o seu princípio, a narrativa de Hislop começa com uma nota intensa e claramente racista. “Ninrode”, ele nos diz, “era um Preto... o adversário verdadeiro e original da humanidade... é o representante óbvio do Diabo.¹” De acordo com Hislop, por ser filho de Cuxe, que é frequentemente associado com as terra africanas ao sul do Egito, ele só poderia ter sido negro² e, porque ele era negro, ele devia ser o representante original do diabo. Tristemente, essa é a equivalência lógica que sustenta grande parte da obra de Hislop.

Depois, porque Ninrode era chamado de “um poderoso caçador diante da face do Senhor” (Gn. 10.9), Hislop cogitou que ele fosse um gigante, um descendente dos Nefilins (Gn. 6.4). É claro, o problema está em que, uma leitura mais cuidadosa do texto mostra que Ninrode “começou a ser poderoso” (10.8). “Poderoso”, nesse contexto, simplesmente significa que Ninrode era um caçador de alta excelência.

Portanto, Hislop apresenta Ninrode como um homem negro gigante e mau. Por outro lado, a esposa de Ninrode, Semíramis, é retratada como uma loira de olhos azuis extremamente bonita. Todavia, como veremos mais adiante, não seria possível que Ninrode e Semíramis tivessem sido casados, uma vez que os dois viveram em tempos separados por mais de mil anos!

De acordo com Hislop, logo após seu casamento com Ninrode e de ter ficado grávida de seu filho, Semíramis o assassinou. Quando a criança nasceu, ela afirmou que seu bebê era a reencarnação de Ninrode. Ela foi chamada de Tamuz. Como também afirmou Hislop, a religião babilônica de Ishtar, criada por Ninrode e Semíramis, passou a adorar tanto a Semíramis quanto a Tamuz; o par de mãe e filho. Mais tarde, quando essa religião se espalhou pelo globo, os nomes de Semíramis e Tamuz foram alterados de uma nação para outra. No Egito Semíramis era chamada de Isis; na Grécia e em Roma, ela era chamada de Vênus, Diana, Atena, Fortuna e tantos outros nomes. Dessa maneira, Hislop escreveu, a satânica religião original babilônica se espalhou para cada canto da Terra, lançando a base para todas as falsas religiões. E porque a Babilônia do fim dos tempos é chamada de “a mãe das meretrizes” (Ap. 17.5 - ARA), essa religião babilônica antiga é, obviamente, a “mãe” (literalmente) de todas as falsas religiões que existem, incluindo o Cristianismo!

A BABILÔNIA INFECTA O CRISTIANISMO

Hislop afirmou que no início do século IV, o imperador Constantino, muito intencionalmente, enganou o mundo inteiro ao proclamar ter se convertido ao Cristianismo, quando, de fato, ele continuou inteiramente pagão. De acordo com Hislop, Constantino renomeou os deuses e deusas babilônicas que ele adorava com nomes Cristãos a fim de que secretamente pudesse misturar as duas religiões. O resultado final dessa grande conspiração satânica é que o Catolicismo Romano moderno e, por extensão, a Ortodoxia Oriental e o Anglicanismo, não somente foram manchados pelo paganismo, mas que foram, na verdade, uma manifestação moderna do satanismo babilônico. Hislop acreditava que “a doutrina e a disciplina [da Igreja Católica Romana], em todos os aspectos essenciais, derivaram da

Babilônia³”. Nenhuma das práticas, símbolos ou estruturas litúrgicas das vertentes tradicionais do Cristianismo, portanto, vêm de nenhuma tradição apostólica ou pós-apostólica; ao invés disso, todas elas vêm diretamente da antiga Babilônia. Infelizmente, alguns grupos Cristãos já usaram a premissa geral de Ninrode para apresentarem julgamentos contra outras denominações Protestantes (que não as deles), chamando-as de “filhas” da Babilônia.

Lamentavelmente, não foram apenas grupos marginais que abraçaram as teorias de Hislop. Como veremos, inúmeros mestres Cristãos (alguns deles muito respeitados e tradicionais), perpetuaram vários elementos da narrativa de Hislop. Seria difícil minimizar o impacto profundo que a obra de Hislop tem no Cristianismo moderno.

BABILÔNIA GLOBAL

Para aqueles que buscam alguma conspiração satânica religiosa global através da qual todos os falsos sistemas religiosos estão interconectados, Hislop proveu a história perfeita. Ele é considerado o grande detetive histórico que expôs o grande plano de Satanás, apontando uma conexão histórica direta desde os primórdios da rebelião da raça humana, na Torre de Babel, até os dias de hoje. Por esse motivo, a obra de Hislop se tornou a base primária para a interpretação daqueles que vêem o “Mistério Babilônia” como tendo relação com a “Nova Ordem Mundial” ou os Illuminati e coisas afins. O problema é que a esmagadora maioria das afirmações de Hislop é simplesmente fictícia. Sua narrativa como um todo é completamente desconnectada tanto da realidade, quanto da história.

REVERENDO RALPH WOODROW: DESBANCANDO HISLOP

Originalmente influenciado pelo trabalho de Hislop, o Reverendo Ralph Woodrow, um evangelista e ministro americano, escreveu sua própria versão atualizada da obra de Hislop, intitulada *Babilônia: a Religião dos Mistérios*. Por anos, Woodrow foi um Hislop moderno, viajando e palestrando sobre as conexões entre a Babilônia e o Catolicismo e cada

uma das religiões do mundo. Muito surpreendentemente, entretanto, após ter sido desafiado a reexaminar a precisão histórica do trabalho de Hislop (e seu próprio livro, por consequência), Woodrow se convenceu de que tudo era uma enorme fraude. Como resultado, ele fez o que poucos autores têm a coragem de fazer: não somente retirou do mercado seu livro (uma ação que causou a ele uma grande perda financeira), como também separou tempo para escrever outro livro, repudiando a obra de Hislop e corrigindo o que ele próprio escreveu anteriormente. Esse livro é chamado de *A Conexão para Babilônia?* Com a permissão do Sr. Woodrow, imprimi a porção a seguir, retirada da introdução de seu livro:

Em minha experiência Cristã inicial, certa literatura chegou às minhas mãos afirmando que o paganismo havia sido misturado com o Cristianismo. Embora a Igreja Católica Romana fosse o alvo mais comum, parecia que outras Igrejas também haviam sido contaminadas pelos costumes e crenças nos quais poderiam ser encontrados paralelos pagãos.

O Livro *As Duas Babilônias* de Alexander Hislop (1807-1862), com seu alarmante subtítulo, tendo provado que a adoração ao papa era a adoração a Ninrode e sua esposa, foi a obra na qual se baseou grande parte deste ensino. Com o passar dos anos esse livro impactou o pensamento de muitas pessoas - desde pessoas que pertencem a seitas radicais a Cristãos muito dedicados e famintos por um mover de Deus e que se preocupam com tudo que possa interferir nesse fluir. Sua premissa básica é a de que a religião pagã da antiga Babilônia continua até os dias de hoje, disfarçada como Igreja Católica Romana e é descrita no livro de Apocalipse como “Mistério, a Grande Babilônia”, daí a ideia de duas Babilônias, uma antiga e uma moderna. O fato de esse livro ser bastante detalhado, possuindo uma imensidão de notas e referências, me levou a presumir (como muitas outras pessoas) que ele era verdadeiro. Citávamos Hislop como uma autoridade no assunto do paganismo da mesma maneira que citamos Webster quando tratamos sobre a definição de palavras. Quando era um jovem evangelista, comecei a pregar sermões sobre a mistura do paganismo no Cristianismo e até mesmo escrevi um livro baseado em Hislop - *Babilônia: a Religião dos Mistérios*. Em tempo, meu livro alcançou bastante sucesso, foi vendido em várias tiragens e foi traduzido para o coreano, alemão, espanhol, português e muitas outras línguas. Fui considerado por alguns uma autoridade no assunto da mistura religiosa pagã. Até mesmo um escritor Católico Romano, escreveu a meu respeito, dizendo: “O proponente dessa ideia que mais obteve sucesso é Ralph Woodrow, autor de *Babilônia: a Religião dos Mistérios*.”

Muitas pessoas preferiram o meu livro ao livro *As Duas Babilônias* porque ele era mais fácil de ler e acompanhar. Às vezes os dois livros se confundiam um com o outro e eu até já fui cumprimentado, certa vez, como “Reverendo Hislop”! Recebi um número enorme de cartas em louvor ao meu livro. Era raro receber alguma crítica negativa. Um dos que discordaram de mim foi Scott Klemm, um professor de ensino médio que ensinava história no sul da Califórnia. Sendo um Cristão e apreciando outras coisas que eu havia escrito, ele começou a me mostrar evidência de que Hislop não era um historiador confiável. Como resultado, percebi que precisava revisar a obra de Hislop, minha fonte básica, e, em fervorosa oração, conferi-la!

Enquanto o fazia, tudo ficou claro para mim: a “história” de Hislop quase sempre não passava de mitologia. Embora mitos possam, às vezes, refletir eventos que aconteceram de fato, uma montagem arbitrária de mitos antigos não pode oferecer uma base histórica

sólida. Se pegarmos algumas tribos, alguns contos, num dado período de tempo, se pularmos alguns anos, se mudarmos de um país para outro, se escolhermos e selecionarmos similaridades, veremos que qualquer coisa pode ser “provada”!⁴

Não somente a honestidade, a coragem e a humildade de Woodrow merecem ser elogiadas, mas é também digna de louvor a análise perspicaz que ele faz da obra de Hislop, feita com grande inteligência e senso de humor. Uma vez que Woodrow fez um trabalho cuidadoso ao refutar Hislop, recomendo muitíssimo que todos os que lerem este livro também dediquem um tempo a ler o livro de Woodrow⁵.

A MENTE BRILHANTE DE ALEXANDER HISLOP

No filme *Uma Mente Brilhante*, de 2001, o ator Russell Crowe representa John Nash, um matemático genial que sofria de esquizofrenia paranoide. Nash é recrutado pelo Pentágono para decodificar as comunicações russas. Para o choque de seus recrutadores, Nash é capaz de decifrar criptografias mentalmente sem nenhuma assistência externa. Mas, caindo na ilusão de que recebeu uma missão secreta do governo, Nash começa a vasculhar revistas e manchetes de jornais obsessivamente para descobrir códigos secretos da propaganda soviética. Uma das cenas mais memoráveis do filme é uma parede enorme onde Nash pendura centenas de páginas de revistas e jornais. Cruzando a parede com dezenas de linhas e alfinetes, Nash procura estabelecer inúmeras “conexões” entre palavras e imagens aleatórias. É um comportamento clássico de esquizofrenia. E também lembra tremendamente *As Duas Babilônias* de Alexander Hislop. Na verdade, eu até me arrisco a dizer que, se Hislop não sofria de algum grau de doença mental, então ele era uma fraude deliberada. Eu, pessoalmente, suspeito que ele realmente acreditava nas coisas que ensinava. Embora Hislop fosse um pesquisador incansável concernente à sua metodologia histórica, sua obra é quase sempre assustadoramente ilógica. Vamos considerar apenas alguns poucos exemplos de suas afirmações e de suas metodologias para perceber o que quero dizer.

CONEXÕES, CONEXÕES, CONEXÕES

Provavelmente o argumento mais comum de Hislop, que ele repetia muitas vezes, é conhecido como a falácia lógica da falsa equivalência. Sempre que Hislop encontrava duas coisas que compartilhavam qualquer similaridade, para ele, isso era uma prova absoluta e irrefutável de que elas eram a mesma coisa. Usando esse tipo de lógica falha, seria possível comprovar que eu, Joel Richardson, na verdade sou Joel C. Rosenberg. Afinal de contas, ambos somos chamados por Joel, ambos nossos últimos sobrenomes começam com R, ambos somos escritores, vivemos durante o mesmo período da história e ambos escrevemos e ensinamos com frequência sobre assuntos bastante parecidos. Só podemos ser a mesma pessoa. Caso encerrado. Ou, pelo menos, esse seria o raciocínio de Hislop. Não é exagero nenhum dizer que esse é o tipo de pensamento que domina a obra de Hislop. Cada vez que descobria outra similaridade entre duas coisas, ele esticava outra linha em sua parede, construindo uma verdadeira teia de aranha de conexões. Vejamos uns poucos exemplos.

NINRODE COMO OSÍRIS



Desejando provar que Ninrode era a fonte original de, literalmente, cada deus falso que já existiu, ele buscou pontos de similaridade entre sua descrição de Ninrode e outros falsos deuses da história. Vasculhando outras obras, Hislop descobriu uma imagem do deus egípcio Osiris feita pelo Sir. J. Gardner Wilkinson, em sua obra de 1841, *Os Usos e Costumes dos Egípcios Antigos*. Observando a imagem de Wilkinson sobre Osiris, Hislop afirmou ter encontrado “evidência indiscutível” de que Osiris, na verdade, é

Ninrode. Hislop disse que Osíris “também era representado como um autêntico preto. Em Wilkinson pode ser encontrada uma representação dele com as características inconfundíveis do genuíno Cuxita ou Preto⁶.” Por favor, siga a lógica de Hislop aqui. Só porque Ninrode era negro (de acordo com Hislop) e, com base no desenho encontrado no livro de Wilkinson, Osíris também era negro; logo, Ninrode e Osíris só podem ser a mesmíssima pessoa. Mas, espere aí; a “evidência” fica ainda melhor. Continuando em sua observação da imagem de Osíris feita por Wilkinson, Hislop também notou outra prova irrefutável. Osíris é visto usando uma roupa de pintas. O que isso poderia significar? Após ter se aprofundado imensamente em detalhes (dignos de três páginas inteiras) sobre o uso de leopardos nos antigos rituais de caça, Hislop concluiu que, definitivamente, Ninrode deveria ser associado a leopardos já que era um caçador. Dessa maneira, “aquela vestimenta o liga diretamente a Ninrode. Esse Osíris com traços de Preto está vestido da cabeça aos pés em um vestido de pintas.”⁷ De que maneira isso prova que Osíris é Ninrode? Bem, obviamente, leopardos têm pintas, assim sendo, “podemos ter certeza” de que a intenção de usar um vestido de pintas foi para identificar Osíris como Ninrode⁸. É isso mesmo; a prova está nas bolinhas. Isso é simplesmente bizarro.

NINRODE COMO DIONÍSIO



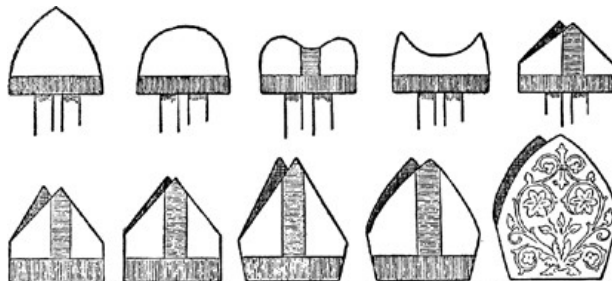
Seguindo adiante para provar que adoração de Ninrode infectou não somente o Egito, mas também a Grécia e a Roma pagã, Hislop partiu para conectar ainda mais um fio em sua teia, dessa vez para Dionísio, o deus Grego do vinho e da colheita. Mais tarde, os Romanos mudaram o nome de

Dionísio para Baco. Reproduzindo outra imagem de outra deidade assíria, dessa vez segurando uma corça com pintas, Hislop se perguntava como alguém poderia deixar passar um simbolismo tão óbvio. Leopards têm pintas e corças têm pintas. Evidentemente, portanto, Dionísio é apenas um outro nome para Ninrode. As “conexões” são inegáveis.

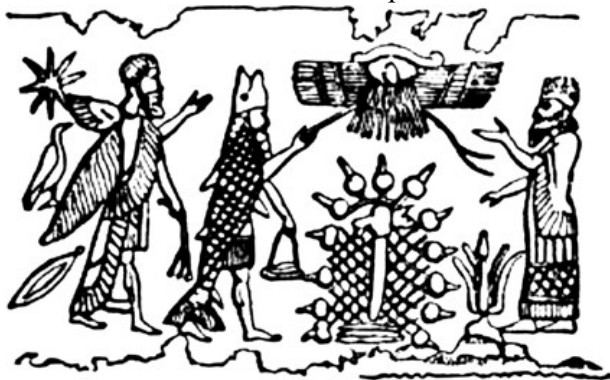
SERIA O PAPA UM SACERDOTE DE DAGOM?

Desejando mostrar que cada aspecto do Catolicismo Romano é completamente pagão, Hislop descreve praticamente todos os aspectos da fé Cristã como sendo enraizados no paganismo babilônico. De acordo com ele, a prática de confessar-se a um padre tem origem na Babilônia pagã. A doutrina da regeneração batismal, ele afirmou, também vem da Babilônia. O uso de qualquer forma de pilastra na arquitetura também tem influência babilônica. É claro que Hislop ignorou o fato de que o próprio Senhor ordenou o uso de pilastras dentro do tabernáculo santo (para exemplos, ver Ex. 24.4; 26.32; 27.11, 17; I Rs. 7). De acordo com Hislop, já que uma torre é basicamente uma pilastra, qualquer Igreja com uma torre é um templo babilônico moderno. Buscando afirmar que a hóstia Católica Romana é pagã, ele até mesmo considera que o próprio formato de círculo seja pagão, representando a adoração babilônica ao sol. Entretanto, os maiores esforços de Hislop estão voltados para o Papa. De acordo com Hislop, o chapéu do Papa, conhecido como “mitra Papal”, na verdade, é um símbolo de Dagom, o deus-peixe babilônico; portanto, o Papa é um sacerdote de Dagom. Com Hislop chegou a essa conclusão? Ele encontrou uma ilustração na obra de 1853 de Sir Austen Henry Layard, *Descobertas Entre as Ruínas de Nínive e Babilônia*, e notou alguém usando uma vestimenta que foi feita para assemelhar-se a um peixe. A cabeça e a boca do peixe lembram vagamente a mitra usada pelo Papa. Até este ponto, suas observações são parcialmente precisas. O problema, porém, é que não há nenhuma conexão histórica entre o chapéu usado pelo Papa hoje em dia e a fantasia observada no livro de Layard. A mitra Papal sofreu uma série de mudanças graduais ao longo dos séculos. Inicialmente (no século XVIII), o chapéu do Papa era curto, arredondado e tinha uma ponta apenas

levemente arredondada - nada parecido com a cabeça de um peixe. Com o passar dos anos, o chapéu evoluiu gradualmente para se tornar o que é hoje. Em palavras simples, não existe a menor possibilidade de a mitra alta do Papa dos tempos modernos ser ligada ao culto antigo dedicado a Dagom. Hislop simplesmente viu uma imagem que o fez lembrar do chapéu do Papa e fez o que fez outras centenas de vezes ao longo do seu livro: ele simplesmente presumiu uma conexão onde, na verdade, não existe conexão alguma.



Desenvolvimento da mitra desde o século XI até os tempos modernos. Fonte: Braun, J. (1911). Mitra, em *A Enciclopédia Católica*. Nova Iorque: Robert Appleton Company. Acessado em 15 de Julho de 2008 de New Advent: Publicado no domínio público da Enciclopédia Católica.



Descobertas Entre as Ruínas de Nínive e Babilônia, de Laylard. Note a segunda pessoa a esquerda, usando a indumentária de peixe.

A CRUZ É UM SÍMBOLO SATÂNICO?

Em seu esforços excessivamente zelosos para associar qualquer coisa associada com o Catolicismo Romano à Babilônia, Hislop até mesmo ousou afirmar que o próprio símbolo da cruz seria um ídolo satânico. Ele escreveu:

Ainda há um símbolo da adoração Papista a ser notado, o símbolo da cruz. No sistema Papal, até onde sabemos, o sinal da cruz e a imagem da cruz são a mesma coisa. Não se pode fazer uma reza, não se pode adorar, quase nenhum passo pode ser dado sem o uso frequente do sinal da cruz. A cruz é vista como o grande talismã, o grande refúgio em qualquer momento de perigo, em cada situação de tentação como a proteção infalível contra todos os poderes das trevas. A cruz é adorada com toda a honra que deveria somente ser dada ao Altíssimo⁹.

Para estabelecer esse argumento, Hislop compartilhou uma imagem de Baco (retirada do *Dicionário Clássico de Smith*), retratado usando uma faixa em sua cabeça adornada com o símbolo antigo da letra grega *tau*, e declarou que “A cruz, amplamente adorada ou tratada como emblema sagrado, era o símbolo inconfundível de Baco, o Messias babilônico, haja vista que ele foi ilustrado com uma faixa de cruces em sua cabeça¹⁰.”

De acordo com Hislop, o “símbolo pagão” da cruz nunca havia sido usado na Igreja Primitiva; ele infectou a Igreja muito posteriormente:



Agora, esse símbolo pagão parece ter se entranhado pela primeira vez dentro da Igreja Cristã no Egito, e no geral, na África. Uma frase de Tertuliano, por volta de meados do século III, demonstra o quanto a Igreja de Cartago foi infectada pelo antigo fermento, à época. O Egito, especialmente, que nunca foi totalmente evangelizado, parece ter tomado a liderança no aspecto de trazer esse símbolo Pagão. A primeira forma do que hoje chamamos de Cruz Cristã foi encontrada em monumentos Cristãos ali, o inconfundível Tau Pagão, ou o “símbolo da vida” egípcio.¹¹

Então é verdade que os pagãos antigos usavam símbolos que lembravam a cruz? Em alguns casos, sim. E isso significa que a Igreja foi “infectada pelo fermento velho” do paganismo, como afirma Hislop? É claro que não!

Mais uma vez, o fato de duas coisas serem semelhantes significa que seja lógico afirmar que ambas são a mesma coisa. Me lembro de ter visto uma imagem de George W. Bush fazendo um sinal com sua mão que supostamente provava que ele era um adorador de Satanás. É claro que o sinal feito com as mãos pelos satanistas e o sinal usado pelo time de futebol Americano Texas Longhorns é basicamente o mesmo. Podemos concluir que todos os fãs do Texas Longhorn são adoradores secretos de Satanás? É claro que não. Mesmo que o tau, ou algo mais que lembre uma cruz, tenha sido usado há muito tempo atrás como um símbolo pagão, não quer dizer que a cruz de Cristo, portanto, seja um símbolo de adoração a Satanás. No entanto, isso é exatamente o que Hislop afirma: “A princípio foi o emblema de Tamuz, e depois, se tornou o emblema de Teitan, ou o próprio Satanás¹².” Isso é absolutamente loucura. Raciocine comigo por um momento. Muito antes de o templo ser estabelecido em Jerusalém com seus sistemas de sacerdócio e sacrifícios, muitos outros pagãos antigos já possuíam templos com santo dos santos, sacerdócio e sacrifícios de animais. Devemos concluir, então, que o próprio templo que o Senhor ordenou que fosse construído, na verdade, era pagão e satânico? Quem seria capaz de sugerir algo tão absurdo? A precedência pagã não necessariamente significa que qualquer símbolo ou prática seja para sempre propriedade do paganismo. Algo não é considerado pagão baseado em suas origens possíveis, mas sim baseado na maneira como é percebido hoje pelos que o utilizam ou praticam.

O que dizem as Escrituras? A cruz é mesmo um símbolo do paganismo que infectou a Igreja? Jesus foi realmente crucificado numa estaca, como afirmam as Testemunhas de Jeová (e Hislop também¹³)? Quando o apóstolo Tomé pronunciou a famosa frase de dúvida sobre a ressurreição, o que ele disse? “Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei” (Jo. 20.25). Se Jesus tivesse sido crucificado em uma simples estaca ou num poste reto, com suas

mãos sobre sua cabeça, somente um prego teria sido usado. Tendo suas mãos espalmadas e seus braços abertos sobre uma viga cruzada demonstra a necessidade para os pregos (no plural) e porque Tomé falou deles. Também, a placa não estava pendura sobre as mãos de Jesus, mas “por cima da sua cabeça” (Mt. 27.37). Todas as evidências apontam para o fato de que Jesus foi pregado numa cruz.

Em outro texto das Escrituras encontramos uma pista surpreendente sobre o sinal da cruz, na profecia de Ezequiel. No capítulo 9, o Senhor manda que seis anjos caminhem no meio de Jerusalém e matem aqueles que forem iníquos. A um anjo, especificamente, “um homem vestido de linho”, o Senhor disse: “Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com *um* sinal as testas dos homens que suspiram e que gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela” (versículo 4). Qual era o sinal que o anjo deveria fazer para marcar os justos? Era o sinal da escrita paleo-hebraica *tav*, que, assim como o *tau* Grego, é uma simples cruz. Como nos lembra com propriedade o Reverendo Woodrow.

Foi o Senhor quem ordenou que o + fosse colocado nas testas dos justos. Se ele fosse algo reconhecidamente mau, o símbolo babilônico de Tamuz, porque o Senhor o designaria como a marca? Porque ele seria posto sobre os justos? Esse não era um caso de alguém mau colocando uma marca nas testas de pessoas más. Essa era uma marca de Deus! Se pagãos adoravam à cruz como o símbolo de Tamuz, como especula Hislop, colocar essa marca sobre os justos seria especialmente incoerente, se considerarmos o contexto: isso porque esse trecho está escrito apenas oito versículos antes de a adoração a Tamuz ser condenada! (Ex. 8.14)¹⁴

SEMÍRAMIS

O componente mais importante e fundamental da tese de Hislop, todavia, é a sua afirmação de que Ninrode casou-se com uma mulher chamada Semíramis. Como já discutimos antes, de acordo com Hislop, juntos Ninrode e Semíramis construíram Babel, sua torre lendária, e criaram uma religião babilônica antiga. Essa é a base de toda sua obra. É a partir dessa antiga religião babilônica criada por Ninrode e Semíramis que tiveram origem todas as falsas religiões na terra hoje. O problema é que nada disso

nunca sequer aconteceu. Não existe, literalmente, nenhuma evidência histórica ou bíblica que sustente as afirmações mais básicas de Hislop. Vamos começar com Semíramis; quem era ela, e existe alguma conexão histórica real entre ela e Ninrode?

A maioria dos historiadores concorda que a Semíramis de Hislop é meramente uma figura mitológica, inicialmente criada pelos historiadores Gregos clássicos. Embora numerosas lendas de Semíramis possam ser encontradas em todo o Oriente Médio, os historiadores são incapazes de identificar uma Semíramis histórica real que tenha vivido no mesmo período que Ninrode. Alguns estudiosos acreditam que as histórias mitológicas sobre Semíramis seriam baseadas na vida de uma rainha assíria real do século IX chamada Samuramate. Semíramis era a esposa do rei assírio Shamshi-Adad e a mãe de Adad-Nirari. Quando seu marido morreu, ela governou por vários anos como rainha regente temporária até o filho atingir a idade de assumir o trono de seu pai. Ela parece ter sido bastante ativa, tanto expandindo o Império Assírio através da guerra quanto fazendo melhorias na cidade da Babilônia. Tudo isso ocorreu entre 823 e 806 a.C.¹⁵ Hislop também extraiu da vida de Samuramate muitas outras características para construir sua imagem de Semíramis. O que ele ignorou, no entanto, é que Ninrode viveu em algum momento em torno de 2600 e 2100 a.C.; Samuramate viveu pelo menos mil e duzentos anos depois. Nem é necessário dizer que isso exclui completamente a noção de que os dois tenham sido casados ou que formaram uma religião juntos. Eles nem sequer viveram no mesmo milênio! O fundamento mais básico das alegações de Hislop não é apenas fundamentalmente errado, mas também é fácil de desmascarar. O método de Hislop não era baseado em estudar a história para descobrir a verdade. Em vez disso, ele começou com seu enredo preconcebido e, então, procurou qualquer prova que pudesse reunir, quer elas possuíssem validade lógica histórica ou não. Quando os fatos não se alinhavam, ele simplesmente os ignorava. Ao longo do livro de Hislop, a noção de que Ninrode casou-se com Semíramis e juntos eles formaram uma religião é tratada como um fato indiscutível. O fato, no entanto, é que esta história não tem absolutamente nenhuma base na realidade histórica. Nas palavras de Joshua J. Mark, colaborador da *Enciclopédia de História Antiga*, "As imprecisões históricas no trabalho [de Hislop] são também numerosas demais para mencionar."¹⁶

Como vimos, Alexander Hislop não tinha entendimento básico do método histórico e, até mesmo, de lógica simples. Como John Nash em *Uma Mente Brilhante*, ele era um investigador diligente (se não obsessivo), vasculhando todas as fontes que poderia encontrar para "conexões" que eram pouco mais que semelhanças fracas. Pior ainda, quando não conseguia encontrar tais semelhanças, ele as fabricava por atacado juntamente com novos "fatos" com base em uma série de suposições entorpecedoras. Que os delírios de Hislop o afetaram é um fato infeliz por si só, mas quando consideramos a amplitude do seu impacto no Cristianismo Protestante do século XX, nos deparamos realmente com um grande constrangimento.

O IMPACTO DE HISLOP SOBRE A INTERPRETAÇÃO CRISTÃ

Mesmo antes de Alexander Hislop, as lendas de Ninrode eram pouca coisa mais do que mitos impossíveis de serem verificados, completamente desassociados da história. Nenhuma dessas lendas pode ser fundamentada pela Bíblia. Até antes de Hislop, a confiança dos intérpretes e comentaristas Cristãos no mito de Ninrode era profundamente problemática. O fato de terem adotado a lógica do trabalho monumentalmente desastroso de Hislop, no entanto, é totalmente escandalosa. Considerando que o trabalho de Hislop deveria ter sido imediatamente exposto e rejeitado e, em vez disso, foi amplamente aceito em grandes segmentos do Protestantismo tradicional.

Em sua série de comentários clássicos, o famoso pastor Batista Americano e comentarista Warren Wiersbe aceitou e promoveu a mesma narrativa que Hislop:

O "sistema babilônico" de falsa religião faz parte da história desde que Ninrode fundou seu Império. Os estudiosos descobriram que ela é incrivelmente parecida com a verdadeira fé Cristã! Infelizmente, é uma imitação barata da verdade de Deus feita por Satanás. Os babilônios praticavam o culto de mãe e filho, e até acreditavam na morte e ressurreição do filho.¹⁷

Assim como John Walvoord, um dos mais respeitados professores de profecia bíblica amplamente citado nos tempos modernos, que

compartilha a perspectiva de Hislop. Por exemplo, em seu extenso trabalho, *Cada Profecia da Bíblia*, Walvoord escreveu:

A esposa de Ninrode, que foi o fundador da Babilônia, dirigiu-se à religião do mistério que caracterizou a Babilônia. A ela foi dado o nome de Semíramis e, de acordo com a crença dos adeptos, ela teve um filho concebido milagrosamente, cujo nome era Tamuz. Ele foi retratado como um salvador que cumpre a promessa de libertação feita a Eva. Esta, é claro, foi uma descrição satânica que permeia as religiões pagãs.¹⁸

Hoje em dia inúmeros intérpretes Cristãos continuam bebendo do poço sujo de Hislop para sustentar sua visão sobre o mistério Babilônia. Um trabalho muito recente que defende esta perspectiva afirma:

Para resolver o maior enigma da Bíblia, precisamos voltar ao passado distante, a um tempo não muito depois do dilúvio de Noé na antiga Babilônia. Aqui, no berço da civilização, ao longo do Rio Eufrates, estão as pistas que precisamos para montar um quebra-cabeça cósmico que prevê o que está acontecendo no nosso mundo de hoje.¹⁹

Tendo estabelecido a hermenêutica de que a única maneira pela qual podemos verdadeiramente compreender Mistério Babilônia é através da compreensão da Babilônia de Ninrode, esses autores começam a desenvolver exatamente o tipo de Informações essenciais que obtemos quando nos referimos à mais antiga Babilônia: "Desde a antiga Babilônia, membros de sociedades secretas têm atuado como uma espécie de elite invisível com um grau excessivo de controle sobre os assuntos da humanidade e possuintes da direção da civilização."²⁰ Segundo esses autores, a Babilônia é "o local de nascimento de cambistas, de religiões de mistério e da adoração pagã à Virgem e à Criança."²¹ Nos dizem que Semíramis é a "Rainha dos Céus" que "exigiu que houvesse sacrifícios de sangue, sacrifícios de homens. Ela instituiu as prostitutas cultuais, sobre as quais lemos na Bíblia."²² Mais uma vez, como já vimos anteriormente, nada disso é verdade. No entanto, apesar de não ter base na realidade, esse enredo de Ninrode e Semíramis como líderes de uma antiga religião secreta tornou-se uma crença fundamental de muitos Cristãos que sustentam a ideia de que o sistema do Anticristo será alguma forma de Nova Ordem Mundial oculta liderada por um Papa Católico Romano. Para deixar muito claro, o que pretendo aqui não é criticar pessoalmente a Weirsbe ou Walvoord ou qualquer outra pessoa. Estou simplesmente demonstrando como foi amplo o impacto de Hislop e de sua suposta erudição. Weirsbe e Walvoord não são excessões. O impacto da fraude de Hislop é muito mais difundido do que muitos gostariam de admitir.

CONCLUSÃO

Embora o mito extra bíblico de Ninrode tenha começado em algum momento em torno do século I, foi em meados do século XIX, através dos escritos de Alexander Hislop, um homem com uma tendência à erudição de má qualidade, que o mito de Ninrode atingiu os limites do verdadeiro bizarro. Tragicamente, no entanto, até hoje, muitos dos intérpretes continuam a confiar nessa invenção confusa como sendo o fundamento para a interpretação da profecia de Apocalipse 17-18. Espero que, depois de ler esses dois últimos capítulos, você concorde que essa já não é mais uma opção para qualquer intérprete honesto.

Se a verdadeira chave para a compreensão da identidade da prostituta Babilônia pudesse ser encontrada nessa vasta coleção de lendas e até mesmo mitos sobre Ninrode e Semíramis, então o Senhor teria incluído essa informação na Bíblia. Embora essas histórias sejam fascinantes, elas devem permanecer na categoria de ficção, assim como *Harry Potter* ou *Star Wars*, mas não têm lugar na interpretação bíblica responsável. Em nenhuma parte da Bíblia diz ou mesmo sugere que Ninrode afirmou ser um deus, que ele começou uma religião ou que sua esposa iniciou sacrifícios de sangue humano e prostituição cultural. O próprio Dr. Walvoord observou que, porque nenhuma dessas informações sobre a religião de Ninrode é encontrada na Bíblia, o único caminho para que alguém possa realmente entender a verdade sobre mistério Babilônia é se o próprio Deus o revelar diretamente: "A religião da Babilônia estava sob a forma rito religioso secreto..., por isso é preciso revelação divina para entender completamente o que a envolvia."²³ Isso é algo impressionante de se admitir. É preciso haver revelação divina para compreender até mesmo a informação mais básica necessária para interpretar corretamente o texto de Apocalipse 17-18. A revelação divina, porém, em todos os seus benefícios potenciais, é subjetiva. Certamente, não é a base para uma interpretação bíblica responsável. Basear-se na revelação subjetiva e pessoal como a fundamento para a compreensão da Bíblia é, literalmente, a hermenêutica das seitas. Por esta razão, devemos concordar com Martinho Lutero, que, muito tempo antes de Hislop, zombou do grau de especulação frequentemente associado a Gênesis 10-11:

As opiniões são diversas, tanto a respeito da estrutura ou torre quanto sobre o pecado de seus construtores. Quanto mais ousado alguém for em tentar responder a cada uma

dessas duas questões, mais abertamente se expressará. E as pessoas comuns também não se abstiveram de inventar histórias. Dizem que a altura da torre foi de catorze mil metros, mas que quando as línguas foram confundidas, um terço dela foi destruído pela força do vento e do clima, e o restante caiu sobre a terra, logo, apenas um terço dela ainda subsiste. Além disso, afirmam que ela era tão alta que, estando nela, podia-se ouvir as vozes dos anjos cantando no céu. Mas desconsideramos esses contos tolos²⁴.
(ênfase do autor)

Enquanto buscamos entender a prostituta Babilônia do fim dos tempos, aqueles de nós que desejam ser intérpretes cuidadosos e responsáveis da Bíblia devem fugir dessas fontes tão falaciosas e extrabíblicas. Se buscamos compreender a reconhecidamente desafiadora profecia de Apocalipse 17 e 18, nosso entendimento deve vir da própria Palavra de Deus; um fundamento sólido que todos concordamos ser imutável, sempre confiável e, acima de tudo, *verdadeira*.

A MÃE DE TODAS AS PROSTITUIÇÕES

Agora devemos voltar nossa atenção para outra das pistas mais cruciais sobre a identidade da prostituta Babilônia. Apesar da importância desta pista, a maioria das interpretações da prostituta parecem deixá-la passar completamente despercebida.

Sempre que eu volto a esta passagem me lembro de um evento terrivelmente não-edificante dos meus anos de ensino médio, antes de ser salvo. Peço desculpas de antemão por compartilhar isso, mas é algo ilustrativo demais para ser ignorado. Num final de tarde após a escola, vários dos meus amigos do bairro e eu bebemos muito. Um dos meus amigos (o chamaremos de "Zeke") também tinha bebido muito e caiu duro no sofá de outro amigo. Como punição, aqueles de nós que ainda estávamos acordados pintamos o rosto dele inteiro com maquiagem de palhaço. Depois, com uma caneta permanente, nós escrevemos a palavra BÊBADO em letras garrafais em sua testa. Então veio a parte divertida. Todos combinamos de fazer uma cena: o acordamos e lhe dissemos que seu pai tinha ligado e queria que ele voltasse para casa imediatamente. Mal sabendo onde estava, ele pulou e praticamente derrubou a porta, ao sair correndo para casa. Nem é preciso dizer que, quando ele chegou, não foi difícil para os seus pais descobrirem o que seu filho estava aprontando naquele dia. Claro como o dia, em letras grandes negritadas, estava escrito em sua testa: Zeke estava bêbado.

Com relação à prostituta Babilônia, o Senhor nos deu precisamente o mesmo tipo de indício descaradamente óbvio. Ainda assim, por algum motivo, praticamente todos os comentários que li deixaram passar essa pista. Em Apocalipse 17.5 o apóstolo João nos diz que, na testa da prostituta, em letras grandes e em negrito, “estava escrito o nome: MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA”. É impossível ser

mais direto do que isso. Se existissem luzes de néon no século I, talvez o Senhor tivesse pendurado uma placa de néon piscando ao redor do pescoço dela. Você entende isso? O Senhor, obviamente, quer que atentemos para essa pista. Como o estudioso bíblico e comentarista G. K. Beale afirmou: “A natureza da mulher é revelada em maior detalhe pelo nome escrito em sua testa. Os nomes do Apocalipse escritos nas testas revelam o verdadeiro caráter das pessoas e seu verdadeiro relacionamento, seja com Deus (7.3, 14.1, 22.4) ou com Satanás (13.16, 14.9, 20.4).”¹ Então, o que essa frase significa no tocante ao seu verdadeiro caráter e seu relacionamento com Deus? Vamos descobrir.

A misteriosa frase escrita na testa da mulher é, na verdade, dois títulos. O primeiro é “a Grande Babilônia”, e o segundo é “a mãe de todas as prostituições e abominações da terra”. Os dois títulos são apositivos, o que significa que eles estão simplesmente reiterando o mesmo argumento. Dos dois, o segundo é o título que mais parece ser mal interpretado. Na maioria das vezes, ele é interpretado de modo a significar que ela é uma mãe prostituta que deu à luz a muitas outras filhas prostitutas. Consequentemente, o comentarista clássico Matthew Henry escreveu:

Ela recebe seu nome a partir de seu modo e sua prática infame; não é apenas uma prostituta, mas uma mãe de prostitutas, criando prostitutas, e instigando-as e treinando-as para a idolatria e todos os tipos de obscenidade e maldade - origem e fomento de toda religião falsa e conversa imunda.²

O título “a mãe de todas as prostituições”, todavia, não tem nada a ver com a maternidade real ou metafórica. Não é, como Henry disse, sobre “reprodução” ou “fomento”. Não, a frase “a mãe de” é uma figura de linguagem que significa “a maior” ou “a melhor”³. Por exemplo, Saddam Hussein declarou que, se os Estados Unidos invadissem o Iraque, o resultado seria “a mãe de todas as guerras”, o que significa a maior guerra do mundo. A maior tempestade do século pode ser chamada de “a mãe de todas as tempestades”. Novamente, isso simplesmente significa que é a maior ou mais extrema tempestade, e não que ela dê à luz a todas as outras tempestades na história. Da mesma forma, quem descobriu uma grande veia de ouro durante a corrida do ouro da Califórnia do século XIX disse ter encontrado “o filão mãe”, ou o maior que existia. Considerando que este é o significado da frase aqui em Apocalipse, torna-se ainda mais claro quando as duas frases de aposição são

consideradas lado ao lado. Tanto “a Grande Babilônia” e “a mãe todas as prostituições e abominações da terra” significam que, nos últimos dias, a Babilônia será a maior, a mais grandiosa e a mais significativa “prostituição” que a humanidade já testemunhou. Ou, como o comentarista R. C. H. Lenski, diz: “De fato, ela é a prostituta suprema.”⁴ Ela, literalmente, representa a maior abominação que já existiu.

PROSTITUIÇÃO

Embora seja uma nota secundária, acho importante fazer uma observação aqui antes de avançarmos. Para comunicar a natureza da Babilônia do fim dos tempos, o Senhor escolheu usar a metáfora da prostituição. Nos tempos modernos, com a explosão do tráfico humano em toda a Terra e considerando o que frequentemente equivale à prostituição forçada e à escravidão descarada, é importante dizer que nem todas as formas de prostituição são necessariamente iguais. Devemos considerar a realidade de que hoje em dia muitas prostitutas (na verdade, milhões) são mulheres jovens que são prisioneiras, cativas, escravas. Elas são exploradas, em sua maioria, contra sua vontade, para o ganho absolutamente egoísta daqueles que as traficam e exploram. Pense no tormento que muitas dessas mulheres experimentam. Muitas foram, literalmente, sequestradas, capturadas, repetidamente espancadas, drogadas, ameaçadas, chantageadas, estupradas e marcadas muito mais profundamente do que podemos compreender. Elas estão aterrorizadas, desorientadas, sem esperança, abusadas. Esses escravos modernos (embora nós os chamemos de prostitutas), são de um tipo muito diferente do que João viu e descreveu em sua visão. O que o Senhor quer transmitir sobre a prostituta do livro de Apocalipse é uma forma de prostituição muito deliberada. Esta mulher é descarada e orgulhosa de seu estilo de vida; ela tenta atrair o maior número possível de pessoas para se juntarem a ela. Por esta razão a mulher é justamente chamada de “a grande prostituta” (Ap. 17.1).

PROSTITUIÇÃO ESPIRITUAL

O pecado da Babilônia do fim dos tempos, é claro, não é prostituição literal, mas espiritual. A que se refere a prostituição espiritual? Ao longo das Escrituras, prostituição é o termo usado para referir-se à idolatria, ao culto a qualquer outro deus que não seja o Senhor, o verdadeiro Deus da Bíblia.⁵ É um termo aplicado tanto para os israelitas quando começaram a adorar outros deuses quanto para os gentios que adoravam seus próprios deuses pagãos. No livro de Êxodo, por exemplo, quando os gentios adoram seus deuses, o Senhor se refere a isso como prostituição:

Porque te não inclinarás diante de outro deus; pois o nome do Senhor é Zeloso; Deus zeloso é ele; para que não faças concerto com os moradores da terra, e não se prostituam após os seus deuses, nem sacrifiquem aos seus deuses, e tu, convidado deles, comas dos seus sacrifícios, e tomes *mulheres* das suas filhas para os teus filhos, e suas filhas, prostituindo-se após os seus deuses, façam que também teus filhos se prostituam após os seus deuses. Não farás para ti deuses de fundição. Êxodo 34.14-17.

Em Levítico, consultar espíritos ou médiuns também é chamado de prostituição: “Quando uma alma se virar para os adivinhadores e encantadores, para se prostituir após eles, eu porei a minha face contra aquela alma e a extirparei do meio do seu povo” (20.6). O Senhor advertiu Moisés sobre a idolatria em que os israelitas caíam depois de entrarem na Terra Prometida:

E disse o Senhor a Moisés: Eis que dormirás com teus pais; e este povo se levantará, e se prostituirá, indo após os deuses dos estranhos da terra para o meio dos quais vai, e me deixará, e anulará o meu concerto que tenho feito com ele. Deuteronômio 31.16

Mais tarde, durante o tempo dos juízes, Israel se envolveu na prostituição com sua veneração ao manto de Gideão como uma relíquia sagrada: “E fez Gideão disso um éfode e pô-lo na sua cidade, em Ofra; e todo o Israel se prostituiu ali após ele; e foi por tropeço a Gideão e à sua casa” (Jz. 8.27). Mais tarde, o Senhor repreendeu Israel por ser como as nações gentias, afirmando: “porque te foste do teu Deus como uma meretriz” (Os. 9. 1).

Fica claro, então, que a prostituição é um símbolo que se remete à idolatria ou qualquer forma de culto ou devoção, além do culto e da devoção a Yahweh, o único Deus verdadeiro. O termo é usado consistentemente dessa forma em toda a Bíblia. A Babilônia do fim dos tempos, portanto, representa não simplesmente uma religião falsa, mas a maior de todas as religiões falsas. Você pode dizer que a prostituta Babilônia é “a grande mãe” de todos os sistemas religiosos falsos e idólatras.

A RELIGIÃO DA PROSTITUTA

A mulher representa não só a maior falsa religião que a humanidade já conheceu, mas também um sistema de fé profundamente tirânico que persegue e até busca exterminar todos os que adoram a Cristo. Apocalipse 17.6 nos diz que ela está “embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus”, os mártires fiéis de Deus. Isto sugeriria fortemente que ela está em acordo com o Anticristo que é descrito anteriormente como aquele a quem é dado poder para “fazer guerra aos santos e vencê-los” (Ap. 13.7).

A mulher também é vista montando a besta. Discutiremos sobre a besta em maiores detalhes à medida que avançarmos. Por enquanto, no entanto, devemos entender que a besta de dez chifres representa o reino do Anticristo. Pelo menos no início da visão, a prostituta e a besta são retratadas como um time. Elas são a amazona e a montaria, compartilhando um relacionamento muito próximo, até mesmo simbiótico. Esta é uma paródia demoníaca (embora tenha sido feita mil novecentos anos antes) do Lone Ranger e Silver, seu fiel alazão. E ainda mais, assim como a besta é “escarlate” (17.3), a prostituta também é, “vestida de púrpura e escarlate” (17.4). Como namoradinhos de ensino médio, elas estão usando as mesmas cores, torcendo pelo mesmo time. É por isso que quando a besta se vira contra a prostituta e a devora há uma mudança de eventos tão profundamente irônica e chocante. Mas, no início, existe uma estreita parceria entre a mulher e a besta.

Ao seduzir “os reis da terra; e os que habitam a terra” para que se embebedassem “com o vinho da sua prostituição” (17.2), a prostituta mostra que, na verdade, é uma grande evangelista da religião do Anticristo. Como Beale escreveu, “A mulher aqui é a ‘mãe’ dos idólatras, conhece sua influência autoritária sobre eles e serve de inspiração ao sistema de idolatria”⁶. Os reis que estão embriagados em sua falsa religião são especificamente os mesmos reis que formarão a liderança primária para o reino do Anticristo. Mais do que simplesmente estar em parceria com o Anticristo e seus aliados, a falsa religião que a prostituta representa é a mesma coisa que a religião do Anticristo. Como Lenski afirmou, “A mulher (toda a sedução do Anticristo) está, assim, relacionada com o todo poder do Anticristo. A conexão também parece significativa: ela se senta sobre esta besta; por sua sedução de prostituição, ela exerce o poder da besta”⁷.

O fato de que a falsa religião da prostituta ser a mesma que a do Anticristo é ainda mais validado no texto de Apocalipse 14. Lá, encontramos três anjos proclamando em alta voz uma mensagem aos habitantes da Terra. Embora cada anjo tenha uma mensagem separada, seus comentários juntos formam uma declaração muito coesa. O primeiro anjo convoca todas as pessoas a rejeitar a idolatria e adorar somente a Deus: “dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, porque vinda é a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” (versículo 7). O segundo anjo declara as boas notícias de que o último dia da Babilônia (que representa o maior sistema de idolatria que já existiu) finalmente encontrou seu julgamento e destruição: “Caiu! Caiu Babilônia, aquela grande cidade que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição!” (versículo 8). O terceiro anjo então afirma que “Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber o sinal na testa ou na mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso, nem de dia nem de noite, os que adoram a besta e a sua imagem e aquele que receber o sinal do seu nome.” (vs. 9-11). Quando as mensagens são analisadas em conjunto, elas compõem um chamado aos habitantes da Terra para adorar somente a Deus, a menos que eles desejem ser, assim como Babilônia, julgados pelo Senhor e destruídos eternamente.

EU SOU, E NÃO HÁ OUTRA

O indicador final de que a mulher representa uma grande religião anti-Yahweh é vista em uma declaração peculiar que a mulher faz sobre si mesma. Em Apocalipse 18.7, ela “diz em seu coração: Estou assentada *como* rainha, não sou viúva e não verei o pranto.” Este versículo é uma citação direta de Isaías 47.8, onde a “filha da Babilônia”⁸, diz: “Eu *sou*, e fora de mim não *há* outra; não ficarei viúva.” Esta proclamação, “Eu sou”, é um desafio direto para Yahweh, o Deus da Bíblia, cujo nome é “Eu Sou” (ver Êxodo 3.14). Essa alusão a Isaías 47.8 cria um possível

contexto para a grande prostituta do Apocalipse apresentar um desafio direto ao único Deus verdadeiro.

CONCLUSÃO

Em conclusão, “a Grande Babilônia, a mãe de todas as prostituições e abominações da Terra” representa a maior e mais abrangente falsa religião que a humanidade jamais conhecerá. É retratada como uma religião violenta e assassina, culpada pelo derramamento de sangue dos santos mártires de Deus. A prostituta Babilônia é também uma fonte de grande sedução religiosa, atraindo muitos dos habitantes da Terra para se juntar a esse falso sistema de culto em oposição ao Senhor. De todas as várias sugestões que nos são dadas, esta é absolutamente crítica. No próximo capítulo vamos desenvolver esse tema.

A MULHER E A BESTA

Avistando a prostituta em toda sua feiura, o apóstolo João ficou chocado. Quando o guia angelical de João falou sobre seu estado de choque, ele nos deu uma das pistas mais importantes sobre a identidade da prostituta.

Estranhamente, embora o anjo tenha dito a João que ele estava prestes a desvendar “o mistério da mulher e da besta que a traz” (17.7, ênfase adicionada pelo autor), em vez disso, ele começou uma explicação detalhada apenas da besta. No restante do capítulo o anjo se concentrou quase que exclusivamente na descrição da besta. A mulher nem sequer é mencionada. Isso não é um acidente. Em poucas palavras, para entendermos o significado da mulher é necessário que nós primeiro entendamos o que a besta representa. Uma vez que estabelecemos isso e entendamos o relacionamento da mulher com a besta, então teremos uma idéia muito melhor do que a mulher representa dentro dessa profecia. Por esta razão, vamos dedicar o restante deste capítulo para entender essa parte misteriosa da visão.

Primeiro, o que a besta representa? O que significa a besta ter sete cabeças? E o que é o misterioso oitavo Império que é citado? O que é isso? Responder essas perguntas é absolutamente necessário se quisermos entender corretamente o mistério da Babilônia do fim dos tempos.

SETE IMPÉRIOS SATÂNICOS

Se tentar entender o significado de um monstro de sete cabeças com dez coroas parece impossível, não se preocupe. Uma vez que reconhecemos que o simbolismo nesta visão já foi explicado em outras partes da Bíblia, a compreensão dessa profecia misteriosa torna-se muito mais simples. Para começar, o conceito de “besta” é encontrado pela primeira vez em Daniel 7, onde quatro bestas são usadas como símbolos de vários Impérios pagãos. Ao contrário dos animais de Daniel 7, no entanto, a besta descrita em Apocalipse 17 não representa um único Império, mas um conglomerado de sete Impérios pagãos históricos. Cada cabeça, como veremos, representa um Império diferente.¹

Essa besta de sete cabeças que representa sete Impérios satânicos históricos é inicialmente apresentada em Apocalipse 12-13. Lá, essa besta é descrita, em essência, como sendo a própria encarnação de Satanás na Terra. Em

Apocalipse 12, o próprio Satanás é descrito, a princípio, como “um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças” (versículo 3). Depois, no capítulo 13, é narrado como o grande dragão que fica à beira do mar, tendo o mar diante dele, de onde surge a segunda besta. A primeira coisa que notamos é que a besta é quase idêntica ao dragão satânico. Ambos sejam monstros vermelhos com sete cabeças.

Por que a besta parece ser uma imagem espelhada de Satanás? Há um ponto muito importante a ser notado aqui. Sem dúvida, Satanás e os outros seres angélicos rebeldes declararam guerra contra a humanidade, escondidos nas trevas: sutilmente, secretamente, veladamente. Na verdade, a maioria das pessoas diria que Satanás trabalha atraindo, tentando e colocando armadilhas para os desavisados, mas sempre permanece fora da vista, nas sombras. É claro que Satanás trabalha dessa maneira. As Escrituras advertem que o diabo é “como leão que ruge” (I Pe. 5.8). O que aprendemos com esta imagem específica em Apocalipse, no entanto, é que o principal modo de Satanás realizar sua atividade na Terra, na verdade, é escancarada. Foi assim desde o início da história: Satanás executa seus planos e propósitos (à plena vista, para todos verem) por meio de Impérios pagãos e seus exércitos. É por isso que a besta (que representa sete Impérios pagãos históricos) é, basicamente, uma imagem espelhada do próprio Satanás. Esses Impérios pagãos históricos serviram de fantoches para o diabo realizar seu trabalho de resistência ao plano de redenção do Senhor. É exatamente por isso que se diz que Satanás concederá à besta “o seu poder, e o seu trono, e grande poderio” (Ap. 13.2). Mesmo que Satanás tenha apenas usado esses reinos-besta históricos, seu maior trabalho será realizado através do reinado final da besta.

Embora tenha havido muitos Impérios e nações satanicamente empoderados ao longo da história, as sete cabeças da besta representam sete Impérios muito específicos através dos quais Satanás tentou declarar guerra contra os propósitos de Deus. Estes são os principais Impérios que, vez ou outra, governaram a Terra Prometida e que, em sua maioria, muitas vezes procuraram destruir o povo de Deus. Embora Daniel 7 nos dê uma imagem parcial, revelando apenas quatro Impérios pagãos (Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e o Império do Anticristo), Apocalipse 13 e 17 expressam uma imagem muito mais completa, abrangendo todos os aspectos da história bíblica. Então, quais são os Impérios representados pelas sete cabeças?

IDENTIFICANDO OS PRIMEIROS SEIS IMPÉRIOS

A primeira cabeça da besta representa o antigo Império pagão do Egito. Esse é o Egito do Faraó que escravizou os Hebreus e os perseguiu no deserto a fim de exterminá-los. Esse Egito representou o primeiro grande ataque satânico contra o povo eleito de Deus, os Hebreus. O segundo Império pagão a assaltar o povo de Deus foi Assíria, que, sob Senaqueribe, atacou e exilou as dez tribos do norte de Israel. Depois disso foi Babilônia, sob o governo de Nabucodonosor, quem atacou o reino do sul de Judá, destruindo Jerusalém e levando a nação para o exílio. O quarto grande Império pagão foi o Medo-Persa, do qual veio Hamã e sua trama diabólica para exterminar o povo Judeu, conforme registrado no livro de Ester. Então vieram os Gregos, liderados por Alexandre, o Grande, que conquistou todo o Oriente Médio. Após a morte de Alexandre, foi através do rei

Grego Antíoco IV Epifânio que Satanás mais uma vez travou um assalto horrível contra o povo de Deus. O próximo reino empoderado por Satanás, é claro, foi Roma, que oprimiu e ocupou a Terra Prometida durante o tempo de Jesus. Foi sob o Império Romano que o próprio Jesus foi crucificado. Quarenta anos depois, sob o imperador Tito, Jerusalém e o templo seriam destruídos e muitos dos cidadãos da Terra foram mortos ou exilados. Até agora, estes são os seis primeiros Impérios:

1. Império Egípcio
2. Império Assírio
3. Império Babilônico
4. Império Medo-Persa
5. Império Grego
6. Império Romano

A maioria dos comentaristas futuristas concorda com os nomes nessa lista². Desde o comentarista do final do século XIX, Joseph Augustus Seiss, até os comentaristas do final do século XX George Eldon Ladd e John Walvoord, os estudiosos geralmente relacionam as seis primeiras cabeças da besta com esses Impérios. Não surpreendentemente, no entanto, há alguma controvérsia em torno da identidade da sétima cabeça da besta. Muitos intérpretes sugerem que representa uma ressurreição do Império Romano, que será liderado pelo Anticristo. Existe um problema flagrante com essa visão, no entanto. Além da sétima cabeça ou Império, o anjo passou a descrever outro, o misterioso oitavo Império. E o que fazemos com essa informação? Certamente o oitavo Império não pode ser o Império Romano ressuscitado duas vezes. Não é possível que Roma seja o sexto, o sétimo e o oitavo Impérios, certo? Isso não parece fazer sentido algum. Para que haja coerência, é necessário que vejamos cada cabeça como um Império distinto. O oitavo não é a única exceção, mas é misteriosamente ligado ao anterior. A chave, então, é identificar a sétima cabeça primeiro, já que a oitava é o renascimento da sétima cabeça. E que Império pode ser esse? Qual Império veio depois de Roma?

A SÉTIMA CABEÇA: O IMPÉRIO ISLÂMICO

Eu sugeriria que o único candidato real, o único Império da história que segue os passos e completa o padrão claramente estabelecido e definido pelos seis Impérios anteriores é o que podemos chamar de Império Islâmico histórico. A maioria se refere a esse Império histórico como o "Califado", da palavra Árabe *Khilafa*, que simplesmente se refere ao governo Islâmico que sucedeu a Maomé, o fundador do Islamismo. Depois que Maomé morreu seus sucessores

conquistaram o Oriente Médio com a velocidade de um raio. O Império Islâmico rapidamente chegou a engolir grande parte do mundo antigo, se estendendo desde a Índia até a Espanha e ocupando (o mais relevante dos territórios) a Terra Prometida. Era muito maior que o Império Romano até mesmo no momento da sua maior extensão. No seu tempo, o Império Islâmico histórico, assim como os Impérios anteriores, foi o principal mordomo satânico do espírito antisemita e de ódio aos Judeus. Como os outros grandes Impérios que vieram antes dele, o Império Islâmico tem tido, por muito tempo, a mesma concupiscência para conquistar e possuir a Terra Prometida de Israel. Se a identidade da sétima cabeça depois de Roma é o Califado Islâmico, então isso significaria que um Califado revivido, o Califado final de curta duração, o Império do Anticristo, é o oitavo Império. Dessa forma, a seguinte lista completaria a visão:

1. Império Egípcio
2. Império Assírio
3. Império Babilônico
4. Império Medo-Persa
5. Império Grego
6. Império Romano
7. Império Islâmico
8. Ressurreição do Império Islâmico do Anticristo

Devemos notar que essa interpretação parece ser a única maneira através da qual podemos entender esta passagem sem violar o padrão previamente estabelecido em Daniel 2 e 7. Em ambos os capítulos o Império final é retratado como um único Império com duas fases distintas. Em Daniel 2, mostramos uma estátua composta por cinco segmentos distintos, cada um representando vários Impérios históricos. As duas últimas seções da estátua (as pernas de ferro e os pés feitos da mistura de ferro com argila) representam duas fases distintas do mesmo reino. Da mesma forma, Daniel 7 descreve uma visão de quatro animais, cada um representando diferentes Impérios históricos; a quarta besta; e, em seguida, os dez chifres que surgem “daquele mesmo reino” (versículo 24), representam duas fases distintas do mesmo reino³. Isso significaria que as pernas de ferro em Daniel 2 e a quarta besta de Daniel 7 representam o Império Islâmico histórico, enquanto os pés de ferro e argila em Daniel 2 e os dez chifres da besta em Daniel 7 representam o renascimento desse Império, que o Anticristo liderará. Mais uma vez, devemos notar que o reino final é composto por duas fases, e não três. Quando vamos para Apocalipse 17, esse mesmo padrão continua. As pernas de ferro e a quarta besta se correlacionam com a sétima cabeça. Aqueles que pensam que o Romano seja o Império final são forçados a ver um Império em três fases em Apocalipse 17. Esta interpretação contradiz o que está

descrito em Daniel 2 e 7. Mas quando entendemos o sétimo e oitavo reinos como fazendo referência ao Império Islâmico histórico e seu renascimento, então o texto de Apocalipse se harmoniza perfeitamente com Daniel 2 e 7. Veja a tabela:

DANIEL 2	DANIEL 7	APOCALIPSE 13
		EGITO
		ASSÍRIA
CABEÇA DE OURO	LEÃO	BABILÔNIA
PEITO E BRAÇOS DE PRATA	URSO	MEDO-PÉRSIA
BARRIGA E COXAS DE BRONZE	LEOPARDO	GRÉCIA
		ROMA
PERNAS DE FERRO	QUARTA BESTA	ISLÃ
PÉS DE FERRO E BARRO	DEZ CHIFRES	Anticristo

Alguns podem perguntar por que o Império Romano não está incluído em Daniel 2 ou 7. A resposta é simples: o contexto de Daniel 2 é um sonho que foi dado a Nabucodonosor, o rei da Babilônia. A visão diz respeito especificamente aos três reinos que sucederiam o seu reinado. O Império Romano, em toda sua longa história, alcançou a Babilônia por apenas alguns meses. Em 116 d.C., sob o imperador Trajano, Roma de fato se apropriou das ruínas da Babilônia. Depois de um tempo muito curto ali, no entanto, Trajano teve um acidente vascular cerebral, retirou-se e morreu logo depois. Daniel 2 e 7 falam de Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia, e então eles passam diretamente para o próximo Império principal que realmente ganhou controle sobre Babilônia (Dn. 2.40). A história nos informa que isso foi realizado pelo Califado Islâmico. É muito simples: não existem outros candidatos que cumpram os requisitos do texto⁴. Discutiremos isso com mais detalhes à medida que avançarmos.

LEOPARDO, URSO E LEÃO

Fundamentando ainda mais essa interpretação sobre a natureza médio oriental ou Islâmica das sétima e oitava cabeças da besta, está a descrição multifacetada da besta:

E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés, como os de urso, e a sua boca, como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio. Apocalipse 13.2

Essa imagem vem diretamente de Daniel 7. Lá, o leopardo representa o Império Grego, o urso representa o Império Medo-Persa e o leão representa o Império Babilônico. O sétimo e oitavo Impérios, então, são compostos desses três Impérios, parte leopardo, parte leão, e parte urso. Em termos modernos, Babilônia se relaciona vagamente com o Iraque; a Medo-Pérsia com o Irã; e o Império Grego com os Balcãs, Turquia e Síria. Essas nações, é claro, correlacionam-se quase perfeitamente com o Império Islâmico histórico - mas não com o Império Romano. Isso é muito importante.

O OITAVO REINO: O RENASCIMENTO DO IMPÉRIO ISLÂMICO

Ao refletir sobre a natureza do oitavo e último reino de Apocalipse 17, devemos observar como o anjo o descreveu:

A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição. E os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo) se admirarão vendo a besta que era e já não é, mas que virá. Apocalipse 17.8

A manifestação final do Império satânico é retratada como um Império que, após um período de existência, desce para a escuridão do “abismo”. Ele morre. Então, em um momento posterior, ele surge do abismo. Por causa da natureza enigmática dessa parte da profecia, muitos entendem mal o seu significado. Primeiro, essa parte é essencial para compreender o contexto do fim dos tempos e, portanto, também para compreender a perspectiva adequada das palavras do anjo. Certamente isso é um pouco complicado. Pense sobre isso. O anjo está explicando a João (que viveu no século I) que a besta que ele vê será, nos últimos dias, um Império que existiu na antiguidade. O anjo não está dizendo isso a partir da perspectiva de João, do século I, afirmando que a besta já estava viva e estava prestes a voltar. Não; esse enigma só faz sentido a partir da perspectiva de alguém que vive nos últimos dias, momento a que João foi temporariamente transportado em sua visão, por assim dizer. As pessoas que viverem os últimos dias verão um Império que existiu anteriormente, morreu e depois voltou. O próximo versículo

deixa claro que o anjo está realmente falando sobre a oitava e última cabeça da besta: “E a besta, que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição” (Ap. 17.11). Lembre-se: o oitavo reino da Besta correlaciona-se aos pés de ferro e argila de Daniel 2, bem como os dez chifres que surgem da quarta besta: “daquele mesmo reino se levantarão dez reis” (Dn. 7.24). Os dez chifres em Daniel 7 são os os mesmos dez chifres descritos aqui no Apocalipse como sendo o mesmo que o oitavo reino: “E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão o poder como reis por uma hora, juntamente com a besta.” (Ap. 17.12).

Os dez reis são os principais líderes da próxima coalizão do Anticristo. Este é o “Império” final do Anticristo, o esforço derradeiro de Satanás para resistir à conclusão do grande plano de redenção do Senhor.

O RENASCIMENTO DE UM IMPÉRIO OU DE UM HOMEM?

Devo comentar brevemente aqui sobre o renascimento desse Império. Muitos comentaristas vêm nessa passagem uma referência ao Anticristo, que sofrerá uma ferida fatal na cabeça e depois voltará à vida (ver Apocalipse 13.3). Sendo claro, acredito que o Anticristo cumprirá essa profecia. No entanto, também é claro que o sétimo Império também experimentará uma morte e um reavivamento. Como já discutimos, Daniel 2 e 7 deixam claro que o Império final tem duas fases muito distintas.

UMA MULHER E A BESTA: UMA PARCERIA CRIADA NO INFERNO

Tendo identificado a sétima cabeça da besta como o Califado Islâmico histórico e o oitavo reino como uma aliança Islâmica revivida, o que isso ensina sobre a identidade da prostituta Babilônia? Primeiro, devemos notar a relação entre a grande prostituta e a besta. O primeiro ponto que se destaca quanto à sua relação é o fato de que a prostituta está montando essa besta. Isso fala de uma relação íntima entre as duas. A mulher e a besta compartilham, por assim dizer, uma aliança, uma parceria simbiótica. Essa dupla demoníaca é uma variação satânica do clássico herói e seu fiel alazão. Além disso, as duas também estão usando as cores do mesmo time. Como o comentarista R. C. H. Lenski nos lembra:

o fato de que a besta é agora descrita simplesmente como “escarlate” harmoniza com a visão da mulher que também está vestida de púrpura e “escarlate”. Consideramos o “escarlate”

como a cor do pecado, o oposto de branco (ver “escarlate” em Is. 1.18). O ponto a ser observado aqui está na conexão da prostituta com a besta, sua relação com ela.⁵

Externamente, as duas combinam. Elas são claramente retratadas como sendo destinadas uma a outra; verdadeiramente, elas são uma parceria criada no inferno. Elas também compartilham a mesma missão. Mesmo que a besta tenha poderes para “fazer guerra aos santos e vencê-los” (Ap. 13.7), a mulher está “embriagada com o sangue dos santos e das testemunhas de Jesus” – os Cristãos (Ap. 17.6). Todos os aspectos relacionado a essas duas indicam uma parceria.

Por isso, é algo surpreendente que, mais tarde, a besta de repente se vire contra a mulher, devore sua carne e queime-a com fogo. Imagine ver o Silver se virar contra o Lone Ranger, do nada, e devorá-lo? É especificamente devido ao seu vínculo profundo, aos objetivos comuns e à parceria estreita que esta repentina mudança de eventos é tão surpreendente. No entanto, essa reviravolta assustadora (como veremos) é mais uma chave essencial que nos ajudará a desvendar a identidade da misteriosa prostituta.

CONCLUSÃO

Apesar de todo o simbolismo misterioso e imagens enigmáticas em Apocalipse, o ponto focal é realmente simples. Entender a identidade da mulher depende, em grande parte, da identificação da besta. Embora o animal represente amplamente sete Impérios satanicamente inspirados, sua manifestação final é o oitavo reino. Esse é o reino que prosperará durante os dias da grande prostituta. Juntos, a prostituta e o oitavo reino funcionarão como a dupla dinâmica do fim dos tempos, trabalhando juntos para cumprir a vontade de seu mestre, o diabo. Ao identificar o oitavo reino como sendo o renascimento de um Império Islâmico, reduzimos drasticamente as opções de quais poderiam ser esta grande cidade do fim dos tempos. Mistério Babilônia será a capital, o próprio coração do Império Islâmico renascido.

O IMPÉRIO ISLÂMICO

Identificar os sétimo e oitavo Impérios da besta de Apocalipse 17 como sendo Islâmicos é muito importante na identificação da grande prostituta e, para tanto, devemos construir um ponto de vista baseado na Bíblia¹. Se os sétimo e oitavo reinos representam o Império Islâmico histórico e um reavivamento desse Império, então as possibilidades para a identidade da cidade prostituta são dramaticamente reduzidas. Como uma cidade, a prostituta Babilônia é a capital religiosa e financeira do Império último satânico. Essa será a última grande fortaleza de Satanás na Terra antes de Jesus retornar. Devemos, portanto, olhar para a cidade que é o coração espiritual e econômico do mundo Islâmico.

Para construir esse argumento, no entanto, é preciso demonstrar que o Império Islâmico realmente é o que os profetas previram e falaram. Tendo cuidadosamente ponderado sobre esse assunto há mais de uma década, posso dizer com confiança que a tese de que haverá um Anticristo Islâmico e um Império Islâmico é algo que todo estudioso sério das Escrituras deve considerar cuidadosamente. O restante deste capítulo resumirá os principais argumentos bíblicos que sustentam a ideia de um Império Islâmico da besta no tempo do fim.

É TUDO SOBRE ISRAEL

Qualquer um que deseje identificar corretamente a besta (ou simplesmente entender a história da Bíblia) deve compreender um ponto muito básico, mas profundamente importante. Em poucas palavras, geograficamente falando, a história da Bíblia é completamente centrada ao redor de Israel e especialmente de Jerusalém. O ponto culminante da história gira particularmente em torno desta terra muito específica e desta cidade muito específica. Jerusalém, afinal, é para onde Jesus retornará e restabelecerá o trono de Davi. É do Monte Sião que Jesus governará as nações. É muito difícil para alguns Americanos entenderem, mas os

Estados Unidos não são o centro do desdobramento da história de Deus. Ao longo das Escrituras, as referências ao mundo fora do Oriente Médio e do Norte da África são frequentemente termos vagos como “as ilhas”, “longe” ou até mesmo “os confins da Terra”. Porém isso não quer dizer que aqueles que vivem fora do mundo da Bíblia são menos importante aos olhos de Deus. Claro que não. Mas em termos da história profética que está se desenrolando, ela gira em torno de Israel. Qualquer esforço para entender a história dos tempos do fim deve começar por entender essa realidade simples. Esse é o contexto da Bíblia.

AS NAÇÕES AO REDOR

Quais nações a Bíblia diz que atacarão e tentarão tomar o controle de Jerusalém? Repetidamente ao longo das Escrituras são citadas as nações ou povos “ao redor”. Consideremos apenas alguns exemplos.

Falando sobre os exércitos do Anticristo, o profeta Joel disse: “Ajuntai-vos, e vinde, todos os povos em redor, e congregai-vos (ó Senhor, faze descer ali os teus fortes!); movam-se as nações e subam ao vale de Josafá; porque ali me assentarei, para julgar todas as nações em redor” (Jl. 3.11, 12). Através do profeta Zacarias, o Senhor disse: “Eis que porei Jerusalém como um copo de tremor para todos os povos em redor e também para Judá, quando do cerco contra Jerusalém... Naquele dia, porei os chefes de Judá como uma brasa ardente debaixo da lenha e como um facho entre as gavelas; e à direita e à esquerda eles consumirão a todos os povos em redor” (Zc. 12.2, 6, 16). Ezequiel também não poderia ter sido mais claro quando escreveu sobre o dia em que o povo de Israel não será mais cercado por pessoas que os desprezam: “Pois enviarei contra ela a peste e o sangue nas suas ruas, e os traspassados cairão no meio dela, pela espada contra ela, por todos os lados; e saberão que eu sou o Senhor. Para a casa de Israel já não haverá espinho que a pique, nem abrolho que cause dor, entre todos os vizinhos que a tratam com desprezo; e saberão que eu sou o Senhor Deus.” (Ez. 28.23, 4 - ARA). A frase traduzida aqui como “todos os vizinhos” é a mesma palavra usada em ambos os textos de Joel e Zacarias. É a palavra hebraica *cabiyb*, que se refere às nações que estão ao redor de Israel, seus vizinhos.

Então, os “vizinhos” de Israel são as nações da Europa ou são eles as nações do Oriente Médio e África do Norte?

AS NAÇÕES DO ANTICRISTO

Ao longo das Escrituras, sempre que as nações do Anticristo são mencionadas (aqueles que atacarão Israel nos últimos dias), elas são todas nações do Oriente Médio e do Norte da África - cuja maioria é Muçulmana. Por outro lado, não há uma única menção de um Europeu ou qualquer outra nação não-Muçulmana sendo julgada no Dia do Senhor por atacar Israel. Agora, isso não quer dizer que nenhum deles será julgado. Mas, esmagadoramente, a Bíblia repetidamente e consistentemente nomeia e enfatiza nações do Oriente Médio e do Norte da África. Nós também devemos enfatizar essas nações. Onde a Bíblia silencia é que devemos ter o cuidado de não adicionar nossos próprios pressupostos. Quando os mestres da Bíblia lhe dizem que não devemos olhar para o Oriente Médio como sendo potencialmente o local de onde o Anticristo e seu sistema virão, eles simplesmente não estão sendo fiéis às Escrituras. Devemos nos concentrar naquilo em que a Bíblia se concentra. Espero que estejamos de acordo sobre este ponto.

O MESSIAS ESMAGARÁ SEUS INIMIGOS

Agora vamos ser mais específicos. Todos conhecemos a história da desobediência de Adão e Eva. A queda da humanidade mal havia acontecido e o Senhor já começou a apontar para Sua solução. Deus descreveu como Ele acabaria por esmagar seu adversário. Falando diretamente para a serpente, o Senhor disse: “E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” (Gn. 3.15). De acordo com essa profecia, ao longo da história, a semente de Satanás está em guerra com a “semente” que é o Messias, bem como aqueles que O seguem. No final, no entanto, Jesus (o Messias, a semente de Eva), esmaga a cabeça de Satanás - assim como a todos os seguidores de Satanás. Ele exercerá juízo contra todo o dano causado naquele dia terrível no Jardim. É apropriado, então, que essa profecia às vezes seja chamada de “a profecia mãe”.²

Retomando o tema do dia em que o Messias esmagará Satanás e seus seguidores, no livro de Números encontramos outra profecia importante sobre Jesus. Em Números 24, Balaque, rei de Moabe e o profeta Balaão estão de pé num lugar alto, olhando os Hebreus acampados em uma vasta planície do vale abaixo. O povo de Deus havia completado o êxodo do Egito e estava a caminho da Terra Prometida. Mas Balaque ficou muito perturbado ao ver um grupo tão grande atravessando as fronteiras de seu reino, então ele contratou Balaão para pronunciar uma maldição sobre o povo Hebreu. Em vez de amaldiçoá-los, no entanto, sob a inspiração do Espírito Santo, Balaão começou a proferir uma profunda profecia sobre o fim dos tempos. “Vem”, disse ele a Balaque, “avisar-te-ei do que este povo fará ao teu povo nos últimos dias” (versículo 14). Essa expressão, “último dias”, no hebraico é *acharyith yawm*, literalmente significando “os últimos dias”. Ele, então, disse uma das mais importantes profecias messiânicas de toda a Torá:

Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, e um cetro subirá de Israel, que ferirá os termos dos moabitas e destruirá todos os filhos ou do tumulto de Sete. E será uma possessão, e Seir também será uma possessão hereditária para os seus inimigos; pois Israel fará proezas. E dominará um de Jacó e matará os que restam das cidades. Números 24.17-19

Balaão declarou que, nos tempos finais, um rei surgiria a partir de Israel. Desde muito cedo os intérpretes Judeus entenderam essa passagem como uma profecia sobre o Messias. O que a passagem diz que o Messias executará quando Ele retornar? O que o Espírito Santo enfatizou que seria o principal sucesso do Messias naquele dia? Expandindo a “profecia mãe” de Gênesis 3, o Messias é mais uma vez descrito como esmagando a cabeça dos seguidores de Satanás, ou sua “semente”. Desta vez, no entanto, esses seguidores são nomeados. O Messias vai voltar e esmagar as cabeças de Moabe, Edom, Seir, os filhos de Sete e os Amalequitas. A quem esses nomes se referem? Os Moabitas e os Edomitas viveram ao leste do Israel moderno que hoje é a nação da Jordânia. O Monte Seir foi a montanha mais proeminente do território de Edom. Assim, todas as referências a Moabe, Edom e Seir apontam para a mesma região geral. Da mesma forma, os Amalequitas foram um povo que viveu em toda a região maior a leste de Israel. Todos esses povos, ao longo da história bíblica, muitas vezes carregaram um profundo ódio e inimizade em relação ao

povo Hebreu. Os “filhos de Sete” como traduzido no Targum de Jerusalém, são “todos os filhos do Oriente”³.

Agora, sejamos honestos, se tomarmos essa passagem literalmente, é mais razoável interpretar essas referências feitas a Edom, Moabe e os Amalequitas como apontando-nos para o Oriente Médio, ou para a Alemanha, Itália e Inglaterra, como é dito por muitos que ensinam sobre profecia hoje?

ESMAGANDO MOABE NO ESTRUME

Um versículo frequentemente lido em funerais é Apocalipse 21.4: “E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas.” Poucos estão conscientes, no entanto, de que o livro do Apocalipse, na verdade, tomou emprestada esta passagem diretamente do profeta Isaías. Em Isaías 25 somos informados de que o Senhor não só enxugará lágrimas e destruirá a morte, mas também removerá a desgraça do Seu povo, Israel, da Terra. Como Ele fará isso? Destruindo os inimigos de Israel. Vejamos a passagem:

Tragará a morte para sempre, e, assim, enxugará o Senhor Deus as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo, porque o Senhor falou. Naquele dia, se dirá: Eis que este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na sua salvação exultaremos e nos alegraremos. Porque a mão do Senhor descansará neste monte [Sião]; mas Moabe será trilhado no seu lugar, como se pisa a palha na água da cova da esterqueira; no meio disto estenderá ele as mãos, como as estende o nadador para nadar; mas o Senhor lhe abaterá a altivez, não obstante a perícia das suas mãos. Versículos 8-11 (ARA)

Bom, obviamente, Deus ainda não enxugou todas as lágrimas e a morte certamente ainda existe. Essa profecia ainda está para ser cumprida. Como as passagens que já examinamos, o contexto é o futuro, depois do retorno de Jesus. Assim sendo, o Senhor diz que, no fim dos tempos, Sua mão de benção e proteção descansará sobre a cabeça de Sião, Seu povo, enquanto seu pé vitorioso esmagará a cabeça de Moabe, Seu inimigo, em uma pilha de esterco. Não é um inimigo vago ou universal do povo de Deus que é especificado aqui. Como em Números 24, é “Moabe” a quem Jesus, o Messias julgará em sua volta. E novamente pergunto, de acordo com esta passagem: na época do retorno

do Senhor, a Europa será o principal alvo do Seu julgamento, ou o texto mais uma vez nos indica os filhos antissemitas do Oriente? O bom senso claramente nos diz que é o último.

AS NAÇÕES DO ANTICRISTO EM EZEQUIEL

Em Ezequiel 25 outra profecia fala claramente do julgamento do Senhor contra Amom, Moabe e Edom por causa do modo como eles trataram “a casa de Judá” (versículo 12). Novamente, consideremos que esses três reinos habitavam onde hoje é a Jordânia. O profeta disse que, ao executar uma “vingança” indevida contra o Seu povo escolhido, Edom ofendeu “muito” ao próprio Deus (versículo 12). Por esse motivo o Senhor irá julgá-los com “fúrias repreensões iracundas” (versículo 17 ARA). Mas o texto fala muito mais do que apenas sobre Amom, Moabe e Edom. Ele também menciona Dedã (versículo 13), que é uma cidade localizada no centro da Arábia Saudita, conhecida nos tempos modernos como Al-‘Ula. A profecia também menciona os Filisteus e os Queretitas (versículos 15-16), apontando para as regiões que hoje estão associadas à Faixa de Gaza. Alguns capítulos depois, muitas outras nações estão marcadas para receberem julgamento no dia do Senhor:

Esta palavra do Senhor veio a mim: Filho do homem, profetize e diga: “Assim diz o Soberano, o Senhor: Clamem e digam: ‘Ai! Aquele dia!’ Pois o dia está próximo, o dia do Senhor está próximo; será dia de nuvens, uma época de condenação para as nações. A espada virá contra o Egito, e angústia virá sobre a Etiópia; Quando os mortos caírem no Egito, sua riqueza lhe será tirada e os seus alicerces serão despedaçados. A Etiópia e Fute, Lude e toda a Arábia, a Líbia e o povo da terra da aliança cairão à espada com o Egito.” Ezequiel 30.1-5 NVI

O último contexto da passagem é o Dia do Senhor e o retorno de Cristo. Aqui, como em tantas outras passagens, o Messias vem executar juízo contra os inimigos de Seu povo, Israel. Incluído na lista das nações marcadas para receberem julgamento estão Egito, Cuxe (Etiópia-Sudão), Fute (Norte da África), Lude (Turquia), Arábia e Líbia.

AS NAÇÕES DO ANTICRISTO EM SOFONIAS

Seguindo os passos de todos os outros profetas, Sofonias profetizou que “no dia da ira do Senhor” (2.3) Gaza, Ascalão, Asdode, Ecrom, os Queretitas, Canaã e a terra dos Filisteus serão todos completamente arruinados (versículos 4-5). Juntos, todos esses nomes nos apontam para a região ao redor da Faixa de Gaza. Mas além do julgamento contra Gaza, a profecia adverte:

Eu ouvi o escárnio de Moabe e as injuriosas palavras dos filhos de Amom, com que escarneceram do meu povo e se engrandeceram contra o seu termo. Portanto, tão certo como eu vivo, diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, Moabe será como Sodoma, e os filhos de Amom, como Gomorra, campo de urtigas, e poços de sal, e assolação perpétua; o resto do meu povo os saqueará, e o restante do meu povo os possuirá. Também vós, ó etíopes [ou sudaneses; Cuxitas], sereis mortos com a minha espada. Estenderá também a sua mão contra o Norte e destruirá a Assíria; e fará de Nínive uma assolação, terra seca como o deserto. Sofonias 2.8-9, 12-13.

Durante o tempo de Sofonias, a Assíria cruzou as fronteiras atuais da Turquia, Síria, Líbano e Iraque. A antiga cidade de Nínive agora é chamada de Mosul no norte do Iraque. É claro e evidente que todas essas nações e as regiões são dominadas pelo Islamismo. Então, novamente, se o Senhor repetidamente e consistentemente enfatiza as áreas Muçulmanas como sendo escolhidas para receberem juízo no dia do Senhor, então por que tantos resistem à idéia de que o Anticristo virá daquela parte do mundo?

PISANDO O LAGAR DO VINHO DO FUROR E DA IRA DO DEUS TODO-PODEROSO

Finalmente, chegamos ao livro de Apocalipse. É lá que encontramos, sem dúvida, a passagem sobre o retorno de Cristo mais conhecida de toda a Bíblia. Em imagens dramáticas, Jesus irrompe dos céus com Seus olhos de fogo, cavalgando sobre um cavalo branco, com “os exércitos que há no céu” O seguindo:

E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça. E os seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito que ninguém sabia, senão ele mesmo. E estava vestido de uma veste salpicada de sangue, e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus. E seguiam-no os exércitos que há no céu em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro. E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e ele as regerá com vara

de ferro e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-Poderoso. E na veste e na sua coxa tem escrito este nome: “Rei dos Reis e Senhor dos Senhores”. Apocalipse 19.11-16

A maioria dos Cristãos está familiarizado com essa passagem. No entanto, poucos estão cientes sobre qual a origem do sangue que molha as vestes de Jesus. Muitos pensam que é o próprio sangue dele ou o sangue dos mártires. A verdadeira resposta, no entanto, é encontrada em Isaías 63:

Quem é este que vem de Edom, de Bozra, com vestes tintas? Este que é glorioso em sua vestidura, que marcha com a sua grande força? Eu, que falo em justiça, poderoso para salvar. Por que está vermelha a tua vestidura? E as tuas vestes, como as daquele que pisa uvas no lagar? Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém se achava comigo; e os pisei na minha ira e os esmaguei no meu furor; e o seu sangue salpicou as minhas vestes, e manchei toda a minha vestidura. Porque o dia da vingança estava no meu coração, e o ano dos meus redimidos é chegado. (versículos 1-4)

Nesta passagem dramática, o profeta Isaías está olhando para o leste de Jerusalém. Ele O vê marchando vitorioso, determinado e majestosamente em direção ao Seu trono, em Jerusalém. Ele está saindo de Bozra, a capital da antiga Edom. Hoje essa cidade se chama Petra, na atual Jordânia. É a partir dessa passagem que surge o conceito de Jesus pisando “o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-Poderoso” (Ap. 19.15). Aqui Isaías nos informa que Jesus (o Guerreiro vitorioso, o Leão da tribo de Judá) realmente esmagará os inimigos de Deus como a uvas, molhando Suas vestes com o sangue deles.

Você realmente compreende o que está sendo transmitido aqui? Quando Jesus retornar, a "profecia mãe" de Gênesis 3 se cumprirá e atingirá a plenitude de seu cumprimento. Embora Satanás tenha atacado os calcanhares do povo de Deus ao longo da história, quando Jesus retornar, Ele esmagará não só a Satanás, mas também seus seguidores. Ele vai pisar o lagar da ira do Deus Todo-Poderoso, e é especificamente em Edom (novamente, ao sul da Jordânia e noroeste da Arábia Saudita de hoje) que os inimigos de Deus serão esmagados. Então, em resumo, sempre que nações específicas são nomeadas e destacadas para receberem juízo de Deus na volta de Jesus, vemos que sempre são regiões ou nações que hoje são amplamente dominadas pelo Islamismo. A Bíblia está gritando para que voltemos os nossos olhos para essa a parte do mundo. Não é surpresa, então

que hoje essa parte do mundo seja a região onde mais prosperam o ódio ao povo Judeu e uma avidez por possuir a Terra Prometida.

OS PILARES DA TEORIA DO ANTICRISTO EUROPEU

Continuando, consideremos algumas outras passagens verdadeiramente importantes. Se pesquisamos os muitos trabalhos (disponibilizados ao longo dos anos) que apresentam um Anticristo Europeu, encontraremos as mesmas passagens citadas repetidamente. Estes são os pilares sobre os quais toda a teoria está apoiada:

1. Daniel 2: O sonho de Nabucodonosor de uma estátua metálica gigante
2. Daniel 7: A visão de Daniel de quatro bestas
3. Daniel 9.26: “o povo do príncipe, que há de vir”

Surpreendentemente, embora essas três passagens compreendam os principais pilares da perspectiva do Anticristo Europeu, nenhuma delas realmente oferece qualquer suporte real. De fato, qualquer exame cuidadoso dessas passagens nos levará não à Europa, mas ao Oriente Médio. Vamos dar uma olhada!

O QUARTO REINO

Juntos, Daniel 2 e Daniel 7 profetizam sobre o reino ou Império que acabará por produzir o Anticristo. Este reino citado em ambos os capítulos como um “quarto reino” (2.40, 7.23) em momento algum é nomeado. A maioria dos comentaristas, no entanto, presume que esse quarto reino seja o Império Romano, que será revivido nos últimos dias. A partir dessa suposição muitos concluíram que o Anticristo virá da Europa. De fato, desde o nascimento da União Européia, a maior parte das pessoas atentas às profecias têm observado exclusivamente a Europa. Contudo, a ideia de que o Império Romano e a Europa são sinônimos é apenas parcialmente verdade. Como qualquer mapa mostrará, o Império Romano também inclui porções do Oriente Médio e África do Norte. Então, será mesmo que as profecias de Daniel 2 e 7 realmente apontam para o Império

Romano, como é comumente presumido? Um exame mais cuidadoso dos textos revelará o contrário.

DANIEL 2 E 7

Quando a história de Daniel 2 começa, encontramos Nabucodonosor, rei do Império da Babilônia, profundamente perturbado pelo que havia visto em um sonho. A ele foi mostrada uma estátua imponente dividida em quatro (ou seriam cinco?) seções distintas. Cada seção é composta por um metal diferente. Determinado a entender o significado do sonho, o rei consultou todos os seus “magos, e os astrólogos, e os encantadores, e os Caldeus” (versículo 2), mas nenhum foi capaz de oferecer a ele qualquer entendimento. Daniel, no entanto, tendo buscado o Deus de Israel em oração, conseguiu fazer o que nenhum dos outros homens sábios poderia fazer. O Senhor revelou o sonho de Nabucodonosor a Daniel e, então, Daniel ficou diante do rei e descreveu a estátua que Nabucodonosor havia visto. Assim, tendo toda a atenção do rei, ele partiu para a explicação do que isso significava. A parte superior da estátua, a cabeça de ouro, representava o reino babilônico de Nabucodonosor (versículo 36-38), explicou Daniel. As seções que seguiam representavam outros três reinos que sucederiam a Babilônia, cada um possuindo seu próprio domínio do mundo antigo. Os dois primeiros reinos abaixo da cabeça são entendidos como sendo os da Medo-Pérsia e da Grécia. Na verdade, ambos são mencionados pelo nome mais tarde em Daniel (8.20-21; 10.20). Comentaristas Cristãos concordam que o quarto reino (representado pelas pernas de ferro e os pés feitos da mistura de ferro e argila) representa o reino do Anticristo. Mas, novamente, este quarto reino nunca é nomeado. Não obstante a isso, muitas versões da Bíblia (tão confiantes da identidade Romana deste quarto reino) adicionam o nome “Roma” às suposições feitas em suas notas. Embora seja uma afirmação muito surpreendente para muitos, os vários critérios contidos dentro do texto, bem como o claro testemunho da história, fazem com que seja impossível identificar o quarto reino como o Império Romano. Por outro lado, o Califado Islâmico, o único outro possível candidato, cumpre perfeitamente todos os critérios apresentados nas Escrituras. O Califado, o Império Islâmico histórico, começou em 632 d.C. pouco depois da morte de Maomé, o

fundador do Islã, e culminou no Império Otomano, que oficialmente chegou ao seu fim em 1923.

A ASCENSÃO DO QUARTO REINO

O primeiro problema com a identificação Romana atribuída ao quarto reino é que o Império Romano não atende aos requisitos de Daniel 2.40. Este versículo, falando sobre a natureza do surgimento do quarto reino, diz que, quando surgisse, esmagaria os três outros reinos: “Depois, virá um quarto reino, e este será forte como o ferro, que quebra e despedaça tudo. E assim como o ferro quebra tudo, esse reino destruirá completamente todos os outros reinos do mundo” (NTLH). Mais tarde, em Daniel 7, encontramos uma declaração quase idêntica: “O quarto animal será o quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos; e devorará toda a terra, e a pisará aos pés, e a fará em pedaços” (versículo 23). Mais uma vez, lemos que esse quarto reino, especificamente, pisoteará e esmagará Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia. Como esses três Impérios nunca existiram ao mesmo tempo, o esmagamento deve se referir a uma conquista dos seus territórios. Mas o Império Romano conquistou apenas cerca de um terço das regiões controladas por estes outros três Impérios. Aproximadamente dois terços das regiões controladas por esses Impérios permaneceram inteiramente intocados por Roma. De fato, o Império Romano nunca chegou às duas capitais Persas de Ecbátana e Persépolis. Considere a seguinte equivalência moderna: se um invasor da nação Americana conquista Boston, mas não chega perto de alcançar Nova Iorque ou Washington, dificilmente seria correto dizer que tal nação “esmagou” todos os Estados Unidos. Nem seria correto dizer que o Império Romano esmagou os Impérios Babilônico, Medo-Persa e Grego. No entanto o texto é claro: para cumprir Daniel 2.40, um Império deve esmagar todos os outros três Impérios. O Império Romano simplesmente não cumpre este requisito. O Califado Islâmico, por outro lado, conquistou absolutamente todos os territórios deles.

FRONTEIRAS, IDIOMA, CULTURA

E se expandíssemos a definição de “esmagar” para incluir mais do que mera geografia? Considere a descrição do quarto reino em Daniel 7:

Depois disso, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez pontas. (versículo 7).

Esta descrição certamente indica muito mais do que simplesmente ganhar controle sobre territórios. Creio que isso nos indique que o quarto reino, na verdade, esteja devorando e esmagando a cultura, a religião e as línguas daqueles que conquista. Com esta definição expandida em mente, o que acontece quando comparamos o Império Romano com o Califado Islâmico? Não há dúvidas de que o exército Romano era uma poderosa força de combate. No entanto, quando consideramos a natureza do Império Romano e a maneira pela qual ele exerceu domínio sobre os povos conquistados, mais uma vez é muito difícil fazê-lo caber nas descrições da profecia. O Império Romano é realmente muito famoso por ser uma força de construção de nações do mundo antigo. Quando Roma conquistava um povo, em vez de destruir sua cultura, abolir sua religião e impor uma nova linguagem, ela geralmente tolerava essas coisas ao adicionar leis, construir estradas e infra-estrutura, e criando ordem. As famosas estradas Romanas alcançaram todos os cantos do Império Romano. Elas eram estradas bem construídas, cobertas de pedra asfaltadas sobre fundações muito sólidas. Através das famosas estradas Romanas o comércio prosperou, o que, por sua vez, gerou maior arrecadação de impostos. Eventualmente, cada cidade do Império foi conectada por um elaborado sistema rodoviário. Isso fez com que se tornasse um ditado popular dizer que “Todos os caminhos levam a Roma”. A lei de Roma e a proteção oferecida por seus militares também criaram uma paz e estabilidade que vieram a ser conhecidas como a *pax Romana*. Ao invés de ser esmagador e uma força devoradora, o Império Romano era, muitas vezes, o oposto. Mesmo John Walvoord reconheceu e lidou com esse problema, afirmando: “Aparentemente, Roma apresenta poucas características de um império, apesar de suas leis, suas estradas e sua civilização.”⁴.

Os Romanos também eram frequentemente tolerantes, se comparados com muitos outros Impérios antigos. Sob a autoridade Romana, durante o tempo de Jesus, o templo Judeu permaneceu

proeminente em Jerusalém, e os Judeus praticavam abertamente sua própria religião. A lei Romana protegia o direito deles de fazê-lo. Embora houvesse certamente exceções, como sob o governo do imperador Calígula, ao longo de muito tempo do seu poder máximo, o Império Romano era relativamente tolerante. A premissa de que o quarto reino é uma potencia que destrói culturas deixa de ser válida se o quarto Reino de Daniel for interpretado como sendo o Império Romano. Considere, por exemplo, a relação do Império Romano com a cultura Grega. Ao invés de esmagar a cultura grega, como exige o texto, grande parte do Império Romano foi dominado pelos costumes Gregos. Sob o domínio Romano, durante o tempo de Jesus, no primeiro século, o Grego era a língua dominante em grande parte do Império Romano. Além disso, Roma também adotou o panteão pagão dos deuses Gregos. Embora os nomes dos deuses tenham sido alterados, o panteão básico permaneceu inalterado. Zeus tornou-se Júpiter, Ártemis tornou-se Diana, e assim por diante. Com isso fica aparente que o Império Romano não era a força esmagadora citada em Daniel 2.40.

O CALIFADO ISLÂMICO

Por outro lado, o Califado Islâmico, desde o início, era uma força de supremacia Árabe-Islâmica que esmagou e apagou as culturas e religiões dos povos que conquistou. Isso aconteceu devido à natureza profundamente intolerante do Islã. Ele é a própria epítome de uma ideologia totalitária. A palavra *Islamismo* literalmente significa “submissão”. Considere o que é a vida sob o poder do Talibã ou do EI (Estado Islâmico). Para onde quer que o Islã se espalhe, traz essa ideologia opressiva. O Islã não somente conquistou todos os territórios da Babilônia, Medo- Pérsia e Grécia, mas também impôs a língua Árabe a muitos dos povos conquistados. Hoje, na Jordânia, Iraque, Síria, Líbano e em grande parte do norte da África as pessoas falam Árabe. Como uma força imperial, o Islã impôs a religião e a cultura Árabes a todos povos dominados por ele, enquanto apaga as religiões e culturas anteriores. Um livro inteiro poderia ser escrito listando os inúmeros exemplos do Islamismo esmagando e apagando as culturas que conquistou. Hoje, no antigo território central da Igreja Primitiva, a comunidade Cristã é apenas uma minoria que muitas vezes precisa lutar por sua sobrevivência. Embora

as cidades de Antioquia, Alexandria e Jerusalém outrora tenham sido prósperos celeiros missionários da Igreja, hoje as comunidades Cristãs nativas que ainda existem ali são apenas uma sombra do que foram no passado. Sob o controle do Estado Islâmico, centenas de prédios de Igrejas em toda a região foram destruídos. Onde havia cruzes adornando os telhados dos prédios das Igrejas, a bandeira do EI foi colocada, como que declarando: “Não existe Deus senão Alá e Maomé é o mensageiro de Alá”. Antigos santuários e museus foram literalmente explodidos ou derrubados com marretas. Da mesma forma, o waqf Muçulmano em Jerusalém também procurou meios de negar e apagar qualquer conexão ou presença Judaica histórica no Monte do Templo. Uma lista desses exemplos poderia, literalmente, preencher livros inteiros. Para onde quer que o Islã tenha se espalhado, a cultura conquistada é gradualmente apagada e seus símbolos são destruídos. A religião dos povos subjugados é mais especificamente o alvo. Esta é a herança do Islã: o cumprimento perfeito das previsões de Daniel (ver 2.40; 7.7, 19). A quarta besta esmaga e devora o que conquistou. Enquanto o Império Romano tem dificuldade em se encaixar nessas descrições, o Califado Islâmico as cumpre perfeitamente.

O QUARTO REINO “MISTO”

Outra pista muito interessante sobre a base étnica do reino final é encontrada em Daniel 2.43: “Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão com semente humana, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro se não mistura com o barro”. Por três vezes esse versículo usa a mesma palavra traduzida como “misturar”, “mesclar” e “amalgamar”. Poucos estão cientes de que essa é a palavra aramaica *`arab* (em hebraico, *ereb*). No antigo Oriente Médio, os Árabes foram vistos como os povos mistos do deserto. Uma vez que os descendentes de Ismael e Esaú se casaram entre as diversas tribos pagãs do deserto, eles tornaram-se conhecidos coletivamente como “os mistos”. A primeira referência na Bíblia a esses “mistos” é encontrada no livro de Neemias. Após o Livro da Lei ter sido redescoberto, todo o Israel se reuniu para ouvir a Palavra lida publicamente: “Naquele dia, leu-se no livro de Moisés aos ouvidos do povo; e achou-se escrito nele que os amonitas e os moabitas não

entrassem jamais na congregação de Deus [...] Sucedeu, pois, que, ouvindo eles esta lei, apartaram de Israel *toda mistura*.(13.1-3, ênfase adicionada).

Depois de ler a Lei, os Judeus perceberam que era proibido tomarem para si das esposas dos povos pagãos do deserto, especificamente, dentre os amonitas e os moabitas, que viveram no que é hoje o Reino Hachemita da Jordânia. Então, eles excluíram de Israel todos que estavam misturados, ou “*‘arab*”. O próprio nome Árabe, em suas origens etimológicas, refere-se às pessoas misturadas que viviam principalmente a leste de Israel. Uma tradução literal de Daniel 2.43, então, seria: “Como você viu ferro misturado com argila, ele serão Árabes e, portanto, não permanecerão unidos, assim como o ferro não se mistura com argila”.

A natureza misteriosa desse verso, apontando para os povos de onde surgirá o quarto Império lembram muito um episódio relatado em Daniel 5, em que Daniel interpretou a escrita na parede como apontando para a queda do Império Babilônico sob a força dos Medos e dos Persas. Daniel leu a palavra *peres*, que significa “dividido”, e a interpretou como referência aos Paras, ou aos Persas. Para ser claro, essa sugestão possível dentro do texto não deve ser vista de forma alguma como uma afirmação negativa em relação aos Árabes. No entanto, ele pode apontar para a natureza e as origens desse reino, em particular. Como qualquer análise séria das conquistas Islâmicas históricas mostrará, os primeiros Muçulmanos impuseram a linguagem, a cultura e às práticas religiosas da Arábia do século VII a todos aqueles que conquistaram.

PILARES DESMORONANDO

Tendo examinado Daniel 2 e 7 (que são os dois dos pilares mais importantes da perspectiva do Anticristo Europeu), começamos a reconhecer que o argumento para defender a identidade de um Anticristo Europeu ou Romano é construído em uma base verdadeiramente fraca. E o pilar final de Daniel 9.26? Voltemos a essa passagem.

O POVO DO PRÍNCIPE QUE HÁ DE VIR

Ao longo dos últimos anos venho tentando explicar a teoria do Anticristo Islâmico com base nas Escrituras e, nesse período, tive a oportunidade de discutir essas coisas com vários mestres que ensinam sobre profecias internacionalmente conhecidos que defendem a teoria do Anticristo Europeu. Universalmente, a passagem que todos os mestres citaram como base para rejeitar a teoria do Anticristo Islâmico é Daniel 9.26, que fala sobre “o povo do príncipe, que há de vir”. Embora diversas interpretações para esse versículo tenham sido sugeridas, a maioria delas sugere que essa profecia significa que o povo específico que destruiu Jerusalém e o templo em 70 d.C. são os antepassados do “povo” que seguirá o Anticristo (“o príncipe, que há de vir”⁵). De acordo com essa suposição, então, o verso deveria ser entendido da seguinte forma: O povo (isto é, os principais seguidores) do príncipe (o Anticristo) que há de vir nos últimos dias destruirá a cidade (Jerusalém) e o santuário (o templo Judeu do século I).

Embora seja apenas um versículo, ele tem um peso tremendo nas mentes de muitos que o compreendem como sendo a prova cabal de um Anticristo Romano. No entanto, depois de examinar essa passagem por dentro e por fora durante anos e tendo consultado inúmeros comentários e tendo considerado todas as opções, eu posso dizer com confiança que a interpretação tradicional eurocêntrica ou romancêntrica de Daniel 9.26 é um erro. Me acompanhe em minha explicação.

A maioria dos estudiosos acredita que destruição da “cidade e [d]o santuário” nesse versículo é uma referência ao ano 70 d.C., quando as Legiões Romanas (sob o comando do general Tito) destruíram a capital Jerusalém, a capital da nação judaica e seu templo. Pensando que os soldados eram cidadãos Romanos, muitos concluem que os principais seguidores do Anticristo nos últimos dias serão os Europeus de modo geral ou especificamente os italianos. O problema, no entanto, é que poucos dos soldados que destruíram o templo e Jerusalém em 70 d.C. eram, de fato, italianos, ou até mesmo Europeus. Na verdade, a história revela uma imagem drasticamente diferente.

Antes de o Império Romano se tornar um Império, ele era chamado de República Romana. Nos primeiros dias da República, à medida que caminhava para tornar-se um Império, a maioria dos soldados recrutados para servir nas Legiões Romanas eram italianos da cidade de Roma e dos subúrbios periféricos. No entanto, à medida que o Império ampliou-se, tornou-se quase impossível dirigir todo ele apenas com soldados da Itália.

simplesmente não havia homens italianos suficientes para se espalhar por toda a Europa, África do Norte e Oriente Médio. Assim, no início do século I, o Imperador Augusto fez uma série de reformas radicais que levou a mudanças significativas na composição étnica dos exércitos Romanos. Em 15 d.C. a única parte do exército Romano que permaneceu consistindo em grande parte de italianos foi a Guarda Pretoriana, uma unidade militar de elite que protegia o imperador. O restante do exército passou, cada vez mais, a ser composto de “provinciais”, cidadãos que viviam nas províncias (as fronteiras exteriores do Império, longe da capital, Roma). A “provincialização” do exército aconteceu em todas as Legiões Romanas deste período, mas foi mais marcadamente o caso das Legiões Orientais que foram usadas para atacar Jerusalém. Tanto o registro histórico antigo quanto os estudos mais recentes claramente confirmam isso.

De acordo com Públio Cornélio Tácito, um senador e historiador Romano:

O César Tito... encontrou na Judéia três Legiões, a 5ª, a 10ª e a 15ª [para atacar Jerusalém]... A essas, ele acrescentou a 12ª da Síria e alguns homens pertencentes às 18ª e 3ª, que ele havia retirado de Alexandria. Essa força foi acompanhada... por um forte contingente de Árabes, que odiavam os Judeus com o ódio usual que existe entre vizinhos.⁶

Existem vários dados importantes que podemos obter a partir dessa referência. Primeiro, vemos que as Legiões Romanas haviam sido posicionadas na Judéia, Síria e no Egito. Além das Legiões Romanas, “um forte contingente de Árabes, que odiavam os Judeus”, acompanhou o soldados. Não é necessário dizer que pouco mudou desde o século I em relação ao ódio regional para com o povo Judeu.

Mais tarde, Flávio Josefo, outro historiador insubstituível desse período, confirmou o relato de Tácito: “Então Vespasiano enviou seu filho Tito...[que] veio por terra para a Síria, onde reuniu forças Romanas, com um número considerável de auxiliares [ou, voluntários] dos reis daquelas redondezas”⁷. Em outros lugares, Josefo descreveu um número ainda maior de soldados Árabes que uniram forças com os exércitos invasores: “Malco, o rei da Arábia, também enviou mil cavaleiros, além de cinco mil homens de infantaria”⁸. Uma observação: seis mil homens são um exército do tamanho de uma Legião inteira. Malco, que era apenas um dos três reis Árabes, enviou soldados voluntários suficientes para compor uma Legião

completa. Como detalho no meu livro *A Besta Vem do Oriente Médio* (Base Livros, 2019), estudiosos modernos da história Romana concordam plenamente que a maioria dos soldados “Romanos” eram etnicamente sírios e Árabes; e não os antepassados dos Europeus modernos, mas dos habitantes atuais do Oriente Médio.

Embora possamos certamente entender como uma leitura precipitada de Daniel 9.26 pode levar à conclusão de que os seguidores do Anticristo serão Europeus, fazendo um pouco mais de lição de casa e examinando as evidências, revela-se algo bem diferente do que tem sido senso comum e popularmente acreditado.

RESUMO

Vamos sintetizar esse capítulo. Primeiro, discutimos a centralidade de Israel na Bíblia. Tomamos como ponto de partida o contexto geográfico real das grandes guerras do fim dos tempos e vimos claramente que todos os conflitos acontecem ao redor de Jerusalém. Em seguida, examinamos várias passagens que se referem especificamente aos exércitos invasores do Anticristo como “as nações circundantes” ou “vizinhas” de Israel. Em seguida, exploramos o fato de que (através dos profetas) a Bíblia repetidamente nomeia as nações que seguirão o Anticristo. Todos são do Oriente Médio e Norte Africano; são nações Islâmicas. Finalmente, examinamos os três principais pilares da teoria do Anticristo Europeu. Apesar do fato de que muitos na Igreja (ao longo da maior parte da história) terem presumido que o reino do Anticristo seria um Império Romano ressuscitado nos últimos dias, vimos que existe um argumento muito mais sólido para o ressurgimento de um Califado Islâmico. Quando compreendemos que não apenas o profeta Daniel mas também todos os outros profetas falavam do Califado Islâmico e não do Império Romano, então de repente várias tensões dentro da Bíblia desaparecem. Todas as principais profecias da Bíblia subitamente se harmonizam. Quando inserimos a chave do Islã na confusão que frequentemente existe no mundo da profecia bíblica, tudo se alinha e faz muito sentido.

CONCLUSÃO

Se o último Império da besta é, de fato, um renascimento do Império Islâmico, então isso lança uma enorme luz sobre a identidade da prostituta Babilônia. Essa cidade escatológica estará intimamente relacionada com o Império da besta do fim dos tempos. À medida que continuamos eliminando as várias opções que possam ser consideradas, a identidade Islâmica da sétima e oitava cabeças da besta são certamente uma das pistas mais importantes. No próximo capítulo veremos que a Babilônia do fim dos tempos é uma cidade que não somente está integralmente ligada ao Império da besta; ela é, de fato, a verdadeira capital religiosa e financeira desse Império.

A CIDADE DE SATANÁS

Como já dissemos, a besta de sete cabeças representa sete Impérios históricos. Tão logo os Hebreus cresceram até tornarem-se um grande povo, Satanás arquitetou o que se tornaria o primeiro de muitos complôs para destruí-los. O Egito, sob o poder de faraó, foi o primeiro Império que procurou destruir o povo da aliança de Deus, aproximadamente três mil e quinhentos anos atrás. Desde então, o Egito caiu e vários outros Impérios pagãos surgiram e caíram. No entanto, enquanto os Impérios podem ter mudado, o objetivo de Satanás ao longo da história permaneceu o mesmo: destruir o povo de Deus e frustrar os Seus planos. Como enfatizamos no capítulo 7, Satanás sempre trabalhou através de Impérios pagãos, governos e seus militares para realizar seus próprios planos e propósitos. Seja Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma, ou o Califado Islâmico, todas essas entidades foram usadas como fantoches pelo diabo para liberar sua ira contra o Senhor e Seu povo. Na misteriosa imagem apocalíptica do monstro de sete cabeças descrita em Apocalipse 17, temos (de certo modo) uma imagem pan-histórica espiritual dos primeiros Impérios que Satanás usou.

Quando consideramos o significado da mulher retratada como estando em parceria com a besta e especificamente sendo chamada de “Babilônia”, recebemos mais uma pista crucial. É muito simples: a cidade de Babilônia era a capital do Império Babilônico, a terceira cabeça da besta. Depois que Babilônia caiu, no entanto, a localização do poder satânico na Terra passou a ter outra centralidade. Logo que um Império caía, outro surgia e Satanás montava seu quartel general em uma nova capital. É por isso que os Judeus do século I e os primeiros Cristãos olharam para a cidade de Roma (a capital do sexto Império) como sendo a “Babilônia”. A antiga cidade pagã da Babilônia foi usada como arquétipo para todas as outras cidades satânicas que se seguiram. Roma era, por assim dizer, a Babilônia espiritual da época. Portanto, o apóstolo Pedro se referia a Roma quando escreveu: “Aquela que se

encontra em Babilônia, também eleita, vos saúda, como igualmente meu filho Marcos” (I Pe. 5.13 ARA). Esse verso contém uma das chaves mais importantes para nos ajudar a interpretar e entender adequadamente Mistério Babilônia.

OBJEÇÕES

Antes de podermos discutir as implicações do comentário de Pedro, precisamos discutir brevemente as objeções daqueles que negam que Pedro realmente tenha ido à cidade de Roma. Ao longo dos anos, alguns Protestantes têm afirmado que Pedro nunca esteve em Roma. Se isso pudesse ser comprovado, seria o fim do ensino Católico Romano de que Pedro foi o primeiro Papa. Como frequentemente acontece nos casos em que há uma disputa teológica, algumas pessoas aproveitarão todas as oportunidades que tiverem para “colidir” com seus oponentes. Como Protestante, entendo que certamente existem várias questões teológicas em que os católicos e os Protestantes discordam, mas, como amantes da verdade, devemos evitar a teologia reacionária. O objetivo principal da teologia reacionária é refutar os opositores teológicos, sem que haja compromisso com a verdade. Jamais devemos tomar qualquer posição teológica simplesmente porque é o oposto do que um grupo rival acredita. Se fizéssemos uma avaliação honesta da história da interação entre várias religiões, seitas e denominações, ficaríamos chocados com a quantidade de doutrinas que mudaram a história e que foram o resultado da teologia reacionária. Os esforços apaixonados de alguns para negar a presença de Pedro em Roma (apesar da grande quantidade de evidências) é um exemplo perfeito dessa abordagem errada. Vamos discutir porque essas objeções são inaceitáveis.

PEDRO ESTEVE NA BABILÔNIA LITERAL?

Alguns argumentam que Pedro estava escrevendo sua primeira epístola enquanto esteve na cidade literal e histórica da Babilônia, próxima ao Eufrates. O primeiro problema com essa afirmação é que, quando a

epístola de Pedro foi escrita (na segunda metade do século I), a Babilônia não era exatamente um destino de grande relevância.

A primeira destruição significativa da Babilônia ocorreu aproximadamente quatrocentos anos antes de Pedro, quando, em 309 a.C., Antígono I da Macedônia arrasou completamente a cidade. Vinte e quatro anos depois, Antíoco I removeu e deportou a população civil restante. Quinze anos depois disso, em 160 a.C., a Babilônia foi reconstituída por Antíoco IV Epifânio. Mais tarde o geógrafo Romano Estrabão, escrevendo sobre o tempo de Cristo, disse: “A maior parte da Babilônia está tão deserta que ninguém hesitaria em dizer, concordando com um dos poetas cômicos... ‘A Grande Cidade’ é um grande deserto.”¹

Estrabão prosseguiu descrevendo pequenos assentamentos dos astrônomos Caldeus que viveram entre as ruínas da cidade. Foi também durante esse período que o Rio Eufrates secou e o que já era um deserto tornou-se ainda mais desolado. Aproximadamente oitenta anos depois, em 116 d.C., o imperador Romano Trajano chegou ao local da antiga grande cidade e disse: “não vi nada além de montes e pedras e ruínas”². No entanto, alguns ainda nos fazem acreditar que foi durante esse período (quando a Babilônia era praticamente uma terra abandonada com apenas alguns habitantes) que o apóstolo Pedro se mudou para lá e liderou uma Igreja próspera.

O segundo problema com a ideia de que Pedro estava na Babilônia Mesopotâmica literal é o fato de que ele teve que usar linguagem codificada para falar da Igreja de lá. Pedro enviou os cumprimentos “daquela que está na Babilônia” (I Pe. 5.13). Enquanto a versão Nova Tradução na Linguagem de Hoje usa a palavra *Igreja*, o texto original simplesmente diz “aquela”. A ARA, NVI e várias outras traduções são semelhantes: “Aquela que está na Babilônia [...] envia saudações”. Mas todos os primeiros manuscritos Siríacos, Árabes e Latinos inseriram a palavra Igreja no lugar de “daquela”. Por quê? Porque os primeiros tradutores entenderam que Pedro estava tentando ocultar o fato de que estava escrevendo em nome de uma Igreja. A linguagem codificada somente teria sido necessária se ele estivesse escrevendo de uma cidade onde a Igreja estivesse funcionando clandestinamente devido à perseguição. Se Pedro tivesse estado na Babilônia próxima ao Eufrates, não haveria absolutamente nenhuma necessidade de que ele falasse em código secreto ou que ele fosse

cauteloso. E mesmo se houvesse uma pequena população Judaica que Pedro estivesse evangelizando, teria sido impossível para ele ocultar seus propósitos por estar lá. Contudo, se Pedro estivesse em Roma (onde a perseguição dos Cristãos durante esse período está bem documentada), então, seria sensato que ele precisasse ser discreto.

O terceiro problema com a visão de que Pedro estava na Babilônia literal, próxima ao Eufrates, é que toda referência feita pelos escritores da Igreja Primitiva coloca Pedro na cidade de Roma durante esse tempo. Não há, literalmente, nem um único fragmento de evidência histórica de que Pedro tenha ido para Babilônia no Eufrates.

BABILÔNIA DO EGITO

Outros ainda argumentam que Pedro estava em uma pequena cidade chamada Babilônia, fora do Cairo. O amplo consenso entre os estudiosos rejeita essa ideia de forma definitiva. Além do nome de Babilônia em comum, simplesmente não há evidências para essa reivindicação. A pequena cidade egípcia de Babilônia era tão insignificante que teria merecido uma boa explicação de Pedro se ele tivesse realmente escrito sua epístola de lá. Fazer referência à “Babilônia” do antigo Oriente Médio ao falar da pequena cidade Babilônia do Egito seria semelhante a alguém, hoje em dia, afirmar que ele estava em "Paris" enquanto ele estava realmente em Paris, Texas, e não na capital da França. Deixar de esclarecer isso seria no mínimo confuso, se não causar engano. Além disso, assim como com a Babilônia literal, não haveria motivo para Pedro usar palavras em código para se referir aos fiéis de lá se ele estivesse numa aldeia tão pequena, onde a perseguição teria sido improvável e onde a ocultação de seus propósitos teria sido impossível. Por fim, esta é simplesmente outra opção que não tem absolutamente nenhuma base histórica.

BABILÔNIA COMO ROMA

Ao contrário das duas sugestões anteriores, todas as evidências históricas apontam para o fato de que Pedro estava em Roma quando

escreveu sua primeira epístola. Acredita-se que Pedro tenha chegado a Roma em aproximadamente 47 d.C. e permaneceu lá até sua morte, cerca de vinte anos depois. A primeira epístola de Pedro provavelmente foi escrita pouco antes do seu martírio sob o reinado de Nero.

Escrevendo aos Cristãos Romanos em 110 d.C., apenas quarenta anos após a morte de Pedro, Inácio de Antioquia disse: “Eu, não como Pedro e Paulo, ordeno nada a vocês. Eles foram apóstolos, mas eu sou um condenado; eles estão, de fato, livres”³. A inferência aqui, é claro, é essa de Pedro e Paulo presidiram a Igreja como apóstolos sobre os Crentes em Roma. O testemunho de Inácio é importante porque ele realmente viveu enquanto Pedro e Paulo estavam servindo à Igreja.

Noventa anos depois, Tertuliano, em sua *Prescrição dos Hereges*, escreveu sobre Roma: “Quão feliz é a sua Igreja, sobre a qual os apóstolos derramaram toda sua doutrina junto com seu sangue! Onde Pedro demonstra ter uma paixão como a do Senhor! Onde Paulo ganha sua coroa em uma morte como a de João”⁴. Claro, todos reconhecem que Paulo foi martirizado em Roma e, aqui, Tertuliano falou tanto de Pedro como de Paulo como tendo sido martirizado na mesma cidade. Ao mesmo tempo, Irineu de Lyon escreveu sobre “a grande e gloriosa Igreja em Roma, que lá foi fundada pelos dois apóstolos Pedro e Paulo”⁵. Outras fontes e vozes primitivas, como Didaquê, Policarpo, Clemente, Lactâncio, Cirilo, Eusébio, Jerônimo e vários outros, também fizeram comentários que sustentam a afirmação de que Pedro passou algum tempo em Roma. Em seu trabalho de três volumes, *A Fé dos Pais Primitivos*, William A. Jurgens, na verdade, lista trinta referências dos primeiros escritores Cristãos e outros documentos da Igreja Primitiva fundamentando a afirmação de que Pedro esteve em Roma. O testemunho da Igreja Primitiva é tão consistente sobre Pedro estar em Roma quando escreveu I Pedro, que o *Dicionário Bíblico Unger's* declara inequivocamente: “a evidência para seu martírio é completa, enquanto qualquer declaração contrária é totalmente ausente nos escritos dos pais primitivos”⁶.

Poucos estão cientes de que as evidências arqueológicas e científicas sobre o enterro de Pedro na Basílica de São Pedro, em Roma, também são bastante atraentes. O investigador John Evangelist Walsh, em seu livro *Os Ossos de São Pedro*, reforça o fascinante relato do inquérito científico e

arqueológico feito sobre a validade do que a tradição Cristã perpetua há tanto tempo. O livro de Walsh desenrola científica e imparcialmente os vários caminhos da escavação, deixando o leitor objetivo com poucas dúvidas de que o que foi descoberto sob a Basílica são, de fato, os restos mortais do apóstolo Pedro. Embora seja demais detalhar aqui como se chegaram às conclusões com precisão científica, basta dizer que qualquer pessoa que esteja disposta a analisar os fatos objetivamente concluirá que Pedro provavelmente foi sepultado em Roma.

À luz do peso esmagador da evidência, não devemos nos surpreender ao descobrir que Eusébio de Cesareia, o grande historiador da Igreja Primitiva, referiu-se a esse versículo específico em 303 d.C, afirmando: “Pedro faz menção a Marcos em sua primeira epístola, que dizem que ele escreveu em Roma, e como é indicado por ele quando chama a cidade, por uma figura, Babilônia.”⁷⁷ A evidência de que Pedro usou Babilônia como uma palavra codificada é ampliada pelo fato de que, antes de usar a palavra *Igreja*, ele disse “ela” novamente, mais provavelmente para velar sua localização e propósito enquanto trabalhava sob pesada perseguição.

O TESTEMUNHO APÓCRIFO E PSEUDO-EPÍGRAFO

O uso de Pedro do nome Babilônia para se referir a Roma parece ter sido uma prática comum entre Cristãos e Judeus durante esse período. Alguns trabalhos apócrifos e pseudo-epígrafos também utilizam o nome Babilônia para se referir à cidade de Roma⁸. No Oráculos Sibilinos, livro 5, geralmente datado em torno de 80 d.C., o escritor prediz uma grande estrela caindo dos céus e queimando a Babilônia, à qual se refere como “a terra da Itália[...] cidade da terra Latina, imunda em todas as coisas[...] na viuvez você há de se sentar ao lado de seus bancos, e o Rio Tibre chorará por ti”⁹. *II Baruque* e *II Esdras* também usam Babilônia de forma semelhante.

Já que “Babilônia” era um código comumente usado para significar Roma durante esse período, o público alvo de Pedro provavelmente teria entendido imediatamente que ele estava se referindo a Roma. Havia um motivo porque Judeus e Cristãos também viam uma

conexão entre Babilônia e Roma. Ambas as cidades eram as capitais do grande poder pagão das suas respectivas épocas. Elas eram glamurosas, sedutoras, pagãs, ricas e poderosas além da média. Assim, em 70 d.C., quando os exércitos Romanos destruíram Jerusalém e o templo Judeu, Roma era simplesmente a nova Babilônia para os Judeus.

BABILÔNIA: A CIDADE MIGRANTE DE SATANÁS

Entender que a Igreja apostólica via Roma como uma nova “Babilônia” é vital em qualquer tentativa de estabelecer a identidade da Babilônia do fim dos tempos - a grande prostituta. Para os primeiros fiéis, Babilônia foi mais do que a antiga cidade literal da Babilônia. Tudo que Babilônia incorporava e representada havia migrado de lugar. Como um conceito espiritual, a Babilônia não era estática, não estava presa a um único local. “Babilônia” representa a grande fortaleza de Satanás na Terra em um determinado momento. Depois que Babilônia caiu, o espírito satânico que no passado habitou no Eufrates simplesmente se mudou para outra cidade e estabeleceu o seu trono lá. Cada Império reinante sucessivo compartilhou as mesmas características: esses Impérios giravam em torno de alguma forma de religião pagã que incitava o ódio ao povo Judeu e um desejo demoníaco de possuir a Terra Prometida de Deus. Depois da Babilônia, o Império Medo-Persa foi seguido pelo Grego e, então, veio o Império Romano. Como Beale afirmou: “No tempo de João, a ‘grande cidade’ se referiria principalmente a Roma e qualquer um dos seus aliados, já que era o centro do Império ímpio que perseguia o povo de Deus naquele momento”¹⁰.

Com cada Império que surgia, “Babilônia” migrou. Ticônio, um Teólogo Cristão do século IV., caracterizou abertamente a Babilônia da seguinte maneira: “É dessa forma que a cidade do povo do diabo é significada”¹¹. Assim, em nossa busca para entender e identificar Mistério Babilônia, nós agora temos a seguinte definição com que trabalhar:

Um termo simbólico usado para identificar a capital do grande Império satânico do fim dos tempos. É a capital final da idolatria global e a última grande fortaleza demoníaca na Terra, de onde Satanás travará sua guerra contra Jerusalém e os propósitos redentivos de Deus.

Vários comentaristas compartilham essa visão. Por exemplo, Kendall Easley, em seu comentário sobre o livro de Apocalipse, afirmou:

Em seu tempo - o tempo da sexta cabeça do monstro - a forma da mulher era Roma. Nos dias da sétima cabeça do monstro, outra cidade grande e perversa surgirá. Como a esplêndida capital do Anticristo, não haverá outra cidade que se compare a ela.¹²

Depois de listar as capitais do Egito (Mênfis), Assíria (Nínive), Babilônia (Babilônia), Pérsia (Persépolis) e Império Romano (Roma), Easley continuou:

Cada uma era a Babel de seu próprio tempo. Cada uma se ergueu como expressão de ingenuidade da, engenharia apoiada pelo planejamento da força militar e política. Cada uma era um centro comercial, religioso e cultural. Cada uma delas se opôs orgulhosamente contra Deus e o povo de Deus. Se unissem todas elas, se tornariam o precursor perfeito para uma futura grande cidade e civilização do fim dos tempos contra Deus - “A Grande Babilônia”, amante do mundo. Tal como aconteceu com a primeira grande cidade do mundo, Babel, acontecerá com a última Babel: Deus a julgará diretamente e dramaticamente.¹³

Com certeza Easley captou a mensagem. Ao longo da história, o confronto sempre foi Jerusalém versus “Babilônia”. No século I, foi Jerusalém contra Roma. Hoje, no entanto, Roma não é mais a sede principal de poder satânico na Terra. Depois que o sexto Império caiu, outro surgiu.

A CAPITAL DO SÉTIMO IMPÉRIO

Tendo estabelecido a definição de Mistério Babilônia como sendo a fortaleza migratória de Satanás e a capital do Império da besta, o próximo passo é simplesmente olhar para a sétima cabeça da besta de Apocalipse 17. Qual Império ela representa? Como já argumentamos, ela é o Califado Islâmico histórico, o único candidato na história mundial que cumpre todos os requisitos das passagens proféticas relevantes e que segue o claro padrão estabelecido pelos seis Impérios anteriores. Ao contrário de qualquer outra entidade na história humana, o Califado Islâmico histórico tem sido um defensor do anti-Semitismo, anti-Judaísmo, anti-Sionismo, anti-Javenismo e possui um espírito do Anticristo. Isso é verdade tanto em termos de

doutrina quanto na prática. Embora o Califado tenha sido oficialmente dissolvido há mais de noventa anos, vive nos corações e na imaginação de grande parte do mundo Muçulmano enquanto as multidões continuam a pedir sua restauração. Os esforços do Estado Islâmico do Iraque e da Síria são um simples exemplo mais recente de um esforço Islâmico para restabelecer um califado. O movimento que vem sob o Anticristo, no entanto, superará muito o EI em tamanho, poder e impacto global. Em nossos dias, o oitavo reino da besta está começando a surgir bem diante dos nossos olhos. Eu acredito que é apenas uma questão de tempo antes que o oitavo reino seja totalmente reerguido.

Tendo identificado o sétimo Império, devemos simplesmente perguntar: qual “cidade” é a capital espiritual e o coração do mundo Islâmico? Aparentemente é fácil apontar a cidade de Meca, e o Reino da Arábia Saudita. Sem dúvida, a Arábia Saudita é o epicentro espiritual do mundo Islâmico. Enquanto Roma era a Babilônia do século I, durante os últimos mil e quinhentos anos uma nova Babilônia tem reinado sobre os corações das multidões em todo o Oriente Médio. Essa cidade é Meca, a maior cidade idólatra que a humanidade já conheceu¹⁴.

A RAINHA DO LUXO

Neste capítulo discutiremos algumas descrições finais e características da prostituta encontradas dentro da profecia de Apocalipse 17. Cada uma dessas características é crucial para a identificação da grande prostituta, definindo a própria essência de quem é a mulher, o que ela representa e, finalmente, a natureza do seu julgamento final.

EMBRIAGADA DO SANGUE DOS SANTOS

Uma das as primeiras observações feitas pelo apóstolo João foi que prostituta estava “embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus” (Ap. 17.6). Não devemos perder a noção da gravidade do que está sendo descrito aqui. Os últimos dias farão com que o testemunho da Igreja ao mundo chegue ao seu ápice, e grande parte deste testemunho se dará através do martírio dos santos em um nível nunca antes visto. Da mesma forma que o próprio Jesus venceu o mundo ao ser mutilado e esmagado, nos últimos dias os santos imitarão seu Mestre e vencerão o mundo através do martírio no contexto da proclamação do evangelho. É por isso que uma alta voz vinda dos céus declara que é chegada a vitória dos santos: “E eles o venceram [Satanás] pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram a sua vida até à morte” (Ap. 12.11). De acordo com essa profecia, a principal entidade responsável pela matança do povo de Deus nos últimos dias será a grande prostituta. Essa cidade e o sistema que ela representa vão matar tantos santos que ela é descrita como realmente estando bêbada de seu sangue.

Já enfatizamos o fato de que, ao longo da história, cada um dos sete Impérios perseguiu e procurou destruir o Povo Judeu. Mais tarde, depois do surgimento do Cristianismo, os Cristãos também foram perseguidos, tanto pelo Império Romano quanto pelo Islã. No últimos dias, no entanto,

a ira de Satanás aumentará e culminará em sua expressão mais completa. Apocalipse 12 descreve esse ataque inigualável e derradeiro:

E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão; e batalhavam o dragão e os seus anjos, mas não prevaleceram; nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele. E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite. E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram a sua vida até à morte. Pelo que alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais. Ai dos que habitam na terra e no mar! Porque o diabo desceu a vós e tem grande ira, sabendo que *já* tem pouco tempo. E, quando o dragão viu que fora lançado na terra, perseguiu a mulher que dera à luz o varão. E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente. E a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebatat. E a terra ajudou a mulher; e a terra abriu a boca e tragou o rio que o dragão lançara da sua boca. E o dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo. (versículo 7-17).

Devemos notar que, independente de estarmos falando individualmente do próprio Anticristo, de seus seguidores ou da prostituta sanguinária, todos eles trabalham juntos para e executar a ira de Satanás. Lenski afirmou, com razão: “Em certo sentido, a prostituta Babilônia, os reis, os moradores da Terra, são um e são a mesma coisa”¹. Os Cristãos muitas vezes pensam na perseguição do Anticristo, mas raramente consideram a grande perseguição do fim dos tempos perpetrada pela prostituta. Na verdade, os dois são essencialmente um e são a mesma coisa. Dessa forma fica fácil entendermos o chamado feito aos santos, apóstolos e profetas mortos que estão no céu para “Alegra-te sobre ela, [...] porque *já* Deus julgou a vossa causa quanto a ela” (Ap. 18.20). O sangue derramado sob a grande prostituta será tão grande que é como se ela fosse, pessoalmente, responsável por todo o sangue santo derramado em toda a história. É por isso que a profecia é encerrada com uma afirmação tão forte: “E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra” (Ap. 18.24). Babilônia não é literalmente responsável pelo sangue derramado de cada santo de toda a história. A perseguição gerada por sua influência, no entanto, é suficientemente vasta para justificar o uso da hipérbole.

RAINHA DE REIS

É uma imagem espantosa e perturbadora a imagem da mulher como sendo, ao mesmo tempo, uma assassina sanguinária, uma influenciadora global e detentora de poder sobre reis, governantes do mundo e povos em toda a Terra. A profecia realmente começa por destacar os reis da Terra como seus primeiros aliados. Ela é descrita como sendo aquela “com a qual se prostituíram os reis da terra; e os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição” (Ap. 17.2). Enquanto os povos da Terra estão embriagados em sua falsa religião e pela matança dos santos de Deus, ela goza do apoio de governantes terrenos. Isso é aterrador.

A influência da prostituta é descrita como estendendo-se até as extremidades da Terra. Vemos isso claramente quando o anjo explica que as águas sobre as quais a prostituta está “são povos, e multidões, e nações, e línguas [...] E a mulher que viste [...] reina sobre os reis da terra” (17.15, 18). Até onde irá a influência da prostituta certamente é assunto para debate. Devemos concluir que ela literalmente “governa” sobre cada um dos “reis” ou governantes da Terra, ou que ela simplesmente exerce uma medida verdadeiramente vasta de controle e influência sobre um grande número de governantes do mundo? Com base em outras passagens que falam de nações, militares e povos que imporão resistência, sugiro que a segunda opção seja mais razoável. O que sabemos com certeza é que a prostituta exerce um grau tão elevado de influência e controle sobre reis e povos que justifica que as Escrituras utilizem uma linguagem tão intensa.

UMA GRANDE INFLUÊNCIA ECONÔMICA

Já discutimos a grande influência religiosa da prostituta. Nós também devemos reconhecer a grande ênfase que a profecia coloca sobre o seu poder e influência econômicos. Claro, a prostituição sempre foi uma realidade econômica. Ao longo da profecia, a mulher é retratada como sedutora não simplesmente por causa de sua sensualidade, mas também por causa da sua riqueza. Somos informados de que “Os reis da terra se prostituíram com ela. E os mercadores da terra se enriqueceram com a

abundância de suas delícias” (Ap. 18.3). Em outros lugares, o texto afirma que “os reis [...] participaram do seu luxo” (18.9 NVI). A versão ARC refere-se ao relacionamento dos reis de maneira bastante interessante, como aqueles que “com ela [...] viveram em delícias” (versículo 9). É simples: tanto os comerciantes quanto os reis se tornaram ricos através do relacionamento com essa rainha, que, por sua vez, vive em luxo excessivo. Como Beale afirmou, “A descrição da mulher confirma que ela representa as forças econômicas do mundo [...] Ela é o símbolo de uma cultura que mantém a prosperidade do comércio econômico [...Ela] tenta seduzir através sua atratividade econômica”².

De forma mais ampla, o adultério espiritual refere-se a qualquer forma de adoração ou devoção que é dada a qualquer um além do Deus da Bíblia. No entanto, não precisa ser restrito apenas a atos flagrantes de adoração desviada. Nessa profecia, em particular, a “imoralidade” se refere, de maneira geral, a qualquer forma de apoio; na verdade, parece que um compromisso econômico é mais enfatizado. Isto é visto em 18.3, onde está escrito que “os reis da terra se prostituíram com ela”; isso é equivalente a dizer que “os comerciantes da terra tornaram-se ricos pela riqueza da sensualidade dela”. Além disso, 18.9 fala que “os reis da terra, que se prostituíram com ela e viveram em delícias”. Em vez de dizer que “se prostituíram com ela e viveram em delícias” (ARC), a versão NVI usa com mais precisão a expressão “que se prostituíram com ela e participaram do seu luxo”. Alguns podem argumentar que o simples “apoio” financeiro não merece o rótulo de prostituição (ARC) ou fornicação (TB10). Imagine se fosse o seu marido bancando secretamente uma mulher. Embora o envolvimento financeiro não seja tecnicamente um ato de adultério, muito poucas pessoas negariam que isso poderia ser descrito com razão para uma acusação de infidelidade. Da mesma forma é retratado aqui no Apocalipse que a sedução da prostituta é motivada religiosa e economicamente. A culpa de apoiar financeiramente a essa mulher, no entanto, é grandemente ampliada pelo fato de que ela é culpada pelo sangue derramado do povo santo de Deus,. Muitas vezes ouvimos a frase: “O inimigo do meu inimigo é meu amigo”. Da mesma forma, essa passagem está nos informando que os amigos e apoiadores dessa mulher, sendo ela inimiga suprema de Deus, também estão posicionando a si mesmos como inimigos de Deus.

Embora seja verdade que muitas nações cometerão adultério com a prostituta para todos verem (literalmente, muitos se juntarão a ela em sua falsa religião) muitas outras nações, sem dúvida, mostrarão seu apoio a ela através de relações econômicas ou até mesmo militares. Alguns atos de infidelidade são menos abertos e descarados do que outros, mas Deus vê todos eles, e são merecedores de Sua condenação.

REALEZA

Outra descrição importante diz respeito às vestes preciosas da prostituta: “E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas” (Ap. 17. 4). Essas cores podem ser interpretadas de duas formas diferentes. Primeiro, essas são as cores da realeza. Quando Jesus foi aprisionado, os centuriões Romanos o vestiram em um manto que é descrito como sendo escarlata em um dos evangelhos (Mt. 27.28) e como sendo roxo em outro evangelho (Mc. 15.17). O manto era, na verdade, uma sátira do vestuário da realeza. Da mesma forma, eles fizeram para Ele “uma coroa de espinhos [...] e [...] uma cana [imitando um cetro]; e, ajoelhando diante dele, o escarneciam, dizendo: ‘Salve, Rei dos judeus!’” (Mt. 27.29).

A roupa roxa e escarlata da prostituta também é uma alusão à sua pretensão de ser vista como a realeza. Suas roupas serem literalmente brilhantes com ouro, jóias e pérolas, também nos faz perceber que ela é rica além dos limites. Ela é fabulosamente rica e está vestida com roupas reais.

Também devemos entender as cores de suas roupas como representando a pecaminosidade: “ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a *branca* lã” (Is. 1.18). Essa interpretação é apoiada pelo restante da passagem de Apocalipse 17: ela é, no final das contas, uma prostituta corrupta e assassina. Provavelmente seria correto entender sua aparência como apontando para ambas as realidades. Ela é uma rainha, mas também é uma prostituta assassina manchada de pecado e sangue. Tão bizarro quanto possa parecer, ela é todas essas coisas ao mesmo tempo.

ÀS ESCONDIDAS

Há uma outra descrição da mulher que muitas vezes passa despercebida. No capítulo 18, nos é dito que ela “diz em seu coração: Estou assentada como rainha, não sou viúva e não verei o pranto” (versículo 7). Essa parte da profecia é uma citação direta de uma profecia anterior sobre Babilônia proferida pelo profeta Isaías. É importante que nós voltemos e leiamos o contexto mais completo dessa passagem:

E dizias: Eu serei senhora para sempre; até agora não tomaste estas coisas em teu coração, nem te lembraste do fim delas. Agora, pois, ouve isto, tu que és dada a delícias, que habitas tão segura, que dizes no teu coração: Eu *sou*, e fora de mim não *há* outra; não ficarei viúva, nem conhecerei a perda de filhos. Mas ambas estas coisas virão sobre ti em um momento, no mesmo dia: perda de filhos e viuvez; em toda a sua força, virão sobre ti, por causa da multidão das tuas feitiçarias, por causa da abundância dos teus muitos encantamentos. Porque confiaste na tua maldade e disseste: Ninguém me pode ver; tua sabedoria e a tua ciência, isso te fez desviar, e disseste no teu coração: Eu *sou*, e fora de mim não há outra. Isaías 47.7-10

A imagem é de uma mulher que é totalmente arrogante, enganada pelo seu estado de exaltação. Ela está convencida de que seu reinado nunca será extinto. Do seu ponto de vista, ela está acima de qualquer coisa que tente removê-la do seu lugar, pensa que não pode ser destruída - ela nunca chorará. Em vez disso, no entanto, o texto enfatiza a velocidade e potência com que ela encontrará seu fim quando o julgamento de Deus cair sobre ela: “Portanto, num dia virão as suas pragas: a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo, porque *é* forte o Senhor Deus, que a julga” (Ap. 18.8).

Outro elemento importante aqui é a crença da prostituta de que “ninguém me pode ver” (Is. 47.10). Isso é bem marcante. No meio do luxo, libertinagem, assassinatos e prostituição excessivos, ela acredita que ninguém esteja ciente de seus pecados. É claro que nada escapa aos olhos de Deus e o que é feito em segredo será totalmente revelado. Nesse caso, o mundo inteiro observará enquanto a prostituta será exposta, julgada e totalmente destruída.

O JULGAMENTO SERÁ REPENTINO, CHOCANTE, COMPLETO E ETERNO

Isso nos leva à nossa observação final. Muita ênfase dentro da profecia é colocada na destruição e julgamento da grande prostituta. Tem havido algum debate entre comentaristas sobre o julgamento da prostituta. Por um lado, nos dizem que “os dez chifres [...] e a besta, esses odiarão a meretriz, e a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a consumirão no fogo” (Ap. 17.16 ARA). Por outro lado, mais tarde, nos é dito que o Senhor é quem a julga:

“Portanto, num dia virão as suas pragas: e será queimada no fogo, porque é forte o Senhor Deus, que a julga. 21 E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó e lançou-a no mar, dizendo: "Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada” (Ap 18.8, 21).

Então, quem vai julgá-la? A besta destruirá a prostituta ou será Deus quem destruirá a prostituta? Esta possível tensão é facilmente resolvida quando compreendemos que o Senhor simplesmente usará a besta e seus reis para realizar Seus propósitos: Porque em seu coração incutiu Deus que realizem o seu pensamento, o executem à uma e dêem à besta o reino que possuem, até que se cumpram as palavras de Deus. Apocalipse 17.17

Não só a profecia enfatiza a natureza súbita de seu julgamento (“em uma só hora, foi devastada!” [18.19 - ARA]), mas também reforça que terão efeitos completos e eternos:

E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó e lançou-a no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada. 22 E em ti não se ouvirá mais a voz de harpistas, e de músicos, e de flauteiros, e de trombeteiros, e nenhum artífice de arte alguma se achará mais em ti; e ruído de mó em ti se não ouvirá mais; 23 e luz de candeia não mais luzirá em ti, e voz de esposo e de esposa não mais em ti se ouvirá; porque os teus mercadores eram os grandes da terra; porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias. Apocalipse 18.21-23

Depois que ela é destruída de forma tão violenta e rápida - em um dia, com “violência” [v.21 NTLH], sendo consumida por fogo - o julgamento dela é descrito como sendo permanente e absoluto. Nunca mais se ouvirá, nessa cidade, o som da música. Os trabalhadores nunca reconstruirão a cidade. Os comerciantes nunca mais estarão ativos nela. Toda a agricultura cessará. Não haverá casamento, nem celebrações de casamento. A vida humana não retornará a ela. Essa descrição de sua condição na era vindoura, depois do retorno de Jesus, é um fator importante a ser considerado à medida que avançamos para avaliar as várias interpretações dessa profecia.

RESUMINDO O QUE APRENDEMOS

Tendo nos aprofundado na interpretação do que diz a profecia de Apocalipse 17 e 18, e tendo observado as várias descrições de identificação, ações e características da grande prostituta, vamos agora resumir o que encontramos. À medida que avançamos para considerar os pontos fortes e fracos das várias interpretações, é a essa lista de critérios que devemos nos referir. Como veremos, alguns dos candidatos a serem identificados como Prostituta Babilônia podem chegar a se encaixar em algumas das descrições, mas não se alinham com alguns dos outros critérios. Para que qualquer interpretação seja seriamente considerada, não é suficiente que se alinhe com apenas alguns dos itens dessa lista; deve se alinhar com todos eles. Em última análise, qualquer que possa ser a nossa visão sobre Mistério Babilônia, ela deve ser formada e informada pelo próprio texto, e não apenas porque ela confirma nossos pressupostos anteriormente assumidos ou baseados em tradições. Consideremos esses vários requisitos.

UMA CIDADE LITERAL

Ao longo dos capítulos 17 e 18 do livro de Apocalipse, a Babilônia do fim dos tempos é chamada por oito vezes de “cidade” (17.18; 18.10, 16, 18-19, 21). Além disso, a profecia continua a detalhar o que deve ser entendido como uma lista muito literal de bens importados por ela (18.11-13). Outras partes da profecia descrevem-na de maneiras que só podem ser atribuídas a uma localização geográfica literal (17.3; 18.17, 19).

UMA CIDADE GRANDE

A cidade é repetidamente descrita como “a grande cidade” (17.18; 18.10, 18, 19, 21). Embora a “grandeza” desta cidade pudesse referir-se somente ao seu vasto tamanho, a ênfase parece concentrar-se mais na sua vasta e extensa influência sobre os reis da terra, líderes e vários povos. Também é bastante provável que a grandeza desta cidade seja encontrada no fato de que ela é mais do que apenas uma cidade, fazendo parte de uma esfera geopolítica de influência maior. Durante o período bíblico, qualquer grande cidade de renome era o coração de uma cidade-estado maior que reinava sobre grandes porções do mundo antigo. Isso aconteceu na antiga Babilônia, assim como na antiga Roma. Da mesma forma, nossa compreensão da Babilônia do fim dos tempos poderia muito bem se referir também mais amplamente a uma cidade-estado ou nação maior.

UMA CIDADE DESERTA

No início do capítulo 17, é mostrada ao apóstolo João a cidade em um deserto (Gre. *erēmos*). Que a Babilônia dos últimos dias (assim como a antiga Babilônia) seja retratada como sendo um deserto, é uma pista importante sobre o ambiente natural e a localização da cidade.

UMA CIDADE PORTUÁRIA OU COSTEIRA

A Bíblia indica fortemente que ela é uma cidade portuária ou que, pelo menos, está perto do mar. Após a destruição da cidade, aqueles que lamentam e pranteiam pela perda dele são especificamente os capitães, passageiros e marinheiros. Outros que são enfatizados são aqueles que “ganham a vida no mar”, enquanto ficavam à distância e gritaram quando viram “a fumaça do incêndio da cidade [... todos eles que,] à custa da sua grande riqueza, se enriqueceram [...] os que tinham navios no mar” (Ap. 18.17-19 NTLH).

UMA CIDADE CONSUMIDORA, E NÃO PRODUTORA

Muitas das importações feitas pela cidade (Ap. 18.11-13) indicam que ela não é uma cidade de grande produção, seja em termos de fabricação ou de agricultura. Aparentemente, a cidade importa tanto seus itens de luxo quanto de necessidades básicas. Os comerciantes da Terra tornaram-se ricos por causa de todos os bens que ela compra deles. Consequentemente, isso aumenta ainda mais a probabilidade de ela ser uma cidade do deserto.

A MAIOR CIDADE DA IDOLATRIA

As referências à prostituição e à imoralidade da cidade feitas repetidas vezes ao longo da profecia são referências metafóricas à falsa religião e idolatria. A descrição específica (literalmente escrita em sua testa) de que ela é “a Grande Babilônia, a Mãe das Prostituições” (Ap. 17.5) indica que esta cidade não é simplesmente uma cidade de falsa religião, mas que é a cidade mais significativa na prática da idolatria e falsa religião que já existiu.

UMA CAPITAL RELIGIOSA E CENTRO MISSIONÁRIO

Além de ser a maior cidade de idolatria e falsa religião que já existiu, ela também é uma cidade missionária que difunde sua falsa religião em todo o mundo. Ela atinge, especificamente, “reis [...] povos, e multidões, e nações, e línguas” (Ap. 17. 2, 15). Repetidamente, nos é dito que os reis da terra pecaram com ela e participaram de sua falsa religião idólatra. A passagem que diz que “todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição” (18.3) confirma que a influência religiosa desta cidade é, de fato, global.

UMA CIDADE DE GRANDE LUXO

Dentre as descrições exclusivas atribuídas a essa cidade, ela é consistentemente retratada como sendo uma cidade de luxo material excessivo. Além de estar “adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas” (17.4), ela também “se glorificou e em delícias esteve” (ou “luxo e glória” - NTLH) (18.7). Lemos que, após sua destruição, “Acabaram todas aquelas coisas boas que você tanto desejava, e você perdeu para sempre toda a riqueza e toda a fama que possuía e não as encontrará mais” (18.14 - NTLH). Isso resulta na lamentação deles, afirmando que “numa hora foi assolada” (18.19). Muitos dos itens específicos que ela importa são coisas que exigem riqueza e que comunicam luxo.

UMA SEDUTORA ECONÔMICA

O excesso de luxo material dessa cidade servem para amplificar grandemente sua sedução e influência muito além daquela realizada através apenas de sua religião. Tanto os “mercadores” (18.3) como os “que negociam no mar” (18.17) “à custa do seu luxo excessivo os negociantes da terra se enriqueceram” (18.3 - NVI). E ainda mais importante que isso: toda essa riqueza material é diretamente proveniente da aliança feita com os reis da Terra, que uniram-se a ela em sua corrupção espiritual e derramamento de sangue (17.2; 18.3).

UMA CIDADE DE ESCRAVIDÃO

Concluindo a lista das importações feitas pela cidade estão, especificamente, “de corpos e de almas de homens” (Ap. 18.12, 13). Embora quase todas as principais cidades do mundo estejam envolvidas, até certo ponto, no tráfico de pessoas nos dias de hoje, o fato de que a importação de “escravos” enfatizada aqui provavelmente fala de algo mais extraordinário do que o que acontece em outras cidades.

UMA CIDADE QUE PROMOVE O ASSASSINATO TANTO DE JUDEUS QUANTO

DE CRISTÃOS

A cidade está “embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus” (Ap. 17.6). Anteriormente, a besta, com quem a mulher tem uma parceria, é vista buscando “devorar” Israel, como bem como “os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Ap. 12.17 ARA). Quando ela finalmente é julgada, os “santos, apóstolos e profetas” são instruídos a se alegrar “porque Deus contra ela julgou a vossa causa” (Ap. 18.20 ARA). O derramamento de sangue que essa cidade traz para o povo Judeu e para os Cristãos é tão enorme, que nos é dito: “E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra” (Ap. 18.24).

REPRESENTA REALEZA

A representação da cidade como sendo uma mulher “vestida de púrpura e de escarlata, adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas” (Ap. 17. 4) indica que ela representa a realeza.

ESCONDIDA, À PLENA VISTA

Somos informados de que essa cidade “diz em seu coração: Estou assentada *como* rainha, não sou viúva e não verei o pranto” (Ap. 18.7). Essa é uma imagem de uma cidade governada pela arrogância, convencida de que (apesar de seu descaramento) ela nunca será destronada. Sua declaração de que, “Ninguém me pode ver” (Is. 47.10), também aponta para a crença de que sua falta de vergonha passa despercebida pela maioria. Ela está escondida, mas à vista, por assim dizer. Isso é bastante surpreendente. No meio de sua devastação, assassinatos e corrupção, ela acredita que a maioria desconhece seus pecados.

A CAPITAL ESPIRITUAL E FINANCEIRA DO MUNDO ISLÂMICO

Essa cidade do fim dos tempos é o centro ou capital do sétimo e do oitavo Impérios da besta. Assim como as antigas cidades da Babilônia e Roma servem como protótipos para a Babilônia do fim dos tempos e eram, elas próprias, os centros e capitais de seus respectivos Impérios, assim também a Babilônia do fim dos tempos será a capital do reino satânico final.

ESSA CIDADE SERÁ ESQUECIDA PARA SEMPRE

Finalmente, quando essa cidade for destruída, ela o será repentinamente, rapidamente e completamente. Sua destruição será “em apenas uma hora [...] com violência e [...] ela será queimada no fogo” (Ap. 18.19, 21, 8 NTLH). Além disso, seu julgamento será permanente e eterno: “Babilônia [...] não será jamais achada” (18.21).

CONCLUSÃO

Qualquer que seja a nossa visão da prostituta Babilônia, ela deve ser conforme todos os critérios descritos neste capítulo. Agora que revisamos esses requisitos, vamos seguir em frente e começar a ponderar as várias opções para determinar quais parecem melhor cumprir essa antiga e misteriosa profecia.

PARTE DOIS: PESANDO AS OPÇÕES

ROMA

Durante os primeiros séculos da Igreja, a maioria dos estudiosos da Bíblia acreditava que Roma era a grande prostituta de Apocalipse 17-18. Escritores dessa época, incluindo Lactâncio, Tertuliano, Irineu e Jerônimo, todos se referiam a Roma como “Babilônia”¹.

Com o declínio gradual e a eventual queda da Roma pagã, no entanto, essa visão foi abandonada. No século VI, André de Cesaréia rejeitou abertamente a velha interpretação e expressou suas dúvidas de que Roma pudesse um dia recuperar seu “antigo status”. Em vez disso, ele acreditava que a profecia de Apocalipse 17-18 aponta para uma cidade que surgirá nos últimos dias².

Aproximadamente mil anos depois, os Reformadores Protestantes voltaram sua atenção para Roma mas, desta vez, eles apontaram especificamente para a Igreja Católica Romana. Muitos Protestantes ainda o fazem hoje em dia. Mas será que alguma dessas opiniões é válida?

ROMA PAGÃ

Com relação à Roma pagã da antiguidade, de modo superficial essa cidade se encaixa muito bem em vários dos critérios estabelecidos pela profecia. É claro que Roma era realmente uma cidade muito literal, real e “grande”. Ela foi um centro econômico e uma cidade de extraordinário luxo e excesso material. Ela era também uma cidade de tremenda idolatria e uma fonte de pesada perseguição para os primeiros Crentes. Muitos dos primeiros Cristãos viram Roma como Babilônia (incluindo o apóstolo Pedro, que realmente chamou Roma por esse nome em I Pedro 5.13). Existem diversos paralelos muito fortes entre Roma e a antiga Babilônia. Os governantes e o povo das duas cidades destruíram Jerusalém e causaram o exílio do povo Judeu. Além disso, a imagem dos “sete montes, sobre os quais a mulher está assentada” (Ap. 17.9), sem dúvida, foi reconhecida pelos primeiros Crentes como uma referência à cidade de Roma. Moedas do século I até retratam a deusa Roma (uma personificação da cidade) como estando descansando sobre sete colinas e sentada sobre o rio Tíber.



Apesar desses pontos fortes iniciais, no entanto, essa opinião considera que a profecia já foi totalmente cumprida no século I e, na verdade, não possui nenhuma aplicação real ao fim dos tempos. Há muitos problemas fatais com a concretização da profecia do livro do Apocalipse no século I; são muitos para abordar aqui, e isso, várias Bíblias de estudos já fizeram muito bem. Nós, porém, discutiremos apenas algumas das falhas mais óbvias dessa opinião.

PROBLEMAS COM A IDEIA DE A ROMA PAGÃ HISTÓRICA SER A PROSTITUTA

O problema mais notório é o fato de que a cidade de Roma nunca caiu de forma repentina, dramática ou completamente, como a profecia descreve claramente. Em vez disso, após muitos anos de declínio gradual, a cidade de Roma finalmente “caiu” em 476 d.C., quando as hordas germânicas derrubaram o último dos imperadores Romanos. O mestre do Novo Testamento Grant R. Osbourne corretamente articulou esse problema quando apontou que realmente devemos acreditar “que a profecia nunca se concretizou, uma vez que Roma perdurou por mais quatro séculos. Seria preciso dizer que as tribos germânicas e góticas que atacaram e saquearam Roma muito tempo depois, fazem parte dos dez reis [de Apocalipse 17.12]”⁴. A queda de Roma foi tão lenta e seu colapso foi, de fato, tão prolongado que muitos até mesmo afirmam que Roma nunca caiu realmente, mas que ela permanece viva através da civilização Ocidental. Isso não é o que diz a profecia. É muito claro que “em apenas uma hora ela perdeu tudo [...] Babilônia será jogada fora com violência e nunca mais será vista” (18.19, 21). A queda da grande cidade da prostituição é claramente descrita como acontecendo de maneira súbita, rápida, completa e permanente. Simplesmente não há como fazer com que o declínio longo e gradual de Roma caiba nessa profecia. Só abordando esse ponto, já é possível perceber que a interpretação histórica (preterista) falha miseravelmente.

Outro problema óbvio com a representação de Roma como sendo a grande prostituta é o fato de que, embora fosse realmente a fortaleza satânica do século I, o Império Romano já não é mais um Império reinante da besta. Roma foi o sexto Império, mas a profecia é clara quando diz que outro Império viria depois dele. Nos capítulos 7 a 9 deste livro vimos que o sétimo/oitavo Império é o Império Islâmico (ou o Califado) e, como tal, devemos olhar para a sua capital. Olhar para Roma hoje em dia não é mais relevante do que olhar para a antiga Nínive. Ambas foram capitais de seus respectivos Impérios e foram as cidades-fortaleza satânica de seus dias, mas não são mais. Para identificar o cumprimento da profecia de Apocalipse, devemos olhar para a capital do sétimo Império da besta, e não para Impérios anteriores que governaram a região milhares de anos atrás.

Para desviar desse problema (os preteristas devem reivindicar isso), em vez de apontar para sete Impérios históricos, as sete cabeças da besta em Apocalipse 17 apontam para sete imperadores Romanos históricos. Pode parecer até um tanto hilário notarmos que ninguém que compartilhe dessa opinião esteja de acordo sobre a quais imperadores o texto se refere. Abaixo está uma tabela de cinco diferentes listas que demonstram a variedade de interpretações que os preteristas oferecem

DATA DE	IMPERADOR	POSSÍVEIS ENUMERAÇÕES PARA O
---------	-----------	------------------------------

REINADO		REINO CITADO EM APOCALIPS E 17.10				
49-44 a.C.	CÉSAR	1	1			
31 a.C. - 14 d.C.	AUGUSTO	2	2	1	1	
14-37	TIBÉRIO	3	3	2	2	
37-41	CALÍGULA	4	4	3	3	1
41-54	CLÁUDIO	5	5	4	4	2
54-68	NERO	6	6	5	5	3
68-69	GALBA	7		6		
69	OTÃO	8		7		
69	VITÉLIO			8		
69-79	VESPASIANO		7		6	4
79-81	TITO		8		7	5
81-96	DOMICIANO				8	6

Obviamente, os preteristas não conseguiram chegar a qualquer tipo de consenso nesse assunto. Avaliando os esforços bastante desesperados para conciliar a profecia com a história, Beale concluiu:

A tentativa de identificar os sete reis com respectivos Impérios mundiais pode ser mais bem sucedida, já que têm mais a ver com as “sete cabeças” em Daniel 7.3-7, que representam quatro Impérios. Os primeiros cinco reis que “caíram”, são identificados como Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia; Roma é o que “é” seguida por um reino ainda desconhecido que está por vir⁵.

Outros problemas com essa visão incluem o fato de que Roma não é localizada em um deserto. No final das contas, os fatos de que a profecia diz respeito aos últimos dias e não à história antiga, e que a queda histórica de Roma simplesmente não se alinha com a aniquilação abrupta e eterna da Babilônia (conforme descrito na profecia), fazem da cidade histórica de Roma uma opção inaceitável.

A IGREJA CATÓLICA ROMANA

O que dizer então, a respeito da segunda opinião, segundo a qual a cidade de Roma cumprirá a profecia nos últimos dias? Esta opinião deve, inerentemente, ver o Vaticano e a Igreja Católica Romana como estando integralmente ligados à cidade e ao seu julgamento final. Como a opinião anterior, essa visão tem alguns pontos fortes, mas também algumas falhas fatais.

É claro que o Vaticano (ou Roma) é uma cidade, de fato, extraordinariamente luxuosa, e obviamente goza de uma tremenda medida de influência religiosa sobre muitos povos, reis e nações. Dependendo de como alguém vê as várias doutrinas Católicas Romanas e suas práticas de adoração (como a veneração aos santos, a Imaculada Conceição e a

intercessão por intermédio de Maria), um grande número de Protestantes sem dúvida verá Roma como uma cidade de grande idolatria. E, mais uma vez, podemos apelar para o fato de que os Crentes da Igreja Primitiva, incluindo Pedro, olharam para Roma como sendo a Babilônia (ver I Pedro 5.13). Muitos também observaram corretamente que, desde a Reforma, a Igreja Católica tem sido responsável pela morte de dezenas de milhões de Protestantes. Além disso, hoje, a Igreja Católica Romana tende a tomar uma atitude frívola e, às vezes, adversária em relação ao Estado de Israel. Em algumas partes do mundo, o Catolicismo continua sendo uma fonte de perseguição aos Protestantes⁶.

Inúmeros outros pontos mais questionáveis são frequentemente levantados para identificar a Igreja Católica Romana como a grande prostituta. Dave Hunt, por exemplo, em seu livro *A Mulher Montada na Besta*, declara: “As cores roxa e escarlate mais uma vez identificam a mulher tanto com a Toma pagã quanto com a Roma Cristã [...] As cores da mulher são, literalmente, as cores do clero Católico!”

PROBLEMAS COM A AFIRMAÇÃO DE QUE A IGREJA CATÓLICA ROMANA SEJA A PROSTITUTA

Alguns dos mesmos problemas que existem para a antiga Roma pagã também existem para a ideia de uma Roma do fim dos tempos. A cidade de Roma era, de fato, a fortaleza satânica do século I, mas o Império Romano (a sexta besta/ Império), simplesmente não é mais uma besta reinante. Como declarado mais cedo, Roma hoje não é mais relevante do que Mênfis, Nínive, Babilônia, Persépolis ou Antioquia. Todas essas eram cidades capitais-fortalezas dos primeiros Impérios da besta, mas não o são mais. “Babilônia” migra, e a sétima besta já veio. Assim sendo, devemos olhar para a capital do sétimo/oitavo Império.

Então, quais são alguns dos problemas mais importantes com a visão de que a Igreja Católica seja a Babilônia do fim dos tempos? Primeiro, é difícil vê-la como a potência econômica que controla os reis da Terra. Isto não quer dizer que a Igreja Católica não tenha poder ou influência econômica de nenhum tipo. Certamente tem, mas não parece exercer o nível de poder que é descrito em Apocalipse. Se o Vaticano fosse destruído hoje, é pouco provável que os comerciantes e os fabricantes de toda a Terra lamentariam o fim de uma grande fonte de lucros por meio do comércio. Também é bastante difícil afirmar que a cidade de Roma seja uma grande importadora de escravos e vidas humanas (ver Apocalipse 18.11-13). E, finalmente, a cidade do Vaticano não é uma cidade no deserto.

A CULPA DO DERRAMAMENTO DE SANGUE FEITO PELA ROMA CATÓLICA

Embora seja certamente verdade que uma vasta multidão de Protestantes tenha sido morta pela Igreja Católica Romana, considere o que tem transcorrido nos últimos vinte anos. Em 1 de Março de 2000, durante uma coletiva em Paris, representantes da Igreja Católica Romana lançaram um novo documento intitulado “Memória e Reconciliação: A Igreja e as Faltas do Passado”. O documento cita a carta apostólica do Papa João Paulo II de 1994, *Tertio Millennio Adveniente*:

Assim, quando o segundo milênio já se encaminha para o seu termo, é justo que a Igreja assuma com maior consciência o peso do pecado dos seus filhos, recordando todas aquelas circunstâncias em que, no arco da história, eles se afastaram do espírito de Cristo e do seu Evangelho, oferecendo ao mundo, em vez do testemunho de uma vida inspirada nos valores da fé, o espetáculo de modos de pensar e agir que eram verdadeiras formas de antitestemunho e de escândalo. Embora sendo santa pela sua incorporação em Cristo, a Igreja não se cansa de fazer penitência: ela reconhece sempre como próprios, diante de Deus e dos homens, os filhos pecadores.⁸

Onze dias depois, no domingo, 12 de março de 2000, o Papa João Paulo II proferiu uma homilia na Basílica de São Pedro intitulada “Oração universal: Confissão de pecados e pedido de perdão”. Na homilia, o Papa expressou pesar e arrependimento pelos pecados históricos daqueles Católicos que perseguiram ou pecaram contra “Judeus, Ciganos, outros Cristãos”. Durante a homilia, o Papa se desculpou em nome da Igreja Católica Romana e pediu perdão:

Pedimos perdão pelas divisões que surgiram entre os cristãos, pelo uso da violência que alguns deles fizeram no serviço à verdade, e pelas atitudes de desconfiança e de hostilidade às vezes assumidas em relação aos seguidores de outras religiões.¹⁰

Dezesseis anos depois, em Janeiro de 2016, o Papa Francisco espelhou os sentimentos de Paulo II, também pedindo desculpas aos Protestantes em nome da Igreja Católica Romana, afirmando:

Como Bispo de Roma e Pastor da Igreja católica, desejo invocar misericórdia e perdão pelos comportamentos não evangélicos que alguns católicos tiveram em relação a cristãos de outras Igrejas. [...] Não podemos cancelar o que aconteceu, mas não queremos permitir que o peso das culpas do passado continue a corromper as nossas relações¹¹.

Esses atos públicos e declarações de arrependimento são importantes quando consideramos a identidade da grande prostituta. Embora a Igreja Católica tenha admitido pecar contra “outros Cristãos”, muito da violência e do derramamento de sangue ocorridos durante os dias da Reforma Protestante não foi pecado exclusivo do Catolicismo Romano. Os Protestantes também são culpados de sua própria parcela de derramamento de sangue. Esse lado da equação, no entanto, raramente é discutido. Apesar do fato de que o pecado e a corrupção existem em ambos os lados, muitos Protestantes acreditam apenas a Igreja Católica mereça juízo, isentando-se de qualquer punição. Independentemente do lado que alguém esteja em relação à divisão Católica/Protestante, todos concordamos que Deus não castiga ninguém por pecados que tenham sido confessados publicamente e dos quais tenha se arrependido. Se não fosse esse o caso, todos estaríamos em grande dificuldade.

Embora a Igreja Católica Romana seja certamente culpada de derramar o sangue de muitos santos ao longo da história, existe algum sangue Cristão ou Judeu sendo derramado em Roma hoje em dia? Quaisquer que sejam os preconceitos religiosos e até mesmo as hostilidades que continuam a existir em várias partes do mundo, quando olhamos para o Vaticano, não vemos notícias de violência. Em vez disso, vemos pedidos de desculpas e arrependimento público. Isso está muito distante do que está descrito no livro de Apocalipse, onde lemos sobre uma cidade que está realmente bêbada do sangue do povo santo de Deus. Ao contrário disso, quando olhamos para o Oriente Médio hoje em dia (mais especificamente para as nações do Iraque e da Síria, onde o Estado Islâmico criou seu Califado temporário), a maioria daqueles que estão sendo mortos por causa do nome de Jesus são, na verdade, Católicos Assírios e Caldeus.

CONCLUSÃO

Quer consideremos a histórica cidade pagã de Roma ou a Roma moderna/Cidade do Vaticano, ambas as cidades têm várias características que se alinham bem com a profecia, embora em outros pontos críticos ela simplesmente não possa se encaixar. No final das contas, nenhuma dessas opiniões é satisfatória na interpretação de Apocalipse 17-18. Alguns podem perguntar: “Então como é que alguns termos no texto parecem apontar para claramente para Roma se ela não é o objeto da profecia?” O mesmo poderia ser perguntado sobre Babilônia. Se a Babilônia literal não é o objeto da profecia, então por que usar o nome “Babilônia”? A resposta em ambos os casos é simples: as antigas cidades da Babilônia e de Roma eram protótipos históricos daquela que está por vir: uma cidade de prostituição maior no fim dos tempos.

JERUSALÉM

Há dois pontos de vista com relação a Jerusalém, da mesma forma que há com Roma. Primeiro, existe a visão preterista, que diz que a Jerusalém histórica do século I é a Babilônia de Apocalipse 17-18. E em segundo lugar, existe a visão futurista, segundo a qual a Jerusalém do fim dos tempos cumprirá a profecia. Embora alguns argumentos sejam exclusivos de uma visão ou de outra, a maioria dos mesmos argumentos são reciclados tanto por preteristas quanto por futuristas. Examinaremos, portanto, a maioria dos argumentos a favor e contra ambos os pontos de vista.

A VISÃO PRETERISTA

Uma série de vozes bem conhecidas defendem a visão preterista, que afirma que a Jerusalém histórica é a Babilônia de Apocalipse. Dentre eles estão os estudiosos do Novo Testamento N. T. Wright; o pastor, personalidade do rádio e renomado e respeitado autor R. C. Sproul; o “Homem da Resposta Bíblica”, Hank Hanegraaff; o dominionista David Chilton; o hiperpreterista Don Preston; e o teólogo Católico Romano Scott Hahn.

Esta visão está largamente enraizada na presunção errônea de que o Senhor rejeitou Israel e o substituiu pelo “novo Israel”, ou a Igreja no século I. Então, aqueles que têm essa visão a mantêm por causa de seu compromisso anteriormente assumido com a teologia da substituição. O perigo dessa visão está em considerar a Jerusalém histórica (representando a maior nação Judaica) como a própria encarnação de Satanás, o que resulta não apenas em expressões potencialmente graves de antissemitismo, mas também em algumas acusações muito sérias sobre o caráter do próprio Deus. Considere a linguagem, por exemplo, usada por Joel McDurmon, presidente do ministério American Vision,

em seu livro *Jesus versus Jerusalém*:

O Velho povo Judeu não foi meramente exilado de seu reino para retornar algum dia. Não. Dessa vez, o Reino foi tirado deles e dado à verdadeira nação que dá frutos. Cristo criou uma nova noiva. Por que Cristo desejaria retornar à prostituta que Ele abandonou e de quem se divorciou quando Ele tem uma noiva imaculada descendo do céu, vestida em justiça, e não corrompida por idolatria? Ele não deseja. Ele deixou aquela prostituta que está montada sobre seu patrão, a besta de Roma. E a grande mãe das prostitutas sofreu o julgamento de sua prostituição. Ela está divorciada e foi deserdada.¹

Agora deixe-me fazer uma pergunta a você: Que tipo de imagem uma afirmação dessas faz de Deus? Isso parece mais com o Deus eternamente fiel das alianças que vemos nas Escrituras, ou com o estereótipo do homem egoísta que coloca a culpa numa crise de meia-idade para se divorciar de sua esposa “velha” e justificando a troca dela por uma noiva “nova”?

É claro que não se pode discutir que os julgamentos da aliança de Deuteronômio caíram sobre Israel no século I. No entanto, a sugestão de que o Senhor rejeitou para sempre Israel, que Ele renegou para sempre Sua “aliança eterna” com Abraão, Isaque, Jacó, e Davi (ver Gênesis 17.7, 13, 19) não é apenas fundamentalmente antibíblica, mas também é uma acusação grosseira contra a integridade e o caráter do próprio Deus. Enquanto os preteristas, como o Sr. McDurmon, podem dizer que os exilados de Israel estão nesse estado permanentemente e que “Cristo criou uma noiva nova”, Paulo, o apóstolo, diz:

Porventura, rejeitou Deus o seu povo? De modo nenhum! [...] Deus não rejeitou o seu povo, que antes conheceu. Digo, pois: “porventura, tropeçaram, para que caíssem? De modo nenhum!” Romanos 11.1, 2, 11

Esta visão, logicamente, também lança o Estado de Israel atual e os descendentes dos Judeus como representantes modernos da prostituta que o Senhor procurou eliminar. E, logicamente, isso seria também inferir que os esforços do Senhor em destruir Israel como uma nação para sempre, falharam. Afinal, Israel foi restabelecido como uma nação há bem mais de sessenta anos.

Usando a linguagem padrão de outros teólogos da substituição, N. T. Wright afirmou: “Em vez de ver Jerusalém como vítima de agressão pagã ou corrupção [a reinterpretção de várias passagens do Antigo Testamento sobre Jesus], determinam que a própria Jerusalém seja Babilônia, o inimigo do verdadeiro povo da aliança de Deus [e, assim,] Jerusalém tornou-se Babilônia; Jesus e seus discípulos se tornaram Jerusalém”².

1.

Por favor, considere o que está sendo dito aqui. Ao longo das profecias de Isaías, Jeremias, Ezequiel, Zacarias e Joel, o Senhor fala de julgar as nações pagãs após elas se envolverem em um ataque militar contra Jerusalém. Após um período pisoteando as nações (Lc. 21.24; Ap. 11.2), o Senhor voltará a entregar o remanescente atribulado de Israel (ver Isaías 10.20-22; 37.31, 32; Jeremias 23.3; Miquéias 5.7-8; Zacarias 9.14, 15; Mateus 24.30). No entanto, Wright, na verdade, entende que as muitas profecias sobre o julgamento do Senhor contra os invasores pagãos de Israel e os atacantes precisam ser reinterpretados para significar que o Senhor julgará e destruirá a própria Jerusalém. Seria impossível distorcer tão perfeitamente a narrativa bíblica para transmitir exatamente o oposto do que ela realmente afirma. Wright lê profecias sobre a libertação de Jerusalém e diz que são sobre a destruição de Jerusalém. Assim, em sua opinião, quando Roma destruiu Jerusalém em 70 d.C., não era Roma mas sim a nação Judaica que era a encarnação de Satanás e totalmente merecedora da ira de Deus. Embora não exista dúvida de que os eventos de 70 d.C. foram resultado da correção fiel do Senhor sobre Seu povo, de forma alguma devemos ver esses eventos como indicando que o Senhor renegou as promessas da aliança feitas a eles ou que eles fossem a própria encarnação do mal. *Deus o livre!* Muito pelo contrário, os castigos do Senhor sobre Israel ao longo da história são o resultado de honra às promessas da Sua aliança. No Dia do Senhor, apesar do seu repetido retrocesso, Jesus irá trazer o remanescente de volta a redimirá Seu povo, especificamente como uma demonstração de Sua fidelidade diante de toda a Terra.

Preteristas são rápidos em citar Apocalipse 11.8, onde Jerusalém é chamada de “Sodoma e Egito”, mas eles ignoram consistentemente o fato de que, apenas seis versos antes, Jerusalém é chamada de “a Cidade Santa” (versículo 2). Qualquer que seja a visão negativa que temos sobre o Israel rebelde e retrocedente, também devemos reconhecer os planos e promessas do Senhor de algum dia restaurá-lo. Apesar de suas falhas, aos olhos de

Deus Israel ainda é “Santo”. Excomungar Jerusalém, não a considerando como uma filha rebelde porém profundamente amada, mas vendo-a como a plenitude do mal que merece a plenitude da ira perpétua de Deus, é, fundamentalmente perverter o maior enredo de história da fidelidade de Deus para com Seu povo. Se não houvesse nenhum outro motivo motivo para rejeitar essa visão, apenas isso seria o bastante.

A QUEDA DE BABILÔNIA VERSUS A QUEDA DE JERUSALÉM

Outro problema fatal para a visão preterista é que Jerusalém simplesmente não encontrou seu fim, como está descrito na profecia. De acordo com descrição bíblica, quando a Babilônia cai, sua queda é drástica, repentina e completa (ver Ap. 18.10, 21). Numa simples questão de história, no entanto, a queda de Jerusalém fazia parte de um longo processo: um cerco prolongado que durou cerca de cinco anos (66-70 d.C.). Além disso, Jerusalém foi reconstruída várias vezes ao longo da história. Hoje em dia Jerusalém não foi apenas restaurada, mas é uma metrópole agitada. Isso está longe de se encaixar na linguagem usada nos versículos finais no capítulo 18, quando menciona uma cidade que ficaria para sempre desolada, sem vida humana. Os intérpretes preteristas podem tentar o quanto quiserem, mas não serão capazes de explicar a drástica descontinuidade entre o que está descrito no Apocalipse e o que realmente aconteceu na história.

BABILÔNIA

Outro problema significativo para a interpretação preterista, como Já discutimos, é que o termo Babilônia foi claramente entendido pelos primeiros Cristãos e Judeus como se referindo não a Jerusalém, mas a Roma. Todo documento Judaico ou Cristão desse período, incluindo o Novo Testamento (I Pe. 5.13), usa o termo Babilônia para se referir a Roma. Considerar o Apocalipse como uma anomalia completa relativa a esse assunto, sem uma base sólida para fazê-lo, beira a irresponsabilidade.

O CHAMADO PARA FUGIR DA BABILÔNIA

Outro argumento sustentado pelos preteristas é que o comando de fugir Babilônia (“Sai dela, povo meu” [Ap. 18.4]) seja notavelmente semelhante ao chamado feito por Jesus no Sermão do Monte para uma fuga de Jerusalém imediatamente antes da sua destruição (Mt. 24.15-18, Lc. 21.20-21). Preteristas reivindicam que este chamado para fugir tenha sido ouvido, obedecido e, portanto, cumprido quando os Cristãos de Jerusalém fugiram para a segurança de Pela, alguns anos antes da destruição da cidade no século I. No entanto, Eusébio escreveu que os Cristãos fugiram de Jerusalém antes que a guerra Judaica começasse³ em 66 d.C., enquanto os preteristas dizem que o livro de Apocalipse foi escrito em 65 d.C. Isso significaria que o livro de Apocalipse estava “profetizando” e chamando Cristãos a saírem depois que eles já o tivessem feito. Em palavras simples: “profecia” escrita após o fato profetizado não é profecia coisa alguma.

JERUSALÉM COMO UM PODER ECONÔMICO

Este próximo problema é enorme. Tanto os preteristas quanto os futuristas batem contra uma grande parede tentando explicar o fato de que a Babilônia é retratada como uma cidade de enorme riqueza econômica e influência global, algo que simplesmente não pode ser dito sobre Jerusalém do século I ou dos dias de hoje. Embora certamente possa ser afirmado que Jerusalém era famosa no século I, a sugestão de que ela reinou sobre os reis e povos da Terra é mais do que de um exagero. Longe de governar sobre a Terra, a Jerusalém do século I foi ocupada, dominada e, eventualmente, pisoteada pelos poderes dos gentios. Durante o século I, Jerusalém estava em seu nível mais baixo de influência regional em dois séculos, enquanto que a queda da Babilônia em Apocalipse é retratada como uma queda dramática do auge do poder e da prosperidade⁴. O mesmo é verdade em relação à influência religiosa de Jerusalém. No século I, o Judaísmo não controlava a Terra. Da mesma forma, a mera sugestão de que todo o mundo está sendo

seduzido pelo Judaísmo ou que a riqueza excessiva de Jerusalém controla a Terra hoje em dia é simplesmente ridícula.

A GRANDE CIDADE

Tanto os preteristas como os futuristas argumentam que a frase “a grande cidade” em Apocalipse 17-18 deve se referir a Jerusalém. Em Apocalipse 11, depois que as duas testemunhas são mortas, as Escrituras dizem que “e os seus corpos ficarão na rua principal da grande cidade onde o Senhor delas foi crucificado. O nome simbólico daquela cidade é Sodoma ou Egito” (versículo 8 - NTLH). Jerusalém, é claro, é a cidade onde Jesus foi crucificado. Uma vez que Jerusalém é chamada de a “grande cidade” no capítulo 11, preteristas e futuristas acreditam que também deve ser a “grande cidade” dos capítulos 17-18, afinal, só pode existir uma “grande cidade”. Jerusalém deve ser a Babilônia mística! A resposta simples a este argumento é que, ao longo do livro de Apocalipse, existe a intenção de estabelecer um contraste entre duas grandes cidades. Uma é a grande cidade de Deus e a outra é a grande cidade de Satanás. Como mostramos, sempre houve outras “grandes cidades” inimigas de Jerusalém. Por algum tempo foi Babilônia; em outra época foi Nínive. O Senhor disse a Jonas: “Levanta-te, e vai à grande cidade de Nínive, e prega contra ela a pregação que eu te disse” (Jn. 3.2). Uma compreensão mais completa da narrativa de Apocalipse revela que essas duas cidades são representadas por duas mulheres diferentes, duas mães diferentes. Já no século VIII, o Venerável Beda, ao comentar o Apocalipse, observou: “Pois há duas cidades no mundo, uma que vem do abismo, e outra que vem dos céus”⁵. Expandindo as observações de Beda, no final dos anos 1800, J. A. Seiss estabeleceu um contraste entre as duas mulheres do Apocalipse:

A primeira coisa que me chama a atenção no estudo deste assunto é uma que não encontrei recebendo a ênfase devida em nenhum lugar, a saber: a evidente correlação e contraste entre a Mulher aqui retratada e outra Mulher descrita no décimo segundo capítulo. Lá [em Apocalipse 12.1], “um grande sinal foi visto no céu: uma mulher”; aqui [em Apocalipse 17.3], observamos [João afirmar:] “E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher”. Ambas as mulheres são mães; a primeira teve um filho, um homem que deve governar todas as nações; a segunda é “a mãe das prostituições e das abominações da Terra” [Ap. 17.5]. Ambas estão esplendidamente

vestidas; A primeira está “vestida do sol” [Ap. 12.1]; seu vestido é luz do céu. A segunda está “vestida de púrpura e de escarlata, adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas”; Todos os seus pertences são de baixo, feitos de coisas da terra e do mar.⁶

Finalmente, Beale oferece sete pontos de contraste entre as duas mulheres:

(1) Uma é uma noiva pura e mãe de filhos legítimos, enquanto a outra é uma prostituta impura. (2) Fraseologia introdutória paralela é usado em 17.1 e 21.9,10 para apresentar, respectivamente, a prostituta e a noiva do Cordeiro. (3) Babilônia está vestida com vestido bordado de pedraria e “roupas de linho fino” (17.4; 18.16) que escondem sua corrupção; em contraste com a noiva do Cordeiro, que está adornada em joias preciosas (21.2, 9-23) e “vestida de linho puro” que, respectivamente, revelam o glorioso reflexo da presença de Deus e “os atos de justiça dos santos” (19.8; ver especialmente 17.4 e 21.19: “dourado” ou “adornado com pedras preciosas”). (4) Ambas são mães perseguidas (17.5, 16; e todo o capítulo 12). (5) A mulher do capítulo 12 é salva, mas a mulher no capítulo 17 é destruída. (6) Uma mulher tem sua segurança “nos céus” (12.1) e a outra, nas multidões e nos “reis da terra” (17.15, 18). (7) A Babilônia é vista em um “deserto” e chamada de “cidade”, o que é igualmente verdade para a mulher no capítulo 12 e para a noiva do Cordeiro. Apocalipse 19.7-8; 21.2, 10⁷

Embora a Jerusalém do passado e a do presente não sejam puras nem perfeitamente santas, o Senhor é aquele que “chama à existência as coisas que não existem” (Rm. 4.17) e, portanto, muitas vezes se relaciona com Israel de acordo com o que vê que ela se tornará depois que terminar Sua obra redentora para com ela, ao invés de tratá-la de acordo com sua condição atual. É por isso que o Senhor se refere a Jerusalém, mesmo em seu estado de pecaminosidade, como “A cidade santa” (Ap. 11.2). Isso não é diferente da maneira como Ele se relaciona com você e comigo: Cristãos fracos, quebrados e cheios de dificuldades no momento, mas que serão inimaginavelmente gloriosos na era por vir.

PROSTITUIÇÃO ESPIRITUAL

Outra linha de pensamento afirma que uma vez que o Senhor repetidamente acusa a infiel Jerusalém (ou Israel) de prostituição espiritual em várias partes nas Escrituras, Apocalipse 17-18 obviamente deve referir-se a Jerusalém. De fato, Jerusalém é personificada como uma prostituta em

várias ocasiões em todo o Antigo Testamento. O exemplo mais conhecido é Ezequiel 16:

Assim diz o Soberano, o Senhor, a Jerusalém: “[...] você confiou em sua beleza e usou sua fama para se tornar uma *prostituta*. Você concedeu os seus favores a todos os que passaram por perto, e a sua beleza se tornou deles. Você usou algumas de suas roupas para adornar altares idólatras, onde levou adiante a sua *prostituição*. Coisas assim jamais deveriam acontecer! Você apanhou as joias finas que eu tinha dado a você, joias feitas com meu ouro e minha prata, e fez para você mesma ídolos em forma de homem e se *prostituiu* com eles.” Versículos 3, 15-17 (NVI; ênfase adicionada⁸ pelo autor)

Por causa da infidelidade de Jerusalém e por desempenhar o papel de prostituta, o Senhor explicou que julgaria Jerusalém e permitiria que seus pecados caíssem sobre ela. Muitas pessoas que leram a passagem dessa maneira presumiram que Jerusalém certamente deve ser a grande prostituta de Apocalipse, que também será tão severamente julgada. Há, no entanto, uma enorme ressalva. Se lêssemos o resto dessa profecia, verificaríamos que o Senhor qualifica suas promessas de juízo com a promessa de lembrar-se de Sua aliança com Jerusalém. Pois, apesar da infidelidade dela (ou da nossa), o Senhor é sempre fiel. Esta parte da equação é absolutamente crucial:

“Contudo, eu me lembrarei do meu concerto que contigo fiz nos dias da tua mocidade; e estaborecerei contigo um concerto eterno. Então, te lembrarás dos teus caminhos e te confundirás, quando receberes tuas irmãs mais velhas do que tu com as mais novas do que tu, porque tas darei por filhas, mas não pelo teu concerto. Porque eu estaborecerei o meu concerto contigo, e saberás que eu sou o Senhor; para que te lembres, e te envergonhes, e nunca mais abras a tua boca, por causa da tua vergonha, quando me reconciliar contigo de tudo quanto fizeste”, diz o Senhor Jeová. Ezequiel 16.60-63

Então, uma leitura mais cuidadosa dessa passagem mostra que a prostituta Jerusalém e a prostituta Babilônia têm futuros muito diferentes. Uma é restaurada, enquanto a outra é destruída para sempre. As duas definitivamente não são a mesma.

TIRO E NÍNIVE

Embora esse título de prostituta seja usado com bastante frequência para Jerusalém em todo o Antigo Testamento, também vemos que o termo é usado para referir-se às cidades altamente pagãs de Tiro e Nínive. Sobre Tiro, por exemplo, é dito:

Toma a harpa, rodeia a cidade, ó prostituta entregue ao esquecimento; toca bem, canta e repete a ária, para que haja memória de ti. Porque será no fim de setenta anos que o Senhor visitará a Tiro, e ela tornará à sua ganância de prostituta e terá comércio com todos os reinos que há sobre a face da terra. Isaías 23.16-17

De Nínive, diz-se:

Ai da cidade ensanguentada! Ela está toda cheia de mentiras e de rapina! Não se aparta dela o roubo. [...] por causa da multidão dos pecados da mui graciosa meretriz, da mestra das feitiçarias, que vendeu os povos com os seus deleites e as gerações com as suas feitiçarias. Naum 3.1, 4

Da mesma forma, em Êxodo 34, Deus usa o assunto da prostituição para se referir à adoração aos ídolos feita pelos povos pagãos não-Judeus que habitavam a terra de Canaã:

Mas derribareis os seus altares [...] para que não faças aliança com os moradores da terra; não suceda que, em se prostituindo eles com os deuses e lhes sacrificando, alguém te convide, e comas dos seus sacrificios e tomes mulheres das suas filhas para os teus filhos, e suas filhas, prostituindo-se com seus deuses, façam que também os teus filhos se prostituam com seus deuses..Êxodo 34.13, 15-16

Obviamente, o assunto da prostituição é aplicado a várias cidades em todo o Antigo Testamento, e não só a Jerusalém.

PORNEIA VERSUS MOICHEIA

Alguns também argumentam erroneamente que a palavra prostituição (*pornē*) deve ser entendido como se referindo ao Israel apóstata, que se afastou de uma relação de aliança preexistente. Se tal fosse o caso, no entanto, a palavra grega muito mais específica para adultério (*moicheia*) provavelmente teria sido usada. É um termo muito mais preciso para alguém que tenha sido infiel, quebrando uma aliança por meio de adultério. Ao entender a prostituição de acordo com o seu significado bíblico mais amplo, a grande prostituição deveria ser entendida como uma entidade que seduz os habitantes do mundo atraindo-os à idolatria, em geral. Ela atrai muitos povos para adorar um deus que não o Senhor, o verdadeiro Deus da Bíblia.

Outro ponto importante é que, porque o pecado da grande prostituta é seduzir os outros para que cometam idolatria, podemos concluir que ela representa alguma forma de religião anti-bíblica. Como Beale escreveu: “Uma vez que todas as figuras femininas desses capítulos representam as realidades puramente religiosas, Babilônia também deve ser essencialmente religiosa.”⁹ Na verdade, uma vez que a mulher seja vista como uma sedutora religiosa, atraindo o mundo para adorar a deuses falsos, isso claramente não aponta para Jerusalém, mas sim para um sistema religioso dos Gentios.

UMA CIDADE DE DERRAMAMENTO DE SANGUE

Outro argumento para que Jerusalém seja considerada como sendo Mistério Babilônia é aquele que afirma que em Babilônia “se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra” (Ap. 18.24); somente pode ser uma referência a Jerusalém, sobre a qual o próprio Jesus declarou: “sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra” (ver Mateus 23.34-37, Lucas 13.34).

É verdade que em 70 d.C., Jerusalém sofreu os juízos do Senhor por seus enormes pecados e por rejeitar aqueles que foram enviados a ela. Por volta de meados do século I, no entanto, a responsabilidade pelo derramamento de sangue dos santos e dos profetas mudou para grande parte do mundo gentio. Roma certamente derramou muito sangue Cristão nos primeiros séculos da Igreja. Ninguém protestaria se Paulo e Pedro forem chamados de apóstolos ou profetas; eles não foram martirizados em Jerusalém, mas em Roma. Da mesma forma, o Apóstolo João foi morto na Ásia Menor (na Turquia moderna). Jesus estava simplesmente generalizando o que era verdadeiro até aquele ponto: que a maioria dos profetas morreu em Jerusalém. Quando olhamos para o mundo de hoje, não é Jerusalém a culpada pelas mortes dos Cristãos Sírios, Iraquianos e Turcos assassinados no norte do Oriente Médio, ou pelas mortes diárias dos Cristãos em todo o norte da África, nas nações da Nigéria, Sudão, Somália e Quênia. Certamente Jerusalém não é responsável pelos ataques e assassinatos que vêm acontecendo regularmente contra Cristãos em todo

o Paquistão. Embora Jerusalém realmente tenha sofrido por sua história de perseguição contra muitos dos profetas enviados a ela, esse não é mais o caso. Não devemos confundir a afirmação feita por Jesus sobre a Jerusalém do século I com a condenação absoluta do Senhor para a Babilônia do fim dos tempos.

OS CÉUS SE ALEGRAM

Outro problema significativo ao ver Jerusalém como a Prostituta Babilônia é o contraste entre a reação positiva no céu depois que Babilônia é destruída e o que encontramos em outros lugares ao longo das Escrituras quando lemos sobre o julgamento da Jerusalém terrena. Em Apocalipse 19.1-6 encontramos uma multidão no céu comemorando e expressando júbilo com a notícia do fim da Babilônia. Esta reação é precisamente a oposta do que encontramos em outro lugar, por exemplo, quando Jeremias chorou pela queda de Jerusalém (Lm. 2.11), e o próprio Jesus chorou com a mera expectativa da queda de Jerusalém (Lc. 19.41). Por que os céus se alegrariam com algo que fez Jesus chorar? Isto é outro exemplo de por que a visão de que Jerusalém é a prostituta Babilônia simplesmente não funciona.

A MULHER QUE MONTA A BESTA

O relacionamento da mulher e da besta também é um fator que exclui a possibilidade de Jerusalém ser Babilônia. Preteristas argumentam que a liderança de Jerusalém estava em uma relação ilícita com Roma cumprindo assim a descrição da profecia. Ao dar esse argumento, eles ignoram alguns problemas muito sérios. Primeiro, o relacionamento de que Jerusalém desfrutava com Roma se deteriorou significativamente no meio do ano 50 d.C. No entanto, os preteristas reivindicam que o livro de Apocalipse foi escrito em meados da década de 60 d.C., período em que o relacionamento com Roma havia sido completamente comprometido. Então, mesmo que a aproximação anterior com o império defendido pelos preteristas do Apocalipse fosse verdadeira, isso significaria que o Apocalipse estava prevendo algo que já havia acontecido. Isso não faz sentido. Em segundo lugar, o relacionamento que a mulher com a besta,

como retratado na passagem, é uma parceria muito próxima, algo muito mais íntimo do que qualquer coisa Jerusalém que já tenha experimentado com Roma.

UMA CIDADE PORTUÁRIA

Outro problema potencial para Jerusalém ser considerada o Mistério Babilônia é que enquanto Babilônia é retratada como uma cidade portuária, Jerusalém é qualquer coisa menos uma cidade portuária. Apocalipse não apenas descreve Babilônia como estando sentada sobre muitas águas (Ap. 17.1), mas João usou quatro termos gregos específicos para descrever aqueles que mantêm relações com Babilônia e suas águas. Há os capitães de navios, os passageiros, os marinheiros e aqueles que ganham a vida do mar (18.17). Jerusalém, no entanto, não possui litoral, está a cerca de 65 quilômetros no interior do continente, e localizada sobre montanhas. Somente se alguém considerar Jerusalém como a capital e representante do Estado maior de Israel é que, de fato, é uma nação de portos e cidades portuárias; assim, esse problema seria resolvido.

BABILÔNIA É DESTRUÍDA PARA SEMPRE

O último flagrante problema para a visão de Jerusalém como Babilônia diz respeito à natureza abrangente e permanente da destruição de Babilônia. Lembre-se de que depois que o anjo de Apocalipse 18.21 “levantou uma [...] grande pedra de moinho e a jogou no mar. E disse: ‘assim [...] a grande cidade de Babilônia será jogada fora com violência e *nunca mais* será vista” (ênfase adicionada pelo autor).

Essa imagem simplesmente não pode ser conciliada com a imagem bíblica feita consistentemente sobre Jerusalém. Jeremias 17.25 (NTLH) nos diz que “na cidade de Jerusalém sempre morará gente”. Jesus retornará a Jerusalém para restaurar o trono de Davi (ver II Samuel 7.11-16, Isaías 9.6, 7; Mateus 25.31; Lucas 1.30-33). É especificamente do monte de Sião que Jesus governará as nações (ver Salmos 110.2).

Os defensores da Jerusalém do fim dos tempos como sendo Mistério Babilônia (tal como Chris White, autor de *Mistério Babilônia*:

quando Jerusalém abraça o Anticristo) são obrigados a assumir a visão extremamente incomum de que a atual Jerusalém se tornará uma desolação terrível para sempre e que Jesus governará de um local diferente, que ainda será chamado de Jerusalém. Considerando que a cidade que Jesus governará mantém não apenas o mesmo nome, mas também coordenadas geográficas específicas, como o Monte Sião, essa visão se torna inviabilizada. Embora a Jerusalém do milênio vindouro seja muito maior do que é atualmente, continua a haver alguma correlação geográfica direta. Afinal, como as Escrituras afirmariam tão claramente que, durante o milênio, muitos povos virão e dirão:

‘subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas’; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do Senhor. Isaías 2.3

Ao longo das Escrituras, as bênçãos do Reino milenar estão consistente e integralmente ligadas à futura glória de Jerusalém:

Naquele tempo, chamarão Jerusalém de “trono do Senhor”, e todas as nações se ajuntarão a ela, ao nome do Senhor, a Jerusalém; e nunca mais andarão segundo o propósito do seu coração maligno. Naqueles dias, andarão a casa de Judá com a casa de Israel; e virão, juntas, da terra do Norte, para a terra que dei em herança a vossos pais. Jeremias 3.17, 18

Esta é a cidade sobre a qual o salmista declarou: “Porque o Senhor elegeu a Sião; desejou-a para sua habitação” (Sl. 132.13). Em outros lugares ele escreveu que as pedras e a terra de Jerusalém são sagrados para aqueles que entendem os planos de Deus para esta cidade: “Tu te levantarás e terás piedade de Sião[...] teus servos têm prazer nas suas pedras e se compadecem do seu pó” (Sl. 102.13-14). A mesma noção de que o Senhor completará o seu plano de redenção (que se desenvolve em torno de Jerusalém há milhares de anos), não redimindo-a, mas queimando-a e destruindo-a para sempre é inconcebível. Deus o livre! Em vez disso, Ele prometeu que no fim de tudo, Ele diz que “[extenderá] sobre ela a paz, como um rio, e a glória das nações, como um ribeiro que transborda” (Is. 66.12). Os intercessores são chamados a “não lhe dar descanso até que ele estabeleça e faça Jerusalém um louvor na terra” (Is. 62.7). O Senhor declara:

Por amor de Sião, me não calarei e, por amor de Jerusalém, me não aquietarei, até que saia a sua justiça como um resplendor, e a sua salvação, como uma tocha acesa. E as nações verão a tua justiça, e todos os reis, a tua glória. Isaías 62. 1, 2

Longe de se tornar um lugar de desolação eterna, Jerusalém será chamada:

por um nome novo, que a boca do Senhor nomeará. E serás uma coroa de glória na mão do Senhor e um diadema real na mão do teu Deus. Nunca mais te chamarão

Desamparada, nem a tua terra se denominará jamais Assolada; mas chamar-te-ão Hefzibá; e à tua terra, Beulá, porque o Senhor se agrada de ti; e com a tua terra o Senhor se casará. Isaías 62.2-4

Tantas outras passagens podem ser citadas. O tema de Jerusalém literalmente se tornando o próprio trono de Jesus, o Rei, e a capital de toda a Terra se repete reiteradas vezes ao longo da Bíblia inteira. A menos que alguém ignore completamente essas passagens (ou radicalmente as reinterprete, como os defensores da tese de que Jerusalém é Babilônia devem fazer), a simples sugestão de que Jerusalém será destruída para sempre não apenas é inconcebível; é literalmente a antítese do plano de Deus e do desejo ardente de Seu coração.

CONCLUSÃO

Tendo considerado tudo isso, há simplesmente muitas contradições e dificuldades insuperáveis com essa visão para considerá-la uma interpretação viável. Isso é verdade tanto para os preteristas como para as vertentes futuristas. Embora o uso da linguagem da prostituição no Apocalipse nos lembre de várias passagens do Antigo Testamento que falam de Jerusalém, vê-la como o sujeito desta profecia é fundamentalmente uma interpretação errônea de sua verdadeira intenção. Portanto, devemos riscar essa visão da nossa lista de interpretações possíveis e passar para consideração da próxima opção.

OS ILLUMINATI / NOVA ORDEM MUNDIAL

A crença de que a Babilônia do fim dos tempos citada em Apocalipse representa a Nova Ordem Mundial ou “os Illuminati” tem se tornado cada vez mais popular entre os Cristãos. Embora haja inúmeras variações desta visão, geralmente ela afirma que a Babilônia refere-se a uma trama global de influenciadores e banqueiros que controlam praticamente tudo. Esse grupo, segundo afirmam, consiste de uma variedade de sociedades, clubes e organizações secretas ao redor de todo o globo. Essa sombria rede de líderes globais está envolvida em várias formas de rituais ocultos que são inerentes à sua religião Luciferiana que, em poucas palavras, é a adoração a Satanás.

A força desta visão está em sua relação com os critérios bíblicos, pelo menos conceitualmente: os Illuminati/Nova Ordem Mundial seriam um sistema religioso e um sistema econômico. Isso controlaria muitos dos povos e reis da Terra. Por causa da natureza secreta desse grupo, certamente também caberia a descrição de uma entidade que diz: “Continuarei sempre sendo a rainha eterna!” [...] e disse: ‘Ninguém me vê’” (Is. 47.7, 10). Para além desses conceitos básicos, no entanto, essa visão tem muitos problemas significativos em alinhamento com os critérios das escrituras.

CONFIANÇA NO MITO DE NINRODE

Do ponto de vista puramente bíblico, um dos primeiros problemas com a visão de que os Illuminati são a Babilônia é a dependência do mito de Ninrode, em geral, e de *As Duas Babilônias* de Alexander Hislop, especificamente. De acordo com os adeptos dessa visão, uma grande rede de líderes mundiais conhecidos como os Illuminati praticam uma

religião que foi criada por Ninrode na Torre de Babel. O objetivo dessa rede secreta é criar uma “Nova Ordem Mundial”, que é simplesmente uma tentativa de voltar para a Torre de Babel, como ela era no passado. Como tal, a própria base de toda a narrativa Illuminati/Nova Ordem Mundial é a história de Ninrode e da Torre de Babel. Em um livro lançado recentemente, *O Código da Babilônia* (2016), lemos:

Para resolver o maior enigma da Bíblia precisamos voltar para o passado distante, a um tempo não muito depois do dilúvio de Noé, na antiga Babilônia. Aqui, no berço da civilização, ao longo do Rio Eufrates, estão as pistas de que precisamos para juntar um quebra-cabeça, um enigma cósmico que prevê o que está acontecendo no nosso mundo de hoje. Esta pegadinha profética tem suas origens na Babilônia [...] Na narrativa bíblica, a raça humana (falante de uma única língua) reuniu-se na terra de Sinar algumas gerações após o Grande Dilúvio. Na época, Ninrode governou a Babilônia [...] Ninrode casou-se com uma prostituta sedutora chamada Semíramis e construiu [...] a torre de Babel.¹

A própria base da teoria Illuminati/Nova Ordem Mundial, dessa maneira, é construída sobre a necessidade de entender a história da torre de Ninrode. Sem esse fundamento, toda a narrativa desmorona. A narrativa de Ninrode também é fortemente apoiada sobre algumas outras ideias incomuns, para dizer o mínimo:

A Torre de Babel provavelmente envolveu tecnologias avançadas. A Torre de Babel e a palavra Babel, ou Barb-ili, significa “portão dos deuses”. Muitas vezes, a única maneira de entender verdadeiramente a Bíblia é estudando o significado da raiz das palavras utilizadas na linguagem bíblica original. Assim, o propósito da Torre de Babel pode ter sido agir como um tipo de portal para seres interdimensionais para entrar a esfera terrena. Foi na antiga Babilônia que todas as antigas religiões de mistério e sociedades secretas surgiram. O Código antigo entrou no tecido interdimensional da antiga Babilônia que está conectado a uma dimensão fora do tempo e espaço, que nós só agora começamos a entender.²

Colocando "seres interdimensionais" e portais de lado, mostrei nos capítulos 4 e 5 que até mesmo os elementos mais básicos da história de Ninrode popularmente empregados pela maioria dos teóricos Illuminati/Nova Ordem Mundial não têm absolutamente nenhuma base nas Escrituras, na história ou mesmo na realidade. Não há provas de que Ninrode tenha se casado com uma mulher chamada Semíramis ou que ele tenha começado uma religião. E a informação que temos na Bíblia sobre

Ninrode é escassa, na melhor das hipóteses. Todas essas idéias vêm de mitos e tradições extra-bíblicas que não começaram após o século I, tendo florescido e tomado a forma que têm nos dias de hoje. Os defensores dessa visão simplesmente não têm uma base genuína para sua teoria que seja firmada na história bíblica.

Lembre-se: a interpretação bíblica responsável jamais deve girar em torno da confiança em lendas, mitos ou meras especulações. Além disso, não há necessidade de se concentrar em informações extra-bíblicas sobre a antiga Babel para entender a identidade da grande prostituta/Mistério Babilônia. A Bíblia já nos fornece tudo o que precisamos para entender corretamente a Babilônia e como ela foi vista e compreendida pelos primeiros Crentes.

QUAL CIDADE?

Outro choque importante que esta visão tem com as Escrituras envolve a fato de que a Nova Ordem Mundial é um conceito, não uma cidade e, particularmente, não é uma cidade específica e identificável. Todavia, a Bíblia descreve Babilônia em termos muito literais. O fato de que a teoria dos Illuminati/Nova Ordem Mundial não menciona uma capital clara evidencia a razão por que sua base é profundamente problemática. É claro, muitos que sustentam essa visão muitas vezes combinam isso com uma das outras visões, procurando ligar os Illuminati a uma das cidades: Nova Iorque, Bruxelas, Roma ou Babilônia literal (agora Al-Hillah, no Iraque). Em outras palavras, eles pegam carona em outras interpretações, combinando os pontos fortes de duas teorias, por assim dizer. O problema ao fazer isso é que não são apenas os pontos fortes de duas teorias que são combinadas, mas também suas fraquezas.

OS ILLUMINATI NÃO SÃO UMA RELIGIÃO GLOBAL

Outro problema com a afirmação de que o satanismo Illuminati é a religião do Anticristo é que não representa uma religião abertamente praticada pelas massas. Sempre haverá alguns juvenzinhos em busca de

atenção que praticam satanismo manifesto, mas esta simplesmente nunca se tornará uma religião global popular. Trazendo ainda mais dificuldade a esse fato, de acordo com esse ponto de vista, a trama iluminista adora a Satanás especificamente em segredo. Se tal trama existe, eles certamente não são abertos sobre sua religião, promovendo campanhas de evangelismo ao ar livre. A prostituta do Apocalipse, por outro lado, agita seu cálice dourado alto no ar. Ela é descarada em seus esforços evangelísticos para seduzir e atrair os reis e os povos da Terra para se juntarem a ela.

Como regra geral, Satanás tende a ser um opositor que disfarça seu veneno dando a ele um aspecto adocicado. É bastante duvidoso, portanto, que qualquer grupo procure seduzir os povos do mundo a adorarem abertamente a Satanás nos últimos dias. É muito mais razoável afirmar que Satanás irá enganar o mundo para adorá-lo sob o disfarce de alguma outra religião bem conhecida. Essa é, afinal, a maneira como Satanás sempre trabalhou. Durante o século I, a maioria dos Romanos adorava Zeus. No entanto, ao se referir ao Templo de Zeus em Pérgamo (também escrito Pérgamos), Jesus chamou-o de “trono de Satanás” (Ap. 2.13). Não é necessário dizer que isso estava longe de ser politicamente correto.

Lembro-me de um momento ilustrativo que tive há alguns anos, quando eu ainda estava na faculdade. Durante anos, toda terça-feira à noite, eu costumava colocar uma ceia gratuita para os sem-teto em um lote vazio no centro da cidade. Uma noite, enquanto conversava com um amigo desabrigado (a quem eu conhecia apenas pelo apelido de “Sugar Bear”), um par de jovens satanistas vieram pegar cachorros quentes e sopas (eles aparentavam serem satanistas, pela forma como estavam vestidos). Sugar Bear se inclinou para mim e calmamente disse: “Sabe, eu realmente não entendo esses caras. Quero dizer, é simples: ou você acredita na Bíblia ou você não acredita na Bíblia. Mas não dá pra você dizer que não acredita na Bíblia e depois ir adorar o maior perdedor da Bíblia”. Sugar Bear estava certo! É duvidoso acreditar que o mundo sempre abrace voluntariamente o culto declarado a Satanás, pois isso é contra-intuitivo. De acordo com o seu modesto modo de operação ao longo da história, Satanás provavelmente seduzirá um número incontável de pessoas, por exemplo, à adoração a Deus (o deus do

Alcorão, que é simplesmente Satanás disfarçado do Deus da Bíblia). Como eu disse, Satanás dá ao seu veneno um aspecto adocicado.

OS ILLUMINATI NÃO ESTÃO RELACIONADOS COM O ISLÃ

Isso, naturalmente, nos leva a outro problema potencial com a noção de que os Illuminati/Nova ordem Mundial representam a Babilônia de Apocalipse. Especificamente, os Illuminati não têm conexão identificável com o Islã, as sétima e oitava cabeças da besta. É claro que alguém certamente pode ter uma visão diferente sobre os sétimo/oitavo reinos. Se esse for o caso, no entanto, esse alguém deve ser capaz de defender firme e convincentemente os sétimo e oitavo reinos de uma forma que possam ser claramente combinados com Daniel 2 e 7, e ainda assim, ser capaz de explicar como os Illuminati se relacionam com esse reino final.

A RESISTÊNCIA DA TEORIA DE CONSPIRAÇÃO DOS ILLUMINATI

Embora a teoria Illuminati/Nova Ordem Mundial tenha problemas significativos quanto à concordância com as Escrituras, é verdadeiramente uma grande narrativa cuja força primária está em parecer explicar porque praticamente tudo acontece em todo o mundo. Neste sentido, é uma super-conspiração, uma construção de uma ideia de conspiração em que uma série de conspirações menores estão todas unidas, em uma vasta estrutura hierárquica. No topo de tudo está o próprio diabo, supervisionando, orquestrando e controlando quase tudo o que acontece em toda a Terra. Como essa visão é uma narrativa tão abrangente, é capaz de essencialmente absorver quase qualquer uma das outras opiniões sob seu guarda-chuva. Assim, se um número de Cristãos fosse morto por um grupo de Islâmicos radicais, as pessoas que sustentam essa visão simplesmente alegarão que a os muçulmanos são secretamente controlados pelos Illuminati. Se um ditador Islâmico maligno emergir de alguma nação do Oriente Médio, pode-se afirmar que ele é um mero fantoche Illuminati. Se o Papa emitir algum decreto indubitavelmente satânico, então, obviamente, ele também é um joguete dos Illuminati.

O problema, é claro, é que nada disso pode ser comprovado. Como mencionei em tom de brincadeira no capítulo inicial deste livro, eu mesmo fui acusado por teóricos aleatórios da conspiração Illuminati, na Internet, de ser um agente secreto da trama sombria. Na ausência de evidências para sua

acusação, um desses teóricos afirmou ter testemunhado uma “mudança de forma” em mim. É claro, talvez haja um dúzia de piadas fáceis que eu poderia fazer aqui, e seria igualmente fácil simplesmente desconsiderar indivíduos como sendo malucos, delirantes e instáveis, mas é sério que esse tipo de pensamento não seja realmente de todo incomum, mesmo entre líderes, pastores e professores Cristãos amplamente reconhecidos.

Novamente, a noção de uma organização global de líderes mundiais em que todos adoram secretamente a Satanás e procuram fazer sua obra, obviamente não é algo que possa ser comprovado. É, por sua própria definição, um segredo. A força desta visão para convencer algumas pessoas é, portanto, também uma das suas maiores fraquezas. Ou, pelo menos, deveria ser. Embora esta visão forneça respostas para quase tudo, ela não requer nenhuma verificação. Esse deveria ser um enorme sinal vermelho. Faria algum sentido que o Senhor nos ordene: “ponham à prova todas as coisas” (I Ts. 5.21), como os Bereanos fizeram (ver Atos 17.10, 11) para verificar o que era verdade e o que não era, enquanto que, por outro lado, Ele espera que simplesmente aceitemos algo que, por sua própria natureza, seja impossível de verificar? Será mesmo que Ele realmente colocaria Seu povo em uma posição tão desesperadora?

Sem mais rodeios, essa visão simplesmente não é crível. Cada organização criada pelo homem será abundante em divisões internas, conflitos e avarias. Quanto mais isso não seria verdade para uma organização composta inteiramente de adoradores do diabo? Como é que uma trama global de adoradores de Satanás conseguiria ter criado uma vasta rede tão disciplinada que pode controlar quase tudo no mundo, quando mesmo as mais santas e mais comprometidas organizações Cristãs tendem a frustrar e decair dentro de apenas algumas poucas décadas? Quando consideramos o nível de poder, disciplina, e organização muitas vezes retratada por aqueles que defendem as teorias de conspiração Illuminati, é como se o grupo fosse divino em sua onipresença, onisciência e onipotência. No entanto, conhecendo a natureza da humanidade, eu sugeriria que os Crentes pensantes devam perceber que a narrativa básica da teoria da conspiração Illuminati é puramente duvidosa desde o início.

Se eu der um passo adiante, diria que não apenas muitos mestres Cristãos que defendem as teorias de conspiração Illuminati fazem uso de tremenda improvisação, mudando fluidamente e ajustando seus pontos de vista de acordo com a necessidade do momento, mas também tendem a

desviar-se muito da Bíblia para todos os tipos de idéias estranhas. Meu desejo não é criticar qualquer mestre, autor ou ministro em particular, já que acredito que muitos que defendem essas ideias são totalmente sinceros. Mas compreendendo a narrativa bíblica em relação ao fim dos tempos e, ainda mais importante, a maneira como nós (como seguidores de Jesus) devemos viver esses dias, não será através da discussão de pirâmides, OVNI's, portais interdimensionais e Nefilins, mas através de um compromisso de vida de oração e estudo cuidadoso da Bíblia.

CONCLUSÃO

A fusão de teorias de conspiração Illuminati com escatologia bíblica muitas vezes representa uma ruptura fundamental com o cuidado de que depende a exegese bíblica e, em vez disso, baseia-se em de textos extra-bíblicos para comprovar uma teoria anteriormente existente. Considerando o peso da evidência contra a Nova Ordem Mundial como sendo a Babilônia do fim dos tempos, não só em termos de simples senso comum mas também em termos de sua capacidade de cumprir os critérios estabelecidos nas Escrituras, esta visão não é sustentável.

A CIDADE DE NOVA IORQUE, EUA

Nos últimos anos, um número crescente de livros tem sido lançado especificamente sobre a cidade de Nova Iorque ou, mais comumente, sobre os Estados Unidos da América como sendo a Babilônia do fim dos tempos. Em seu livro *A Babilônia Final: os Estados Unidos da América e a Vinda do Anticristo*, os co-autores Kreiger, McGriff e Woodward afirmam que “apenas os Estados Unidos da América [...] podem reunir o dinheiro e o poder para ser a Babilônia Final de Apocalipse 18.”¹ Eles continuam: “Nós conhecemos o inimigo, e ele somos nós.”² Em seu livro, *A Babilônia Americana: o destino da América predito na profecia bíblica*, o autor R. A. Coombes alega estabelecer trinta e três identificações específicas de características da Babilônia que se alinham com os Estados Unidos. Vários outros livros (como *O Fim dos Estados Unidos da América*, de John Price, e *A América Queimará*, por Nathan Ford) argumentam de forma semelhante que os Estados Unidos são a grande prostituta e que os Cristãos devem seguir às instruções bíblicas para “sair dela” e fugir para terras estrangeiras (ver Apocalipse 18.4). Livros como *Saindo: seu guia para deixar a América*, por Mark Ehrman realmente oferecem sugestões de como os Cristãos podem “fugir” dos Estados Unidos. Se os Estados Unidos são a Babilônia do fim dos tempos, as implicações são profundas. Essa é mais uma razão pela qual uma boa compreensão de Apocalipse 17-18 é uma matéria pastoral e prática tão genuinamente importante para os nossos dias.

PORQUE OS ESTADOS UNIDOS?

Um dos pontos fortes dessa visão é que a cidade de Nova Iorque real e literalmente é uma “grande cidade” (ver Apocalipse 17.18; 18.10). Wall Street também é o coração da economia global. Como Steve Cioccolanti, pastor sênior da Igreja Discover (em Melbourne, Austrália), afirmou em um sermão recente:

Quem controla o dinheiro controla o mundo. E adivinha? Não é a ONU; não é o euro. É o dólar dos EUA que é a moeda de reserva do mundo desde 1944. Isso me dá outro motivo para parar e pensar; espere um minuto. Babilônia poderia estar se referindo aos Estados Unidos da América [...] A América é literalmente o centro do mundo físico, material [...] A América não existia no momento da Bíblia, então é compreensível que uma alternativa tenha que ter sido usada, e talvez o código fosse Babilônia.³

A cidade de Nova Iorque também é uma cidade portuária plantada solidamente “sobre muitas águas” (Ap. 17.1). Se, no entanto, considerarmos a interpretação mais ampla, dos Estados Unidos (seja através de Washington, Hollywood, Las Vegas ou Wall Street), nós realmente temos uma entidade que é profundamente influente e corrupta de formas talvez numerosas demais para contar. Certamente não é difícil enxergar os muitos paralelos entre os Estados Unidos e a Roma antiga. Neste momento da história, assim como Roma, os Estados Unidos são o pináculo do poder global. Assim como Roma, sua influência é vasta e seu poderio militar (pelo menos até recentemente), é temido por todos. Infelizmente, assim como foi com Roma, os fundamentos morais dos Americanos estão rapidamente decaindo, cada vez mais seguindo todo tipo de auto-indulgência, impureza sexual, glotonaria, e tudo mais que você puder nomear. No entanto, apesar de qualquer uma dessas coisas, assim como as outras interpretações que já consideramos essa opinião tem vários problemas fatais.

OS ESTADOS UNIDOS NÃO SÃO UMA FALSA RELIGIÃO

Embora seja certamente justo destacar a moral financeira e influência corrupta dos Estados Unidos em todo o mundo, os Estados Unidos não conseguem satisfazer a parte mais significativa da equação; não têm um componente religioso genuíno. Nem Nova Iorque nem os Estados Unidos representam uma religião, um sistema religioso, a capital global da idolatria ou, mais especificamente, a maior falsa religião que já existiu. Como já mostramos, a grande prostituta do Apocalipse representa todas essas coisas. Babilônia, “A mãe das meretrizes e das abominações da terra” (Ap. 17.5), não representa meramente uma forma geral de idolatria, como o “materialismo” ou o “consumismo”. Não, ela representa o maior sistema religioso, o mais abrangente, mais vil e mais sanguinário que o

mundo já conheceu. Mesmo com todas as faltas da América, não há simplesmente nenhuma maneira de a cidade de Nova Iorque ou os Estados Unidos serem distorcidos para encaixarem-se nos requisitos da profecia.

Apesar de qualquer influência negativa que os Estados Unidos possam ter no exterior, o outro lado da moeda parece estar faltando em todos os livros que li os quais defendem a ideia de que a América é Babilônia. Independente das tantas falhas de que os Estados Unidos possam ser culpados, ninguém pode negar que eles também são uma tremenda fonte de bem no mundo. Os Estados Unidos fornecem uma quantidade enorme de ajuda humanitária ao mundo. Quando um terremoto gigantesco devastou a cidade iraniana de Bam em 2003, por exemplo, os Estados Unidos gastaram dezenas de milhões de dólares e se apressaram em organizar equipes de resgate e voluntários para levar alívio àquele lugar. Este exemplo poderia literalmente ser repetido milhares de vezes. Muito mais importante do que isso, no entanto, é que os Estados Unidos são o coração do movimento de missões globais. Além de fornecer uma alta porcentagem dos missionários do mundo que ministram e proclamam o Evangelho em todo o mundo, a Igreja Cristã nos Estados Unidos também é, de longe, a principal fonte mundial de financiamento para missões estrangeiras. Isso não é insignificante. Como pode ser que a maior fonte de pregação do Evangelho às nações (em termos de financiamento e envio literal de missionários) também possa ser “a mãe [... das] abominações da terra”? Essa dicotomia por si só (eu sugeriria) exclui os Estados Unidos como sendo a Babilônia do fim dos tempos, e o cumprimento da profecia.

Como os adeptos dessa visão contornam esse problema flagrante? O autor R. A. Coombes sugere que os Estados Unidos realmente representam uma religião que adora a “Nossa Senhora da Liberdade”. Embora a idolatria muitas vezes se manifeste de maneiras diversas e muito sutis nos EUA, comparar a valores de liberdade, igualdade e liberdades civis destacados na Constituição dos Estados Unidos com as descrições da prostituta bêbada, sedutora e sanguinária do Apocalipse é simplesmente ridículo. Seria possível que alguém idolatre um conceito como a liberdade? É claro, mas a “Nossa Senhora da Liberdade” não é o maior perseguidor dos Cristãos do mundo inteiro, de todos os tempos. Os Americanos não se curvam diante da Estátua da Liberdade ou oferece-lhe sua adoração. Esse tipo de distorção das intenções claras e do significado do texto para

manchar a imagem dos Estados Unidos a fim de enquadrá-lo nos requisitos da profecia está longe de ser convincente e eu diria que é um “calcanhar de Aquiles” desta opinião.

EMBRIAGADA DO SANGUE DOS SANTOS

Em Apocalipse 17, a prostituta Babilônia é especificamente enfatizada como estando embriagada do sangue dos santos (versículo 5). Babilônia não é simplesmente responsável pela matança em massa dos santos mártires de Deus; ela também celebra e se deleita com isso. Apocalipse 12 detalha os esforços de Satanás nos últimos dias, para não apenas devorar a mulher Israel, mas também para “fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo” (versículo 17). Assim, a prostituta regozija alegremente no sangue derramado de todo o povo de Deus (tanto Judeus quanto Cristãos) e procura atrair o mundo para se juntar à sua obsessão doentia. Embora seja fácil ver os paralelos entre os Estados Unidos e o Império Romano em termos de proeminência global econômica e militar, não sei como alguém pode dizer que a imagem da prostituta sanguinária, assassina de santos reflete com precisão os Estados Unidos.

Infelizmente, a única maneira pela qual os defensores dessa visão podem sustentar seus argumentos é tomando a estrada escura e espalhafatosa de infinitas teorias de conspiração que lançam um olhar puramente negativo sobre os Estados Unidos. Em *A Babilônia Final*, por exemplo, os autores gastam muito tempo apontando todos os fundadores da América como sendo neo-pagãos odiadores de Deus ou ocultistas. Daí, eles avançam para desmoralizar quase todos os aspectos imagináveis do sistema americano. Enquanto lia esse material para fins de pesquisa, encontrei até mesmo uma referência feita a mim: de acordo com os autores, é possível que eu seja, secretamente, um “Muçulmano que não deseja ser exposto”⁴. Infelizmente, esse é o tipo de mentalidade necessária para se abraçar um cenário em que os Estados Unidos também sejam secretamente a maior nação satânica do mundo.

Reconhecendo a enorme contradição que essa opinião representa para a consideração dos Estados Unidos como sendo Babilônia, Doug Woodward, um dos defensores mais incisivos dessa opinião,

argumenta que os Estados Unidos cumprem essa parte da profecia através do seu apoio ao aborto⁵. O problema, no entanto, é que o pecado da prostituta é a morte não apenas de inocentes, mas, em particular, das “testemunhas de Jesus” (Ap. 17.6 - ARA; ver também 12.17, 19.10, 20.4). Ela é culpada especificamente por derramar o sangue dos “profetas [...] de santos” (Ap. 18.24 - ARA). É por isso que os mártires do fim dos tempos são descritos como tendo sido “degolados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus” (Ap. 20.4). O aborto (embora seja algo terrível) simplesmente não é uma questão de martírio bíblico pelo nome de Jesus ou pela Palavra de Deus. Com todo o devido respeito a Woodward (a quem conheço pessoalmente e aprecio) esforços para vincular o aborto na América ao assassinato dos santos e profetas pela grande prostituta me soa, pessoalmente, como um pouco de esforço desesperado para explicar uma das partes mais importantes da profecia, e a falta muito clara de quesitos pelos quais os Estados Unidos se encaixem em suas descrições. Para ser claro, ninguém está argumentando que a América seja pura, um farol de luz, sem pecados, falhas, contradições, excessos e muitos segredos obscuros. Mas dizer que os Estados Unidos não são a Babilônia do fim dos tempos não quer dizer que a América seja perfeita. Longe disso! No entanto, o nível a que alguns proponentes da visão dos Estados Unidos como sendo a Babilônia chegam a fim de pintá-lo como a própria encarnação de todo o mal que existirá no fim dos tempos não é apenas perturbador, mas (considerando que essas afirmações vêm de Cristãos que assumiram o papel de mestres,) é muito decepcionante. Numa altura em que os líderes Cristãos dos Estados Unidos deveriam estar reunindo a Igreja para clamar e interceder por um avivamento de arrependimento que inunde essa nação (como foi feito no passado), eles, em vez disso, estão discutindo em favor de sua autodestruição e estão realmente chamando outros Cristãos a fugir. Desempenhar o papel de acusador é o trabalho

mais fácil do mundo! Lutar pela redenção, no entanto, exige o tipo de trabalho de intercessão que o próprio Jesus fez como um modelo para aqueles de nós que desejamos ser Seus discípulos.

Estamos vivendo em momentos em que grupos como Al-Qaeda, Estado Islâmico e outras organizações terroristas estão recrutando dezenas de milhares de crianças de todo o mundo para se juntar à jihad e se envolver em imprudentes atos descarados de assassinato em massa, destruição, estupro, escravidão e genocídio absoluto de vários grupos de pessoas, incluindo os Cristãos do Oriente Médio. Inúmeras nações estão pressionando a ONU e trabalhando para varrer o Estado de Israel do mapa. Sugerir que os Estados Unidos (dentre todas as nações da Terra) são os mais culpados pelo sangue de Judeus e Cristãos e o país mais merecedor da ira de Deus, de modo que venham a ser completamente destruídos para sempre para nunca mais serem encontrados novamente, é ridículo.

ONDE ESTÁ O DESERTO?

Como as outras cidades que discutimos até agora, a cidade de Nova Iorque não combina com a descrição topográfica de uma cidade em um “deserto” (Ap. 17.3). Aqueles que defendem a crença de que a América é a prostituta, argumentam que a palavra que João usou, *erémos*, é traduzida como uma “região selvagem” na maioria das versões bíblicas e, portanto, não deve ser vista como um deserto literal. Em vez disso, devemos imaginar uma região de floresta selvagem (como era a América, quando foi descoberta pelos exploradores Europeus). Como já destacamos, no entanto, a palavra *erémos* contextualmente não se refere a uma terra de floresta, mas especificamente a um deserto. Em Isaías 21 (uma passagem que é citada em Apocalipse 17) Babilônia é especificamente chamada de “o deserto do mar” (Is. 21.1 - NTLH). Por quê? Porque a antiga Babilônia estava localizada sobre um deserto. Esse é o contexto da palavra em Isaías e Apocalipse. Proponentes da visão dos Estados Unidos como sendo a Babilônia não podem apenas apontar para as partes das profecias bíblicas que parecem se alinhar com os EUA enquanto ignoram os outros. Não há como contornar o fato de que nem Nova Iorque nem os Estados Unidos, em geral, possuem essa marca de identificação muito simples, porém muito importante da prostituta do fim dos tempos.

ONDE FICA A CAPITAL DO MUNDO ISLÂMICO?

Outro fator que indiscutivelmente desqualifica a cidade de Nova Iorque e os Estados Unidos é que em nenhum desses locais está a capital do sétimo/oitavo Império da besta, representando o Califado Islâmico histórico e o Califado revitalizado do Anticristo (defendidos por mim). Muito pelo contrário, os Estados Unidos são mais frequentemente vistos como “o Grande Satanás” pela maioria dos Islâmicos e jihadistas. Juntos, os Estados Unidos e Israel são vistos como os maiores inimigos do Islã no mundo inteiro. É claro que, se estamos errados em nossa identificação do sétimo/oitavo Império como sendo o Islã, então aqueles que defendem a opinião de que os Estados Unidos são a Babilônia do fim dos tempos devem ser capazes de fornecer uma explicação convincente e bíblica sobre que reinos são esses e de que modo eles são os sucessores dos seis reinos anteriores.

APLICAÇÃO ERRÔNEA DOS TEXTOS

Aqueles que acreditam que os Estados Unidos são o Mistério Babilônia confiam fortemente em uma leitura muito seletiva de Isaías 13-14 e Jeremias 50-51 para apoiar sua visão. Woodward, Kreiger e McGriff, em *A Babilônia Final*, extraem muito dessas passagens para sustentar sua visão dos Estados Unidos como sendo Babilônia. Woodward discute especificamente que o destruidor do norte (citado em ambas as profecias) é a Rússia, que realizará um ataque aos Estados Unidos. O problema flagrante com essa idéia, no entanto, é que o texto nomeia diretamente o atacante do norte como os Medos (Is. 13.17; Jr. 51.11). A história, é claro, confirma que foram os Medos, junto com os Persas e alguns outros reinos regionais menores, que conquistaram Babilônia em 539 a.C. (ver Daniel 5.31). É impossível dizer que “Medos” seja uma referência à Rússia.

Isaías 13.20 apresenta outro problema com a tentativa de ver os Estados Unidos nesses textos. Depois que Babilônia é destruída, lemos que ela “Nunca mais será habitada, nem reedificada de geração em geração; nem o árabe armará ali a sua tenda.” Agora, vamos honestamente

perguntar a nós mesmos: isso lembra mais os Estados Unidos ou o Oriente Médio?

Aqui temos outro problema flagrante: quando a entidade descrita ao longo de Jeremias 51 é finalmente julgada, em que corpo de água ela é jogada? No Oceano Atlântico? No Pacífico? O Rio Mississippi? Claro que não. Em vez disso, ela é lançada “no meio do Eufrates” (Jr. 51.63). A profecia se conclui com a frase: “Assim será afundada a Babilônia e não se levantará” (versículo 64).

Woodward também vê o termo “a filha da Babilônia” como apontando para os Estados Unidos (ver Isaías 47.1, Jr. 50.4). Novamente, isto é em grande parte devido à sua dependência da narrativa fraudulenta de Hislop (ver capítulo 5). O termo realmente se refere à própria Babilônia, ou mais especificamente, aos seus cidadãos. Uma expressão semelhante, “filha de Sião” é usado em toda a Escritura para referir-se a Jerusalém ou seus cidadãos. Sofonias 3.14, por exemplo, diz: “Canta alegremente, ó filha de Sião; rejubila, ó Israel; regozija-te e exulta de todo o coração, ó filha de Jerusalém.” O Dicionário Bíblico Hexham refere-se a essa expressão como “uma expressão poética que se refere às pessoas de Jerusalém, bem como à própria cidade (Sl. 9.14; Is. 1.8, 16.1, 52.2; Jr. 6.2, 23; Lm. 1.6, 4.22; Zc. 2.10; Sf. 3.14).”⁶ A Enciclopédia Bíblica Baker também afirma: “Uma vez que as cidades antigas eram considerados metaforicamente como a mãe de seus habitantes, referir-se ao povo de Jerusalém como ‘filha de Sião’ era totalmente apropriado, particularmente na literatura poética.”⁷ Na conclusão do grande lamento feito no Salmo 137, o salmista declara: “Ah! Filha da Babilônia, que vais ser assolada! Feliz aquele que te retribuir consoante nos fizeste a nós! Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras!” (versículos 8, 9). Será possível realmente acreditarmos que a Bíblia diz que quem esmagar bebês Americanos contra rochas será grandemente abençoado? O contexto desse lamento doloroso é o tratamento extremamente duro que os Judeus sofreram nas mãos dos Babilônios cruéis quando foram levados para exílio. Então, “filha da Babilônia” significa a própria Babilônia; não é nem de longe uma referência enigmática para os Estados Unidos.

Na verdade, existem vários outros problemas com a tentativa de aplicar essas passagens do Antigo Testamento aos Estados Unidos mas, por agora, vamos permitir que o peso desses poucos exemplos fale por si

mesmo. Continuaremos nossa discussão sobre Isaías 13-14 e Jeremias 50-51 com muito mais detalhes no capítulo 16.

CONCLUSÃO

Os Estados Unidos não conseguem chegar perto de cumprir alguns dos requisitos mais básicos da profecia de Apocalipse 17-18. Eles não possuem o tipo de componente religioso genuíno que é indiscutivelmente tão central para a profecia. Os Estados Unidos não são a capital principal da idolatria global. Certamente não são o centro da perseguição religiosa global contra Judeus e Cristãos. Não está localizado em um deserto. Os Estados Unidos simplesmente não se encaixam nos critérios colocados pelo texto.

BABILÔNIA LITERAL

Ainda que as ruínas da cidade da Babilônia (que um dia foi magnífica) hoje sejam nada mais do que uma atração turística pouco visitada, muitos mestres Cristãos acreditam que, nos dias futuros, a Babilônia será reconstruída, superará sua antiga glória e cumprirá a profecia de Apocalipse sobre a cidade da prostituta do fim dos tempos. Entre os que defendem essa visão estão comentaristas clássicos como B. W. Newton, E. W. Bullinger, J. A. Seiss, Arthur Pink e G. H. Lang (um dos meus comentaristas favoritos de todos os tempos). Mais recentemente, essa visão foi ensinada pelo falecido J. Vernon McGee, Arnold Fruchtenbaum, Robert Thomas, John MacArthur, Charles H. Dyer, Andy Woods, Chuck Missler, Mark Hitchcock e Joel C. Rosenberg. Durante anos também me inclinei fortemente para essa opinião.

Não surpreendentemente, essa visão ganhou popularidade significativa entre mestres que ensinam sobre profecia após a invasão Americana ao Iraque, em 2003. Quase imediatamente após a queda do governo de Saddam Hussein, o pastor Mark Hitchcock declarou: “Acredito que o que vemos acontecendo diante dos nossos olhos, no Iraque e no Oriente Médio, está estabelecendo o cenário para o rápido soerguimento [...] da Babilônia.”¹ Espelhando tais sentimentos em 2005, Joel C. Rosenberg previu as manchetes que todo o mundo logo leria: “O Iraque emerge do caos como o país mais rico da região.”² Para os críticos da invasão Americana ao Iraque, ele declarou:

O Iraque formará um governo central forte, estável e decisivo. As forças armadas e de segurança interna do Iraque serão bem treinadas, bem equipadas e cada vez mais eficazes. A insurgência será esmagada, o apoio a ela se evaporará, e os terroristas estrangeiros deixarão de migrar para o país. À medida que a situação se estabiliza, às estradas e aeroportos iraquianos ficarão seguros, e as pessoas finalmente serão capazes de circular livremente pelo país. Os turistas virão visitar os muitos sítios arqueológicos antigos e tesouros do país... Em breve, o Iraque emergirá como uma superpotência de petróleo, rivalizando com a Arábia Saudita. Trilhões de petrodólares inundarão o país... A antiga cidade da Babilônia emergirá praticamente da noite para o dia, como uma fênix que renasce das cinzas para se tornar uma das maravilhas modernas do

mundo... O povo do Iraque está prestes a experimentar um nível de poder e riqueza pessoal e nacional que nunca sonharam ser possível. Os especialistas que têm escrito que o país estava fadado ao fracasso e ao caos ficarão absolutamente atordoados por uma mudança dramática no direção dos eventos.³

Para ser justo, embora o tempo esteja errado tanto para Hitchcock quanto para Rosenberg, a visão deles de uma Babilônia revivida ainda é inteiramente possível. O Iraque pode muito bem encontrar estabilidade e se tornar um centro religioso global e uma superpotência econômica. No momento que escrevo este livro, no entanto, com a nação atualmente em ruínas, pelo menos o futuro imediato dela talvez seja previsível, mas é muito difícil de imaginar. É claro que o futuro certamente tem uma maneira de nos surpreender, então tudo é possível.

Uma nota adicional: essa visão funcionaria melhor se o reino da oitava besta for, de fato, o Califado Islâmico. Na verdade, é difícil imaginar que a profecia possa ser cumprida sem que haja uma besta Islâmica. Se a Babilônia fosse revivida no Iraque, me parece quase impossível que ela fosse a capital do poder de um Anticristo Ocidental. É muito difícil imaginar uma grande cidade no Iraque sendo governada por um sistema religioso que não seja o Islã.

A OPINIÃO DE QUE A BABILÔNIA LITERAL SEJA A GRANDE PROSTITUTA

Os argumentos para que a cidade da prostituta do fim dos tempos seja literalmente Babilônia no Eufrates reconstruída é bastante direta:

1. O contexto de Isaías 13-14 e Jeremias 50-51 é o fim dos tempos.
2. Por haver vários eventos descritos nessas profecias que ainda não se cumpriram na história, eles devem ser entendidos como sendo referentes a um futuro julgamento da Babilônia.
3. Uma vez que a profecia em Apocalipse 17-18 se baseia tão fortemente em Isaías 13-14 e Jeremias 50-51, Apocalipse deve simplesmente ser uma reiteração e expansão dessas profecias do Antigo Testamento.

4. Em Zacarias 5.5-10, a mulher sendo enviada para a Babilônia (chamada de “Sinar” no texto) para que um templo possa ser construído para ela não é ninguém menos que a grande prostituta, enviada para o Iraque nos últimos dias, quando será revelada ao mundo como a última Babilônia.

Vamos discutir cada um desses quatro argumentos em ordem. Vamos ver como eles se saem sob análise cuidadosa?

O CONTEXTO DE ISAÍAS E JEREMIAS

Primeiro, será que o contexto de Isaías 13-14 e Jeremias 50-51 apontam para um cumprimento passado ou no fim dos tempos? Proponentes da visão da Babilônia literal dizem que eles tratam do fim dos tempos. A resposta correta, no entanto, pertence a ambos. Qualquer avaliação honesta desses capítulos deve começar afirmando que tanto Isaías quanto Jeremias estavam profetizando sobre o julgamento da Babilônia, que aconteceria num futuro não muito distante. Não apenas esse é o contexto claro das profecias, em geral, mas muitos dos detalhes individuais dentro do texto explicam isso. Em ambas as profecias, por exemplo, Babilônia é descrita como sendo conquistada pelos Medos (Is. 13.17; Jr. 51.11, 28). Como discutimos no capítulo anterior, isso é exatamente o que aconteceu. A profecia de Daniel nos informa que foi especificamente Dario, o Medo quem tomou a cidade (Dn. 5.31).

Apesar da natureza histórica dessas profecias, no entanto, há também uma linguagem escatológica muito clara entrelaçada ao longo dela. Isaías 13.6, por exemplo, fala do “dia do Senhor”. Embora existam ocasiões dentro das Escrituras onde essa frase refere-se simplesmente a uma profunda intervenção divina na história (por exemplo, em Am. 5.18, 20; Ez. 13.5, 30.3), na maioria das vezes o termo refere-se ao final desta era. É claro, como lendário comentarista J. Alec Motyer nos lembra, que “o dia do Senhor tem muitas realizações provisórias.”⁴ Este provavelmente também é o caso aqui. Isaías 14 continua a proferir uma profecia dirigida ao rei da Babilônia que, essencialmente, respinga no grande ditador do fim dos tempos, também chamado de Anticristo. Apesar dos vários indicadores

dentro do texto que apontam para o fim dos tempos, no entanto, isso não anula o contexto histórico das profecias.

Quando confrontados com passagens como essa, intérpretes preteristas (que vêem a maioria das profecias como já tendo sido cumpridas ao longo da história) e futuristas (que vêem muitas profecias como tendo seu cumprimento no fim dos tempos) simplesmente entram em choque. Muitos argumentam que profecias como essas deveriam ser entendidas sendo rigidamente inseridas em duas categorias: as que já foram cumpridas ou as que ainda o serão no futuro, com pouco ou nenhum espaço para qualquer meio termo. Eu sugiro que uma abordagem tão inflexível é totalmente desnecessária. Qualquer tratamento honesto e cuidadoso dessas profecias precisa reconhecer a sobreposição de passado e futuro dentro do mesmo texto. É claro que, para mentes ocidentais e modernas que preferem métodos históricos para orientá-los enquanto se esforçam para dissecar cuidadosamente até mesmo a própria Palavra de Deus, isso pode ser um conceito extremamente frustrante. A natureza da profecia hebraica (tão rica em poesia e hipérbole), no entanto, nem sempre está em conformidade com as categorias e regras ocidentais.

Embora não exista um princípio interpretativo universal que possamos aplicar a cada passagem profética existente na Bíblia, é bastante comum que os profetas falem sobre eventos que estavam em seu futuro próximo ou imediato; ainda assim, eles profetizam através desses eventos para um horizonte mais distante chamado fim dos tempos. Eu diria que essa também é a melhor abordagem para entender Isaías 13-14 e Jeremias 50-51. Provavelmente, essas profecias devem ser entendidas como falando sobre a queda histórica da Babilônia bem como sobre um futuro juízo de Deus nos últimos dias. Isso significa que a cidade da Babilônia precise ser reconstruída em suas antigas fundações? Embora isso seja certamente possível, não acredito que o texto exija isso. Mas se a nossa leitura dessas profecias nos leva a concluir que uma cidade da Babilônia literal e futura deve ser reconstruída, em última análise, devemos exigir o mesmo para outros reinos e povos que tecnicamente não existem mais, como Edom, Moabe, Amom e Amaleque. Embora claramente tenham havido juízos históricos sobre todos esses reinos e tribos, existem também profecias que falam de seu julgamento nos últimos dias. Raramente, no entanto, alguém exige que eles experimentem algum tipo de renascimento ou ressurreição literal. Não precisamos procurar um renascimento literal do reino de Edom

ou de Moabe, por exemplo. Na maioria das vezes, as profecias que falam de um juízo escatológico sobre esses dois simplesmente significam que as regiões anteriormente ocupadas por esses reinos experimentarão algum tipo de julgamento no fim dos tempos. Alternativamente, em alguns casos, esses nomes antigos parecem assumir um significado mais amplo, representando todos os inimigos de Israel no fim desta era, sem correlação direta com o local onde habitavam. A profecia de Obadias, por exemplo, menciona a montanha (ou reino) de Edom como sendo julgada no dia do Senhor. A maioria dos futuristas, porém, sustenta que isso aponta para algo muito mais específico do que um juízo que será executado no fim dos tempos na região do sul da Jordânia. Edom, nesse contexto, é mais frequentemente visto como representando a totalidade dos antagonistas de Israel no fim dos tempos, possuídos com o que Ezequiel chama de uma “inimizade eterna” (Ez. 35.5).

Se quisermos enxergar Isaías 13-14 e Jeremias 50-51 como tratando primordialmente de um julgamento já realizado sobre a antiga Babilônia enquanto também trata, de modo geral, sobre o julgamento final do Senhor sobre os inimigos de Deus em toda a região do sul do Iraque, acredito que isso seria suficiente para satisfazer o significado do texto. Referindo-se a Jeremias 50-51, o mestre Judeu Messiânico Dr. Michael Brown comenta com precisão: “Babilônia tem tanta proeminência nas Escrituras [...] por representar o epítome do orgulho humano e da conquista mundial, tornando-se um tipo de todas as potências mundiais hostis, servindo como o símbolo definitivo anti-Deus em Apocalipse 17.1, 19.5.”⁵

OS MUROS DA BABILÔNIA

O próximo argumento apontando para o caráter futuro de Isaías 13-14 e Jeremias 50-51 é que muitos dos seus detalhes não se cumpriram no passado. Os defensores da visão literal da Babilônia apontam, por exemplo, que Jeremias descreve os muros da Babilônia como sendo completamente destruídos quando, na verdade, isso não aconteceu quando Babilônia caiu. Da mesma forma, Jeremias descreve o colapso físico de Babilônia como sendo repentino, enquanto ele foi longo e demorado. Jeremias também descreve Babilônia como sendo para sempre desabitada, sem que nunca fosse reconstruída, embora tenha sido tanto reconstruída

quanto habitada desde os dias de Jeremias. Após consideração inicial, isso parece servir como um argumento forte para que a visão de que essa profecia ainda não tenha sido cumprida. Uma consideração mais cuidadosa de cada ponto, no entanto, revela algumas fraquezas no argumento como um todo.

Consideremos os muros da Babilônia. Essas paredes altas eram tão maciças que foram, por certo tempo, consideradas uma das sete maravilhas do mundo antigo. Embora essas descrições sejam exageradas até certo ponto, Heródoto escreveu que as paredes tinham 90 quilômetros de comprimento, 24 metros de espessura e 97,5 metros de altura!⁶ Então, quando Jeremias disse que essas paredes seriam “totalmente derribados” (51.58), isso era uma afirmação profunda. A profecia também diz: “suas portas excelsas serão abrasadas pelo fogo”. Anteriormente na profecia, também foi previsto que Babilônia cairia “num momento” e de forma dramática (51.8). No entanto, quando a Babilônia realmente caiu, suas paredes não foram arrasadas, seus portões não foram queimados e sua queda se desenrolou de uma forma prolongada. Ao invés de ter seus grandes muros esmagados, na verdade, os exércitos dos Medos e dos Persas rastejaram sob os muros através do Rio Eufrates e surpreenderam a cidade. Os grandes muros permaneceram por alguns séculos, sendo lentamente derrubados e se deteriorando.

Considerando o forte contraste entre o que foi descrito pelo profeta e o que realmente ocorreu na história, temos algumas escolhas de interpretação a fazer. Primeiro, podemos simplesmente entender que Jeremias usou uma linguagem dramática e exagerada para descrever a queda da Babilônia. Alguns intérpretes sugeriram que Jeremias usou a imagem de um colapso físico para descrever poeticamente e com intensidade o que foi, de fato, um colapso político devastador, drástico e súbito. Em segundo lugar, podemos afirmar que essa linguagem de muros quebrados e portões queimados deve ser entendida em um sentido muito rigidamente literal e podemos argumentar que só pode descrever uma futura queda da Babilônia. O problema com essa opção, no entanto, é que exige que qualquer futura Babilônia seja cercada por muros maciços e portões eminentes. Se não for assim, então mesmo uma futura destruição da Babilônia não satisfaria literalmente às descrições do texto. A ideia de uma cidade moderna fortificada, no entanto, parece ser algo extremamente anacrônico. Embora cidades antigas muitas vezes tivessem muros e

portões para protegê-los contra invasores, cidades modernas não. Portanto, é muito mais provável que a linguagem dos muros e portões que estavam sendo quebrados foram destinados a ser melhor entendidos como hipérbole do que como uma descrição rigidamente literal. Para ser mais claro, sou adepto de uma hermenêutica mais literal. Em outras palavras, interpreto as Escrituras literalmente sempre que possível mas, ao fazê-lo, opto pelo que chamo de um “literalismo racional”, que reconhece que a profecia bíblica muito frequentemente usa exagero poético e hipérbole. Mesmo quando lemos a Bíblia literalmente, ainda devemos levar em consideração os vários tipos de literatura que estamos lendo. Literatura profética e apocalíptica muitas vezes usam esse tipo de linguagem poética e exagerada.

Considere outro detalhe que demonstra isso muito bem. Referindo-se à destruição da Babilônia, Jeremias 51.42 diz: “O mar subiu sobre Babilônia, com a multidão das suas ondas se cobriu”. Agora, obviamente, isso não foi cumprido literalmente na história. O mar não inundou a cidade da Babilônia. Pelo contrário, foram os soldados Medos e Persas que a inundaram e a engoliram. O intérprete hiperliteralista, que se recusa a ver isso como linguagem profética, deve afirmar que a Babilônia do fim dos tempos será inundada pelo mar. A Babilônia fica a quase trezentos quilômetros do Golfo Pérsico e o Rio Eufrates certamente não é um mar. Literalismo racional reconheceria que essa porção da profecia simplesmente usa linguagem profética um tanto extravagante para descrever a queda histórica drástica de Babilônia.

Novamente, a abordagem mais razoável é dizer que, embora Jeremias estivesse falando principalmente da queda histórica da Babilônia, ele também estava ansioso por um juízo do Senhor sobre os Seus inimigos no fim dos tempos, particularmente na região do sul do Iraque.

A IMAGEM COMPOSTA DA CIDADE DE SATANÁS

O terceiro argumento empregado por aqueles que assumem a visão da Babilônia literal é que, uma vez que Apocalipse 17-18 retoma tanto do texto de Isaías 13-14 e Jeremias 50-51, Apocalipse em si é simplesmente uma reiteração das profecias do Antigo Testamento. Esse argumento

também apresenta algumas dificuldades muito significativas. Embora Apocalipse 17-18, de fato, extraia muito das profecias de Isaías e Jeremias sobre a Babilônia, também extrai muito de outras profecias do Antigo Testamento quando se refere a várias outras cidades. Ele realmente retoma imagens e profecias direcionadas a várias cidades para pintar uma imagem composta do futuro, da “Babilônia “ do fim dos tempos, que não será revelada até os últimos dias. Quando analisamos cuidadosamente a profecia de Apocalipse 17-18 e consideramos todas as várias citações, alusões e ecos de outros textos encontrados ali, isso nos fala não apenas de Babilônia, mas também de Roma, Nínive, Tiro, Edom, Sodoma e Gomorra, e até de Jerusalém. Ao invés de entendermos a Babilônia do fim dos tempos como uma dessas cidades antigas, no entanto, devemos entendê-la como uma combinação de todas elas. Vamos considerar algumas das passagens e símbolos que Apocalipse menciona.

BABILÔNIA

Poucos podem negar que a profecia de Apocalipse depende muito de algumas poucas profecias do Antigo Testamento que falam sobre o julgamento de Babilônia. As mais significativas dessas profecias são Isaías 13-14, 21 e Jeremias 50-51. Quando Jeremias descreveu o julgamento iminente da Babilônia, ele chamou o povo de Deus para deixar a Babilônia para que eles não fossem apanhados em sua destruição: “Saí do meio dela, ó povo meu, e livre cada um a sua alma, por causa do ardor da ira do Senhor” (Jr. 51.45). Em Apocalipse, ouvimos um chamado quase idêntico: “E ouvi outra voz do céu, que dizia: ‘Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas’” (Ap. 18.4). Ao prever a verdadeira queda da Babilônia, Isaías viu um mensageiro montado num cavalo, clamando em alta voz: “Caída é Babilônia, caída é! E todas as imagens de escultura dos seus deuses se quebraram contra a terra” (Is. 21.9). A narração de Jeremias contém uma declaração semelhante: “Num momento, caiu a Babilônia e ficou arruinada [...] Babilônia se tornará em montões, morada de dragões, espanto e assobio, sem um só habitante” (51.8, 37). O relato de Apocalipse combina essas passagens, com o anjo clamando: “Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, e abrigo de todo espírito imundo, e refúgio

de toda ave imunda e aborrecível!” (18.2). Além disso, o julgamento do Senhor sobre Babilônia é descrito em Jeremias com estas palavras: “Ó tu que habitas sobre muitas águas, rica de tesouros! Chegou o teu fim, a medida da tua avareza.” (51.13). Apocalipse, por outro lado, diz: “E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças e falou comigo, dizendo-me: ‘Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas.’” (17.1). Da mesma forma, Isaías 21 é uma profecia contra Babilônia que a chama de “o deserto do mar” (versículo 1), enquanto que (em Apocalipse) João vê Babilônia tanto no deserto quanto sentada sobre muitas águas (17.1, 3, 15).

AO LADO DO EUFRATES OU DO MAR?

É importante notar aqui uma distinção importante entre a Babilônia de Jeremias 51 e a Babilônia de Apocalipse 18. Jeremias termina sua profecia, dizendo: “E será que, acabando tu de ler este livro, o atarás a uma pedra e o lançarás no meio do Eufrates” (Jr. 51.63). O ato de jogar o rolo no Eufrates é, em si mesmo, um ato profético que representa a Babilônia sendo lançada no rio. No texto de Apocalipse, no entanto, a pedra é lançada, porém não no Eufrates, mas no mar: “E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó e lançou- a no mar, dizendo: ‘Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada’” (18.21). Assim, uma cidade é descrita como estando assentada ao lado do Rio Eufrates, e a outra cidade realmente fica assentada ao lado de um mar. Como veremos mais adiante a "Babilônia" do Apocalipse, em termos de sua proximidade com o mar, é descrita de forma muito mais parecida com o antigo porto de Tiro do que com a histórica cidade da Babilônia, localizada a quase 483 quilômetros do Golfo Pérsico.

No entanto é claro que Apocalipse 17-18 depende muito das profecias em Isaías e Jeremias, ambas referentes ao julgamento da Babilônia literal. De fato, é por causa dessas claras alusões que os defensores dessa visão afirmam que a Babilônia do fim dos tempos é simplesmente a Babilônia literal. Suas observações, é claro, são precisas. É fundamental, no entanto, considerar também as inúmeras outras citações e alusões feitas a várias passagens do Antigo Testamento, bem como

imagens e simbolismos que teriam sido amplamente entendidos pelos Crentes do século I.

ROMA

Como discutido anteriormente, não há dúvida de que os primeiros Cristãos também teriam entendido a profecia de Apocalipse 17-18 como referindo-se, até certo ponto, à cidade pagã de Roma. Isso não seria sido um erro da parte deles; claramente esta era a intenção do Senhor quando Ele inspirou a profecia. Não só o termo “Babilônia” era comumente usado pelos Cristãos e Judeus do século I especificamente para referirem-se a Roma (ver capítulos 9 e 12), mas o Senhor especificamente escolheu usar o simbolismo de uma mulher sentada sobre sete colinas. Isso é uma linguagem bastante específica. Mostramos que as moedas Romanas desse período realmente tinham cunhadas exatamente essa imagem nelas. Roma era conhecida como a cidade sobre sete colinas. Ninguém que lêsse esta profecia no século I teria deixado isso passar. Roma também foi o centro econômico do mundo e o centro da idolatria e perseguição naquela época. Há muito sobre essa cidade do século I que se alinha com as descrições feitas dentro da profecia. Sugerir que um Crente bíblicamente alfabetizado no século I teria visto a profecia se referir não a Roma, mas à Babilônia literal seria ignorar estes pontos. É claro, como explicamos no capítulo 12, existem outras razões pelas quais a cidade de Roma não cabe nos quesitos ou não cumpre a profecia. Por um lado, devemos reconhecer que a profecia retoma muito dos símbolos, características e espírito da cidade de Roma; por outro, devemos reconhecer que ela ainda está apontando para outra coisa.

TIRO

Apocalipse 17-18 também retoma muito das profecias que falam sobre a destruição da cidade de Tiro. Nos dias do profeta Isaías, Tiro era um centro econômico de renome. Sendo uma cidade portuária, ao norte de Israel (no que é, agora, o Líbano), Tiro era um centro natural de comércio. Mercadores de Tiro partiam para navegar nas águas do Mediterrâneo e fundavam várias colônias nas costas da Grécia e no norte da África, em

Cartago, e até na Sicília, na Córsega e na Espanha⁷. Curiosamente, Tiro ficou famosa pela produção de uma tintura roxa cara conhecida como “Púrpura Tíria”, extraída de um tipo de caracol do mar⁸. Lembre-se que, nos tempos antigos, essa cor era usada quase que exclusivamente pela realeza. Considerando que a prostituta de Apocalipse esteja especificamente adornada em escarlata e Púrpura Tíria é improvável que isso seja uma coincidência. Há também algumas outras alusões a Tiro na profecia da prostituta.

Em Apocalipse 17.2 somos informados de que “se prostituíram os reis da terra” com a mulher. G. K. Beale e outros comentaristas vêem aqui uma clara alusão a Isaías 23, um oráculo que é especificamente dirigido contra a antiga cidade de Tiro. Lá, Tiro é repetidamente chamada como um local onde acontece prostituição econômica: “terá comércio com todos os reinos que há sobre a face da terra” (versículo 17). Quando o anjo, no Apocalipse, fala do julgamento contra a Babilônia, ele diz: “os teus mercadores eram os grandes da terra” (18.23). Esta linguagem é claramente tirada de Isaías 23, onde lemos isso: “[seus] mercadores *são* príncipes” e seus “negociantes são os mais nobres da terra” (versículo 8).

Apocalipse também se inspira em uma grande profecia feita em Ezequiel. Dentro de Apocalipse 18, quando os comerciantes, os navios e os marinheiros ouvem sobre a queda da Babilônia, eles irrompem num lamento quase inteiramente extraído de Ezequiel 27, numa profecia feita contra Tiro. Leia as duas passagens a seguir e observe as inúmeros semelhanças entre as duas.

As tuas fazendas, as tuas feiras, o teu negócio, os teus marinheiros, os teus pilotos, os que consertavam as tuas fendas, os que faziam os teus negócios e todos os teus soldados, que estão em ti, juntamente com toda a tua congregação, que está no meio de ti, cairão no meio dos mares no dia da tua queda. Ao estrondo da gritaria dos teus pilotos tremerão os arrabaldes. E todos os que pegam no remo, os marinheiros, e todos os pilotos do mar descerão de seus navios e na terra pararão. E farão ouvir a sua voz sobre ti, e gritarão amargamente, e lançarão pó sobre a cabeça, e na cinza se revolverão. E se farão inteiramente calvos por tua causa, e se cingirão de panos de saco, e chorarão sobre ti com amargura de alma, com amarga lamentação. E levantarão uma lamentação sobre ti no seu pranto e lamentarão sobre ti, dizendo: Quem foi como Tiro, como a que está reduzida ao silêncio no meio do mar? Quando as tuas mercadorias eram exportadas pelos mares, fartaste a muitos povos; com a multidão da tua fazenda e do teu negócio, enriqueceste os reis da terra. No tempo em que foste quebrantada nos mares, nas profundezas das águas, caíram os teus negócios e toda a tua congregação no meio de ti. Todos os moradores das ilhas foram cheios de espanto por tua causa; e os seus reis tremeram em grande maneira e foram perturbados no seu rosto. Os mercadores dentre os

povos assobiaram sobre ti; tu te tornaste em grande espanto, e nunca mais serás para sempre. Ezequiel 27.27-36

Agora, considere quanto desta linguagem e imagens são usadas em Apocalipse 18:

Os mercadores destas coisas, que com elas se enriqueceram, estarão de longe, pelo temor do seu tormento, chorando, e lamentando, e dizendo: Ai! Ai daquela grande cidade, que estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlata, adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas! Porque numa hora foram assoladas tantas riquezas. E todo piloto, e todo o que navega em naus, e todo marinheiro, e todos os que negociam no mar se puseram de longe. E, vendo a fumaça do seu incêndio, clamaram, dizendo: Que cidade é semelhante a esta grande cidade? E lançaram pó sobre a cabeça e clamaram, chorando, e lamentando, e dizendo: Ai! Ai daquela grande cidade, na qual todos os que tinham naus no mar se enriqueceram em razão da sua opulência! Porque numa hora foi assolada. Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas, porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela. Apocalipse 18.15-20

Sobre a clara relação entre essas duas passagens, Beale escreveu:

Entre todas as metáforas da prostituta do Antigo Testamento (a maioria das quais se refere a Israel), aquela referindo-se a Tiro em Isaías 23 é a mais próxima, verbalmente, de Apocalipse 17.2. Fica claro que Tiro é a cidade que está em mente aqui no Apocalipse por causa da repetida referência feita ao pronunciamento de Ezequiel (26–28) sobre o julgamento de Tiro em Apocalipse 18 e pela alusão específica a Isaías 23.8 em Apocalipse 18.23, 9.⁹

Então, o Senhor não apenas usou as antigas cidades da Babilônia e Roma como exemplos históricos da Babilônia do fim dos tempos; Ele também retomou amplamente as profecias sobre Tiro.

NÍNIVE

Apocalipse 17-18 também retoma profecias sobre Nínive, outra capital de um dos sete reinos da besta. Assim como Babilônia e Roma, Nínive foi o grande poder regional do seu tempo. Em Naum 3, o Senhor repreende essa antiga cidade pagã:

Ai da cidade ensanguentada! Ela está toda cheia de mentiras e de rapina! Não se aparta dela o roubo. Estrépito de açoite há, e o estrondo do ruído das rodas; e os cavalos atropelam, e carros vão saltando. O cavaleiro levanta a espada flamejante e a lança relampagueante, e haverá uma multidão de mortos e abundância de cadáveres, e não terão fim os defuntos; tropeçarão nos seus corpos, por causa da *multidão dos pecados da mui graciosa meretriz, da mestra das feitiçarias, que vendeu os povos com os seus deleites e as gerações com as suas feitiçarias*. Naum 3.1-4 (ênfase adicionada)

Aqui vemos novamente o tema de uma cidade de uma prostituta sangrenta, também descrita como uma cidade de “feitiçarias”. Apocalipse retoma esse oráculo quando diz sobre Babilônia: “todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias” (Ap. 18.23). Assim, em Nínive, a capital da Assíria, nós temos outra cidade antiga para a qual olhar como um tipo de grande cidade prostituta do fim dos tempos.

EDOM

Em Isaías 34, encontramos uma profecia feita contra Edom que é frequentemente usada pelos profetas para representar os principais adversários de Israel no fim dos tempos. Ao descrever o julgamento final do Senhor sobre Edom, lemos: “E os seus ribeiros se transformarão em pez, e o seu pó, em enxofre, e a sua terra, em pez ardente. Nem de noite nem de dia, se apagará; *para sempre a sua fumaça subirá*; de geração em geração será assolada, e de século em século ninguém passará por ela” (Is. 34.9, 10 - ênfase adicionada). Então, em Apocalipse 19, o surgimento de muitas vozes vindo dos céus, regozijando-se com a queda da Babilônia, alude diretamente a essa passagem de Isaías: “pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição [...] Aleluia! E a *fumaça dela sobe para todo o sempre*” (Ap. 19.2, 3 - ênfase adicionada). Beale comentou: “Aqui a queda de Edom é tomada como um padrão tipológico antecipado para a queda [da Babilônia], que nunca mais se levantará após o julgamento de Deus”¹⁰. Assim, Edom é uma quinta cidade que também é um modelo histórico para a Babilônia do fim dos tempos.

SODOMA E GOMORRA

Da mesma forma que a destruição de Edom serve como prefiguração para o juízo que cairá sobre a Babilônia, também acontece com Sodoma e Gomorra. Acompanhe a narrativa dos detalhes da destruição dessas cidades: “Abraão [...] olhou para Sodoma e Gomorra e para toda a terra da campina; e viu, e eis que a fumaça da terra subia, como a fumaça duma fornalha” (Gn. 19. 27, 28). A epístola de II Pedro também fala especificamente da destruição de Sodoma e Gomorra e sobre Deus tê-las

usado como exemplo e advertência para as futuras gerações. Dizemos que o Senhor “condenou à subversão as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinza e pondo-as para exemplo aos que vivessem impiamente” (II Pe. 2.6). Assim, Sodoma e Gomorra ainda são outro exemplo do Antigo Testamento que é usado em Apocalipse para desenhar a imagem da grande cidade prostituta do fim dos tempos.

JERUSALÉM

Embora tenhamos descartado Jerusalém (juntamente com Roma) como o principal objeto da profecia de Apocalipse 17-18, seríamos negligentes se não conhecêssemos que a profecia claramente faz uso de linguagem e passagens específicas de todo o Antigo Testamento inicialmente aplicadas a Jerusalém. Primeiro, temos o uso óbvio do termo “prostituição”, que (como discutimos) é frequentemente usado em toda a Bíblia para se referir a Israel (por exemplo, II Cr. 21.11; Ez. 16.15). Como Beale observou:

Na verdade, o retrato da prostituta de Apocalipse 17 é extraído também da representação de Israel como uma prostituta em Jeremias 2.20, 4.30: Ali Judá é uma prostituta (2.20) com “a testa de uma prostituta (3.3) que causa pecado em outros (2.33). Nas “orlas de suas vestes se achou o sangue da alma dos inocentes” (2.34), seu vestido é “carmesim”, ela se adorna “com enfeites de ouro” e seus “amantes [a] desprezam e procuram tirar-[lhe] a vida.” (4.30)¹¹

Outros comentaristas apontaram que as roupas descritas na Septuaginta como feitas de “ouro, [...] pano azul, [...] púrpura, [...] carmesim e [...] linho fino” (Ex. 28.5), são um pouco parecidas com as da prostituta do Apocalipse, que está “vestida de púrpura e de escarlata, adornada com ouro” (Ap. 17.4)¹².

A IMAGEM COMPOSTA DA CIDADE PROSTITUTA

Assim, para responder àqueles que adotam a visão da Babilônia literal, embora seja verdade que Apocalipse 17-18 extrae muito de Isaías 13-14 e Jeremias 50-51, isso não significa que Apocalipse deve, portanto, necessariamente estar falando sobre a cidade literal da Babilônia no Iraque. Em vez disso, Apocalipse faz alusão a todas essas cidades a fim de

nos apontar para outra cidade misteriosa que ainda não existia. Em vez de olhar exclusivamente para Babilônia (ou para qualquer uma das outras cidades), devemos olhar para todas essas cidades perversas que, juntas, formam uma imagem composta da cidade da perversidade no fim dos tempos.

ZACARIAS 5

O quarto e último argumento para uma futura Babilônia reconstituída literalmente gira em torno da profecia de Zacarias 5.5-10 que foi brevemente abordada anteriormente. Essa profecia fala de uma mulher especificamente chamada de “maldade” (NTLH), colocada em um efa, ou uma cesta, e que é enviada para a “terra de Sinar” (ARC), onde ela ficará sobre um “pedestal” (NVI), provavelmente significando um santuário construído para ela. Essa mulher, dizem, representa a grande prostituta que está sendo enviada para a Babilônia nos últimos dias, onde será revelada ao mundo como a última Babilônia.

O fato de essa profecia ter sido feita em 519 a.C. (ver Zacarias 1.7), vinte anos após a queda da Babilônia, não deixa dúvidas de que ela trata de algo futuro aos dias de Zacarias, direcionado à “terra de Sinar”. Mais especificamente, ele apresenta um futuro para essa terra que envolve maldade e religião. Especificamente, a profecia não menciona os últimos dias. Embora certamente possa ser uma referência ao fim dos tempos, na verdade não diz isso com essas palavras. Além disso, em vez de dizer que a mulher está sendo levada para a cidade de Babilônia, Zacarias usa o termo mais geral, “a terra de Sinar” (ARC). Embora isso possa servir para identificar um local específico onde a cidade antiga estava localizada, o texto também permite uma leitura muito mais ampla quanto à região.

É interessante que no século VIII a cidade de Cufa (localizada a apenas 56 quilômetros ao sul de Babilônia no Eufrates) realmente se tornou o lar do Califado Islâmico e, portanto, a capital do mundo Islâmico por cerca de doze anos. Depois disso, o Califado foi movido para o norte, para Bagdá, onde esteve por cerca de 450 anos. O fato de que a própria capital do sétimo Império da besta (que dominou todo o Oriente Médio) foi realmente estabelecida tão perto de Babilônia por quase quinhentos anos certamente não é insignificante. Poderia ser sobre isso que Zacarias

estava escrevendo? Embora eu não esteja disposto a me comprometer plenamente com esse ponto de vista, é possível que isso seja tudo o que é necessário para entender a profecia de Zacarias como tendo sido cumprida sem insistir em uma cidade de Babilônia completamente restaurada.

Outra possibilidade menos provável é que a cidade de Meca (que hoje é o coração espiritual do mundo Islâmico) possa ter realmente cumprido essa profecia. Meca é, de fato, o lar de um santuário cúbico (a Caaba) onde as pessoas literalmente se curvam e rezam cinco vezes ao dia. Essa é, realmente, uma cidade em que um santuário de “maldade” está estabelecido por mais de catorze séculos, que agora funciona como o norte espiritual para a maioria dos corações de toda a região. Vamos discutir sobre esse santuário e seu significado em muito mais detalhes à medida que avançamos. Essa possibilidade, é claro, depende inteiramente da amplitude em que o termo “terra de Sinar” pode ser entendido. Embora a maioria dos atlas e dicionários da Bíblia identifiquem Sinar como toda a região da Bagdá atual até o Golfo Pérsico, existe também alguma ambiguidade, com o Dicionário Bíblico Ilustrado Holman reconhecendo que o termo tem um “significado incerto usado em vários documentos antigos do Oriente Próximo aparentemente tendo algumas diferentes localidades em mente”¹³. Embora eu também hesite em afirmar que essa visão explique o significado mais provável da profecia, pode ser uma opção legítima para explicar o texto.

No fim das contas, a profecia de Zacarias, sem dúvida, provoca algumas perguntas desafiadoras, porém isso não é uma base sólida suficiente para construir um argumento de que Babilônia será literalmente reconstruída para ser a grande prostituta.

A REALIDADE NO TERRENO

Tendo considerado algumas das dificuldades e fraquezas dos principais argumentos para uma futura Babilônia literal sendo reconstruída e posteriormente destruída pelo Senhor, gostaria de concluir destacando apenas mais algumas dificuldades que existem para essa visão. Embora haja alguns argumentos escriturais fortes a seu favor, em termos das realidades atuais, do mundo real, dos elementos objetivos, ela é, na verdade, o mais fraco entre todos os outros pontos de vista.

Neste momento, Babilônia (ou, mais especificamente, Al-Hillah, no Iraque), nem está perto de valer a pena considerar como sendo o objeto de Apocalipse 17-18. Al-Hillah não é um centro religioso global ou uma potência econômica. Não governa sobre os reis da Terra. Não está bêbada do sangue dos santos. Essa visão depende inteiramente da idéia de algo que pode acontecer no futuro, mas que, no tempo presente, tem pouca ou nenhuma possibilidade de ocorrer no horizonte imediato. Isso significa que não pode acontecer ou nunca irá acontecer? É claro que não. Pelo menos por enquanto, parece improvável. Após a invasão Americana e a ocupação de uma década de duração no Iraque, e depois que o Estado Islâmico assumiu o controle de muitas partes dos territórios centrais e no norte do Iraque, grande parte da nação está funcionando no modo sobrevivência. Com ataques suicidas ocorrendo regularmente na capital, Bagdá, o Iraque dificilmente está pronto para construir uma mega-cidade digna de ser considerada uma capital global das finanças a apenas 80 quilômetros de distância.

Ainda assim, tudo é possível. Pode ser que novos eventos se desenrolem nos próximos cinco a trinta anos. Sendo honesto, no entanto, eu duvido que passe tanto tempo antes que Jesus retorne. Se chegarmos ao ano 2045 e Jesus ainda não tiver voltado, ficarei um pouco surpreso. É claro que sempre existe a possibilidade de os anos seguirem seu próprio curso, e nunca devemos presumir saber com qualquer grau de certeza o que o futuro tem reservado. O mundo inteiro ficou chocado com a rapidez com que a Primavera Árabe e os eventos que se seguiram a ela transformaram o Oriente Médio e o Norte da África aparentemente da noite para o dia. Se uma guerra regional importante (ou mesmo uma guerra mundial) se desenrolar nos próximos anos - o que penso ser uma possibilidade plausível - então isso também alteraria radicalmente a paisagem geopolítica do Oriente Médio e do mundo. Então, sim, praticamente tudo é possível.

Os defensores dessa visão também podem, com razão, salientar a rapidez com que a cidade de Dubai foi construída. Em 1990, Dubai mal gozava do status de cidade, tendo apenas uma estrada principal cortando aquela que era relativamente uma localidade desértica e estéril com uns poucos edifícios altos e um aeroporto. No entanto, até 2009 ela havia emergido como uma grande cidade regional com dezenas de arranha-céus, incluindo o edifício mais alto do mundo, o Burj Khalifa. Hoje, com novas

tecnologias, novas técnicas de construção e capital suficiente, uma cidade importante poderia ser construída num período de apenas dez a quinze anos. Se esse projeto começar nos próximos anos, ele poderá ser concluído até 2030. Então, esse cenário é certamente possível. No entanto, pelo menos por enquanto, a idéia de que Al-Hillah, o lar das ruínas de Babilônia, surgirá a qualquer momento como um importante centro religioso e econômico e cumpre todas as descrições da profecia de Apocalipse 17-18 parece muito difícil de se acreditar.

MISTÉRIO? QUE MISTÉRIO?

Outra das dificuldades que tenho com essa interpretação é a natureza profundamente frustrante, talvez até mesmo contraditória dessa visão. Parece estranho que um anjo se refira a essa cidade do fim dos tempos como um “mistério” se, na realidade, não houver nenhum mistério. Senhoras e senhores, eis a solução para esse grande mistério das eras, a resposta para o que confundiu exegetas, estudiosos e estudantes da Bíblia durante séculos, está prestes a ser revelado. Que rufem os tambores, por favor. A identidade do grande mistério da Babilônia do fim dos tempos é... Babilônia. Espere... O que?

Se o mistério da Babilônia do fim dos tempos é simplesmente a Babilônia literal, onde está o clímax da história?

PENSAMENTOS FINAIS

Embora, a idéia de que a grande prostituta é simplesmente a Babilônia literal seja talvez mais forte do que as visões anteriores que discutimos até o momento, no entanto, possui algumas falhas; algumas talvez sejam fatais. Como sempre, Deus sabe de tudo, e o tempo em breve revelará a verdade. Até então, devemos permanecer humildes e atentos aos sinais enquanto eles se desdobram diante de nós.

A NOIVA OU A PROSTITUTA?

Antes de concluir este capítulo, como uma nota adicional, acho um projeto proposto para Basra, uma cidade a aproximadamente 450 quilômetros ao sul de Al- Hillah/Babilônia, bastante fascinante. Basra é uma cidade portuária do Iraque no Golfo Pérsico. Seu apelido é “a noiva do golfo”. Expandindo esse assunto, os planos estão em atividade para construir “uma cidade vertical”, um edifício maciço que seus planejadores estão simplesmente chamando de “Noiva”¹⁴. Uma matéria no jornal *The Guardian*, do Reino Unido, nos dá os detalhes fascinantes sobre o que poderia começar a se desdobrar em breve na cidade de Basra:

Estamos acostumados ao status de “edifício mais alto do mundo”, seguidos pelo centro de gravidade econômica mundial: os EUA, durante a maior parte do século XX, depois pelo Extremo Oriente (Torres Petronas da Malásia e o Edifício Taipei 101, em Taiwan) e, depois, Dubai, com o Burj Khalifa que deve ser substituído pela Torre do Reino da Arábia Saudita por volta de 2019. Mas agora vem uma torre para sobrepujar todos esses - no Iraque. Sim, você leu isso certo: o prédio mais alto do mundo está planejado para ser construído em Basra, no sul do Iraque. Ele é chamado de Noiva do Golfo, e terá 230 andares - 1,152 metros de altura. Isso é mais ou menos o tamanho do Burj Khalifa mais o prédio Shard de cima dele...Há também uma enorme cobertura sobre uma área pública na base das torres, chamada “O Véu”. Noiva, Véu - viu só o que eles fizeram lá? Se a imagem mental que você tem de Basra ainda é a zona de guerra de 2003, quando as tropas Britânicas e Americanas entraram pela primeira vez no Iraque, é evidente que precisa de uma atualização. Basra é uma cidade próspera e relativamente pacífica nos dias de hoje, “mais parecida com o Kuwait do que com Bagdá.” Os tentáculos do Estado Islâmico estão a pelo menos 600 km de distância. Há dinheiro do petróleo por todo lado. Tem carros novos em todas as estradas novas. Hotéis cinco estrelas e um novo Estádio esportivo recentemente inaugurado (Basra é fanática por futebol, aparentemente). O governo está trabalhando em um novo plano-mestre para a crescente cidade, do qual a noiva financiada publicamente seria a peça central. A Noiva do Golfo é, na verdade, um apelido local para a cidade. Basra já foi considerada uma dos mais belos e cosmopolitas lugares no Golfo - antes que Saddam Hussein punisse sua população de maioria Xiita, e depois a guerra do Iraque a desfigurasse ainda mais. Ela também é a suposta localização do Jardim do Éden.¹⁵

Seria possível que as descrições bíblicas de uma Babilônia do fim dos tempos poderiam ser cumpridas em uma cidade que fica localizada a quase trezentos quilômetros ao sul, no Eufrates, do que a Babilônia original? Bom, não podemos descartá-la completamente. É difícil não ser atingido pelo potencial caráter profético dessa história. Não seria típico de Satanás chamar sua cidade capital de “Noiva” em vez de prostituta, como ela é chamada pelo Senhor? Contudo, Mesmo que uma cidade seja construída ali, a idéia de que ela se tornará uma grande capital religiosa e centro econômico global ainda é um pouco difícil de imaginar. Embora a especulação sobre essas coisas seja bastante intrigante, por enquanto é

apenas algo teórico. Atualmente, essa cidade existe apenas nas mentes dos planejadores. Nenhuma construção real começou. Independe disso, juntamente com o potencial para uma cidade da Babilônia reconstruída, isso também é certamente algo para se vigiar nos próximos anos.

PARTE TRÊS: A ÚLTIMA
BABILÔNIA

MECA, ARÁBIA SAUDITA

Neste capítulo consideraremos o argumento para a visão de que a profecia da grande prostituta aponta para Meca ou para o Reino de Arábia Saudita. Se esta é a primeira vez que você ouviu essa interpretação, pode parecer algo incrivelmente novo e até mesmo duvidoso. Eu compreendo completamente. Também tive muitas dúvidas quando comecei a refletir sobre essa interpretação. Mas depois de examinar o que as Escrituras dizem a respeito, concluí que ela realmente faz sentido. Aqui está o porquê.

Ao longo deste livro procuramos defender o princípio que não basta encontrar uma interpretação que satisfaça um, alguns, ou mesmo vários dos critérios bíblicos, mas que falhe nos outros. Somente uma interpretação que satisfaça todos os critérios bíblicos será suficiente. De todas as opiniões possíveis, essa visão é a única que parece encaixar-se neste requisito. De fato, neste caso a cidade se ajusta impressionantemente bem aos critérios da profecia.

Então, comecemos por considerar os vários critérios e descrições que identificamos a partir de Apocalipse 17-18 e vamos compará-los com a realidade política, financeira, religiosa, moral, e até mesmo geográfica que existe na cidade de Meca e no Reino de Arábia Saudita.

UMA CIDADE LITERAL

Obviamente, Meca é uma cidade muito real e tangível e não meramente um conceito vago, como “o sistema mundial” ou a “apostasia global”. Se considerarmos que Meca é o coração espiritual de um reino mais amplo, então, sem dúvida, ele seria o Reino da Arábia Saudita. Num sentido ainda mais amplo, Meca é a capital espiritual de todo o Mundo Muçulmano. Para que fique claro, não estamos discutindo uma limitação excessiva na interpretação a ponto de vermos Meca sozinha como Babilônia, mas uma

visão que permite considerar todo o Reino da Arábia Saudita, incluindo a suas capitais econômicas Riade, Gidá e até mesmo a Cidade Econômica emergente do Rei Abdullah. Como já discutimos, durante o período bíblico, qualquer grande cidade de renome teria sido o coração de uma cidade-estado regional, reino ou Império bem maior. Isso certamente foi verdade para as antigas cidades de Babilônia e Roma, que são as mais significativas dentre os protótipos proféticos que devemos considerar.

A GRANDE CIDADE

No sentido de Meca ser o útero, o coração, o centro de gravidade espiritual de todo o mundo Islâmico, ela cumpre o papel de “grande cidade”, citada em Apocalipse 17, 18. Lembre-se: a grandeza de “Babilônia, a grande” (ARA) não repousa sobre a quantidade de edifícios altos que possui ou na extensão de seu território. Em vez disso, a profecia parece se concentrar mais em sua profunda e vasta influência sobre reis, povos, nações e tribos. Existem várias maneiras notáveis em que Meca pode ser vista como a grande cidade. Vamos começar com o mais óbvio.

O ÚTERO E O CORAÇÃO DO ISLÃ

Primeiro, a cidade de Meca é o próprio útero a partir de onde a religião do Islã nasceu. Todo evento significativo no desenvolvimento inicial do Islã sob a liderança de Maomé ocorreu em Meca ou na Península Arábica. Foi em Meca que Maomé nasceu, cresceu, lançou o início de sua carreira “profética” e começou a pregar sua nova religião, e é onde o Islã acabou experimentando seu maior sucesso. A Arábia Saudita é o lar de Meca e Medina, as duas cidades em que Maomé passou a maior parte de sua vida.

Por causa da conexão de Maomé com Meca e Medina, elas são, sem dúvida, as duas cidades mais sagradas para os Muçulmanos no mundo todo. Os não-Muçulmanos nem sequer são permitidos entrar nessas cidades. Assim, não só Meca e a Arábia Saudita são o útero, mas também o próprio coração do Islamismo e do mundo Muçulmano. Uma das descrições mais cruciais que identificamos a respeito da prostituta, é que ela é o mais significativo centro de idolatria global que já existiu. Babilônia é especificamente chamada de a “mãe das prostitutas” (NVI),

representando a grande mãe das falsas religiões. Meca é, realmente, mais digna do título de “capital espiritual” do que qualquer outra cidade do mundo. Pense nisso: sempre que alguém está descrevendo o epicentro arquetípico de qualquer coisa, ele ou ela chama isso de “meca” de alguma coisa. Hollywood, por exemplo, é a “meca” do cinema. Wall Street é a “meca” das finanças e dos investimentos. O nome de Meca é praticamente sinônimo de capital suprema. Meca física, no entanto, não é a capital do cinema ou das finanças, mas do maior falsa religião que o mundo já conheceu.

Hoje, Meca é o centro espiritual de 1,6 bilhões de Muçulmanos. Ela é a capital espiritual da segunda maior religião do mundo, governando e controlando todas as nações que cercam Israel. Se entendemos que a narrativa das Escrituras está profundamente centrada em Israel, então esse fato tem implicações importantes. É claro que o Islamismo controla muito mais do que apenas as nações do Oriente Médio e da África do Norte. Sua influência também é cada vez mais sentida em nações ao redor de todo o mundo. Em 2016, a cidade de Londres teve seu primeiro prefeito Muçulmano eleito. Sem dúvida, a influência e o impacto do Islã em todo o mundo continuará sendo sentido nos anos vindouros. Cinco vezes ao dia, multidões e multidões de Muçulmanos de quase todas as nações do mundo se viram em direção a Meca, prostrados em oração. As lojas Islâmicas fornecem uma variedade de bússolas digitais e relógios feitos especificamente para ajudar os Muçulmanos a sempre saberem a hora certa de rezar e a direção correta de Meca - não importa onde eles possam estar. Além disso, espera-se que cada Muçulmano, pelo menos uma vez na vida, faça uma peregrinação espiritual até Meca. O Masjid al-Haram, ou A Mesquita Sagrada que abriga a Caaba (ver capítulo 16), é, na verdade, o local mais visitado em toda a Terra. Não pode haver dúvida de que a Meca é o coração geográfico e espiritual de todo o mundo Islâmico. De todas as cidades da Terra, qual cidade cumpre melhor a descrição de dominar reis e “povos, e multidões, e nações, e línguas” (ver Apocalipse 17.15)?

O ÚTERO E O CORAÇÃO DO ISLÃ RADICAL WAHABISTA

A Arábia Saudita também é o útero do Wahabismo ou Salafismo, como eles preferem chamá-lo. No século XVIII, quando Ibn Saud, o patriarca da tribo Al-Saud, estava lutando pela consolidação do poder tribal, ele firmou uma aliança com o patriarca do Islamismo radical Sunita moderno, Maomé Abdal Uaabe. Desde então, a Casa de Saud e a Casa de Uaabe são inseparáveis. Como um Observador astuto comentou, são “Saud e Uaabe, Uaabe e Saud, que ainda regem a Arábia Saudita.”¹

O Wahabismo/Salafismo é essencialmente um movimento de reforma Muçulmana Sunita com o objetivo de retornar às práticas mais antigas dos Muçulmanos. Os Salafis se esforçam para purgar o Islã de qualquer introdução ou inovações posteriores (Árabe: *bid'ah*), que eles afirmam comprometer a mais pura expressão do Islamismo que Maomé e seus discípulos mais próximos e mais antigos pregavam e praticavam. Por causa disso, o Wahabismo produz as expressões mais extremas do Islamismo e é a principal fonte de tantos Muçulmanos Sunitas radicais em todo o mundo. Al-Qaeda, Estado Islâmico, Talibã, Boko Haram e vários outros movimentos jihadistas radicais saíram e se identificaram com o pensamento de Salafi.

Em 2016, uma incubadora de ideias Britânica chamada *Integrity UK* traduziu uma aparição do xeque Adil al-Kalbani, o antigo iman da Grande Mesquita de Meca. De acordo com al-Kalbani, o Islamismo amplamente praticado e sancionado pelo governo Saudita “[assim como Estado Islâmico,] segue o mesmo pensamento, mas o aplica de forma refinada. Eles extraem suas idéias do que está escrito em nossos próprios livros, de nossos próprios princípios [...] Nós não criticamos o pensamento sobre o qual se baseia [o Estado Islâmico].”²

Para piorar as coisas, a Arábia Saudita não é apenas a principal fonte ideológica para os radicais, mas também é a principal fonte de financiamento para o Wahabismo radical em todo o mundo. Vamos discutir esse assunto com muito mais detalhes à medida que avançarmos. Por enquanto, além de sabermos que a Arábia Saudita é o próprio útero e o coração de todo o mundo Islâmico, devemos entender que a Arábia Saudita também é o útero e coração do mais vil, assassino, violento, determinado e da forma mais perigosa de Islamismo radical que o mundo já conheceu.

Se Meca e a Arábia Saudita realmente representam a grande prostituta, então, não é nada difícil entender por que é dito que grande

parte do mundo está bêbada sob seu feitiço e influência. Em termos de mistério, o papel de Babilônia como a maior fonte de influência religiosa sobre os povos da terra e de disseminar a pior e mais sanguinária forma de falsa religião que a humanidade já conheceu, então Meca/Arábia Saudita cumprem perfeitamente a descrição. Hoje, o viciante e enlouquecedor vinho das feitiçarias da meretriz está se espalhando rapidamente em todo o mundo, enquanto o Estado Islâmico e grupos similares dominam nações inteiras e de, alguma forma, transformam o jihadismo radical numa moda entre milhões de jovens Muçulmanos de todo o mundo. Quando penso sobre a maneira como o Estado Islâmico conseguiu recrutar e convencer cerca de trinta mil (jovens, em sua maioria,) Muçulmanos a deixarem tudo para trás e se mudarem para Síria para possivelmente morrer, é fácil entender por que o anjo falou que “os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição” (Ap. 17.2). Entendendo que a “prostituição” na profecia seja idolatria ou falsa religião, e que o Reino da Arábia Saudita seja a entidade responsável pela difusão da forma mais maligna e demoníaca de Islamismo radical - certamente é a Arábia Saudita que está sendo descrita quando é dito que, verdadeiramente, “todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição” (Ap. 18.3).

O CONFRONTO DE DUAS CIDADES

Como discutimos no capítulo 9, o livro de Apocalipse é, em grande parte, um conto sobre duas grandes cidades. É um conto sobre o choque entre a prostituta e a Noiva, a cidade de Satanás e a cidade do grande Rei. Desde que o Rei Davi tomou o trono no monte Sião, em Jerusalém, há mais de três mil anos, a cidade de Jerusalém tem sido uma cidade profética e epicentro das expectativas religiosas Judaicas. Foi lá que o templo Judeu foi construído pelo Rei Salomão e, depois, reconstruído por Herodes. E é lá que Judeus devotos esperam seu Messias para se estabelecer no trono restaurado de Davi - a partir de onde o governo e a bênção do Messias Judaico se estenderão até os confins da Terra. Como o profeta Isaías declarou:

Do incremento deste principado e da paz, não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora e para sempre; o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto. Isaías 9.7

Da mesma forma, o livro de Apocalipse descreve o dia em que uma Jerusalém renovada e celestial será governada por Yeshua (Jesus), o Messias dos Judeus. Seu governo se estenderá por toda a Terra e, novamente citando Isaías, “a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Is. 11.9). O profeta Miquéias talvez seja o mais bem sucedido em descrever essa era, quando o trono Messiânico em Jerusalém estará colocado sobre toda a Terra. Durante a diáspora de quase dois mil anos dos Judeus, eles nunca esqueceram essas profecias:

Mas, nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes e se elevará sobre os outeiros, e concorrerão a ele os povos. E irão muitas nações e dirão: “Vinde, e subamos ao monte do Senhor e à Casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e nós andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor, de Jerusalém.” E julgará entre muitos povos e castigará poderosas nações até mui longe; e converterão as suas espadas em enxadas e as suas lanças em foices; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Miquéias 4.1-3

É uma passagem em que muitos poetas e sonhadores encontraram inspiração. Certamente, ela fala de uma era desejada por todos os que amam a verdade e buscam a paz.

O ponto aqui é que tanto para Judeus como para Cristãos, Jerusalém é o pináculo de toda expectativa, anseio e esperança religiosa. Ela é a cidade da paz - a cidade de Javé. Por outro lado, os Muçulmanos tem uma cidade completamente diferente à qual eles atribuem a importância de ser o centro espiritual do mundo. Esta cidade é Meca - a cidade de Alá. Enquanto as profecias Islâmicas realmente apontam para um dia em que os Muçulmanos governarão Jerusalém, ela não é para eles a maior cidade “sagrada”. Esta posição é ocupada por Meca. Jerusalém é classificada apenas como a terceira cidade mais sagrada do Islã.

No livro de Ezequiel, lemos a declaração do próprio Yahweh sobre Israel e Jerusalém como sendo o centro da Terra: “Assim diz o Senhor Jeová: Esta é Jerusalém; pu-la no meio das nações e terras que estão ao redor dela” (Ez. 5.5). Mais tarde, em Ezequiel, o Senhor novamente chama Jerusalém de “centro do mundo” (38.12 - NTLH). Talvez até mais enfaticamente, o Midrash Tanchuma Judeu articula o lugar de Jerusalém no pensamento Judaico como o começo e o centro da criação de Deus:

Como o umbigo está no centro do corpo humano,
assim é a terra de Israel o umbigo do mundo [...]
situado no centro do mundo, e Jerusalém no centro

da terra de Israel, e o santuário no centro de
Jerusalém,
e o lugar sagrado no centro do santuário, e a
arca no centro do lugar sagrado,
e a pedra fundamental diante do lugar sagrado,
porque a partir dela o mundo foi fundado.³

Não surpreendentemente, os estudiosos da história Judaica e Islâmica indicam que, nos primeiros séculos do Islã, os Muçulmanos usurparam termos como como “a primeira criação de [Deus]” das tradições Judaicas e aplicaram-nas a Meca⁴. No esquema Islâmico, não é Jerusalém, mas Meca que é o centro do mundo e o “umbigo da Terra”. A tradição Muçulmana sustenta que dois mil anos antes da criação, a cidade de Meca era um mero ponto que flutuava sobre as águas até que Alá o esticou e, a partir dele, criou o universo.

O espírito de contenda especificamente contra Jerusalém que tem sua base em Meca é muito claro. Para entender o conflito espiritual no Oriente Médio, é preciso entender a mentalidade Muçulmana particularmente com relação a Israel e Jerusalém. Temos dois princípios importantes trabalhando juntos. Um é a tendência inflexível e monocromática em que as formas mais puritanas do pensamento Islâmico funcionam: rigorosamente preto no branco. O segundo é a ideia incontestável de que o Islamismo tem o direito divino de governar o mundo. Assim sendo, é insuportável para a mente Islâmica radical que exista no Oriente Médio outra cidade afirmando ser o centro religioso ou espiritual do mundo. Se Israel é o ferrão na carne do mundo Muçulmano, então Jerusalém é o veneno do ferrão. O mundo Muçulmano não pode descansar até que a dor pungente causada por Jerusalém seja silenciada. Como o profeta Zacarias deixou claro, nos últimos dias, Jerusalém será como um copo de bebida forte que fará com que as nações vizinhas fiquem bêbadas com um espírito de ciúme e raiva (Zc. 12.2). Essa raiva embriagante fica evidente na interminável retórica inflamada em comentários como estes, do Hamas: “Estamos anunciando guerra contra os filhos de macacos e porcos, que não acabará até que a bandeira do Islamismo seja hasteada em Jerusalém”⁵ ou como o que disse Safwat Hegazi na TV egípcia durante o auge da primeira revolução egípcia: “nossa capital [...] será Jerusalém, pela vontade de Alá. Nosso grito será ‘Milhões de mártires marcharão em direção a Jerusalém!’”⁶

Que outra religião na Terra faz com que seus seguidores se tornem tão bêbados de inveja contra Jerusalém, com uma luxúria tão demoníaca para possuir a terra de Israel e ódio contra o povo Judeu? Não existe nenhuma outra religião no mundo que chegue perto disso. Além de Meca (o coração espiritual do Islã), de que outra cidade pode-se dizer com tanta perfeição: “os que habitam na terra se embebedaram”? (Ap. 17.2).

Hoje, um confronto espiritual do fim dos tempos que está se desenrolando pelas nações. É um choque entre muitos povos, duas religiões, dois livros, e, finalmente, os deuses de duas cidades muito diferentes. É um impasse pela primazia espiritual sobre o Oriente Médio e, finalmente, sobre toda a Terra. O choque espiritual entre o santo e o mal, entre Jerusalém e Meca, é impossível de ser superestimado. A narrativa de, algum dia, Jerusalém se tornando a alegria de todo o mundo e a cidade do grande Rei (Sl. 48.2) é o ponto focal e final de expectativa esperançosa em toda a Bíblia. Em termos de uma cidade que representa um esforço demoníaco deliberado e concentrado para frustrar esses planos, Meca é incomparável.

A GRANDE CIDADE PAGÃ

Neste capítulo continuaremos a considerar a possibilidade de a cidade de Meca, o Reino da Arábia Saudita (num maior grau) e a própria religião do Islã com sendo, de fato, a grande prostituta de Apocalipse. Ao ponderar essa visão, devemos examinar Meca mais cuidadosamente, assim como devemos examinar o santuário um tanto misterioso chamado Caaba, ou “Cubo”, que fica no seu centro. Uma tremenda medida de mistério e controvérsia circunda a Caaba. De onde ela veio e o que isso significa hoje para os Muçulmanos?

De acordo com a história Islâmica, o santuário foi inicialmente construído por Adão, mas depois reconstruído por Abraão e Ismael. O site Muçulmano Al-islam.org descreve desta forma:

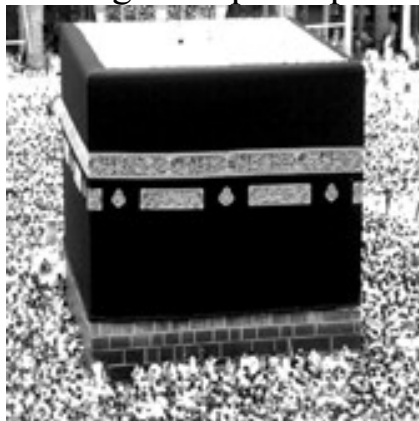
Historicamente, quando Abraão foi ordenado por Deus a construir o Santuário para adoração [...] ele descobriu as bases originais da Caaba construída por Adão. Abraão, com a ajuda de seu filho Ismael, erigiu o novo santuário nas mesmas fundações.¹

De acordo com o Alcorão, Abraão construiu o santuário para o culto de um Deus:

Veja! Demos o local, para Abraão, da Casa (Sagrada) (dizendo): “Não associe nada (na adoração) Comigo; e santifique Minha Casa para aqueles que a circundem, ou que permaneçam de pé, ou que se curvem, ou se prostrem (ali em oração)” Alcorão 22.26, tradução de Yusuf Ali

Os Muçulmanos são ensinados que, pouco depois que Abraão morreu, a Caaba foi tomada por pagãos que começaram a usá-la como uma casa de adoração a ídolos². Quando Maomé estava crescendo em Meca, a Caaba realmente era o lar de 360 ídolos diferentes! Mais tarde, depois de conquistar Meca, ele disse ter purgado a Caaba de todos os ídolos e a dedicado exclusivamente para o culto de seu deus, Alá. Hoje a Caaba tem uma forma quadrada, com dezoito metros de altura e dezoito metros de largura. Uma porta está fixada cerca de dois metros acima do solo virada

para o nordeste. Fixada na parte mais baixa do seu canto leste, a um metro e meio de altura, está fixada uma grande pedra preta em um encaixe de prata.



A Caaba ou “Cubo”

A ORIGEM PAGÃ DA CAABA

Embora a própria história do Islã reconheça que a Caaba foi usada como um santuário completamente pagão por muito tempo, não há evidências reais de que foi ela construída por Abraão. Muito pelo contrário, há muitos indícios de que a Caaba foi um santuário pagão desde o início. Consideremos algumas das provas.

Para o choque de alguns, a Caaba pode ter sido, na verdade, um templo hindu preenchido com 360 ídolos, mas talvez também fosse dedicado a “Shiva”. Alguns sugerem que a palavra Kabba pode ter se originado da palavra de origem Tamil *Kabaalishwaran*, referindo-se a um templo para Shiva. O Tamil, considerado uma das línguas mais antigas, é falado no sul da Índia e no Sri Lanka, ao sul da Índia. Hoje em dia, um grande templo dedicado a Shiva (às vezes transliterado em Inglês como o Templo de Kapaleeshwarar) se ergue sobre a cidade de São Tomé de Meliapor, Chennai, no estado do Tamil Nadu³.



Shiva: o deus hindu da destruição com lua crescente na cabeça

Shiva é um dos três deuses principais do hinduísmo, muitas vezes chamado como “o destruidor do mundo”⁴. Dentre os símbolos primários usados em ídolos e imagens de Shiva estão o terceiro olho em sua testa, um grande cobra em volta do pescoço e uma lua crescente acima de sua cabeça. A lua crescente de Shiva poderia ter alguma conexão histórica com a lua crescente que tem presença tão proeminente no simbolismo Islâmico e está fixada no topo das mesquitas por toda a Terra? Pode ser que seja impossível saber com certeza mas, como veremos, o símbolo da lua crescente tem uma longa história de associação com vários deuses pagãos por todo o antigo Oriente Médio.



O Om Hindu. Shiva é representado pela lua crescente na parte superior.

Vale ressaltar que o símbolo mais conhecido do hinduísmo, o Om, na verdade representa Shiva, Brahma e Vishnu, os três principais deuses do hinduísmo. A parte superior do Om, que representa Shiva, é nada menos que uma representação caligráfica da lua crescente e da estrela.

OS ASTROS DO ORIENTE MÉDIO E O DEUS DA GUERRA

Em todo o antigo Oriente Médio, vários deuses e deusas dos astros, da guerra e da fertilidade usaram o sol ou a lua como símbolos primário de identificação. Evidências arqueológicas de vários templos em toda a Turquia e em todo o antigo Império Assírio têm nos mostrado inúmeros ídolos, moedas e esculturas que atestam isso. Não é difícil ver a continuidade entre esses antigos deuses dos astros, da guerra e o deus do Alcorão, cujo símbolo é a lua crescente e cujo chamado é para a jihad ou “guerra santa”.



Uma imagem antiga de Astarte, ou Afrodite, com lua crescente sobre sua cabeça

A LUA CRESCENTE NA BÍBLIA

Muitos também ficam surpresos ao saber que existem até referências à lua crescente na Bíblia. Um exemplo é encontrado em Juízes 8, quando Gideão derrotou os midianitas. Aqui está a história (note o que estava entre os despojos):

[...] Dispôs-se, pois, Gideão, e matou a Zeba e a Salmuna [os reis midianitas], e tomou os ornamentos em forma de meia-lua que estavam no pescoço dos seus camelos. Então, os homens de Israel disseram a Gideão: “Domina sobre nós, [...] porque nos livraste do

poder dos midianitas.” Porém Gideão lhes disse: Não dominarei sobre vós, [... mas] Um pedido vos farei: dai-me vós, cada um as argolas do seu despojo” (porque tinham argolas de ouro, pois eram ismaelitas). Disseram eles: “De bom grado as daremos.” E estenderam uma capa, e cada um deles deitou ali uma argola do seu despojo. O peso das argolas de ouro que pediu foram mil e setecentos siclos de ouro (afora os *ornamentos em forma de meia-lua*, as arrecadas e as vestes de púrpura que traziam os reis dos midianitas, e afora os ornamentos que os camelos traziam ao pescoço). Juízes 8.21-26 (ARA - ênfase adicionada)

É fascinante ver isso já nos dias de Gideão, milhares de anos antes de Maomé: os pagãos ismaelitas do deserto já estavam adornando-se e aos seus camelos com o sinal da lua crescente.

A palavra usada para “ornamentos em forma de meia lua” no hebraico é *saharonim*. Esta palavra está intimamente relacionada ao *sahar*, que aparece mais tarde, em Isaías 14, numa passagem em que o Senhor se refere a Satanás como “filho da alva” (ARA) ou como aquele que caiu “do céu, [...] estrela da manhã, filho da alvorada” (versículo 12 - ARA - Heb. *Heylal heylal ben sahar*). Em Árabe, o nome para os ornamentos em forma de lua crescentes colocados sobre mesquitas são *hillal*, equivalentes à palavra hebraica *heyral*. Então, literalmente, a própria redação usada nas Escrituras hebraicas para se referir a Satanás, a “estrela da manhã”, é usada em Árabe para se referir à lua crescente, que é colocada em quase todas as bandeiras nacionais Muçulmanas e em cima de quase todas as mesquitas por todo o mundo. Que o próprio símbolo do Islã através dos séculos seja precisamente o símbolo que a Bíblia usa para se referir a Satanás, certamente não é algo irrelevante e não deve ser ignorado.

CIRCUM-AMBULAÇÃO DA CAABA

Outra prática Muçulmana que se origina de uma organização histórica pré-Islâmica pagã é a circum-ambulação, ou andar em círculos em torno da Caaba. Esta prática, um ritual integral durante a peregrinação sagrada Muçulmana a Meca, é chamado *Tawaf* em Árabe. A Caaba é a estrutura mais circum-ambulada no mundo, circundada, literalmente, pelos peregrinos vinte e quatro horas por dia, exceto durante as cinco vezes ao dia em que os peregrinos param para se curvar em oração.

Mas a circum-ambulação ritual é também uma prática comum dentro do hinduísmo e do budismo, chamado *pradakshina*, ou *parikrama*. Um site hindu explica seu propósito religioso:

Pradakshina (sânscrito), que significa circum-ambulação, consiste de andar em um “círculo” como uma forma de adoração em cerimônias hindu na Índia. Os devotos andam pelo garbha griha, a câmara mais interior do santuário que hospeda a divindade do templo. É feito em torno de fogo sagrado (Agni), árvores e plantas também [...] Pradakshina ou Parikrama também é feito em centros de peregrinação.⁵



Uma antiga escultura de hindus praticando pradakshina em torno de um templo

Não há absolutamente nenhuma raiz Judaica, Cristã ou qualquer raiz bíblica para essa prática. É uma tradição inteiramente pagã. Assim, temos aqui outro exemplo de um ritual Islâmico que não apenas é comum a outras religiões pagãs dos dias de hoje, mas que também é derivado inteiramente do paganismo antigo.

RAMADÃ E O HAJE

Adicionando à lista de práticas pagãs pré-Islâmicas que foram simplesmente adotadas por Maomé e seus seguidores é a peregrinação anual feita a Meca, conhecida como o haje, bem como o mês de jejum, conhecido como Ramadã. No dia de Maomé, uma vez ao ano, durante o Ramadã, os vários pagãos que viviam em toda a Arábia deveriam jejuar, fazer uso de um manto branco de peregrinação, e trilhar o caminho para Meca para adorar seus vários deuses na Caaba. Depois de fundar o Islã, Maomé deu continuidade a essa prática. Assim, hoje em dia, fazer essa peregrinação é um dos cinco “pilares” fundamentais do Islamismo. Todo crente Muçulmano que seja capaz de levantar os fundos necessários, deve, pelo menos uma vez, fazer uma peregrinação religiosa a Meca durante o Ramadã. O Alcorão menciona o Ramadã e afirma que foi dado à humanidade por Deus (Alcorão 2.185). Para transmitir o quão

poderosa é a experiência do haje, um ministro Saudita disse sobre este momento que era como “vinte Super Bowls em um mesmo estádio, quando dois milhões de pessoas se achegam e [...], na verdade, esses dois milhões de pessoas jogam o jogo.”⁶

Alguns até sugeriram que o próprio nome Ramadã é derivado do deus Hindu Rama ou, mais precisamente, a encarnação humana do deus Vishnu. Os Muçulmanos, no entanto, afirmam que vem da palavra Árabe “ser ardente”, porque este mês queima os pecados dos Muçulmanos. Como o Imam Al Qurtubi disse, “[esse mês] foi chamado Ramadã porque queima os pecados das pessoas com atos de justiça.”⁷

A PEREGRINAÇÃO DO MILÊNIO

O profeta Zacarias, depois de descrever o confronto militar das nações contra Jerusalém nos últimos dias seguido do retorno de Jesus no Monte das Oliveiras, continuou sua profecia detalhando a peregrinação magnífica que acontecerá a cada ano, quando muitas nações irão a Jerusalém para adorar Jesus e celebrar a Festa de Tabernáculos ou das Cabanas (Heb. *Sukkot*). Multidões subirão anualmente a Jerusalém para a celebração. Considere essa imagem profundamente poderosa do futuro reino Judaico:

E acontecerá que todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorarem o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrarem a Festa das Cabanas. E acontecerá que, se alguma das famílias da terra não subir a Jerusalém, para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, não virá sobre ela a chuva. E, se a família dos egípcios não subir, nem vier, virá sobre eles a praga com que o Senhor ferirá as nações que não subirem a celebrar a Festa das Cabanas. Zacarias 14:16-18

Isaías também toca nesse tema: “E virão muitos povos e dirão: ‘Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas’” Isaías 2.4.

O HAJE: A GRANDE IMITAÇÃO DO SUCOT

Com certeza é difícil considerar esta imagem dos povos de cada nação rumando para Jerusalém a cada ano para adorar Jesus sem que pensemos

no haje, que, de muitas maneiras, é a grande falsificação satânica da grande peregrinação anual de Sucot que acontecerá na era vindoura. Há muitas semelhanças impressionantes entre o Sucot e o haje, na verdade. Durante o haje, em vez de caminharem para Jerusalém (como durante Sucot), os peregrinos Muçulmanos de todo o mundo rumam para Meca. E em vez de adorar a Javé, o Deus da Bíblia, eles vêm adorar a Alá, o deus do Alcorão.



Todos os anos, dezenas de milhares de tendas são montadas fora da Grande Mesquita para acomodar os peregrinos Muçulmanos fazendo o haje.



Milhões de peregrinos Muçulmanos fluem como rios para a Caaba, no centro da Grande Mesquita em Meca.

A PEDRA PRETA

Talvez o maior pináculo do ritual do haje seja o ato de beijar ou esfregar a pedra preta que é afixada no canto da Caaba. Inúmeros historiadores observaram que os meteoritos negros eram comumente usados em todo o mundo antigo em associação com a adoração de deuses e deusas pagãos. Muito frequentemente rochas de meteoritos negros apareciam de forma proeminente nas várias imagens das divindades como Vênus ou Afrodite em Pafos, Cibele em Roma, Astarte em Biblos e, é claro, a famosa Ártemis/Diana de Éfeso. É por isso que a “imagem” de Ártemis foi descrita no livro de Atos como tendo sido vista caindo do céu: “Efésios, quem não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Ártemis e da sua imagem que caiu do céu?” (At. 19.35 - NVI).

Então, de onde veio a pedra preta da Caaba? Não surpreendentemente, assim como a pedra preta usada para esculpir a cabeça da grande imagem de Ártemis, a pedra preta reverenciada pelos Muçulmanos, de acordo com sua própria tradição, também caiu do céu: “Foi narrado que Abba ibne disse: ‘O Mensageiro de Alá (A paz e as bênçãos de Alá sejam sobre ele) disse: A pedra preta desceu do Paraíso⁸.

Quem negaria que essa pedra preta, característica tão central do haje Muçulmano, é realmente o fio da meada do antigo paganismo pré-Islâmico da Caaba? Agora considere isso: os Muçulmanos realmente acreditam que essa pedra tem a capacidade de absorver e perdoar os pecados de todos aqueles que a beijam ou a tocam durante o haje:

Foi narrado que Abba ibne disse: “O Mensageiro de Alá (A paz e as bênçãos de Alá sejam sobre ele) disse: ‘Quando a pedra preta desceu do Paraíso, era mais branca que o leite, mas os pecados dos filhos de Adão tornaram-na negra.’”⁹

Assim, de acordo com a doutrina Islâmica, todos os pecados dos Muçulmanos cometidos até aquele ponto de suas vidas serão limpos. Novamente, essa limpeza dos pecados é o pináculo e o objetivo de toda a peregrinação. “Foi narrado que Ibn 'Omar disse: ‘ouvi o Mensageiro de Alá (a paz e as bênçãos de Alá sejam sobre ele) dizer: Tocar [a pedra preta] é uma expiação pelos pecados.’”¹⁰

Ainda dizem que a pedra preta criará vida própria, possuindo olhos e uma boca e, na verdade, servirá como uma testemunha no dia de julgamento, condenando ou absolvendo aqueles cujos pecados de quem ela tinha absorvido:

Foi narrado que Abba ibne disse: O Mensageiro de Alá (A paz e as bênçãos de Alá sejam sobre ele) disse sobre a Pedra: "Por Alá, Alá a trará à vida no Dia da Ressurreição, e terá dois olhos com os quais ela verá e uma língua com a qual falará, e dará testemunho a favor daqueles que a tocaram com sinceridade".¹¹

A idolatria desse ato não passou despercebida. Apenas trinta anos após o início do Islã, João de Damasco, um monge Cristão, escreveu sobre a óbvia idolatria da pedra preta:

Além disso, acusam-nos de sermos idólatras porque veneramos a cruz que eles abominam. E nós respondemos: "O que isso, então, que fazem quando se esfregam contra uma pedra na sua Ka'ba, a beijam e a abraçam?"¹²

Surpreendentemente, João prosseguiu dizendo que a pedra preta da Caaba era uma peça de um antigo ídolo que era ninguém menos que a deusa do amor e da fertilidade!

Essa pedra sobre a qual eles falam é uma cabeça daquela Afrodite que eles costumavam adorar e a quem chamavam Khabár. Mesmo nos dias presentes, traços da escultura estão visíveis para os observadores cuidadosos.¹³

A referência de João à cabeça de Afrodite sendo feita de um meteorito negro pode ser bem possível por ser algo tão comum em toda a região, onde os meteoritos negros eram usados para fazer as cabeças de imagens de Ártemis, ou Diana, bem como Afrodite e outros deuses da guerra e da fertilidade.



Imagem de Diana ou Ártemis, com a cabeça esculpida de um meteorito preto.

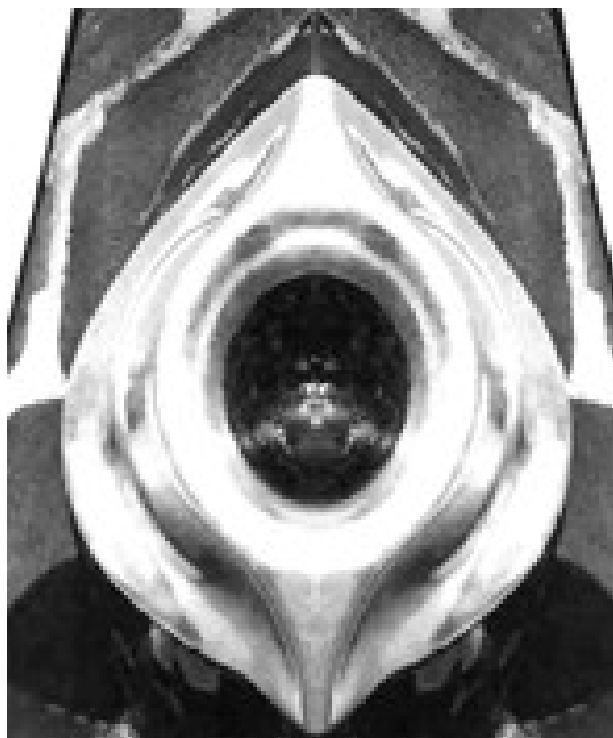
O uso de pedras negras como objetos de adoração entre os pagãos do Oriente Médio também é bastante atestada. Em Pafos, Chipre, uma grande pedra preta quase idêntica à pedra preta da Caaba foi encontrada. Essa pedra cônica está agora em exibição no museu de Kouklia. Foi venerada como uma representação de Vênus, ou Afrodite.

Observadores também notaram que a moldura de prata que abraça a rocha negra da Caaba parece ter sido projetada para se assemelhar a um órgão sexual feminino, e pode muito bem confirmar sua origem na adoração de uma das muitas deusas pagãs da fertilidade da região.



A pedra preta de Pafos

Então, mais uma vez, apenas para destacar o forte contraste aqui; enquanto a Bíblia fala de um dia futuro em que as pessoas de cada grupo étnico virão a Jerusalém para adorar a Jesus (o único que pode verdadeiramente perdoar os pecados), hoje Muçulmanos de todas as nações fazem peregrinação todo ano para a Meca a fim de beijar uma pedra preta da imagem de uma deusa pagã, acreditando que isso trará perdão dos seus pecados. Ainda hoje, isso é (sem dúvida) a forma mais pura de idolatria antiga. Enquanto a pedra preta é essencialmente a grande falsificação do sangue de Cristo, da mesma forma o haje Islâmico é a grande falsificação satânica da verdadeira peregrinação de Sucot que Deus ordenou que fosse feita por todas as nações, que irão todos os anos para Jerusalém.



A pedra preta da Caaba, em seu invólucro de prata.

O VÉU

Vale a pena notar que a Caaba, assim como uma mulher Muçulmana, está coberta com um véu. As quatro paredes externas da Caaba estão cobertas com o que é, basicamente, uma burca gigante. Como as burcas completas usados pelas Muçulmanas mais rígidas, a cortina que cobre a Caaba é feita de tecido preto. Assim como os revestimentos de cabeça mais ornamentados, o véu da Caaba também apresenta a Chahada, ou o credo Islâmico (Não há outro deus além de Alá; Maomé é o mensageiro de Alá), bordado em ouro na trama do tecido. A aproximadamente dois terços da altura do topo há outra faixa bordada de ouro com mais textos do Alcorão. Que a Caaba esteja essencialmente “vestida” como uma mulher também pode ser mais uma evidência residual das antigas raízes pagãs do santuário dedicado a alguma forma de deusa da fertilidade oriental.

COSMOLOGIA MUÇULMANA DA CAABA

Hoje, apesar da natureza claramente pagã da Caaba, a visão dos Muçulmanos sobre seu papel é o de ela é semelhante ao tabernáculo e ao Santo dos Santos no Judaísmo. Embora a Caaba de fato se localize em um pequeno vale, a cosmologia sagrada Islâmica sustenta a afirmação de que a Caaba é o lugar mais alto do todo mundo, e nada está mais perto do céu que ela¹⁴. É ensinado que a Caaba é uma representação terrena do próprio trono de Deus, que se assenta diretamente acima da Caaba, em Meca, e que os anjos perpetuamente a circum-ambulam.¹⁵ Como o historiador Muçulmano Muhammad Wajid Akhter afirmou: “Diretamente acima da Caaba, existe no céu uma réplica exata”. Por causa de sua alegada proximidade ao trono de Deus, a Caaba também é chamada de “o portão do céu”, ou *bab al- Jannah*, em Árabe. Isso, é claro, é uma cópia do relato bíblico feito sobre o tabernáculo construído por Moisés, que foi modelado com base no tabernáculo dos céus. Enquanto o autor de Hebreus nos lembra que o templo terreno e os vários rituais associados a ele

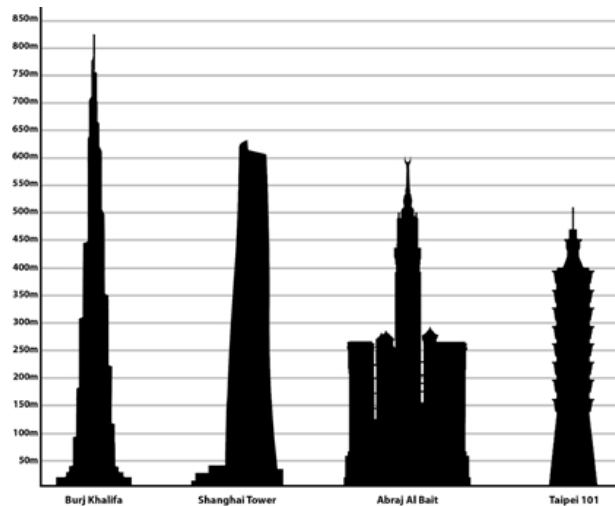
servem de exemplar e sombra das coisas celestiais, como Moisés divinamente foi avisado, estando já para acabar o tabernáculo; porque foi dito: “Olha, faze tudo conforme o modelo que, no monte, se te mostrou.” Hebreus 8.5

Esta é ainda mais uma maneira em que a Caaba serve como o esforço de Satanás para falsificar o verdadeiro templo em Jerusalém.

ABRAJ AL-BAIT

Em 2012, o grupo Saudita Binladin completou a construção do Abraj al-Bait, também conhecido como Mecca Royal Clock Tower Hotel. O Abraj al-Bait é uma estrutura maciça de sete edifícios que apresenta a torre de relógio mais alta do mundo em seu centro, tendo no topo uma lua crescente e o nome de Alá na caligrafia Árabe. A construção começou em 2002, depois que os Sauditas derrubaram a Fortaleza de Ajyad, uma cidadela otomana do século XVIII que estava no topo de uma pequena colina com vista para a Grande Mesquita, provocando um protesto gigantesco na Turquia. Embora não seja o prédio mais alto do mundo, o Abraj Al-Bait é classificado como o maior edifício do mundo, cobrindo mais área que qualquer outra torre.

Em 2014, o mundo da profecia bíblica explodiu após um artigo ter sido publicado alegando que o Abraj estava assentado no topo do “Monte Babel” e que deve, portanto, ser a verdadeira “Torre de Babel” dos dias atuais. No entanto isso é impreciso, uma vez que o monte é chamado de Bulbul, nome inspirado por um pássaro canoro comum encontrado em todo o Oriente Médio (o bulbul esteve muito perto de se tornar o pássaro nacional de Israel). Por ser o maior edifício do mundo e por estar adornado proeminentemente com símbolos pagãos e com a lua crescente, certamente o Abraj al-Bait é uma estrutura fascinante que talvez até possa nos fazer pensar na antiga Torre de Babel. O nome da colina sobre a qual foi construído, no entanto, não tem absolutamente nenhuma relação com o nomes Babel ou Babilônia¹⁶.



Abraj al-Bait, em comparação com os outros dois edifícios mais altos do mundo.

CONCLUSÃO

Tendo considerado o grau em que quase todas as práticas e símbolos associados à Caaba são completamente pagãos, é impressionante perceber que é para esse santuário que 1,6 milhão de Muçulmanos se viram para rezar cinco vezes ao dia. Onde quer que estejam no mundo, espera-se que os Muçulmanos se posicionem de frente para a Caaba ao realizar sua oração. Como Akhter afirmou: “Não há lugar na Terra tão venerado, tão central ou santo para tantas pessoas quanto Meca. Milhares circundam a sagrada Caaba no centro do santuário de Haram 24 horas por dia [...] A Caaba é o epicentro de Meca”¹⁷. Esse é o santuário pagão sobre o qual o

Alcorão diz: “Então, vire o seu rosto para al-Masjid al-Haram (A Mesquita Sagrada). E, onde quer que vocês, crentes, estejam, voltem seus rostos em direção a ela, em oração” (Alcorão 2.144, tradução Sahih International).

Durante muitos anos muitos professores Protestantes olharam para Roma e para a Igreja Católica como o centro principal da falsa religião global. Comparativamente, a quantidade de atenção que a cidade de Meca recebeu, foi mínimo. É como se estivesse fora do radar. Embora a maioria das pessoas esteja ciente de sua centralidade e importância para os Muçulmanos, elas não reconheceram plenamente o profundo grau de controle que ela exerce sobre os reis e os povos que cercam Israel por todos os lados. Enquanto afirmavam erroneamente que todos os rituais e práticas da Igreja Católica são, na verdade, apenas manifestações modernas de antigo paganismo “babilônico”, as pessoas deixaram passar a relevância da cidade cujas bases estão enraizadas no tipo mais primitivo de paganismo antigo - a evidência disso pode ser claramente vista até mesmo hoje em dia. Distraídos por quinhentos anos de polêmica sectária e apontando para Roma, muitos Protestantes perderam de vista o que deveria ser evidentemente óbvio: quase todas as várias práticas associadas à cidade de Meca (indiscutivelmente a cidade religiosa mais influente da Terra) são completamente pagãs. A grande cidade da prostituição que controla os corações e as mentes da maior parte do Oriente Médio está bem à nossa frente. Agora, enquanto a jihad violenta e o terrorismo continuam a explodir em todo o mundo Ocidental (tornando a sua crescente relevância sentida), a cidade de Meca - o próprio útero e coração dos povos mais antissemitas, anticristãos, violentos e religiosos pagãos que o mundo já conheceu - está finalmente começando a chamar nossa atenção. Embora seja possível que uma cidade diferente surja no futuro e substitua Meca no título de a grande cidade pagã da falsa religião, ninguém pode contestar que Meca é, de fato, uma das grandes cidades-prostituta, uma cidade pagã que, até este ponto, não teve outra igual em toda a história da humanidade.

OS REIS DO LUXO

Outra característica significativa da grande prostituta definida pelo texto de Apocalipse 17, 18 é a sua riqueza excessiva e o grau em que ela se adorna com luxo material excessivo. Em Apocalipse 18.3, lemos sobre “o seu luxo excessivo” (NVI). Apenas alguns versos depois, vemos, “glória e o luxo a que ela se entregou” (18.7 - NVI). Seria quase impossível imaginar uma descrição melhor para a Casa de Saud, a família real da Arábia Saudita.

DOS TRAJOS À RIQUEZA: A HISTÓRIA DA FAMÍLIA REAL SAUDITA

No início da década de 1930, depois de muitos anos de luta e conflito por poder de todos os lados, Muhammad Ibn Saud, um beduíno do deserto Árabe, conseguiu consolidar sua supremacia tribal em toda a Península Arábica, que veio a se chamar Arábia Saudita. O seu reinado foi impecável. Em 1933, apenas um ano após a tribo de Al Saud ter chegado ao poder, Ibn Saud “concedeu amplo direito de exploração para *Standard Oil of California*”¹. Três anos depois, em 1936, eles encontraram o petróleo no que se tornaria o mais rico e mais produtivo de uma série de campos de petróleo que o mundo jamais viu. Isso rapidamente levou à formação de um mega consórcio de petróleo chamado Aramco (*Arabian American Oil Company*). Uma série de organizações governamentais e alianças corporativas foram firmadas entre os Estados Unidos e a tribo de Al Saud; a Segunda Guerra Mundial iniciou; e o mundo tornou-se um mercado aberto para os Sauditas. Nunca houve uma ascensão mais rápida para o topo da cadeia alimentar global da riqueza e influência. Da noite para o dia o deserto do Oriente Médio obscuro transformou-se em uma rede crescente e industrializada de poços de petróleo, refinarias e oleodutos. Da mesma forma, as centenas de antigas tribos do deserto

transformaram-se em uma presença internacional unificada e formidável: “o Reino da Arábia Saudita.” De repente, em apenas uma breve década, uma nova família real emergiu. Desde então, como o falecido neoconservador francês Laurent Murawiec disse sarcasticamente, os membros da família real Saudita “ouvem diariamente ‘sua alteza real’ mais vezes do que qualquer outra pessoa, desde [Luís XIV,] o Rei Sol”². O ex-agente da CIA e autor Robert Baer descreveu os resultados práticos da transformação para a Casa de Saud:

Os filhos de Ibn Saud, e os filhos deles, se tornaram algumas das pessoas mais ricas do mundo, famosos nos casinos de Monte Carlo e nos bordéis de Londres por seus gastos exuberantes; os senhores de palácios de bilhões de dólares são proprietários dos melhores iates e dos melhores cavalos de raça pura, doadores de cadeiras universitárias e laboratórios de faculdade, compradores de influência em todas as capitais do Ocidente, estão sempre prontos para cruzar o mundo para compromissos marcados de última hora em suas frotas de jatos particulares.³

RIQUEZA SAUDITA INCOMPARÁVEL

Com relação à riqueza da família real Saudita, seria quase que impossível exagerar o grau em que eles se dedicam ao luxo. Quando alguns estudantes de Teologia observam essa parte da profecia sobre Mistério Babilônia (o materialismo excessivo de que prostituta cerca a si mesma) eles imediatamente vêm os Estados Unidos. Isso é compreensível. Parece que a América é a sociedade mais rica e materialista que se possa imaginar. Sem dúvida, há muitos aspectos da sociedade Americana que podem ser justificadamente criticados, e o materialismo certamente está entre os seus problemas mais notáveis. Quaisquer exemplos ultrajantes de excesso que possam ser encontrados na sociedade americana, quase todos ficam pálidos em comparação com o que encontramos (não como anomalias, mas como a regra) entre a família real Saudita. Na verdade, é o excessivo exagero que melhor define a elite Saudita. Um livro inteiro poderia ser escrito com as curiosidades bizarras a esse respeito. Para nossos propósitos, no entanto, apenas consideraremos alguns dos exemplos mais ilustrativos.

Vamos começar pelo falecido Rei Fahd. Em 1974, Fahd passou uma noite inteira jogando em Monte Carlo. Em apenas uma noite, ele gastou quase US\$5 milhões. E isso aconteceu em 1974 - naquela época, US\$5 milhões valiam cerca de US\$ 25 milhões hoje. Quando foi que alguém

ouviu falar de algum membro da elite de Hollywood, um excêntrico CEO americano, um figurão dos esportes, um músico, Presidente Americano ou senador desperdiçando US\$25 milhões em apenas uma noite, só por diversão? Já houve algum registro de Bill Gates ou Warren Buffett fazendo uma coisa dessas? Ronald Reagan ou Barack Obama agiram assim? Mesmo quando comparado com o excessos da elite, dos mais ricos e mais poderosos dos Estados Unidos, a diversão dos Sauditas está em um patamar próprio.

Um artigo recente publicado no *Daily Mail* destacou o estilo de vida exuberante do bilionário Saudita Turki Bin Abdullah, de vinte e três anos. Abdullah é famoso por ser melhor amigo do Americano e lenda do rap Dr. Dre, e por dirigir por Londres com uma pequena frota de carros customizados, banhados a ouro, todos importados para a cidade. Seus veículos incluem: um Aventador personalizado de US\$500 mil, um Mercedes AMG Off-Roader de seis rodas avaliado em US\$540 mil, um Rolls Phantom Coupe de US\$500 mil, um Bentley Flying Spur de US\$320 mil, e um Lamborghini Huracan de US\$260 mil⁴. Mais uma vez, esse rapaz tem vinte e três anos, e é exatamente isso que ele leva consigo quando viaja (nota da edição em português: o Príncipe Turki foi decapitado em outubro de 2016 como cumprimento da pena de morte pelo assassinato de outro homem, após ter sido recusado “dinheiro de sangue” ofertado pelo pai do príncipe ao pai da vítima,).

Gerald Posner, o autor de *Segredos do Reino*, escreveu sobre a riqueza da família real Saudita, enumerando apenas algumas das posses imobiliárias do falecido Rei Fahd. Histórias e mais histórias transmitem o amplo abismo entre a riqueza Americana e a riqueza Saudita. O Rei Fahd construiu para si mesmo “vários palácios enormes [...] cada um mais grandioso que o anterior.”⁵ Um dos palácios era praticamente uma réplica da Casa Branca, mas, depois de vários conselheiros dizerem ao rei que viver nela transmitiria a mensagem errada, ele foi simplesmente deixado vazio. Posner continuou:

Seu palácio “oficial” era uma lembrança de quando os primeiros reis viveram atrás das cidades muradas. Era, essencialmente, uma pequena Cidade do Vaticano, com mobiliário opulento e muros que percorriam vários quilômetros ao redor do perímetro. Os arquitetos que trabalhavam nos palácios estimaram que eles valiam vários bilhões ainda na década de 1980.⁶

Hoje em dia, esses “vários bilhões” seriam mais aproximadamente estimados em US\$ 30 bilhões. Este é apenas o valor de um dos palácios do

rei. O falecido rei tinha muitas outras casas, incluindo uma casa com 100 quartos em Marbella, na Espanha; uma propriedade espetacular fora de Paris que foi, inicialmente, construída no século XVIII para os reis franceses; uma mansão perto de Londres, onde ele gastou quase US\$ 60 milhões em reformas; e um enorme palácio em Genebra, do qual ele gostava de se vangloriar, que possuía mais de 1.500 linhas telefônicas. Ele voou de cidade em cidade em um jato 747-SP privado, equipado com nada menos que um enorme quarto principal de cor rosa, acessórios de banheiro em ouro, um elevador de mogno, uma sauna e candelabros de cristal Baccarat. O luxuoso iate de Fahd (que era do tamanho de um transatlântico de luxo) custou US\$50 milhões, e ele colecionava mais de duas dúzias de Rolls-Royces equipados com capotas com ornamentos bordados em dourado e churrasqueiras embutidas, todos eles mantidos em suas diferentes casas⁷. Posner também mostrou, com muito bom humor, que Fahd realmente conseguiu que uma empresa Britânica modificasse um Rolls-Royce Camargue e o transformasse em um super buggy de dunas personalizado. Um buggy feito de um Rolls-Royce! Se tudo isso ainda não fôsse suficiente, considere que o filho favorito do Rei Fahd, Abdul Aziz, conhecido na família real como Azouzi (“Queridinho”), construiu para si uma casa - que está mais para um parque temático Islâmico, na verdade - que lhe custou US\$4,6 bilhões. Não milhões; eu disse bilhões⁸. Novamente, essa é apenas uma de suas casas. Considere essa quantidade de dinheiro: poucas casas no mundo foram vendidas por mais de US\$150 milhões⁹. A versão Islâmica do Rancho *Neverland* de Michael Jackson, construída por Azouzi, custou quarenta vezes mais que esse montante. O Príncipe Aziz está longe de estar sozinho entre os príncipes Sauditas que se cercam de luxo inimaginável. Em março de 2005, a revista Forbes descreveu o palácio de Riade do Príncipe Alwaleed bin Talal Alsaud, que tem (entre outras coisas) 317 quartos. Ele custou ao príncipe mais de US\$130 milhões para ser construído. “Com um total de 400 mil metros quadrados, tem um campo de futebol, oito elevadores e mais de 500 aparelhos de televisão.”¹⁰ Certamente parece ser um adorável lar para apenas uma família. Isso ultrapassa até mesmo Donald Trump (um nome virtualmente sinônimo de riqueza imobiliária) que recebeu apenas US\$95 milhões por sua mansão em Palm Beach¹¹.

CONCLUSÃO

Uma das características mais importantes e definidoras da grande prostituta é o seu estilo de vida exuberante. Sobre a cidade Mistério Babilônia, é dito que são enormes “a glória e o luxo a que ela se entregou”(Ap. 18.7). Embora pudéssemos, literalmente, continuar listando infinitos exemplos da excessiva luxúria Saudita com cada curiosidade ou bizarrice superando a última, o ponto é que esta descrição crucial da prostituta não poderia se encaixar melhor do que com os sultões da opulência, os reis de luxo conhecidos coletivamente como a família real Saudita.

A SEDUTORA DAS NAÇÕES

Além do Cristianismo, o Islã é a única outra religião importante no mundo com um grande impulso evangelístico. E, indiscutivelmente, o órgão que vem liderando a incumbência global de espalhar a mensagem do Islã é o Departamento de Assuntos Islâmicos da Arábia Saudita. Em minha própria biblioteca pessoal possuo livros e folhetos Islâmicos (incluindo uma edição grande, em brochura e em capa dura, do Alcorão), todos enviados gratuitamente para mim pela embaixada da Arábia Saudita. Tudo o que eu tive que fazer foi acessar o site da Embaixada da Arábia Saudita e preencher um formulário básico de solicitação¹. Não houve nenhuma taxa. Logo recebi pelos correios uma cópia do Alcorão muito boa e, literalmente, uma caixa de livros e folhetos, todos declarando os milagres, as maravilhas e a beleza do Islamismo (e, é claro, as falhas e erros do Cristianismo, do Judaísmo e outras religiões “corrompidas”). Você pode imaginar a América, a Inglaterra ou qualquer outro país Ocidental fornecendo para qualquer pessoa no mundo uma edição da Bíblia e materiais evangelísticos Cristãos?

Meca não é apenas o útero histórico de onde o Islamismo nasceu, mas os governantes modernos da Arábia Saudita continuam a ser a fonte primária de apoio ideológico e financeiro para a rápida expansão do Islã a nível mundial. De acordo com o popular apresentador da televisão Saudita e comentarista Dawood al- Shirian, as dezenas de bilhões de dólares usados pela realeza Saudita pagam cerca de 90% das “despesas de toda a fé”². Deixe-me reformular essa frase: 90% do financiamento para a disseminação do Islã Sunita a nível mundial vem da Arábia Saudita. Da mesma forma que os Estados Unidos servem como a maior fonte de financiamento para as missões Cristãs globais, a Arábia Saudita serve como maior fonte de financiamento para o Islã.

O plano Saudita para alcançar o mundo é simples. Primeiro, eles financiam e constroem os madrassas, centros Islâmicos, e mesquitas que

promovam exclusivamente a linha cruel do Islamismo Wahabista dos Sauditas. Eles os constroem em todo o mundo. Se existe uma mesquita grande em sua cidade, ela provavelmente foi financiada pelo governo da Arábia Saudita. Além de construir as mesquitas, o governo Saudita também treina, envia, e financia os ulema (eruditos e professores Islâmicos, os missionários do Wahabismo) em todo o mundo. O financiamento desses milhares de missionários vai muito além dos maiores sonhos dos missionários Cristãos. Uma vez no país alvo, eles estabelecem e dão apoio aos vários centros Islâmicos Sauditas e organizações de dianteira, como a Assembleia Mundial da Juventude Muçulmana (WAMY) ou a Liga do Mundo Muçulmano (WML). O falecido autor de *Príncipes das Trevas: o assalto Saudita ao ocidente*, Laurent Murawiec, descreveu a natureza da influência Saudita no mundo, Centros Islâmicos financiados por Riade, mesquitas e escolas corânicas onde somente a doutrina Wahabista é ministrada, universidades obscurantistas, missionários com dinheiro para gastar e grandes objetivos de pregar desde o Marrocos à Indonésia, da Nigéria ao Uzbequistão, a imprensa internacional na língua Árabe monopolizada por Sauditas ricos, organizações Árabes internacionais convergem para produzir uma única imagem.³

Finalmente, o governo Saudita realmente enche essas mesquitas, Centros Islâmicos e escolas com seus próprios livros, folhetos e literatura educativa. Que tipo de material, especificamente, você imagina que eles estão enviando?

A DOCTRINAÇÃO WAHABISTA DO MUNDO

Em um relatório bastante abrangente de 2005, intitulado *Publicações Sauditas Sobre A Ideologia do Ódio Invadem as Mesquitas Americanas*, o grupo de direitos humanos Freedom House relatou que a literatura sancionada pelo governo Saudita que promovia a linha radical do Islamismo Whabista estava sendo distribuída amplamente às mesquitas americanas. O relatório baseou-se num estudo, cuja duração foi de um ano, e examinou mais de duzentos livros e tratados encontrados em mesquitas de Los Angeles, Dallas, Oakland, Houston, Chicago, Nova Iorque e Washington⁴. Nos materiais examinados, os Muçulmanos que vivem na América são encorajados a “comportar-se como se estivessem em

missão no terreno inimigo”⁵. Aqueles que se convertem ao Cristianismo ou ao Judaísmo são informados: “Se não se arrepender, você é um apóstata e deve ser morto porque negou o Alcorão”⁶. De acordo com Nina Shea, a diretora da Freedom House, Uma revisão de uma amostra de livros de textos oficiais Sauditas para estudos Islâmicos usados durante o ano acadêmico atual revela que, apesar das declarações do governo Saudita dizerem o contrário, uma ideologia de ódio contra Cristãos e Judeus e Muçulmanos que não seguem a doutrina Wahabista se mantém nessa área do sistema público escolar.⁷

Alguns exemplos dos tipos de declarações que foram encontradas na literatura sancionada pelo governo Saudita incluem o seguinte:

- De um livro didático do primeiro ano (alfabetização) do Ensino Fundamental: “Toda religião que não seja o Islã é falsa.”
- De um livro didático do quarto ano do Ensino Fundamental: “A verdadeira crença significa [...] que você odeie os politeístas e infiéis.”
- De um livro didático do sexto ano do Ensino Fundamental: “Assim como os Muçulmanos foram bem-sucedidos no passado quando se juntaram em um esforço sincero para expulsar os cruzados Cristãos da Palestina, assim também os Árabes e os Muçulmanos emergirão vitoriosos, se Deus quiser, contra os Judeus e seus aliados se eles permanecerem unidos e lutarem uma verdadeira jihad por Deus, pois isso está dentro das capacidades de Deus.”
- De um livro didático do oitavo ano do Ensino Fundamental: “Os macacos são Judeus, as pessoas do sábado; enquanto os porcos são os Cristãos, os infiéis da comunhão de Jesus.”
- De um livro didático do nono ano do Ensino Fundamental: “O confronto entre esta comunidade [Muçulmana] (umma) e os Judeus e Cristãos tem se prolongado, e continuará enquanto Deus quiser” e, novamente,: “Faz parte da sabedoria de Deus que a luta entre os Muçulmanos e os Judeus continue até a hora [do julgamento].”
- De um livro didático do segundo ano do Ensino Médio: “Jihad no caminho de Deus - que consiste de lutar contra a incredulidade, a opressão, a injustiça e contra aqueles que a perpetram - é o auge do Islã. Esta religião surgiu através da jihad e, através da jihad, sua bandeira foi exaltada. É um dos atos mais nobres, que traz alguém para mais perto de Deus, e um dos mais magníficos

- Atos de obediência a Deus.”⁸

O relatório também afirma que O envolvimento do governo Saudita fica imediatamente evidente pelo selo ou nome de algum departamento do governo ousadamente estampado na capa da literatura. Os materiais examinados foram facilmente identificáveis como originários da Embaixada da Arábia Saudita em Washington, o Ministério da Educação Saudita, a força aérea Saudita e outros ramos do governo Saudita.⁹

Então é isso que devemos entender: quando a Arábia Saudita divulga o Islã por toda a Terra, ela não está meramente divulgando o Islamismo, mas a própria linha radical do Islamismo radical Wahabista. E ainda pior: esse tipo de material não está apenas sendo enviado para os Estados Unidos, eles está sendo enviado para o mundo todo. Como o autor Gilles Kepel escreveu: “Desde as planícies africanas até os arrozais da Indonésia e até no acolhimento aos imigrantes Muçulmanos nas cidades europeias de grande porte, os mesmos livros podem ser encontrados, e foram financiados pelo governo da Arábia Saudita.”¹⁰

SEDUÇÃO SAUDITA

O que discutimos até agora é apenas a ponta do iceberg da grande sedução Saudita. Livros inteiros foram escritos sobre o assunto, e, como veremos, as teias de aranha dos senhores do petro-Islamismo chegaram a cada canto da Terra. Em 2005, o Príncipe Alwaleed bin Talal (o príncipe fabulosamente rico mencionado anteriormente) doou US\$20 milhões para a Universidade de Harvard e outros US\$20 milhões para a Universidade de Georgetown para estabelecer dois programas de estudos Islâmicos nos Estados Unidos¹¹. Outros quatro desses centros foram estabelecidos na Universidade de Cambridge, na Universidade de Edimburgo, na Universidade Americana do Cairo e na Universidade Americana em Beirute. Agora deixe-me fazer uma pergunta: como essas instituições poderiam criticar o mesmo regime, as mesmas mãos, que lhes deu a maior doação privada de sua história? Esse tipo de dinheiro compra mais do que apenas um centro de estudos Islâmicos; ele também compra conformidade.

No anúncio da doação em Harvard, Alwaleed deu um discurso no qual pregava: “Estabelecer uma ponte de conhecimento entre o Oriente e o Ocidente é importante para trazer paz e tolerância.”¹² Por favor, pare e

pergunte a si mesmo: será que existe mais intolerância e mal-entendidos sobre o Cristianismo na Arábia Saudita, ou existe mais intolerância e mal-entendidos sobre o Islamismo na Universidade de Harvard? Um Cristão que esteja matriculado em um programa de estudos em qualquer universidade da Arábia Saudita seria ilegal. Para demonstrar ainda melhor o absurdo disso, este é o mesmo príncipe que doou US\$27 milhões no ano anterior para apoiar as famílias de terroristas Islâmicos em Israel¹³. Vamos discutir este assunto mais profundamente no Capítulo 22, mas, por agora, considere o grau de hipocrisia necessário para que um príncipe Saudita venha à Universidade de Harvard para pregar sobre a necessidade de os Americanos abraçarem o entendimento e a tolerância religiosa enquanto seu próprio país é uma das nações mais religiosamente restritivas na Terra. Nenhuma religião que não seja o Islã pode ser praticada publicamente ali. Na verdade, sua legislação autoriza a decapitação dos apóstatas. Os Cristãos nem sequer podem usar uma cruz para que não sejam castigados severamente pela lei Saudita. Os Judeus estavam literalmente proibidos de pisar em solo Saudita até, pelo menos, 2002. Para completar, apenas um mês antes do anúncio de Alwaleed (feito em 12 de novembro de 2005), uma professora Saudita de química foi condenada a 750 chibatadas por “falar positivamente sobre Judeus” na classe¹⁴. *Como ela pôde se atrever?* Será esse o tipo de tolerância religiosa sobre que o Príncipe Alwaleed deseja que o Ocidente aprenda mais em Harvard, Georgetown, Cambridge e Edimburgo?

Apesar da reputação de Harvard como um baluarte de generosidade e tolerância, por US\$20 milhões eles ficaram felizes em prostituir-se para o regime religioso mais restritivo do mundo. Como será que a prostituta Saudita seduz o mundo a cometer imoralidade com ela e apoiá-la? Todos têm seu preço e, na maioria casos, os Sauditas podem e vão pagar.

A GRANDE PROSTITUTA EVANGELISTA

Então, quanto custa aos Sauditas espalhar a mensagem de Islamismo? Em 2005, James Woolsey, (ex-diretor da CIA), antes de uma reunião do Comitê de Reforma do Governo da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, testemunhou que “cerca de US\$85-90 bilhões foram gastos de fontes pela Arábia Saudita nos últimos 30 anos, divulgando as crenças

Wahabistas em todo o mundo.”¹⁵ De acordo com Yousaf Butt, um físico nuclear e pesquisador sênior de pesquisa no Centro de Tecnologia e Política de Segurança Nacional na Universidade Nacional de Defesa:

Os números exatos não são conhecidos, mas estima-se que mais de US\$100 bilhões foram gastos na exportação do Wahabismo fanático para várias das nações Muçulmanas mais pobres do mundo ao longo de três décadas. Pode muito bem ser que o valor real seja duas vezes esse número. A título de comparação, os soviéticos gastaram cerca de US\$7 bilhões espalhando o comunismo em todo o mundo nos 70 anos compreendidos entre 1921 e 1991.¹⁶

Pare e considere os números. A Junta Missionária Batista Internacional do Sul (IMB) é uma das maiores organizações missionárias Protestantes do mundo. Seu orçamento anual é aproximadamente US\$300 milhões¹⁷. Se os Sauditas gastaram US\$100 bilhões em um período de trinta anos para espalhar o Wahabismo radical globalmente, isso significa que eles gastaram aproximadamente o equivalente ao orçamento total das missões anuais do IMB a cada três semanas, continuamente, por trinta anos. A campanha Saudita para levar às nações a mensagem do Islã é, literalmente, a maior campanha de evangelização ou de propaganda que o mundo já conheceu. Nada se compara! Amigos, será que é justificável dizermos que esse reino cumpre o papel de “grande cidade” que difunde sua influência e sua falsa religião em todo o mundo?

CONCLUSÃO

A Arábia Saudita, como a ponta de lança e líder principal da evangelização Islâmica mundial, está realmente seduzindo o mundo com seus barris cheios de dinheiro que, literalmente, borbulha da terra. Ela seduz e evangeliza o mundo com uma falsa religião que, embora seja pintada como “a religião da paz”, na verdade, é uma religião fundamentalmente totalitária por natureza - violenta, extrema e até mesmo anticristã em sua essência. Como a prostituta que orgulhosamente balança o copo de ouro, alto no ar, chamando todo o mundo para participar da sua bebida enlouquecedora, a Arábia Saudita também chama o mundo a abraçar o que eles chamam de única e verdadeira religião final. Na verdade, o que os Sauditas estão oferecendo ao mundo é um copo repleto de coisas abomináveis, uma imundície total de uma religião genuinamente pagã, indiscutivelmente demoníaca.

CORRUPTORA DOS REIS

Neste capítulo consideraremos o enorme montante de influência que a Arábia Saudita exerce globalmente graças ao seu abundante e rico petróleo. Como o autor Gerald Posner nos lembra,

- a. Arábia Saudita funciona como qualquer outro país que tenta cultivar o apoio [e a] influência política externa dos EUA em questões que considera importante[...] Mas o que torna o Reino diferente de muitos outros países com ambições semelhantes é o poder do dinheiro. Ele conseguiu atingir um nível na escala que é inatingível por outros países.¹

Simplificando, há uma ampla evidência de que a realeza Saudita compra influência, favor e privilégio; vive acima de qualquer lei; e então, no fim das contas, compra silêncio. A realeza Saudita - que, hoje, possui bem mais de quarenta mil membros - é a família mais privilegiada no mundo. Por causa da quantidade de dinheiro realmente ridícula que têm à sua disposição, eles também são a maior fonte individual de corrupção dentro do governo dos Estados Unidos. *E isso já diz muito.*

Alguns anos atrás, a PBS *Frontline* produziu um documentário chamado *Dinheiro Preto*, no qual entrevistaram o ex-embaixador Saudita nos Estados Unidos, Príncipe Bandar. Quando perguntado especificamente sobre a quantidade astronômica de dinheiro Saudita perdida a cada ano em corrupção e propina, Bandar simplesmente respondeu: “E daí? Não fomos nós que inventamos a corrupção.”² O que precisa ser compreendido é que a corrupção Saudita no mais alto nível do governo dos EUA não é simplesmente um subproduto de sua enorme riqueza; em vez disso, ela é o alicerce da sua abordagem muito deliberada e calculada para a diplomacia. Longe de tentar esconder isso, Bandar, na verdade, se gabou da abordagem Saudita: “Se a reputação Saudita é a de que cuidamos bem dos nossos amigos depois que eles saem dos nossos escritórios, você ficaria surpreso de saber que os melhores amigos são aqueles que estão entrando nos nossos escritórios.”³ Sem rodeios, o que foi dito é que a realeza Saudita é o papai dos reis da Terra e de praticamente todos os políticos Americanos de alto nível que você puder nomear. O autor Laurent Murawiec explicou claramente:

A Arábia Saudita [...] compra políticos, funcionários do governo, jornalistas, acadêmicos, diplomatas, coronéis, generais e oficiais da inteligência. Ela barganha e compra inúmeros “especialistas”, propagandistas e lobistas. Quando acha oportuno, ela exige a censura de programas de televisão. Ela inundou os círculos de poder com seus petrodólares. Ela exige que as empresas Americanas aceitem suas condições políticas para poder fazer negócios mesmo quando violam a Constituição dos EUA.⁴

O agente aposentado da CIA Robert Baer profere um “amém” muito fervoroso em respostas às afirmações de Murawiec:

Qualquer burocrata de Washington com um QI equivalente à temperatura do ambiente sabe que se permanecer ao lado de certo do reino [Saudita], de uma forma ou de outra, será capaz de pegar uma carona no banquete Saudita. Um contrato de consultoria com a Aramco, uma cadeira na Universidade Americana, um trabalho com Lockheed - não importa. Dificilmente existirá um ex-secretário de Estado assistente para assuntos do Oriente Próximo, um diretor da CIA, um funcionário da Casa Branca ou um membro de Congresso sequer que não tenha acabado na folha de pagamento Saudita de uma forma ou de outra, ao que tudo indica. Com esse volume de dinheiro esperando lá, é claro que os burocratas Americanos não têm coragem de assumir um conflito com a Arábia Saudita.⁵

Ele continua:

A nível corporativo, quase todas as figuras de Washington que valham a pena ser mencionadas atuaram no conselho de, pelo menos, uma empresa que fez um acordo com a Arábia Saudita e praticamente todos os acordos com os Sauditas crescem opacos, perdidos em alguma tempestade de areia no deserto perto de onde todo o dinheiro surgiu.⁶

Abundantes evidências demonstram que a corrupção Saudita nos Estados Unidos é penetrante. Os espaços que Baer deixou em branco, Posner preencheu:

Os petrodólares Sauditas que inundaram os Estados Unidos nos últimos trinta anos afetaram os negócios, a política e a sociedade americana. Esse dinheiro comprou para a Casa de Saud um assento cobiçado à mesa com os homens de negócios e os políticos de elite da América, e os Sauditas têm assiduamente se aproveitado da influência e do acesso que resultam de influxos tão imensos de dinheiro.⁷

No entanto, a grande quantidade de dinheiro Saudita não corrompeu apenas os políticos da América. O problema é, literalmente, global. Como Murawiec testemunhou:

Os Al-Sauds usaram o enorme poder e riqueza provenientes de petróleo para comprar países, consciências, partidos políticos, celebridades e mercenários. E não só no mundo Muçulmano. A corrupção desempenhou um papel importante, especialmente no Oriente Médio. Mas os Al-Saud têm sido suficientemente inteligentes para ampliar suas

compras para além do mundo Muçulmano: a podridão também atingiu a Europa e os Estados Unidos.⁸

Em 2011, pouco depois da extinção da Primavera Árabe, eu participei como convidado no programa *Glenn Beck* na Fox News. Em um cenário sem precedentes, Beck me convidou para um dos programas mais vistos na nação, durante o horário nobre, para discutir o papel do Islamismo e do Anticristo no fim dos tempos. Pouco antes de entrarmos ao vivo, olhei para Glenn e disse: “Peço desculpas pelo que pode te acontecer amanhã.” Não surpreendentemente, em apenas algumas semanas, foi anunciado que Beck estaria saindo da Fox News. Embora existissem várias razões publicamente expostas sobre o motivo por que ele finalmente deixou a Fox, foi-me dito nos bastidores que, na verdade, sua saída forçada foi, em grande parte, devida ao fato de o Príncipe al-Waleed bin Talal possuir uma grande participação na empresa-mãe da Fox News, News Corporation⁹. Aparentemente, nosso programa foi um dos últimos a fazer sucesso. Se isso é verdade ou não, não posso dizer com certeza, mas deveria ser muito alarmante para todos os Americanos que um homem que doou quase US\$30 milhões para incentivar o atentado suicida em Israel, possua a maior participação em uma conhecida rede de notícias Americana.

Ao ler vários livros que expõem a relação entre a Arábia Saudita e os Estados Unidos, fiquei atordoado ao perceber a gravidade de muitas das declarações feitas por esses autores seculares, parecendo ecoar o que está descrito no livro de Apocalipse. Considerando que a Bíblia fala da “grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição” (Ap. 19.2), Baer escreveu que “foi o petróleo que alimentou sua prostituição e corrupção.”¹⁰ A Bíblia diz: “as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição” (Ap. 18.3). Baer diz: “Washington nos obrigou a nos deitarmos com o diabo. Arrumou a cama, puxou a coberta e convidou o diabo para deitar-se. Sussurrámos em seu ouvido e dissemos que o amamos.”¹¹

CORRUPTORA DOS REIS

Para levar o assunto ainda mais longe, considere o impacto que o suborno, a chantagem e a corrupção Saudita tiveram não apenas em corporações,

universidades e vários políticos dos Estados Unidos, mas também sobre “reis” literais, como a profecia descreve repetidas vezes. Será que a mão corruptora da Casa de Saud chegou ao mais alto cargo político no mundo, o do presidente dos Estados Unidos?

PRESIDENTE JIMMY CARTER

Começamos pelo presidente Jimmy Carter. Vários autores e repórteres detalharam o relacionamento financeiro profundamente comprometedor de Carter com a família real Saudita. Sejam empréstimos extremamente amigáveis para resgatar sua fazenda de amendoim ou para angariar os mais de US\$100 milhões que foram doados para o Centro Carter, esse presidente literalmente vendeu sua alma para os Sauditas¹². Segundo o livro *Prestando Falso Testemunho - O livro de Jimmy Carter, Palestina: paz, sim. apartheid, não*, publicado pelo Comitê Americano para Precisão das Comunicações com o Oriente Médio (CAMERA):

A dependência de Jimmy Carter do financiamento Árabe remonta às primeiras conexões comerciais na década de 1970 e continua no presente com doações de vários milhões de dólares para o seu ricamente dotado Centro Carter em Atlanta, Geórgia. O relatório anual de 2006 do centro revela ativos líquidos totais na ordem de US\$412.393.757, um número surpreendentemente grande para uma organização sem fins lucrativos.¹³

Refletindo sobre tais sentimentos, em uma declaração bastante ousada, o professor de Harvard, Alan Dershowitz, disse que Carter foi comprado por milhões de dólares em doações de Governos Árabes que se recusam a reconhecer Israel, e dos Árabes governantes que promovem ativamente o ódio aos Judeus no Oriente Médio e em outros lugares. Jornalistas investigativos revelaram a extensão em que Carter foi “comprado e pago” pelos Árabes e por dinheiro Islâmico. O Centro Carter, uma fundação filantrópica que o ex-presidente começou depois de deixar o cargo, recebeu doações de mais de US\$1 milhão da Arábia Saudita, dos Emirados Árabes Unidos e do Sultanato de Omã, e de grupos e indivíduos com vínculos estreitos com esses governos, incluindo a OPEC, o grupo Saudita Binladin e o falecido rei Saudita Fahd, um membro “fundador” do Centro.¹⁴

A questão absolutamente crucial a ser compreendida aqui é que nenhuma dessas doações é feita pela bondade dos corações Sauditas. É tudo calculado e tem um propósito muito bem definido. Como o ex-diplomata britânico, John Kelly, disse com precisão: “Os governantes dos estados petrolíferos Árabes não são simples filantropos nem patronos desinteressados [...]Eles esperam um retorno por suas doações.”¹⁵ Se o presidente Carter realmente foi comprado, então o que será que os Sauditas receberam por seus investimentos? Bom, o presidente Carter passou a ser um crítico virulentamente franco contra Israel; é claro! Uma vez que vêm de um antigo Presidente Americano e prêmio Nobel, suas críticas a Israel possuem um peso tremendo. Sua retórica anti-israelense atingiu seu ápice, no entanto, quando escreveu o livro *Palestina: paz, sim. apartheid, não*. Depois de seu lançamento, o livro foi amplamente criticado como “chato” (revista *Slate*), “Anti-histórico” (*Washington Post*) e “risível” (*San Francisco Chronicle*)¹⁶. Na verdade, o livro foi tão escandaloso que, após sua divulgação, quinze membros do conselho consultivo de Carter renunciaram (inclusive Kenneth Stein, que estava no conselho do Centro Carter há mais de vinte e três anos). Em uma carta aberta, Stein escreveu que o Tratado anti-Israel de Carter era “repleto de erros factuais, de materiais copiados e não citados, superficialidades, omissões flagrantes e partes simplesmente inventadas.”¹⁷ Qual foi a resposta de Carter à demissão voluntária de tantos membros do conselho? Ele afirmou falsamente que todos tinham deixado seus cargos porque eram Judeus que estavam sob pressão do lobby Judeu. Pense na hipocrisia total que existe aí. Embora o próprio Presidente Carter tenha feito inúmeras acusações e inferências sobre a influência do “dinheiro Judeu” na política Americana, de acordo com o Comitê Americano para Precisão das Comunicações com o Oriente Médio,

As centenas de milhões de dólares declarados como tendo sido doados por contribuidores Sauditas e do Golfo que fluíram para o Centro Carter, bem como as grandes somas de dinheiro Árabe doadas para universidades Americanas, incubadoras de ideias, lobbies, instituições religiosas e outras instituições influenciadoras de opinião não provocam em Jimmy Carter a menor preocupação quanto à influência Árabe sobre a política externa americana.¹⁸

Tanta coisa é dita pelos comentaristas anti-Israel modernos e teóricos da conspiração sobre o todo-poderoso “lobby Israelense”, mas com que frequência ouvimos falar do “lobby Saudita”? Contudo o lobby

Saudita não somente é bastante real, como também é o lobby mais poderoso e bem financiado (não só em Washington, mas na história) do mundo!

Além da firme oposição de Carter a Israel, repetidamente acusando o estado Judaico de todas as violações dos direitos humanos imagináveis, ele permaneceu completamente silencioso em relação aos muitos casos muito bem documentados sobre as formas mais flagrantes de violações dos direitos humanos que acontecem em todo o Reino da Arábia Saudita. Assim, a Casa de Saud não só comprou, literalmente, um presidente Americano para servir como um porta-voz para a campanha anti-Israel; eles também pagaram para que a mesma boca ficasse fechada quando eles decidissem que ela deveria ficar fechada. Lembra muito aquela brincadeira de criança: “O mestre mandou...”

PRESIDENTES GEORGE HERBERT WALKER BUSH E GEORGE W. BUSH

Neste ponto, alguns leitores provavelmente culparão a corrupção de Carter em sua inclinação política liberal. Os Sauditas, no entanto, corromperam tanto Democratas quanto Republicanos. Na verdade, qualquer que seja a quantia recebida dos Sauditas pelo presidente Carter, a família Bush supera em muito. Em seu livro lançado em 2004, *Casa de Bush, Causa de Saud: o relacionamento secreto entre as duas dinastias mais poderosas do mundo*, o autor Craig Unger cuidadosa e minuciosamente detalhou a longa história da relação entre a família Bush e a casa real Saudita. Unger vasculhou sistematicamente toda a rede emaranhada de empresas de fachada, negócios, bancos e empréstimos amigáveis e, no fim, chegou ao tímido resultado de apenas um milhão e meio de dólares tendo sido transferidos das mãos Sauditas para a família Bush. Unger escreveu:

No total, pelo menos US\$1.476 bilhão dos Sauditas foram enviados para a Casa de Bush e suas empresas e instituições aliadas. Pode-se dizer com segurança que nunca antes na história houve um relacionamento de um candidato à presidência - muito menos um candidato à presidência e seu pai, um ex-presidente - tão intimamente ligado financeira e pessoalmente com a família dominante de outra potência estrangeira. Nunca antes as fortunas pessoais de um presidente e as políticas públicas foram tão profundamente entrelaçadas com as de outra nação.¹⁹

Unger continua a dizer que esse valor de US\$1,47 bilhão é apenas uma estimativa conservadora. Essa é somente a quantidade que pôde positivamente ser identificada. Mais uma vez, pare e absorva a realidade do que está sendo dito aqui. Nós não estamos falando de algumas empresas de lobby agressivo tendo feito uma doação vagamente grande para algum político obscuro. Estamos falando de um bilhão e meio de dólares transferidos para dois presidentes americanos, vindos diretamente de um governo estrangeiro (que é, indiscutivelmente, a maior fonte de patrocínio do Islamismo radical no mundo). Como é que isso não está sendo divulgado para que todos saibam? De que maneira podemos pensar nesse tipo de dinheiro? Será que ele não tem efeito nenhum nas tomadas de decisão e na política externa? Como é possível que alguém não veja nisso o cumprimento de Apocalipse 18.9: “os reis da terra, que se prostituíram com ela e participaram do seu luxo.”

Antes de continuar, quero ser claro; de jeito nenhum sou um conspiracionista 09/11. Eu acredito que os ataques de 11 de setembro foram realizados por terroristas Islâmicos. No entanto, houve alguns encobrimentos óbvios por parte da administração de George W. Bush tanto no dia 11 de setembro como também nos dias, semanas, meses, e nos anos que se seguiram. Estou me referindo especificamente ao relacionamento de funcionários de alto escalão do governo Saudita com os terroristas. Somente em janeiro de 2016 foi que houve a divulgação da notícia de que a administração Bush havia na verdade removido vinte e oito páginas do Relatório do Inquérito Conjunto aberto pelo Congresso sobre os ataques do 11 de Setembro. De acordo com o Diário de Políticas Externas,

Há oito páginas secretas de um inquérito aberto pelo Congresso sobre o 11 de setembro em que, alegadamente, encontra-se informação de apoio financeiro Saudita para os supostos sequestradores do 11 de setembro. Nem George W. Bush nem o governo de Obama liberaram as páginas confidenciais. Apenas alguns poucos membros do Congresso foram autorizados a lê-las, na presença de guardas, e eles não tem permissão para falar sobre isso.²⁰

Quando as notícias chegaram às bancas, o site de notícias Britânico *The Guardian* entrevistou John F. Lehman, que participou no Comitê do Congresso de 2003 a 2004:

“Houve muita participação de indivíduos Sauditas em apoio aos sequestradores, e algumas dessas pessoas trabalhavam no governo Saudita”, disse Lehman em uma entrevista, sugerindo que a comissão possa ter cometido um erro ao não indicar isso explicitamente em seu relatório final. “Nosso relatório nunca deve ser lido como uma degradação da imagem da Arábia Saudita”.²¹

Como eu disse, o dinheiro Saudita não compra só influência e privilégio; também compra silêncio. Nenhuma outra nação no mundo teria conseguido escapar ilesa como os Sauditas escaparam naquele dia. Só um lembrete: quinze dos dezesseis sequestradores eram cidadãos Sauditas. Se há uma nação no mundo cujos cidadãos deveriam ter sido tratados com suspeita, essa é a Arábia Saudita. Ainda assim, muito pelo contrário, enquanto o céu de todo o território dos Estados Unidos estava completamente bloqueado para vôos, os únicos aviões permitidos a voar eram aqueles de propriedade de Príncipes Sauditas. A realeza Saudita recebeu privilégios especiais que até mesmo aos líderes do governo Americano não foram concedidos! Eles eram o único grupo totalmente isento da lei. Tudo isso ocorreu sob a administração Bush, e não foi um engano.

O quanto a si mesma se glorificou e viveu em luxúria, dai-lhe em igual medida tormento e pranto, porque diz consigo mesma: “Estou sentada como rainha. Viúva, não sou. Pranto, nunca hei de ver!” Apocalipse 18.7 (ARA)

Porque confiaste na tua maldade e disseste: “Ninguém me pode ver; a tua sabedoria e a tua ciência, isso te fez desviar, e disseste no teu coração: Eu sou, e fora de mim não há outra.” Isaías 47.10

BILL AND HILLARY CLINTON

Consideremos também a influência Saudita sobre Bill e Hillary Clinton. Na véspera das eleições de 2016 a mídia ficou em polvorosa quando foi descoberta a grande quantidade de dinheiro que foi doada para a Fundação Clinton pelos Sauditas e pelos estados Árabes do Golfo. Como um relatório no *Daily Caller* explicou,

Bill e Hillary Clinton receberam pelo menos US\$100 milhões de estados autocráticos do Golfo Pérsico e seus líderes, potencialmente minando a afirmação da Democrata Hillary de que ela pode implementar políticas independentes no Oriente Médio. Como candidata à presidência, o volume de dinheiro estrangeiro que os Clintons receberam dos estados do Golfo Pérsico é “simplesmente sem precedentes”, diz o analista de segurança nacional Patrick Poole.²²

Esses US\$100 milhões, no entanto, vieram de um punhado de estados do Golfo Árabe. De acordo com o (site averiguador de fatos) *Politifact*, as doações da Arábia Saudita, especificamente, totalizaram cerca de US\$35 milhões²³. Este valor não inclui doações dadas por

indivíduos no reino ou grupos como os Amigos da Arábia Saudita ou a Conferência Mundial Islâmica.

Por que a realeza Saudita daria dezenas de milhões de dólares para a Fundação Clinton? Devemos realmente acreditar que os membros da família real Saudita estejam apaixonadamente comprometidos com as várias iniciativas humanitárias dos Clintons? Ou será que essas doações têm algo a ver com, por exemplo, a venda colossal de armas para o reino da Arábia que foi supervisionada por Clinton enquanto servia como secretário de estado? De acordo com *Mother Jones*,

Em 2011, o Departamento de Estado liberou um enorme acordo de armas: Dirigido pela Boeing, um consórcio de empreiteiros de defesa Americanos entregariam o equivalente a US\$29 bilhões em aviões de combate avançados para a Arábia Saudita, a despeito do registro de perturbações aos direitos humanos ocorridas no reino. Nos anos antes de Hillary Clinton se tornar secretária de Estado, a Arábia Saudita contribuiu com US\$10 milhões para a Fundação Clinton e, apenas dois meses antes do negócio dos jatos ser finalizado, a Boeing doou US\$900 mil para a Fundação Clinton, de acordo com uma investigação do *International Business Times*, lançado na terça-feira. A transação Saudita é apenas um exemplo de nações e empresas que doaram para a Fundação Clinton, vendo um aumento nas negociações de armas enquanto Hillary Clinton supervisionou o Departamento de Estado.²⁴

Os Sauditas sabem como jogar o jogo. Eles sabem o que querem e também sabem como obtê-lo. Espera-se que o escritório do presidente dos Estados Unidos estaria além do alcance de lobby dos patrocinadores estaduais do terror, mas, como mostrei, o acesso da poderosa e persuasiva Casa de Saud a cada presidente Americano é simplesmente incomparável.

CONCLUSÃO

Livros inteiros foram escritos detalhando a corrupção Saudita dentro do sistema político Americano, até o topo. Os efeitos desse tipo de corrupção que vai desde contratos de buffet até à agenda Islâmica anti-Israel, passando por ignorar suas atrocidades contra os direitos humanos e proporcionando-lhes o privilégio de viverem fora da lei, até mesmo facilitando os acordos multimilionários de compras de armas, e quem sabe o que mais? Os Sauditas têm os meios e o conhecimento para obter qualquer coisa que desejem. Infelizmente, todos têm seu preço, incluindo praticamente cada um dos presidentes dos Estados Unidos da América durante as últimas gerações. Considerando novamente a descrição da grande prostituta como sendo aquela “com a qual se prostituíram os reis da

terra” (Ap. 17.2), “que reina sobre os reis da terra” (17.18), e com quem vivem “em luxúria” (18.9 - ARA), o encaixe da família real Saudita na descrição da profecia é quase perfeito. Na verdade, eu diria que nenhuma outra entidade religiosa ou política do mundo se encaixa mais perfeitamente.

EMBRIAGADA DO SANGUE DOS SANTOS

Uma das características de definição mais importantes da Babilônia do fim dos tempos é que ela é a grande perseguidora dos santos. Entre as primeiras observações que o apóstolo João fez sobre a prostituta é que ela “estava embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus” (Ap. 17.6). Embora a passagem retrate uma realidade presente à época em que foi escrita, a profecia está, principalmente, falando do martírio que acontecerá no fim dos tempos. A perseguição da grande prostituta resulta na culminação da ira de Satanás contra os santos ao longo da história bíblica. É por isso que a profecia conclui com uma nota tão forte: “E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra” (Ap. 18.24). Quão bem Meca, Arábia Saudita e o Islã cumprem esta descrição?

PRIMEIRAS CONQUISTAS ISLÂMICAS

Após a morte de Maomé, em junho de 632 d.C., seu melhor amigo, Abacar, tornou-se seu sucessor. Sob a liderança de Abacar e seu general, Calide ibne Ualinde (conhecido como Ceife Alá Almaslul, Espada de Deus), o novo movimento Muçulmano explodiu em direção ao norte, para fora da Península Arábica e para o Oriente Médio, incluindo as regiões da Jordânia moderna, o sul da Síria e o Iraque. Depois de dois anos, Abacar morreu e foi sucedido por Omar, outro dos amigos de confiança de Maomé. Omar reinou por dez anos. Durante seu domínio, o Islã se expandiu a uma taxa sem precedentes, conquistando a Pérsia, grande parte da África do Norte, e mais de dois terços do Império Bizantino¹. O terceiro califado, sob Uthman, fez com que o Islã conquistasse todo o território até o Afeganistão e ao norte, até a Armênia. Se alguém estudar

cuidadosamente a história de tudo o que se desenrolou durante estes anos (as cidades Cristãs destruídas, os Cristãos assassinados, as mulheres e crianças que foram levadas como escravas), os números encontrados serão absolutamente devastadores². Esta é uma parte da história que raramente é ensinada nas universidades seculares de hoje, que parecem tão determinadas a envolver-se no revisionismo histórico a fim de lançar sobre o Islã somente uma luz que lhe seja favorável.

Aqui estão os fatos: em quatro anos depois da morte de Maomé, cerca de um terço de milhão de Cristãos foram abatidos. Ao longo dos dez anos seguintes, outros milhões foram mortos. Depois de seiscentos anos da Igreja se expandindo por toda a região Mediterrânea e pelo Oriente Médio, em apenas uma geração a região que antes era o coração da Igreja estava totalmente dominada. Todas as grandes capitais antigas e cidades-celeiro de missionários do Cristianismo caíram sob a dominação Islâmica em toda a região. Antioquia, Jerusalém, Alexandria, bem como Éfeso e as outras seis Igrejas citadas no Apocalipse foram todas reduzidas a meros postos avançados do mundo Cristão. Na rápida passagem de apenas cem anos, 50% do Cristianismo global viu-se sob o domínio e governo Islâmico³.

A GUERRA DO ISLÃ CONTRA OS JUDEUS

As conquistas Islâmicas também não eram nada gentis para os Judeus. Considere o testemunho de Maimônides, o grande sábio Judeu que morou na Espanha e no Egito, ambos sob controle Islâmico durante a Idade Média:

A nação de Ismael [...] nos persegue severamente e inventa formas de prejudicar-nos e rebaixar-nos [...] Ninguém se compara a ela em seu rebaixamento e humilhação destinados a nós. Ninguém conseguiu reduzir-nos como eles o fizeram. Fizemos como nossos sábios, cujas memórias são abençoadas, nos instruíram e suportamos as mentiras e os absurdos de Ismael. Ouvimos, mas permanecemos em silêncio [...] Apesar de tudo isso, não somos poupados da ferocidade de sua maldade e seus ataques a qualquer momento. Pelo contrário, quanto mais sofremos e optamos por perdôá-los, mais eles optam por agir beligerantemente conosco.⁴

A GUERRA SAUDITA CONTRA ISRAEL E OS JUDEUS

Embora o Ocidente ainda esteja apenas começando a sentir verdadeiramente o ferrão do terrorismo, esta dor tem sido sentida há muito tempo pelos Israelenses, que sempre foram o primeiro alvo do mundo Muçulmano. Os Sauditas mais frequentemente tentam esconder sua conexão com o terrorismo praticado em toda a Europa e nos Estados Unidos Estados (como nos ataques de 11 de setembro de 2001), mas quando se trata de Israel eles mal tentam ocultar seu apoio aos terroristas Islâmicos. Há anos os Sauditas dão às famílias de terroristas suicidas palestinos uma recompensa de \$25 mil, oficializada por meio do Comitê da Arábia Saudita para Apoio à Intifada.

Em 2002, a Arábia Saudita realizou um teleton nacional para arrecadar fundos para o Comitê de Apoio à Intifada. Na ocasião, o príncipe Saudita Alwaleed bin Talal prometeu doar US\$27 milhões. O teleton foi apresentado por um importante clérigo do governo Saudita, xeque Saad al-Buraik, que, durante a o programa televisionado ao vivo, disse ao público:

Estou contra os Estados Unidos até que essa vida termine, até o Dia do Juízo, sou contra a América mesmo que as pedras se tornem líquidas. O ódio que sinto pela América, se fosse contido no universo, causaria um colapso. Ela é a raiz de todos os males e perversidades na Terra. [...] Irmãos Muçulmanos na Palestina, não tenham piedade nem compaixão pelos Judeus, por seu sangue, seu dinheiro, sua carne. As mulheres deles são, legitimamente, suas para vocês levarem. Deus é quem as fez suas. Por que vocês não as escravizam? Por que não promover a jihad? Por que não saqueá-los?⁵

A contribuição total da família real Saudita foi de, aproximadamente, US\$50 milhões. Após enormes protestos serem promovidos na América, outro príncipe Saudita, Nayef bin Abdul Aziz, ministro Saudita do Interior de 1975 a 2012, emitiu, em tom desafiador, um comunicado: “O comitê continuará a prestar assistência direta às famílias dos palestinos mártires e dos feridos na resistência à ocupação”⁶. Em julho de 2003 o Instituto de Pesquisa Midiática do Oriente Médio publicou um relatório sobre o apoio financeiro da família real Saudita aos palestinos de 1998 a 2003. O relatório afirma:

Durante décadas, a família real do Reino da Arábia Saudita tem sido o principal apoiador financeiro dos grupos palestinos que lutam contra Israel, através da criação de dois grandes comitês. O popular Comitê de Assistência aos Mujahideen Palestinos, o Comitê de Apoio para a Intifada Al-Quds, e a Fundação Al-Aqsa juntos repassaram, até agora, mais de 15 bilhões de Rials Sauditas (4 bilhões de dólares americanos) [aos palestinos] e teriam prometido aos palestinos até 1 bilhão de dólares para financiar a continuação da Intifada, que também é comumente referida por autoridades Sauditas como “Jihad” e “resistência”.⁷

Muitas vezes ouvi acusações de que o verdadeiro problema no Oriente Médio é Israel: se o estado de Israel não tivesse sido restaurado no Oriente Médio, os Muçulmanos e os Judeus gozariam de relações pacíficas. Essa opinião ignora o fato óbvio de que a história antisemita do Islã se estende por todo o caminho que vai de volta ao próprio Maomé. O antissemitismo é uma parte fundamental da doutrina Islâmica e é por isso que, em 1937 (muito antes de Israel ser formado como um estado), Ibn Saud, o fundador da Arábia Saudita moderna, disse a um repórter: “A Palavra de Deus nos ensina - e nós, implicitamente, acreditamos nisso - que, para um Muçulmano, matar um Judeu ou que ele seja morto por um Judeu [na Jihad] assegura-lhe uma entrada imediata no Céu e para a presença de Deus Todo- Poderoso”⁸.

É claro que o ódio e a sede de sangue da prostituta são dirigidos não só para o povo Judeu, mas também para os Cristãos e, em última análise, em direção ao mundo inteiro (ver Apocalipse 18.24).

EMBRIAGADA DO SANGUE

Hoje, as mais violentas organizações terroristas jihadistas do mundo encontram suas raízes ideológicas na Arábia Saudita. Quer falemos da Al-Qaeda (global), do Estado Islâmico (na Síria, Iraque, Líbia, Sinai), do Talibã (no Afeganistão), do Abu Sayyaf (nas Filipinas), do Lashkar-e-Taiba (no Paquistão), do Jabhat Fateh al-Sham (antiga Frente al-Nusra, na Síria), do Al-Shabaab (na Somália), ou do Boko Haram (na Nigéria), todos são grupos Salafí cujas raízes ideológicas se estendem diretamente ao Reino da Arábia Saudita. Se há uma nação no mundo que seja mais culpada pelo vasto número de ataques terroristas que continuam a expandir-se por toda a Terra nas últimas décadas, não restam dúvidas de que seria a Arábia Saudita⁹. Tem sido bem documentado que o fato de muitos dos fundos da realeza Saudita servem para apoiar o Wahabismo radical/Islã Salafí e a jihad. Na exposição da vida na Arábia Saudita feita por Gerald Posner, *Por que a América Dormiu*, o autor detalha uma história verdadeiramente fascinante. Nos primeiros dias da guerra no Afeganistão, pouco depois do 11 de setembro, as tropas Americanas capturaram o terceiro homem mais importante de Osama bin Laden (na época), chamado Abu Zubaydah. O exército americano concebeu um

esquema que eles acreditavam que faria Zubaydah falar. Ele foi levado para uma instalação da CIA no Afeganistão que foi criada para assemelhar-se ao interior de uma prisão militar da Arábia Saudita. Zubaydah foi levado a acreditar que ele tinha sido entregue às autoridades Sauditas. Dois soldados da Força Especial Árabe-Americana o interrogaram. O raciocínio era que se Zubaydah acreditasse que ele realmente estava sob a custódia da Arábia Saudita, o medo da tortura severa faria com que ele conversasse ou aceitasse cooperar com os Americanos (muito menos duros).

Mas algo muito inesperado aconteceu. Assim que Zubaydah “percebeu” que estava sob custódia da Arábia Saudita, ele ficou totalmente aliviado. Ele simplesmente disse a seus interrogadores que ligassem para um dos dois números de celular que ele guardava de cor. “Liguem”, Zubaydah assegurou-lhes, “e ele vai te dizer o que fazer”.

“O tiro saiu pela culatra”, escreveu Posner. A CIA ficou chocada ao descobrir que os números dos celulares pertenciam ao Príncipe Ahmed bin Salman Abdul Aziz, o sobrinho do Rei Fahd. Aziz era um empresário com educação Ocidental e um dos mais ricos da Realeza Saudita. Seu pai era o governador de Riade, a capital da Arábia Saudita, há mais de quarenta anos¹⁰.

ESMOLAS PARA A JIHAD

Em 2006 um trabalho sem precedentes, *Esmolas para a Jihad: caridade e terrorismo no mundo Islâmico*, de J. Millard Burr e Robert O. Collins, foi publicado pela Editora da Universidade de Cambridge. Esse livro exaustivo documenta vários exemplos de financiamento do terrorismo por membros proeminentes da família e do Governo Real Saudita. Não surpreendentemente, Khalid Salim A. Bin Mahfouz, um bilionário Saudita, banqueiro e ex-presidente do Banco Nacional Comercial e que foi identificado como um financista da al-Qaeda, processou a editora a fim de retirar o livro de circulação. Em um movimento sem precedentes no cenário, a editora concordou e os livros foram literalmente retirados de livrarias e bibliotecas. Hoje em dia é quase impossível conseguir uma cópia do livro, fora vários arquivos pirateados na Internet. Existe uma lição importante aqui. O dinheiro da Arábia não só foi muitas vezes usado

para apoiar organizações terroristas globais, como também sempre foi útil para silenciar qualquer denúncia. Na verdade, a conformidade da família real Saudita com a jihad Islâmica é talvez um dos fatos mais conhecidos, porém menos discutidos em Washington e na ONU. Em um briefing de 2002 enviado ao Pentágono, o Comitê Consultivo do Conselho de Política de Defesa (uma incubadora de ideias que serve de assessoria para o Departamento de Defesa dos EUA) referiu-se à Arábia Saudita, provavelmente, do modo mais sincero que já se falou em Washington:

A Arábia Saudita é o principal vetor das crises Árabes e de sua agressão dirigida ao exterior. Os Sauditas são ativos em todos os níveis da cadeia terrorista, de planejadores a financiadores, de altas patentes a soldados-rasos, de ideólogos a líderes de torcida.¹¹

Enquanto o presidente George W. Bush declarou, com razão, que “o dinheiro é a força vital das operações terroristas”, de acordo com um relatório comprometedor enviado ao Conselho de Segurança da ONU, “a Arábia Saudita transferiu meio bilhão de dólares para a Al-Qaeda nos dez anos que se seguiram a 1992.”¹²

Olhe para o mundo hoje. Olhe para as nações do norte da África. Considere a Nigéria, onde quase sete mil pessoas foram mortas em 2014 somente pelo Boko Haram. Pense sobre o grande número de Igrejas que foram atacadas, o número de mulheres que têm sido sequestradas. Pondere a horrível carnificina efetuada pelo Estado Islâmico na Síria e no Iraque. Quando vemos a nuvem sufocante do Talibã que se espalha e cobre o Afeganistão, ou os ataques terroristas que agora estão se multiplicando em toda a Europa e nos Estados Unidos, isso nos faz pensar que esse pode ser um retorno à forma única pela qual o Islã fluiu para fora da Arábia Saudita como uma fonte, jorrando. Pergunte a praticamente qualquer um sobre qual é o produto de exportação principal da Arábia Saudita, e ele ou ela quase sempre dirá que é petróleo. Contudo, o seu principal produto de exportação é o Islamismo radical.

Quando estudamos a imagem da grande prostituta descrita pelas Escrituras, descobrimos isso: ao invés de sentir qualquer culpa pelo sangue que derramou, ela está orgulhosa, intoxicada e ansiosa por mais. Ela exhibe e levanta o copo dourado no alto, atraindo os habitantes do mundo para participarem do seu vinho enlouquecedor, da imoralidade de sua falsa religião. Quem melhor se encaixa nessa descrição do que a Arábia Saudita e seus cidadãos bárbaros e sua religião (cada vez mais global), o Islamismo?

O MARTÍRIO POR DECAPITAÇÃO NO FIM DOS TEMPOS

Há um detalhe mais cruel a se considerar quando estudamos as descrições bíblicas da grande prostituta, da besta e do fim dos tempos. O povo de Deus não apenas será martirizado durante esse período; eles serão “decapitados”:

Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na frente e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Apocalipse 20.4 (ARA)

Este é certamente um fato único e muito importante. Devemos esperar que o Vaticano comece a decapitar os Cristãos em toda a Terra, especificamente por causa do “testemunho de Jesus”? Devemos esperar que Estados Unidos comecem a fazer isso? Ou seria mais razoável para esperar que o mundo Muçulmano, tão profundamente influenciado pelo Wahabismo da Arábia Saudita, seja responsável por decapitar os santos?

Em 30 de maio de 2016 o governo Saudita executou a nonagésima quinta pessoa naquele ano, levando muitos a expressar preocupações com o alto número de execuções que ocorrem na Arábia Saudita. Em 2015, houve 158 pessoas decapitadas por vários crimes. Entre os crimes puníveis por decapitação, um deles é a apostasia¹³. É isso mesmo que você leu: na Arábia Saudita, se alguém deixa o Islã para se tornar um Cristão, ele ou ela pode ser legalmente decapitado pelo governo.

Por que estamos tão determinados na procura por alguma religião nova e indefinida que vá emergir e começar a decapitar os crentes, quando tal religião já existe? Mais uma vez, o Reino da Arábia Saudita corresponde perfeitamente à descrição bíblica da grande prostituta Babilônia.

A PROSTITUTA DO DESERTO

Até agora, aprendemos tanto das Escritura quanto dos Capítulos anteriores que a cidade da prostituição de Apocalipse 17, 18 é descrita como estando sentada sobre um deserto. É claro, a própria Arábia Saudita fica no grande Deserto da Arábia. Mas o que é mais interessante é que existe outro nome tradicional para a cidade mais sagrada do reino, Meca: Faran, uma referência ao Deserto de Parã do Antigo Testamento (ver Gênesis 21.21). Essa cidade Islâmica não poderia ser mais perfeita para essa profecia.

É claro que a profecia também descreve Mistério Babilônia como uma cidade portuária, o que a própria Meca não é, pois fica a oitenta quilômetros do Mar Vermelho. No entanto, da mesma forma que Roma e a Babilônia histórica eram muito mais do que apenas cidades, a Babilônia dos últimos dias provavelmente também é mais do que apenas uma cidade. Sem dúvida, essa profecia está falando de uma esfera de influência geopolítica mais ampla.

Oitenta quilômetros a oeste de Meca fica a cidade portuária de Jidá. Jidá não somente é o principal porto religioso do reino, servindo milhões e milhões de peregrinos que passam a cada ano a caminho de Meca e de Medina, mas também é o centro comercial mais importante. Como uma das cidades mais desenvolvidas da Arábia Saudita, Jidá possui uma variedade deslumbrante de arranha-céus e hotéis de luxo que arvoram a costa do Mar Vermelho. Em 2013, os Sauditas também começaram a construir a grande Torre de Jidá, planejada para tornar-se o edifício mais alto do mundo em 2020, ultrapassando até o Burj Khalifa, em Dubai. A Torre de Jidá está programada para se tornar a peça central e a primeira fase de uma proposta de desenvolvimento conhecida como a “Cidade Econômica de Jidá”. Parte do plano maior também envolve a construção de outra cidade importante, noventa e seis quilômetros ao norte, conhecida como a Cidade Econômica do Rei Abdullah (sigla em inglês, KAEC). Em construção desde 2005, hoje

a KAEC é um emaranhado de guindastes e dezenas de edifícios altos parcialmente concluídos. Um relatório da *BBC News* descreveu a cidade: “Com 181 quilômetros quadrados, a KAEC será, eventualmente, uma metrópole um pouco maior que Washington DC e a um custo de US\$100 bilhões (£67 bilhões), provenientes principalmente do financiamento privado; a Cidade Econômica do Rei Abdullah é inigualável na grandeza de sua visão.”¹ O projetista, ao descrever seus planos, chamou-a de “mega-porto”². O objetivo é fazer com que a Cidade Econômica de Jidá e a Cidade Econômica do Rei Abdullah sejam uma série de portos cuja tecnologia seja a mais avançada no mundo, substituindo Dubai como o centro comercial da região em uma das rotas de transporte mais movimentadas do mundo. KAEC também será lar da “Ilha Financeira”, cujo objetivo é tornar-se o maior centro nervoso financeiro regional para os principais bancos do mundo e casas de investimento.

Conectando as cidades de Jidá, Meca, Medina e a KAEC estará o sistema ferroviário de alta velocidade Haramain, também conhecido como a “Ferrovia Ocidental”. Esse trem viajará a 306 quilômetros por hora e permitirá o acesso às três cidades em menos de trinta minutos.



Costa Oeste da Arábia Saudita

É claro que as cidades de Jidá e KAEC, localizadas diretamente à margem do Mar Vermelho, cumprem absolutamente as descrições de

Apocalipse de um poderoso porto marítimo. Nos próximos anos, se os planos dos Sauditas prosseguirem como o pretendido, certamente isso se tornará ainda mais evidente. Enquanto muitos bons intérpretes Cristãos estão procurando um poderoso centro econômico para surgir da noite para o dia na Babilônia, neste exato momento esse projeto já está bem encaminhado no Mar Vermelho. Mais de US\$120 bilhões estão sendo investidos nesse projeto. Enquanto isso, a menos de uma hora de carro ao leste desta capital financeira emergente fica a cidade mais significativa da idolatria religiosa que a humanidade já conheceu. Tudo isso será interligado por um sistema de transporte altamente avançado, essencialmente tornando-as em megacidades incomparáveis. Certamente tudo isso deve ser visto como profeticamente significativo. Na verdade, ao considerar o que esse projeto regional se tornará ao longo da próxima década ou mais, pareceríamos ter um perfeito cumprimento da profecia. Embora não haja dúvida sobre Meca ser o centro de gravidade religioso da região, Jidá e, talvez, KAEC, são os centros de comércio mais importantes do Mar Vermelho. Até que surja outra megacidade na região que possa legitimamente rivalizar com Meca e Jidá como capital global religiosa e financeira, respectivamente, simplesmente não há motivos para procurar outro lugar. Por enquanto, a costa ocupada do Mar Vermelho e a grande cidade da Meca parecem cumprir as descrições bíblicas do Mistério Babilônia.

UM REINO CONSUMIDOR

No capítulo 11, apontei que Mistério Babilônia é principalmente um consumidor, e não um produtor de bens. Enquanto os comerciantes se tornam ricos de todos os bens que ela compra e importa, o que parece ser a única coisa que ela exporta é a falsa religião. Considerando que é uma nação do deserto cuja riqueza vem quase que exclusivamente das vendas de petróleo (um recurso que brota do solo), a Arábia Saudita importa quase tudo o mais. Laurent Murawiec escreveu:

Uma vez que a Casa de Saud orquestrou o aumento dos preços do petróleo através da OPEP, em 1973 e 1974, e novamente em 1978 e 1979, o tesouro nacional da Arábia Saudita arrecadou a soma quase inimaginável de dois trilhões dólares, ou seja, uma média de quase US\$80 bilhões por ano. [...] as somas de dinheiro caem como maná do

céu: as fortunas são feitas sem esforço, sem trabalho, sem investimento, sem pesquisa científica, sem inovação tecnológica. Tudo isso é importado.³

UM REINO DE ESCRAVIDÃO

No capítulo 2 mencionei que a Babilônia do fim dos tempos será uma importadora, entre outras coisas, de “de corpos e de almas de homens” (Ap. 18.13). Certamente, o tráfico humano poderia ser o tópico dessa passagem. Mas será que pode ser que isso não seja tudo? Será que pode haver outro significado implícito mais profundo para essa frase - algo que possa continuar implicando na identificação da Arábia Saudita como a grande cidade da prostituição?

Não há outra nação no mundo onde uma porcentagem tão grande de sua população seja composta por não-cidadãos. A Arábia Saudita é uma nação repleta de estrangeiros e trabalhadores expatriados. Na verdade, uma em cada três pessoas que vivem no reino nem mesmo são cidadãs. Mais de 90% de todos os empregos não-governamentais são preenchidos por trabalhadores estrangeiros⁴. Segundo o ministro do Trabalho Saudita, Dr. Ghazi al-Ghosaibi, existem cerca de 9 milhões de trabalhadores estrangeiros na Arábia Saudita⁵. Comparativamente, existem menos de 19 milhões de cidadãos Sauditas vivendo no reino.

As condições que tantos desses trabalhadores estrangeiros enfrentam têm sido uma fonte constante de críticas dos grupos em prol dos direitos humanos. Desde tortura até julgamentos injustos, confinamento forçado, abuso físico e estupro; e todas essas coisas são amplamente divulgadas. Considere a seguinte declaração da funcionária da *Human Rights Watch*, Sarah Leah Whitson: “Encontramos homens e mulheres em condições que se assemelham à escravidão [...] Caso após caso demonstram que os Sauditas estão fechando os olhos para abusos sistemáticos contra trabalhadores estrangeiros”⁶. Murawiec escreveu sobre

os seis milhões de imigrantes que fazem o trabalho - Americanos, Europeus, Indianos, Paquistaneses, Filipinos, Egípcios e Palestinos, Iemenitas, Coreanos, todos mercenários privados de seus direitos básicos, escravos virtuais que mantêm a máquina funcionando, que trabalham na montagem, reparo, gerenciamento e construção[...]. O reino consome, [...] Os Sauditas [...] desprezam aqueles que o produzem.⁷

Levando vidas abundantes, muitas famílias Sauditas empregam estrangeiros como servos para fazerem tarefas domésticas tais como como

cozinhar e limpar. Muitos desses trabalhadores estrangeiros vêm de países asiáticos mais pobres. Um grande número dos contratados vem do Sri Lanka e das Filipinas. Seus empregos estão sujeitos a um contrato, que permite que o “mestre” tenha posse de seus passaportes ao longo da duração do contrato; os trabalhadores, por sua vez, recebem salários muito baixos. Além disso, os trabalhadores não podem deixar o país sem a permissão do seu financiador e as mulheres não podem deixar o país sem escolta masculina. Houve muitos relatos de haver mulheres serviçais sendo sexualmente assediadas e estupradas.

Mas escravidão? Seria exagero usar essa palavra, com certeza. Certamente, a escravidão real não é algo compatível com a cultura ou com as leis Sauditas! Na verdade, em 2003, o proeminente xeque Saudita Saleh Al-Fawzan declarou descaradamente que “a escravidão é uma parte do Islã”⁸. Quando entendemos quem Al-Fawzan é, isso torna-se ainda mais impressionante. Como o historiador e comentarista Daniel Pipes nos lembra: “Al-Fawzan não é um rebelde”. Ele é membro do Conselho Superior de Clérigos da Arábia Saudita (o corpo religioso mais elevado) e do Conselho de Editos e Pesquisa Religiosa; ele é o imã da proeminente Mesquita Príncipe Miteb na capital Saudita de Riade; e ele é professor na Universidade Islâmica Imã Mohamed Bin Saud⁹.

Até hoje, o governo da Arábia Saudita continua a recusar-se a assinar os tratados das Nações Unidas sobre escravidão ou outros tratados relacionados aos direitos humanos porque não querem estar sujeitos à sua supervisão. Eles não assinam tratados de extradição, nem mesmo com Washington. Constantemente declaram que estão livres de escravidão, mas recusam qualquer escrutínio que possa indicar o contrário.

HARÉNS E ESCRAVOS SEXUAIS

Há muitos exemplos de sequestros e tráfico de seres humanos ao redor do mundo para a Arábia Saudita com a finalidade de exploração e escravidão sexual, apenas para começar a abordagem deste tópico. Alguns anos atrás, uma organização chamada *Americanos Contra a Saudição de Washington* foi formado principalmente pelos pais daqueles que estão convencidos de que seus filhos foram levados para a Arábia Saudita como escravos

sexuais. Um pequeno texto postado no site da organização fala sobre o filho do antigo Rei Fahd e seu envolvimento no tráfico humano:

Os filhos do Rei Fahd controlam o círculo de exploração sexual de crianças dos seus palácios em Beverly Hills. Eles aprenderam com os escândalos sexuais do palácio Al-Fassi, em Beverly Hills, durante a década de 1980, e alugaram motéis longe de seus palácios para realizar orgias com crianças que foram pegadas para eles. Em torno desses motéis, eles têm um cordão de segurança com guardas Americanos. Um cordão de segurança interno é composto pelos guarda-costas dos príncipes, geralmente estrangeiros. Quanto mais jovem a criança, mais desejável ela é. Essas crianças são trazidas através da linha telefônica até o ponto de compra sob a farsa de um possível contrato de modelo ou atuação em um set de filmagem na Arábia Saudita. Após a compra, as crianças são levadas de limusine diretamente para o avião particular do príncipe Saudita, no aeroporto de Los Angeles. Como mencionamos em nossos boletins anteriores, Washington permite que príncipes Sauditas e suas comitivas não passem pela alfândega e imigração, o que lhes permite enviar seus escravos sexuais infantis para fora dos EUA sem a necessidade do passaporte habitual. As crianças são, então, escoltadas diretamente para o avião dos príncipes Sauditas e voam para a Arábia Saudita, para nunca mais serem vistas novamente.¹⁰

Inúmeras histórias verdadeiramente horríveis podem ser encontradas no site da Organização, descrevendo a liberdade de que gozam os príncipes Sauditas, não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o mundo. Da mesma forma que os Sauditas perverteram a justiça e corromperam os mais altos níveis de autoridade política nos Estados Unidos, eles também olham para o mundo como seu mercado pessoal pronto a atender seus desejos sexuais. Não é de se admirar que a cidade da prostituição seja chamada de um lugar onde há o comércio de “escravos e [...] almas humanas”, cuja interpretação literal é “as almas das pessoas” (Ap. 18.13 - ARA).

CONCLUSÃO

Enfim, se estamos falando sobre o vasto número de estrangeiros trabalhando na construção civil, muitas vezes abusados e vivendo em condições miseráveis, trancafiados em seus trailers à noite como se fossem propriedade, ou se falamos dos milhões de servos domésticos também tratados como escravos, ou se mencionamos o incontável número de concubinas e escravos reais, o Reino da Arábia Saudita é a “menina dos olhos” para a prostituta Babilônia. Certamente é por isso que, pouco antes de seu julgamento final, o Senhor chama o povo para fugir antes que Sua ira consuma toda a Terra: “Sai dela, povo meu, para que não sejas

participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas. Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela” (Ap. 18.4, 5).

A PROSTITUTA ODIADA DO ORIENTE MÉDIO

Uma outra parte muito esclarecedora da profecia de Apocalipse 17, 18 sobre a prostituta diz respeito à natureza de sua destruição. Embora o seu julgamento, claramente, venha direto do trono de Deus, como vimos anteriormente, ele será bastante chocante e, ironicamente, será executado pela besta que ela está montando:

E os dez chifres que viste na besta são os que aborrecerão a prostituta, e a porão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo. Porque Deus tem posto em seu coração que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma ideia, e que deem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus. Apocalipse 17.16, 17

A besta nessa passagem (como foi mencionado anteriormente), é uma aliança de dez reis que se submeterão a si mesmos e às suas nações ao Anticristo. Esse é o Império revivido do Anticristo. Se esse Império é Islâmico (como eu argumentei), por que razão essa coalizão jamais se viraria contra a Arábia Saudita? Se o Reino da Arábia Saudita é a principal fonte ideológica e financeira do avivamento Islâmico global, então porque uma coalizão de nações Muçulmanas se oporia a ela? Embora, à primeira vista, isso possa parecer um pouco improvável, na verdade faz todo o sentido, como você verá.

PORQUE A FAMÍLIA REAL SAUDITA É TÃO ODIADA

Muitos ocidentais não estão cientes de que a percepção da família real Saudita em todo o Oriente Médio e, mais especificamente, pelos Muçulmanos mais devotos, é muito negativa. Por um lado, os reis são odiados por causa de seu relacionamento afável com os Estados Unidos. De acordo com o autor de *Dormindo com o Diabo*, Robert Baer,

Realmente existe raiva mais do que suficiente contra o Ocidente e Riade e contra a Casa de Saud. Paira no ar de Riade e nos bazares de Jidá: a convicção de que todo o dinheiro e o petrodólares corrompeu a família real para além da redenção, que os líderes Sauditas têm contaminado a fé ao permitir tropas dos EUA no reino. Livrar-se do poder militar americano poderia ajudar, mas o descontentamento contra a família real vai além da aversão aos Estados Unidos.¹

Há também a simples questão de inveja de classe. Como regra geral, não importa o lugar, quase todo mundo adora odiar os ricos. Com o abismo financeiro entre a classe dominante Saudita e a classe média dos cidadãos Sauditas crescendo cada vez mais, assim também se expande o ódio pela família real. Observadores da sociedade Saudita estão sempre avisando sobre uma revolta iminente. Baer simplesmente descreve a Arábia Saudita como “um barril de pólvora esperando para explodir”².

Além da desaprovação do relacionamento dos Sauditas com os Estados Unidos e a inveja de classe, todos odeiam hipócritas - especialmente hipócritas religiosos. No mundo da hipocrisia religiosa, a família real Saudita é verdadeiramente a realeza. Por um lado, eles promovem e financiam a disseminação global da forma mais radical e puritana do Islã conhecida pelo homem, mas por outro lado, vivem o clássico estilo de vida das mil e uma noites de hedonismo imprudente, perversidade absoluta e corrupção total. O que mais se ouve são rumores, sussurros e piadas sobre a forma como os Sauditas realmente vivem atrás de portas fechadas. Histórias de alcoolismo (o álcool é ilegal na Arábia Saudita), abuso desenfreado de drogas, estupros em série, orgias, homossexualidade, abuso sexual infantil e qualquer outra atividade profundamente não-Islâmica que você possa imaginar parece florescer dentro da família real Saudita. De acordo com respeitado jornalista e autor Said Aburish (nota da tradutora: hoje falecido), o Rei Saud, que governou o reino de 1953 a 1964, era um alcoólatra notório e um pedófilo homossexual³. Embora o rei tivesse mais do que cem esposas com a idade de 52 anos, isso não foi suficiente para apagar sua luxúria⁴. Segundo o jornalista investigativo Gerald Posner, o pai de Saud, Ibn Saud, em uma aventura rara fora de seu país, no Egito, disse ao ministro das Relações Exteriores: “Este país está cheio de mulheres bonitas e eu gostaria de comprar algumas delas e levá-las para casa. Quantas será que consigo pelo preço de 100 mil (libras egípcias)?”⁵ Tão brega quanto seu avô, os netos de Ibn Saud, em viagens em Paris e Londres, pagaram prostitutas com relógios de ouro maciço que tinham uma foto do pai, o Rei Saud, na caixa⁶.

Em 2002, um dos membros da realeza Saudita, Nayef bin Fawwaz al Shaalan, foi indiciado pela alta corte da Flórida, acusado de usar seu próprio avião pessoal para transportar mais de duas toneladas de cocaína de Caracas para Paris⁷. Baer escreveu sobre as inúmeras propriedades privadas que Príncipes Sauditas diferentes construíram ao longo da costa do Mediterrâneo especificamente para entreter prostitutas e ter festas de arromba longe do controle incisivo da polícia religiosa Saudita ou, mais corretamente, longe da Comissão para a Promoção da Virtude e Prevenção do Vício. Ele citou uma história horrível ocorrida no Marrocos que ele escutou quando trabalhava na CIA:

[Um] príncipe Saudita com amigos importantes em Washington arrancou com os dentes o peito de uma jovem Marroquina quando estava num frenesi, bêbado. O Rei Hassan [do Marrocos] rapidamente encobriu o incidente. A família da menina foi paga, e foi-lhe dito para manter a boca fechada ou passaria o resto da vida na prisão.⁸

Assim como são muitas as histórias de estilo de vida excessivamente exuberante entre os membros da realeza Saudita, assim também acontece com as histórias de perversão, corrupção e hipocrisia colossais que simplesmente continuam a surgir uma após a outra. Embora eles se apresentem como os exemplos máximos da virtude Islâmica, eles vivem muito pior do que a maioria dos infiéis.

Isso leva a outra razão crítica por que tantos Islâmicos desejam ver o governo Saudita derrotado. A família real Saudita é realeza simplesmente porque eles dizem que são. Antes do século passado, não havia “Reino” na Arábia Saudita. O conceito de uma monarquia é visto como uma forma Ocidental ou até mesmo pagã de governo que não possui lugar legítimo dentro de uma sociedade verdadeiramente Islâmica. Aqueles que se esforçam para obedecer os princípios do Islamismo anseiam por um governo Islâmico (um califado), e não por um reino. Muitos Islâmicos adorariam ver uma forma de governo Islâmico ganhando controle sobre a grande quantidade de riqueza do petróleo, atualmente monopolizada pela monarquia Saudita.

IRÃ

Além de compreendermos o profundo desejo dos radicais Wahabistas de destronarem a família real Saudita do poder, também é necessário entender a ameaça de seus adversários Xiitas. Hoje, o Oriente Médio está

profundamente dividido. De um lado estão os Muçulmanos Sunitas (aproximadamente 87% de todo o mundo Muçulmano) e do outro lado estão os Xiitas (aproximadamente 12% do mundo Muçulmano). Atualmente, a maioria vê a Arábia Saudita como o macho alfa do mundo Sunita, enquanto não há dúvidas de que o Irã lidera o mundo Xiita. Essa rivalidade é muito mais profunda do que a maioria percebe, estendendo-se até aos primórdios do Islã. Hoje, muitos Muçulmanos Wahabistas consideram os Muçulmanos Xiitas muito piores do que o pior tipo de infiéis. Nas porções da Síria e do Iraque controladas pelo Estado Islâmico, é muito mais seguro ser visto como um Cristão do que ser visto como um Muçulmano Xiita. A maioria dos Muçulmanos Xiitas que vivem na Arábia Saudita trabalham nas províncias orientais, entre os poços de petróleo que se alinham na costa. Em 2016, começaram na província oriental os protestos que lembravam os que aconteceram durante a Primavera Árabe, em 2011. Protestantes gritavam os slogans: “O povo quer a queda do regime”, e também “Abaixo à família al-Saud”⁹. Em resposta, o governo Saudita executou quarenta e sete Muçulmanos Xiitas juntamente com o respeitado clérigo Xiita, Xequ Nimr al-Nimr. No Irã, assim que chegaram as notícias, manifestantes invadiram a embaixada da Arábia Saudita em Teerã e a incendiaram. O governo Iraniano também renomeou a rua da embaixada da Arábia Saudita de *Xequ Nimr al-Nimr*. Uma emissora Iraniana de notícias declarou que a execução “trouxe as bases fracas do governo sanguinário da Arábia Saudita mais perto do colapso”¹⁰. Por muitos anos, a Arábia Saudita e o Irã competiram pela posição de macho alfa da região. A ideia de um ataque vindo do Irã contra o reino não está totalmente fora de questão. Na verdade, com o Oriente Médio cada vez mais imerso no caos, esse conflito é provavelmente inevitável.

TURQUIA

Provavelmente, uma ameaça ainda maior para a Arábia Saudita é a nação da Turquia. Os Turcos, através do Império Otomano, governaram grande parte do Oriente Médio por cerca de 500 anos. Até a dissolução do Califado Otomano em 1923, os Turcos controlavam o Hejaz (toda a costa oeste da Arábia Saudita, incluindo as cidades de Meca, Medina e Jidá). Os Turcos têm uma boa memória de longo prazo e, com o surgimento do

partido Islâmico conservador (Partido da Justiça e Desenvolvimento) AKP na Turquia, muitos Turcos estão voltando a atenção para o seu antigo domínio. Da mesma maneira que o Irã adoraria destituir os Sauditas, assim também a Turquia está esperando pelo dia em que eles mais uma vez controlarão a Península Arábica.

Não devemos nos surpreender ao saber que também há muitas provas bíblicas de que a Turquia crescerá para se tornar o líder do Império do Anticristo Islâmico dos dias que estão por vir. Detalho muitos desses motivos em meus livros *A Besta do Oriente Médio* (WND, 2012) e *Anticristo Islâmico* (WND, 2009). Na verdade, já em 2004 (quando o *Anticristo Islâmico* já estava escrito), previ a ascensão da Turquia exatamente como assistimos acontecer nos últimos treze anos. Em 2004, afirmei:

Enquanto, atualmente, não há nenhum motivo urgente para ver a Turquia como o líder de um Império mundial iminente, no entanto, foi isso que Ezequiel profetizou [...] O Império Turco foi o trono do Califado Islâmico. E perdurou até 1923, quando o Califado Islâmico foi oficialmente abolido. Hoje o mundo Islâmico está aguardando a restauração desse Califado. A Bíblia ensina que algum dia em breve o Império Turco será revivido.¹¹

Se for esse o caso, também faz todo o sentido que, uma vez que o Anticristo tenha consolidado seu poder sobre os dez reis, ele volte sua atenção para a Arábia Saudita. Na verdade, uma leitura cuidadosa de Ezequiel 38, 39 revela que esse futuro Império do Anticristo incluirá o Irã, que, muito provavelmente, fará um ataque à Arábia Saudita. Sem dúvida, é exatamente por isso que as Escrituras declaram que “Os dez chifres [...] e a besta, esses odiarão a meretriz, e a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a consumirão no fogo” Apocalipse 17.16

PARAMENTADA PARA UM CONFRONTO - O PODERIO MILITAR SAUDITA

A família real Saudita é muito consciente da sua situação. Por essa razão, assim como David Koresh e os membros da seita Ramo Davidiano, eles estão armados até os dentes em preparação para o proverbial dia do julgamento. Nas últimas décadas, os Sauditas se ocuparam comprando e armazenando armas tão rápido quanto os produtores Americanos de armas

conseguem fabricá-las. Os Sauditas gastam uma enorme porcentagem de seu PIB em armamento. De acordo com Robert Baer,

O governo Saudita provavelmente gasta mais dinheiro per capita em armas do que qualquer outro país no mundo (ele reconhece apenas que gasta 13% do seu produto interno bruto, mas metade da receita é destinada à militarização).¹²

A título de comparação, os Estados Unidos, gastam cerca de 4% do seu produto interno bruto por ano em poderio bélico¹³. Aparentemente, os Sauditas têm tantas armas quanto possuem grãos de areia. Embora o fato de estarem tão bem armados os ajude a evitar guerras regionais, isso aumenta as suas chances de serem atingidos muito rápido e de maneira muito dura, caso uma guerra com outra nação irrompa. Será possível que o reino possa subsistir um possível ataque nuclear, se algum dia ele vier a acontecer? Se os campos de petróleo nas margens orientais do reino forem tomados, é razoável sugerir que toda a economia Ocidental sofreria tremendamente, se é que ela sobreviveria. Curiosamente, um golpe tão maciço e repentino certamente esteja em conformidade com a descrição que encontramos no livro de Apocalipse de uma cidade que “em um só dia [...] será consumida no fogo” (18.8 - ARA) “para nunca mais ser encontrada” (18.21 - NVI), e “a fumaça do incêndio [dela] sobe para todo o sempre” (19.3).

RESUMO E CONCLUSÃO

Neste capítulo resumiremos todos os pontos pelos quais Meca/Arábia Saudita se adequa aos critérios bíblicos e as descrições da cidade da prostituição citada no livro de Apocalipse.

UM LUGAR LITERAL: A prostituta Babilônia dos últimos dias é uma entidade muito real geopoliticamente identificável. Da mesma forma o são as cidades de Meca e o Reino da Arábia Saudita.

UMA CIDADE DO DESERTO: A cidade prostituta fica, especificamente, em um deserto. Meca e Arábia Saudita, obviamente, se encaixam perfeitamente nessa descrição.

UMA CIDADE PORTUÁRIA OU COSTEIRA: A Bíblia parece indicar que a prostituta é uma cidade portuária ou que, pelo menos, fica perto do mar. Meca fica a 80 quilômetros de Jidá, em direção ao interior do país e da emergente Cidade Econômica do Rei Abdullah, ambas atualmente sendo construídas especificamente para tornam-se os portos marítimos mais avançados e ativos do mundo. Essas três cidades formam um triângulo relativamente pequeno, e esses pontos se localizam próximos uns dos outros, e que serão ligados por um sistema ferroviário de alta velocidade que permitirá viajar de qualquer cidade para outra em cerca de apenas trinta minutos.

UMA CONSUMIDORA, NÃO UMA PRODUTORA: Prostituta Babilônia importa tudo. Ela não parece ser uma grande produtora em termos de fabricação ou agricultura. Os mercadores da Terra se tornaram ricos graças a todos os bens que ela compra. Essa é uma descrição perfeita da Arábia Saudita: além de seu petróleo, ela produz muito pouco e precisa importar quase tudo.

A MAIOR CIDADE DE IDOLATRIA: “A Grande Babilônia” é chamada de “Mãe das prostituições e abominações” (Ap. 17.5). Ela é a maior fonte

de falsa religião e idolatria já conhecida. Uma vez que o Islã é a segunda maior religião do mundo, com 1,61 bilhão de adeptos, a cidade de Meca é absolutamente a maior cidade de idolatria que já existiu. Nenhuma outra cidade na história da humanidade pode se comparar.

UMA CAPITAL RELIGIOSA E UM CENTRO MISSIONÁRIO: A Babilônia do fim dos tempos é especificamente uma potência no tocante ao envio de missionários, espalhando a falsa religião em todo o mundo e dominando “os reis [...] povos, e multidões, e nações, e línguas” (Ap. 17.2, 15). Nos últimos quarenta anos o Reino da Arábia Saudita gastou bem mais que US\$100 bilhões para espalhar o Islã em todo o mundo. Nenhuma campanha de propaganda não-religiosa, de propaganda política ou evangelística nacional na história humana chegou perto de se igualar a isso.

UMA SEDUTORA DE REIS E DE POVOS: O fato de que a prostituição “reina sobre os reis da terra” (Ap. 17.18) e que eles, por sua vez, “cometeram imoralidade sexual com ela” (Ap. 18.3 - NTLH) deixa claro que a influência dessa cidade é, de fato, global. A Arábia Saudita exerce sua influência sobre grande parte do mundo, quer seja através do Islã ou através de aberta corrupção e chantagem com petróleo. Nas últimas gerações, nenhuma corporação, nação ou banco no mundo deu uma fração do dinheiro que a família real Saudita deu aos últimos vários Presidentes americanos.

UMA CIDADE DE LUXO EXCESSIVO: A cidade de prostituição do fim dos tempos é uma cidade de luxo e material extremamente excessivo (ver Apocalipse 17.4 e 18.7). A Arábia Saudita, ao contrário de qualquer outra nação na Terra, é especificamente conhecida por seu materialismo e luxo absolutamente excessivos. Desde banheiros banhados a ouro até frotas inteiras de Rolls-Royces feitos sob medida, o excesso da família real Saudita é incomparável e tem fama mundial.

UMA SEDUTORA ECONÔMICA: O excesso material da prostituta Babilônia serve para ampliar sua capacidade de sedução e influenciar muito além do que ela poderia realizar sozinha, por meio de sua religião. Tanto os “mercadores” e “todo marinheiro [...] que] se enriqueceram em razão da sua opulência” (18.3, 17, 19). Toda essa riqueza material é a razão pela qual os reis da Terra se unirão em corrupção espiritual e derramamento de sangue

(17.2, 18.3). Não é necessário mencionar que a Arábia Saudita não somente corrompeu os “reis da terra”, mas também seduziu inúmeros bancos, corporações, “os grandes da terra” e, de fato, “todas as nações”(18.23).

UMA CIDADE DE ESCRAVIDÃO: A Babilônia do fim dos tempos é uma importadora de “corpos e almas de homens” (Ap. 18.13). Literalmente, um terço de toda a população da Arábia Saudita é composta de trabalhadores estrangeiros, muitos dos quais são tratados como nada além de escravos. Grupos seculares de direitos humanos relatam histórias incontáveis de maus tratos, abuso, prisão e estupro que afetam os cerca de nove milhões de trabalhadores estrangeiros que vivem na Arábia Saudita.

UMA CIDADE QUE MATA OS JUDEUS E OS CRISTÃOS: As Escrituras afirmam que a Prostituta está “embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus. [...] nela se achou sangue de profetas, [...] e de todos os que foram mortos na terra ” (Ap. 17.6, 18.24). A Arábia Saudita não apenas é a maior financiadora individual da Intifada Palestina e o maior lobby de compra de poder na ONU contra o Estado de Israel, como também é a principal fonte de recursos ideológicos e financeiros de quase todas as organizações radicais Islâmicas jihadistas no mundo. Estado Islâmico, Al-Qaeda, Boko Haram e outros grupos jihadistas que assassinam Cristãos são todos frutos da influência global do Wahabismo da Arábia Saudita.

ELA REPRESENTA A REALEZA: A prostituta está “vestida de púrpura e de escarlata, adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas” (Ap. 17.4). Essas cores e adornos falam da mulher como se ela fizesse parte da realeza. A Arábia Saudita não é uma nação, no sentido tradicional; ela é um reino. A Casa de Saud é, de fato, uma monarquia real.

ELA ESTÁ ESCONDIDA EM PLENA VISTA: A prostituta se gaba, “Estou assentada como rainha” (Ap. 18.7). Essa frase é uma alusão direta a Isaías 47, que reflete a atitude da Babilônia do fim dos tempos que, em sua maldade, também diz: “Ninguém me pode ver” (Is. 47.10). A imagem que temos é a de uma cidade governada tanto por arrogância quanto em segredo. Apesar de todos os seus pecados, ela (de alguma forma) consegue se movimentar sem chamar a atenção da maioria das pessoas. Isso descreve a Arábia Saudita quase perfeitamente. Mesmo que a realeza

Saudita tenha comprado quase todos os grandes políticos Americanos, eles agora também controlam vários meios de comunicação. Assim, os Sauditas corromperam o a nação mais poderosa do mundo e então compraram o silêncio desta nação.

A CAPITAL ESPIRITUAL E FINANCEIRA DO MUNDO

ISLÂMICO: As Escrituras revelam que Babilônia é a capital do sétimo e oitavo Impérios da besta, o que, sem dúvida, é uma referência ao Império Islâmico, o único Império a ter continuidade após o Império Romano. Se a teoria da Babilônia Islâmica do fim dos tempos é verdadeira, então a identificação da última Babilônia é tão simples quanto identificar a capital espiritual e financeira do mundo Islâmico. Meca é o coração religioso do mundo Islâmico e a Arábia Saudita é o coração financeiro do mundo Muçulmano, fornecendo mais de 90% do financiamento global do Islamismo.

CONCLUSÃO

Como indiquei no início deste livro, minha mais sincera esperança é a de que este trabalho contribua para uma discussão maior sobre a grande prostituta. Tendo avaliado cuidadosamente a profecia e considerado as principais interpretações que nos foram oferecidas, acredito ter demonstrado suficientemente que Meca/Arábia Saudita parecem cumprir todas as exigências bíblicas para a prostituta Babilônia. Para ser claro, isso não quer dizer que outra opção, uma cidade completamente nova, não poderia surgir no futuro. Contudo, por enquanto, a visão de que a Meca é a Babilônia do fim dos tempos não apenas é uma opinião muito legítima, mas também parece ser a melhor opção. É claro que, mesmo que o Reino da Arábia Saudita não seja a Babilônia do fim dos tempos, ela é obviamente uma das maiores realizações da história humana e a maior “Babilônia” do nosso tempo presente. Não se faz necessário dizer que as implicações escatológicas, pastorais e missiológicas disso são profundas.

Uma nota pessoal: se você leu este livro por inteiro, então provavelmente esteja óbvio para você que, ao escrevê-lo, parti do pressuposto de que haverá uma besta muito real e provavelmente me expus a todos os tipos possíveis de repercussões (sejam elas espirituais, financeiras ou de outra natureza). Certamente eu não gostaria de escrever

qualquer uma dessas coisas se não pensasse que a compreensão sobre isso é algo crucial para a Igreja. Estou firmemente convencido de que estamos vivendo um momento em que permanecer em silêncio simplesmente não é uma opção. Há algumas questões sobre as quais ninguém está falando, mas elas realmente precisam ser gritadas aos sete ventos. Eu acredito que esta seja uma dessas questões. Dito isto, peço suas orações por mim e por minha família. Eu realmente preciso e te agradeço se puder fazê-lo.

Até o Dia de Cristo Jesus, que o Senhor te abençoe e te sustente!

POSFÁCIO

Seríamos totalmente negligentes se não concluíssemos este livro com algumas respostas muito práticas e adequadas concernentes a todas as informações que obtivemos. Quero começar especificamente dirigindo-me aos leitores que nunca entregaram suas vidas a Jesus Cristo. Embora este livro seja principalmente uma interpretação de um profecia das Escrituras Cristãs, sei que muitos que lêem pode não ser, necessariamente, Cristãos. Talvez alguém tenha te dado este livro ou você simplesmente estava interessado nas informações sobre a Arábia Saudita e as muitas implicações políticas profundamente importantes. Seja qual for o motivo, confio que o próprio Deus teve um propósito em colocar este livro em suas mãos.

Se esse é o seu caso, então, simplesmente, a primeira resposta adequada que posso te dar é faça com que sua vida e sua alma estejam corretas diante do seu Criador. Isso é simples sabedoria. O fato é que “todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal” (II Co. 5.10). Está se aproximando o dia em que “Deus há de trazer a juízo toda obra e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau”(Ec. 12.14). Como Jesus disse: “Mas nada há encoberto que não haja de ser descoberto; nem oculto, que não haja de ser sabido. Porquanto tudo o que em trevas dissestes à luz será ouvido; e o que falastes ao ouvido no gabinete sobre os telhados será apregoado” (Lc. 12.2, 3). O próprio Deus vai vasculhar o Google, por assim dizer, e a vida de todos será posta nua diante de um Deus todo poderoso e santo.

Assim, de cara, essa é uma notícia assustadora e terrível. A verdade, no fim das contas, é que nem você nem eu estamos limpos. Como o apóstolo Paulo disse (com razão), “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm. 3.23); ou, como o profeta Isaías expressou, “Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (Is.

53.6). Pior ainda, as Escrituras declaram que “o salário do pecado é a morte” (Rm. 6.23). Então, “E aquele [...cujo nome] não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo”, onde serão atormentados “com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso, nem de dia nem de noite” (Ap. 20.15; 14.10, 11). O próprio Jesus descreveu o lago de fogo como um lugar do “tormento eterno” (Mt. 25.46), onde “haverá pranto e ranger de dentes”, tanto angústia quanto eterno e amargo arrependimento (Mt. 13.42).

DEUS AMOU O MUNDO DE TAL MANEIRA...

Todavia, há boas notícias; muito boas notícias! São, literalmente, as melhores notícias que já nos contaram - *se dermos ouvidos a elas*. Essas boas notícias estão muito bem resumidas no famoso versículo da Bíblia: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo. 3.16). Nosso Criador nos amou tão profundamente, tão apaixonadamente, que Ele enviou Seu próprio Filho, Sua própria essência, Seu próprio coração; Ele Se enviou para o mundo e assumiu a forma humana para se tornar um de nós, em última análise, ser mutilado em nosso lugar e fazer expiação pelos nossos pecados. A Bíblia diz que “ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras, fomos sarados. [...] o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (Is. 53.5, 6). O apóstolo Pedro apelou aos seus compatriotas:

Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar. Atos 2.38-39

Se algum de nós deseja ser salvo de nossos pecados e ser poupado de ser lançado para sempre no lago de fogo, então há apenas uma maneira de escapar. A Bíblia nos diz que devemos reconhecer, nos afastar e renunciar os nossos pecados. Este é o significado de “arrependimento”. Como parte da nossa confissão pública, devemos ser batizados nas águas, significando a nossa escolha de matar nosso velho homem pecaminoso e, à medida que nos levantamos da água, somos erguidos para uma nova vida.

Como Jesus disse: “Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado” (Mc. 16.16). Nós devemos transferir nossa fé e confiança que estão postas em “todas as nossas justiças, [que são] como trapo da imundícia” (Is. 64.6) para Jesus Cristo, colocando toda nossa fé em seu sangue derramado e na obra expiatória que Ele realizou por nós na cruz. Assim, e somente assim, é que podemos ser lavados, limpos e perdoados. Quem fizer isso receberá o Espírito Santo. Ele é o próprio Espírito de Deus, que irá testificar “com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm. 8.16). Ele te fortalecerá para viver uma vida santa, agradável a Deus, e Ele confirmará que você será levado à vida eterna no dia do julgamento, te garantindo “o que está por vir” (II Co. 1.22). Você será poupado da punição da “vergonha e desprezo eterno” (Dn. 12.2).

Se você nunca fez isso antes, mas gostaria de fazer essa decisão mais importante de todas, entre em contato comigo através do meu site (joelstrumpet.com), e ficarei feliz em orar com você e ajudá-lo a começar a sua nova vida como discípulo de Jesus Cristo. Eu asseguro a você, embora isso possa ser uma decisão difícil, será absolutamente a melhor decisão que você já tomou em sua vida. Se o Espírito Santo estiver tocando seu coração, não ignore Sua voz. Não perca essa oportunidade. Como o autor da Carta aos Hebreus nos lembra a todos:

Portanto, tenham cuidado e não recusem ouvir aquele que fala. Aqueles que recusaram ouvir a pessoa que entregou a mensagem divina na terra não puderam escapar. Por isso muito menos escaparemos nós se rejeitarmos aquele que lá do céu nos fala. Hebreus. 12.25

Junto com o apóstolo Pedro, peço a você, do fundo do meu coração, “Salvai-vos desta geração perversa” (At. 2.40).

A RESPOSTA CRISTÃ

Agora, eu gostaria de falar àqueles que já são discípulos de Jesus. Tenho certeza de que uma grande porcentagem daqueles que leram este livro (talvez até mesmo você) o fizeram simplesmente porque estavam fascinados, ou talvez apenas interessados, pela compreensão da profecia bíblica. O fato é que o estudo da profecia bíblica não é meramente para revelar o conhecimento secreto e decodificar mistérios. Como qualquer outro aspecto da teologia bíblica, esse tópico tem uma aplicação prática e deve afetar de forma muito legítima a forma como vivemos.

Infelizmente, a resposta mais natural e carnal ao que temos aprendido sobre o papel do Islã nos últimos dias é permitir que o medo e o pavor entrem em nossos corações. Se a teoria apresentada neste livro é verdadeira, então o cerne da questão é que, até Jesus retorne, o Islã não deixará de existir. O terrorismo não vai se dissipar. Pelo contrário: o Islã continuará a se expandir e ganhar força no mundo. Vai piorar. Quer nos agrademos disso ou não, não existe nenhum lugar onde possamos nos esconder do que está vindo sobre a Terra. A relevância do mundo Muçulmano e do Oriente Médio, especificamente, continuará forçando seu avanço sobre todos nós. Quer estejamos falando da guerra na Síria, da crise global dos refugiados, da transformação da Europa, ou do que mais poderá acontecer a seguir, os contornos da paisagem do fim dos tempos, como foi descrito pelos profetas bíblicos, certamente estão começando a assumir uma definição muito clara.

REJEITE O MEDO E O ÓDIO

Alguns dos avisos mais significativos em todas as Escrituras são encontrados no Sermão do Monte, de Jesus. O primeiro aviso diz respeito à questão do medo. Falando sobre os últimos dias, Jesus disse: “E haverá sinais no sol, e na lua, e nas estrelas, e, na terra, angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas, *homens desmaiando de terror, na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo*, porquanto os poderes do céu serão abalados” (Lc. 21.25, 26 - ênfase adicionada pelo autor). O segundo aviso diz respeito a outra questão do coração (a mais importante de todas, na verdade). Mais uma vez, falando do fim dos tempos, Jesus advertiu: “E, por se multiplicar a iniquidade, *o amor se esfriará de quase todos*” (Mt. 24.12 - ARA, ênfase adicionada pelo autor). Estou bem convencido de que um dos principais motivos pelo qual o amor de tantos se esfriará é, especificamente, por causa do medo que irá controlar o mundo. O medo é simplesmente paralisante. Quando o medo tem o controle do coração do ser humano, ele expulsa a capacidade de amar verdadeiramente, como Jesus fez.

Nesta era de crescente iniquidade, perversidade e derramamento de sangue, meu apelo sincero a quem quiser ouvi-lo é que resista à tentação de permitir que o medo ou o ódio entrem em seu coração. Podemos não

gostar de saber disso, mas a verdade é que podemos viver vidas seguras ou podemos viver como Jesus. Não podemos ter as duas coisas. Nos dias que se seguirão, o derramamento de sangue vai explodir em todas as nações. Quanto mais mortes, mais vozes surgirão, alegando falar em nome da sabedoria, alegando ter todas as respostas e conhecer todas as soluções. A inclinação para uma legislação mais conservadora e uma maior ação militar serão cada vez mais frequentemente o brado de muitos em todo o Ocidente. Para ser muito claro, sou conservador constitucional. Acredito na administração responsável. Esforço-me para eleger líderes de integridade, que aprovelem leis justas e tomem decisões militares sábias; esses são assuntos que são muito importantes para mim. Sem dúvida, eu poderia falar extensivamente sobre nossa necessidade de nos libertarmos da dependência do petróleo do Oriente Médio e promovermos uma ruptura com os influentes corruptores da Arábia Saudita. Poderíamos falar longamente sobre políticas inteligentes de imigração e segurança inteligente nas fronteiras. Certamente todas essas coisas são incrivelmente importantes. A verdade, no entanto, é que as soluções militares, jurídicas ou políticas jamais resolverão os problemas que enfrentamos. A Bíblia é clara quando diz que, antes do retorno de Jesus, nossa situação é bastante desesperançosa. Isso não significa que não devemos fazer o que precisa ser feito. Contudo não colocamos nossa esperança nessas coisas. Nós fixamos nossa esperança em Jesus e na era por vir. O retorno de Jesus é a nossa única esperança. Até que Ele volte, devemos seguir em frente e sermos “prudentes como as serpentes” (Mt. 10.16), fielmente administrando tudo o que Ele nos confiou, mas, para ser franco, precisamos acabar com a noção de que nós podemos salvar esse mundo. Para deixar bem claro, de jeito nenhum eu preconizo o escapismo ou a resignação com relação ao mundo atual. Estou simplesmente dizendo que nossa âncora de esperança não deve estar em esforços ou soluções temporais. Não devemos renunciar à nossa atuação política, mas como Cristãos, Jesus nos deu um mandato muito maior. Nossa ênfase é estar engajados em algo muito mais importante e que seja muito mais permanente.

O EVANGELHO EM PRIMEIRO LUGAR

Como discípulos de Jesus obedientes, nossa principal ênfase deve ser: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Mc. 16.15). Devemos dar um testemunho fiel sobre o Dia da Senhor, o julgamento de toda a humanidade, a expiação feita por Jesus, e o glorioso reino vindouro. Esta é a boa notícia! Isto é “o poder de Deus para salvação “ (Rm. 1.16). É somente essa mensagem que pode salvar alguém do pecado. É somente essa mensagem que livra qualquer pessoa do eterno lago de fogo. Então, mais do que qualquer outra questão, nossa ênfase precisa ser na direção da nossa paixão ardente. Daqui a dez mil anos, quem ganhou as eleições ou quem ganhou a guerra será algo irrelevante. Contudo, aqueles que forem ganhos para Cristo nesses dias, serão muito relevantes. Agora, embora a maioria possa concordar que o evangelho deve ser o principal, a verdade é que jamais conseguiremos fazer dele uma prioridade se não estivermos dispostos a abraçar a cruz.

ABRAÇAR A CRUZ

Há apenas um caminho a seguir: o caminho da cruz. O caminho da cruz, no entanto, não é uma mensagem popular, particularmente na cultura ocidental (inclusive essa mensagem não agrada nada à cultura Cristã ocidental). Simplificando, o caminho da cruz é o caminho da renúncia à nossas próprias vidas. Isso é parte da razão pela qual Paulo falou sobre “a ofensa da cruz” (Gl. 5.11 - NVI). Ninguém gosta de sofrer. Ninguém deseja morrer ou fazer sacrifícios. No entanto, isso é precisamente o que Jesus nos chamou para fazer: “Porque qualquer que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, mas qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará” (Mc. 8.35). Imagine quão mais ofensivo é, então, que Jesus nos chame a realmente entregar nossas vidas pelos nossos inimigos? Como Ele disse: “Amai a vossos inimigos [...] fazei bem aos que vos aborrecem” (Mt. 5.44; Lc. 6.27). A razão é simples. As Escrituras ensinam que “nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho” (Rm. 5.10). “Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm. 5.8) e somos chamados a imitá-Lo. Como Pedro escreveu, “[nós fomos] chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando- nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas”(I Pe. 2.21).

Para ser muito claro, acredito piamente que o que foi dito pelo Senhor através dos profetas e que o que temos visto se desenvolver com o Islã em todo o mundo hoje em dia é o cumprimento da profecia. Acredito que, nos próximos dias, o Islã radical continuará a expandir e explodir em todas as nações. Contudo, também quero declarar enfaticamente que se essa informação o faz bater em retirada, com medo, ódio ou auto-protecionismo, então você não respondeu conforme o que Senhor quer de você. Se você é um Cristão, então imitar e seguir a Jesus é a única resposta. Paulo solenemente advertiu os Crentes em Roma,

é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos, pois, as obras das trevas e vistamo-nos das armas da luz. Romanos 13.11,12

Quanto mais Satanás procura criar um exército para si próprio dentre os filhos de Ismael, tanto mais os seguidores de Jesus deveriam priorizar a atitude de arrebatador o máximo de pessoas possível do fogo (Jd. 1.23). Agora não é o momento de tornar a autopreservação nossa maior prioridade. Agora é o momento em que nossa entrega pelo propósito de ver os Muçulmanos abraçarem a fé deve tornar-se uma das maiores prioridades do corpo de Cristo!

CONCLUSÃO

Se as coisas que discutimos neste livro são verdadeiras, então, sim, os dias adiante de nós serão cada vez mais difíceis. Enquanto as grandes tempestades do fim dos tempos varrem as nações, devemos manter nossos olhos na profecia e nos consolar com a esperança de seu cumprimento. Isso porque, do mesmo modo que as coisas descritas no livro de Apocalipse são reais, também é real a grande vitória do Senhor que acontecerá em seguida. É por esse motivo que, na queda da Babilônia, os anjos surgem tão exuberantes de alegria. Com os anjos também devemos nos regozijar com o futuro Dia da grande vitória de Deus:

E, depois destas coisas, ouvi no céu como que uma grande voz de uma grande multidão, que dizia: “Aleluia! Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao Senhor, nosso Deus, porque verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos.” E outra vez disseram: “Aleluia!” E a fumaça dela sobe para todo o sempre. E os vinte e quatro anciãos e os quatro animais prostraram-se e adoraram a Deus, assentado no trono, dizendo: “Amém! Aleluia!” E saiu uma voz do

trono, que dizia: “Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que o temeis, tanto pequenos como grandes.” E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: “Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-Poderoso, reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou.” E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos. E disse-me: “Escreve: ‘Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro.’” E disse-me: “Estas são as verdadeiras palavras de Deus.” Apocalipse 19.1-9

Para isso, todos gritamos dez mil “Améns”.